

**DANILO ALVES BEZERRA**

**OS CARNAVAIS DO RIO DE JANEIRO E OS LIMITES DA  
OFICIALIZAÇÃO E DA NACIONALIZAÇÃO (1934-1945)**

**ASSIS  
2012**

**DANILO ALVES BEZERRA**

**OS CARNAVAIS DO RIO DE JANEIRO E OS LIMITES DA  
OFICIALIZAÇÃO E DA NACIONALIZAÇÃO (1934-1945)**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em História. (Área de conhecimento: História e Sociedade)

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Zélia Lopes da Silva

**ASSIS  
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

B574c Bezerra, Danilo Alves  
Os carnavais do Rio de Janeiro e os limites da oficialização  
e da nacionalização (1934-1945) / Danilo Alves Bezerra. Assis,  
2012  
188 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista.  
Orientadora: Profª Drª Zélia Lopes da Silva

1. Carnaval. 2. Rio de Janeiro (RJ) – Carnaval. 3. Imprensa.  
4. Estado. I. Título.

CDD 394.25  
079.81  
320.1

Dedico este trabalho aos meus pais, João e Marlene, e ao meu irmão, Gabriel. Por serem capazes de me ensinar, com amor, talvez o maior dos princípios carnavalescos: o sonhar, sempre.

## AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa não teria sido realizada sem o apoio afetivo e financeiro dos meus pais João Carvalho Bezerra e Marlene J. Alves Bezerra - verdadeiros guerreiros - que desde sempre se entregaram incondicionalmente em prol dos meus objetivos, abrindo mão de muitos dos seus para “ter um filho estudado”, fortalecendo-me sempre com seus sorrisos cansados e sinceros a cada volta para casa. É um presente ser filho de pessoas tão dignas. Como também é motivo de orgulho ter um irmão que, além de me emocionar com sua precoce lucidez “das coisas da vida”, entendeu meu cansaço ao dizer “não” diversas vezes aos seus convites para jogarmos xadrez, assistir filmes, séries etc. Devo muitas horas de companhia, diversão e afeto ao Gabriel.

À orientação exemplar da Prof<sup>a</sup> Zélia Lopes da Silva. Sempre comprometida em seu ofício, suas leituras (questionadoras) e observações (exigentes) levaram-me a outro nível de conhecimento de minha capacidade acadêmica. Por esse compromisso e pela companhia nesses anos, serei eternamente grato por ter aceitado guiar um mero e perdido estudante - que perambulava por outros caminhos e linhas de pesquisa - com paciência e dedicação. Devo muito do que sei a ela e penso que essa dívida seja impagável.

Gostaria de agradecer à professora Fabiana L. da Cunha por, além de aceitar o convite para a banca de qualificação, ter contribuído com suas sugestões de leitura; além das conversas carnavalescas nos congressos em que participamos. Agradeço também ao professor José Carlos Barreiro pelas sugestões teóricas apontadas na banca de qualificação.

Alguns professores foram importantes na minha experiência acadêmica. Destaco, entre eles, Hélio Rebello, Antônio C. Ferreira e Tânia R. de Luca por me inspirarem com suas aulas inovadoras, elevando meu pensamento e, sobretudo, fazendo com que eu encarasse a História com comprometimento e prazer.

Fases difíceis longe do conforto do “ninho familiar” foram amenizadas pela vivência em república. Entre os muitos, destaco: Luiz Augusto Falsetti (sempre saudoso), Marina do Prado, Júlia Martin, João Brigatti, Camila Falbo, Nicácio Ribeiro e Betsaida Urtremari. A solidão da pesquisa certamente foi amenizada pelas festas, gargalhadas e histórias impúblicas que compõem a parede de boas memórias da minha vida em Assis, cercada, contudo, de dolorosas (e necessárias) despedidas.

Entre os companheiros de (pós)-graduação destaco, num primeiro momento, pessoas como Caio Butarello (meu primeiro incentivador nessa pesquisa), Thaís Svicero, Letícia

Ferreira, Amanda Parra, Ana Paula Giavara, Glauco Costa e Germano Esteves. Nossos grupos de estudo, juntamente com as muitas conversas e festas imprimiram a busca por sonhos melhores e uma vida menos séria. Posteriormente, Ellen K. Maziero, Fernanda Silva, Pâmela Michelette, Rafael Villares e Aline Bartcus, contribuíram para a reinvenção da minha vivência acadêmica.

Minha história em Assis seria certamente menos rica sem Eduardo Razza, Lucas Palma e Rafael Ferraz. Nossa (improvável) história rende até hoje ótimos momentos que só a cumplicidade da amizade pode produzir. Penso que a distância geográfica seja incapaz de abater a sintonia e o afeto com esses verdadeiros irmãos.

Por fim, Daniela Maia, por me estimular com a seriedade empregada nas questões da docência e da vida; e Celina Sodré, com sua companhia luminosa nos últimos meses; foram fundamentais na fase final dessa dissertação.

Tão importante como todos acima destacados está Marta Martins, professora “de marca maior” que, em apenas um ano do Ensino Médio, convenceu-me (sem a menor intenção) de que a História era um caminho interessante e recompensador a ser trilhado. Suas aulas, sempre carregadas de verdade e vontade, inspiram-me a ser um professor cada vez mais comprometido com a difícil tarefa de educar.

Entre os funcionários da faculdade é válido e justo lembrar o trabalho de alguns como: Clarice (História), Cida e Zazá (Serviços Gerais), Auro (Biblioteca), Zélia e Sueli da Pós-graduação, por responderem com presteza e comprometimento às diversas solicitações durante estes anos.

Por último, gostaria de agradecer à CAPES pela concessão da bolsa que possibilitou a dedicação exclusiva ao trabalho que segue.

BEZERRA, Danilo Alves. OS CARNAVAIS DO RIO DE JANEIRO E OS LIMITES DA OFICIALIZAÇÃO E DA NACIONALIZAÇÃO (1934-1945). 2012. 188 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

## RESUMO

Este trabalho discute os carnavais brincados na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1934-1945 e a relação deles com o poder público. Para tanto, reportagens e imagens produzidas pelo jornal *Correio da Manhã* e pela revista *O Cruzeiro* – importantes órgãos da imprensa do período – foram analisadas no intuito de rastrear as diversas manifestações dessas folganças na cidade e os interesses destes e do poder público em demarcar os seus sentidos, articulados à brasilidade sonhada, ideário que era amplamente disseminado. Essa perspectiva se projeta na imprensa que se engaja, à sua maneira, para sua consecução. O *Correio da Manhã* participou ativamente desse processo na condição de intermediário entre poder público e agremiações carnavalescas a partir da coluna *No Limiar da Folia*, que emitiu durante todo o período um posicionamento nacionalista quanto ao tema dos enredos das Grandes Sociedades, ranchos, blocos e escolas de samba, tendo em vista mostrar a festa com aura de brasilidade. No mesmo sentido, *O Cruzeiro* promoveu uma intensa cobertura fotográfica, mais voltada às escolas de samba, dos diversos redutos festivos das décadas de 1930 e 1940, além de reportagens especiais que açambarcavam desde os bailes elegantes até os redutos simples das escolas de samba. Inseridos e pensados no contexto social e político, esses carnavais têm recortes específicos, a exemplo de 1934 a 1937, período de oficialização da festa dentro do projeto do Departamento de Turismo. Em seguida (1938-1942) os festejos são lançados em meio às diversas proibições outorgadas pelo Estado Novo. Por fim (1943-1945), a entrada do Brasil na Segunda Mundial provocará um arrefecimento intenso dos carnavais brincados na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Carnaval Carioca; Poder Público e Manifestações Carnavalescas; Imprensa e Carnaval; Rio de Janeiro.

BEZERRA, Danilo Alves. THE RIO DE JANEIRO'S CARNIVALS AND THE LIMITS OF THE OFFICIALIZATION AND NACIONALIZATION (1934-1945). 2012. 188 p. Dissertation (Master's degree in History) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

## ABSTRACT

This work deals the carnivals played at Rio de Janeiro city between the years 1934-1945 and their relationship with the public administration. Therefore, reports and images made by the journal *Correio da Manhã* and the magazine *O Cruzeiro* – relevant organs of the press in the period – were analyzed in order to track the several celebrations in the city and the public administration's interests in label their meanings, related with a “dreamed braziliation”, project largely widespread in the period. This perspective inclines in the press that assumed, in their way, his attainment. The journal *Correio da Manhã* participated in a active way of this process in a intermediary condition between public administration and the carnival's organisms. The section *No Limiar da folia*, from *Correio da Manhã*, have transmitted during the whole period a nationalistic position about the themes of the Great Societies, ranches, blocks and samba schools, in the purpose to dress the party with a brazilian aura. Similarly, *O Cruzeiro* (with a bigger coverture about samba schools) have performed a massive photographic coverage of many festive spots of the 1930s and 1940s, and yet develop special reports which encompass from the fancy balls to the humble samba schools' events. Inserted and thought into a social and political scenario, these carnival parties have specific periods, for example, the years of 1934 to 1937 refers to the officialization of the party by the Department of Tourism. Afterward (1938-1942), the celebrations happened amongst the several prohibitions of *Estado Novo*. Finally (1943-1945), Brazil's entry into the World War II will cause an intense remission of the carnivals played in the city of Rio de Janeiro.

Keywords: Carioca Carnival; Public Administration and Carnival Celebrations; Press and Carnival; Rio de Janeiro.



## LISTA DE FIGURAS

Imagem 01 - CARNAVAL POPULAR, CARNAVAL DE RUA. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 10/02/1934 .....	41
Imagem 02 - MOMO NA RUA. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 17/02/1934 .....	42
Imagem 03 - MOMO NA RUA. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 17/02/1934 .....	43
Imagem 04 - FLAMENGO, <i>O Cruzeiro/Jornal de Minas</i> , 22/02/1936 .....	66
Imagem 05 - SEM TÍTULO, <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 07/03/1936 .....	67
Imagem 06 - EM PLENO DOMÍNIO DA FOLIA. <i>Correio da Manhã</i> , 09/02/1937 .....	74
Imagem 07 - EM PLENO DOMÍNIO DA FOLIA. <i>Correio da Manhã</i> , 09/02/1937 .....	75
Imagem 08 - SAMBA. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 06/02/1937.....	77
Imagem 09 - MEDINA, <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 26/02/1938 .....	89
Imagem 10 - CARNAVAL SEM CARMEN MIRANDA. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 03/02/1940 .....	101
Imagem 11 - O RIO BAHIANIZOU-SE. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 10/02/1940 .....	102
Imagem 12 - S/ TÍTULO. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 05/03/1938.....	127
Imagem 13 - ARNO KIKOLER. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 05/03/1938 .....	131
Imagem 14 – S/ TÍTULO <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 18/02/1939.....	133
Imagem 15 - MEDINA. <i>Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 25/02/1939 .....	133
Imagem 16 - MEDINA. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 25/02/1939 .....	134
Imagem 17 - CARNAVAL MOLHADO EM COPACABANA. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 18/02/1939 .....	135
Imagem 18 - CARNAVAL MOLHADO EM COPACABANA. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 18/02/1939.....	136
Imagem 19 - BAILES POPULARES, <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 03/02/1940	140
Imagem 20 - CARNAVAL NA RUA, <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 10/02/1940	143
Imagem 21 - CARNAVAL NA RUA, <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 10/02/1940	144

Imagem 22 - CARNAVAL NA RUA, <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 10/02/1940	144
Imagem 23 - CARNAVAL NO COPACABANA PALACE. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 13/03/1943.....	163
Imagem 24 - JEAN MANZON. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 19/02/1944 .....	169
Imagem 25 - JEAN MANZON. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 19/02/1944 .....	170
Imagem 26 - JEAN MANZON. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 19/02/1944 .....	173
Imagem 27 - JEAN MANZON. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 19/02/1944 .....	174
Imagem 28 - JEAN MANZON. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 19/02/1944 .....	175
Imagem 29 - ULTIMOS INSTANTES DO CARNVAL DE 1944. <i>O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas</i> , 04/03/1944.....	176
Imagem 30 - CARLOS. <i>O Cruzeiro/ Jornal Estado de Minas</i> , 03/03/1945 .....	180

## **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>GRÁFICO 1:</b> Ranchos, Blocos e Escolas de Samba nos anos 1934 -1937 .....	80
<b>GRÁFICO 2:</b> Ranchos, Blocos e Escolas de Samba no Estado Novo (1938-1942) .....	153

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1	
Os carnavais na cidade do Rio de Janeiro entre os 1934 a 1937 .....	27
1.1 – Precedentes da oficialização.....	27
1.2 – Nos rumos da oficialização.....	34
1.3 – Os festejos pré-carnavalescos.....	39
1.3.1 – As normas para os desfiles.....	39
1.3.2 – Os festejos carnavalescos da cidade.....	56
CAPÍTULO 2	
Os pândegos e as novas interdições nos carnavais do Rio de Janeiro (1938 a 1942).....	82
2.1 – Os tríduos pré- carnavalescos.....	84
2.2 – Os carnavais e as proibições do Estado Novo.....	111
2.3 – O tríduo momesco na cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1938 a 1942.....	122
CAPÍTULO 3	
O riso sob suspeita em tempo de guerra (1943 a 1945).....	155
3.1 – As proibições nos carnavais de guerra.....	156
3.2 – Os foliões e os organizadores da folia guerreiam por Momo.....	157
CONCLUSÃO.....	184
BIBLIOGRAFIA .....	186

## - INTRODUÇÃO -

O propósito desta pesquisa é analisar os carnavais da cidade do Rio de Janeiro no período de 1934 a 1945 tendo como ponto de partida a adaptação das Escolas de Samba à nova fase de “legalidade”, iniciada com a subvenção oficial do Estado à União das Escolas de Samba. Porém, os avanços e recuos dos segmentos populares na conquista de um espaço configuram-se complexos, da mesma forma que as pretensões do governo de impor uma ação homogeneizante e disciplinadora devem ser entendidas e pensadas nesse contexto.<sup>1</sup>

A produção historiográfica referente aos carnavais carioca do período proposto demanda um olhar verticalizado, pois nem mesmo o marco sobre essas inter-relações é consensual na historiografia.

Nelson da Nóbrega Fernandes situa a institucionalização das Escolas de Samba, em 1934, a qual representa a legitimação, concedida pelo poder público, a um grupo de pessoas que vivia à margem das festividades “oficiais” organizadas pela Prefeitura e pelo governo do Estado.<sup>2</sup>

Na análise de Fernandes a fundação da UES (União das Escolas de Samba) em 1934 representa um avanço institucional conseguido pelas Escolas de Samba e o auxílio financeiro concedido pelo Estado é entendido como reconhecimento do papel das mesmas no carnaval do Rio de Janeiro. O estatuto da UES continha cláusula que definia a maneira e a composição do desfile:

Como a presença da ala das baianas e a proibição dos instrumentos de sopro. Mas, sobretudo, ficou definido, naqueles estatutos “a obrigação de, nos enredos, as escolas apresentarem motivos nacionais, decisão que por muito tempo foi considerada uma imposição da ditadura do Estado Novo [...]”.<sup>3</sup>

No entanto, apoiado em informações de documentos oficiais da UES, o autor deixa de ressaltar os meandros dessa relação, alocando a aceitação da temática nacionalista, tanto no

---

<sup>1</sup> SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso*. Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 136.

<sup>2</sup> FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Festa, cultura popular e identidade nacional. As escolas de Samba do Rio de Janeiro (1928-1949)*. Tese (Doutorado em Geografia)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001, p. 90.

<sup>3</sup> FERNANDES, Nelson da Nóbrega. Op.cit. p. 87.

---

enredo quanto no desfile, como pertencente às Escolas de Samba e situa o papel do Estado na condição de mantenedor desinteressado deste processo.<sup>4</sup>

Segundo Fernandes, a ideia defendida por Maria Isaura Pereira de Queiroz de que o processo de ascensão das Escolas de Samba estaria ligado à cooptação e instrumentalização destas pelo Estado é errônea, uma vez que a proposta de definição em torno do enredo foi uma iniciativa da UES.<sup>5</sup>

As investigações de Zélia Lopes da Silva<sup>6</sup>, anteriores à publicação do trabalho de Fernandes, permitem afirmar que os estatutos são o resultado de um debate anterior. Também os indícios das pesquisas realizadas no jornal *Correio da Manhã*, sugerem que a concessão de auxílio financeiro à UES, aos ranchos e blocos (estes sintetizados na Federação das Pequenas Sociedades Carnavalescas), consolida uma proposta pertencente a um debate anterior aos estatutos da UES, tornando “sua iniciativa” o resultado dessa discussão. As evidências também sugerem que a proposta nacionalista encontra seus maiores incentivadores no poder público e em alguns periódicos do período, nos quais os desfiles de Escolas de Samba, blocos e ranchos priorizados nas matérias anunciavam o êxito e a beleza que o temário nacional imprimia aos folguedos. Portanto, a ratificação da UES quanto aos temas nacionais se qualifica como uma consequência do que já estava delineado no período.<sup>7</sup>

Esta pesquisa, portanto, rastreará nos periódicos a conjuntura que abarca a oficialização de práticas culturais até então marginalizadas no rol de comemorações oficiais e as possíveis mudanças acarretadas por tal medida na organização do desfile das Escolas de Samba e do carnaval como um todo. Isso implica, portanto, indagar sobre as condições e visualização de implantação dos temas nacionais nesses festejos: de que maneira as Escolas de Samba lidaram com essa nova realidade? Houve mudanças no que concerne a propagação do temário nacional? Tal medida foi atendida? Em que escala? Com que intenções?

Outro ponto nodal é a ocorrência da Segunda Guerra Mundial e os seus desdobramentos nas festividades carnavalescas ocorridas no país. Considerando esse cenário, o binômio carnaval-identidade nacional ganhou força no sentido de fortalecer o caráter nacional propagandeado? E os enredos das Escolas de Samba, nesse período quais foram eles?

---

<sup>4</sup> Id. *ibid.*; p. 87

<sup>5</sup> Id. *ibid.*; . p.88-90.

<sup>6</sup> SILVA, Zélia Lopes. *Os carnavais na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938)*. São Paulo: Editora Unesp; Londrina: Eduel, 2008. P. 127-30.

<sup>7</sup> O debate em torno dos temas nacionais, as matérias que elucidavam os festejos e o julgamento estão arrolados no capítulo 1.

Para a organização da pesquisa, foi considerado que o recorte temporal de 1934 a 1945 apresenta distinções internas que serão observadas nas investigações. O primeiro período - de 1934-1937 - corresponde à institucionalização do carnaval carioca, momento de redefinição das relações entre o poder público e as Escolas de Samba; o segundo – de 1938 até 1942 -, cujo marco é o golpe que deu início ao Estado Novo em fins de 1937 - é pensado de modo a entender as modificações empreendidas por este ao carnaval,<sup>8</sup> no intuito de mediar e organizar a festa; e, por fim, o último bloco - iniciado em 1943 com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial - em que o ritmo e o próprio sentido de festejar os Dias Gordos são alterados tendo em vista um cenário bélico que atravessava o mar e alterava a organização dos folguedos e a economia. Portanto, a pesquisa tem como baliza temporal o ano de 1945 com o fim do governo Vargas, do seu regime de exceção e da Segunda Guerra – divisão necessária para pensar o recorte temporal proposto em sincronia com os fatos que os acontecimentos sócio-históricos acalentavam.

Ao analisar os desdobramentos para os festejos carnavalescos causados pela Segunda Guerra, Zélia Lopes da Silva pontua:

Se considerarmos que, internamente, o país vivia a experiência de uma ditadura e, externamente, a partir do final da década de 1930, as reviravoltas de um mundo sacudido por uma Guerra Mundial que trouxe desdobramentos para as economias de todos os países, independente do grau de envolvimento bélico. Essas situações afetaram drasticamente as festas carnavalescas, por imprimirem um novo ritmo às brincadeiras dos foliões, em decorrência das limitações e proibições que passaram a vigorar no período [...] <sup>9</sup>

A autora alia à análise das práticas culturais uma interface política e, em seu artigo sobre os carnavais da capital paulista, vê a ditadura varguista e a Segunda Guerra Mundial como decisivas para os rumos que eles teriam, pois, a partir de tais fatos, prosseguiria “o golpe de Estado de 1937, que não só implementou mudanças gerais na sociedade, mas imprimiu censura na estruturação dessas celebrações e, também, na movimentação dos foliões, agravada com os desdobramentos da guerra.”<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> SILVA, Zélia Lopes da. Os carnavais na cidade de São Paulo nos anos de 1935 a 1945. In: ALMEIDA, Paulo Roberto de et. al. (Orgs). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho da Água, 2004. p. 71. A autora descreve algumas das interdições feitas pelo DIP como: vistoria prévia dos carros alegóricos, das letras de música. Ficava proibido também o uso de fantasias atentatórias aos bons costumes, bem como aquelas que remetessem aos uniformes oficiais das forças públicas (Forças Armadas, Bombeiros, etc). O enfoque da autora é a cidade de São Paulo. No entanto, as proibições estendiam-se a nível nacional.

<sup>9</sup>SILVA, Zélia Lopes da. Op. cit., p. 70.

<sup>10</sup>Id. Ibid.,

A pesquisa em questão rastreará no período proposto essas questões primordiais para o entendimento das mudanças ocorridas no ritmo e no caráter das festividades, como também do processo que culminou com a fusão do carnaval carioca à imagem do Brasil.

Pensar o carnaval carioca, tendo em vista a produção bibliográfica específica, é analisá-lo sobre a ótica das mudanças ocorridas na maneira de brincar os dias de Momo. Nesse sentido, o trabalho de Maria Isaura Pereira de Queiroz<sup>11</sup> expõe a trajetória da festa dividida em três fases: entrudo, grande carnaval e carnaval popular.<sup>12</sup>

Na interpretação da estudiosa, tal trajetória, explicada com base no crescimento industrial e demográfico e na remuneração da mão-de-obra negra e imigrante, permite o surgimento do “pequeno carnaval” no início do século XX.<sup>13</sup> Composto por habitantes dos morros e regiões periféricas, esses propunham uma nova maneira de festejar, despretensiosa no que tange aos estatutos e outras formas representativas de desfile, como a grandiosidade dos carros alegóricos das Grandes Sociedades.

Em um breve histórico, Queiroz investiga o avanço do carnaval popular, ou pequeno carnaval, inserido numa proposta de valorização da cultura nacional em que Vargas legaliza as Escolas de Samba e as insere no calendário festivo oficial de 1936.<sup>14</sup>

No entanto, o ano de 1934 é o mais apropriado para esta periodização tendo em vista a legalização oficial das escolas de samba como uma associação civil – a União das Escolas de Samba – como foi apontado anteriormente no trabalho de Nelson da Nóbrega Fernandes. Além das “orientações” propostas pelo poder público, que privilegiavam temas ligados à história do país, suas riquezas e a possibilidade de progresso e modernidade por meio dos mesmos, ganharam destaque.<sup>15</sup> Bem como, o já salientado “patrocínio” à Federação das Pequenas Sociedades Carnavalescas, em 1934, observados no *Correio da Manhã*.

O trabalho de Maria Isaura Pereira de Queiroz delimita, portanto, uma sucessão das formas de brincar o carnaval. Essa periodização foi questionada por Maria Clementina Pereira Cunha que insiste na simultaneidade das práticas do entrudo, Grandes Sociedades e Pequeno Carnaval. Na leitura da autora, Queiroz não contempla a convivência dessas práticas nos espaços que a folia ocupava nesses dias, bem como as representações interiores e exteriores e

---

<sup>11</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

<sup>12</sup> Id. *ibid.*; p. 69

<sup>13</sup> Id. *ibid.*; p.64

<sup>14</sup> Id. *ibid.*; p.94-5.

<sup>15</sup> FERNANDES, Op. cit. p. 90, SILVA, Zélia Lopes. Op. cit., p. 127

suas possíveis trocas. Ou seja, não determina, por exemplo, como os ranchos e cordões enxergavam-se<sup>16</sup> nesses folguedos.

Rachel Soihet ao discutir o trabalho de Maria Isaura Pereira de Queiroz também considera que este “soa como uma arriscada generalização”, pelo fato desta não considerar as particularidades referentes a determinados eventos atendo-se a uma história linear dividida em etapas, adotando um “substrato comum a todos os seus participantes.”<sup>17</sup>

Queiroz baseia-se no modelo estruturalista<sup>18</sup> de análise, em que as estruturas explicam a organização geral da festa e suas mudanças, contudo sem se aprofundar nos pormenores que as diversas relações que compunham essas práticas assinalavam.

Em relação à legalização das escolas de samba, Queiroz entende esse processo como uma simples concessão, de caráter populista, feita pela Prefeitura para controlar a massa dos subúrbios, bem como um signo de aceitação da miscigenação como representativo do caráter nacional.<sup>19</sup> Essa adaptação dos segmentos populares ao meio é interpretada pela autora como uma “adesão espontânea” ao modelo das Grandes Sociedades, “o desfile nas avenidas centrais do Rio deixa de parecer a afirmação de um direito conquistado e apresenta-se como recompensa concedida diante de um ‘bom comportamento’ manifesto”.<sup>20</sup> Assim, a ascensão das escolas de samba é posta como resultado *único* do nacionalismo exacerbado da década de 20 e não como fruto de um movimento interno dos populares que a organizaram; enfim, “para ela [Queiroz], tudo foi decidido de cima”,<sup>21</sup> truncando, assim, a verificação desse complicado processo que tem atores com objetivos diversos e que trilharam um caminho de intenso intercâmbio de opiniões.

Maria Clementina Pereira da Cunha assume uma posição contrária à de Queiroz ao estabelecer um diálogo entre os diversos segmentos envolvidos na festa nas primeiras décadas

---

<sup>16</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre os anos de 1880 e 1920*. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p.192

<sup>17</sup> SOIHET, Rachel . Reflexões sobre o carnaval na historiografia- algumas abordagens. *Revista Tempo*, nº 07. Terra e Trabalho. s/ano. Recebido para publicação em jun. 1998. p. 11-12

<sup>18</sup> Para François Dosse, para utilização da abordagem estruturalista, no caso da História, é necessária que se reconstitua, “a pluralidade de abordagens, das personalidades, sem reducionismo, sem deixar de procurar alguns núcleos coerentes que revelem a matriz de uma abordagem, para além da multiplicidade de seus objetos [...]. Reconstituir a riqueza de itinerários individuais que não se deixam reduzir a uma história massificante. DOSSE, François. *História do estruturalismo*. v. 1: o campo do signo, 1945-1966. São Paulo: Ensaio, 1993. p. 16

<sup>19</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op.cit. p. 96-7

<sup>20</sup> Id. *ibid.*; p.110 (Aspas da autora).

<sup>21</sup> SOIHET, Rachel . Reflexões sobre o carnaval na historiografia- algumas abordagens. *Revista Tempo*, nº 07. Terra e Trabalho. s/ano. Recebido para publicação em jun. 1998. p. 13



do século XX, atentando para as diferenciações, oposições, continuidades e questionando as fronteiras entre Pequeno e Grande Carnaval, bem como seus enfrentamentos para conquistar espaço próprio.<sup>22</sup>

Aquém de uma concepção estreita em torno da busca pelos locais de representação e os jogos de poder, Cunha afirma que as elites se apropriaram da festa popular no intuito de atribuí-la um sentido próprio de brasilidade. Ou seja, elementos políticos são direcionados para projetar uma festa que pertenceria a todos.

Cunha observa estas modificações tendo em vista a dinâmica tradição-progresso: de um lado, estava a tradição, representativa da identidade nacional e, de outro, a civilização e o progresso pretendido por alguns intelectuais. No decorrer do século XX, o conceito de tradição altera-se no sentido de valorização da essência nacional.<sup>23</sup> Para além de uma resistência das tradições ou da aceitação plena do modelo europeu, na leitura de Maria Clementina Cunha, a festa possui um conjunto de intenções e nuances que caracterizam a cultura nacional. Portanto, considerar “popular” um grupo que possui aspirações tão diversas quanto seus integrantes significa fazer uma análise truncada da festa em questão.<sup>24</sup>

Este movimento, proposto pelos intelectuais, de valorização do carnaval popular como um elemento aglutinador da brasilidade tinha por objetivo:

Resolver os impasses legados por gerações anteriores: a tensão entre o desejo de afirmar a peculiaridade e a originalidade brasileiras, definindo o país como uma nação dotada de uma identidade forte e definida, e, ao mesmo tempo, operar com o registro racista e elitista com o qual havia longo tempo se olhava para as práticas culturais das ruas (sem falar no desejo de apagar o passado comprometedor).<sup>25</sup>

A forma como os literatos, particularmente Coelho Netto, defendiam a festa parecia encobrir as tensões existentes. Assim, “[...] a alternativa patriótica funcionava, nesse contexto, como uma boa solução para os impasses criados pelo falso consenso, fazendo da folia uma expressão reveladora e irmanadora do “povo” nos braços da nação”.<sup>26</sup>

Para Cunha, a nacionalização do carnaval, com o objetivo de incorporar as manifestações de classes alijadas do poder e em busca de representação,

---

<sup>22</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. Op. cit. p. 157. Mesmo pensando um período anterior ao que se propõe este trabalho, as observações são de grande valia para pensar o carnaval carioca.

<sup>23</sup> Id. *ibid.*; p. 245

<sup>24</sup> Id. *ibid.*; p. 298

<sup>25</sup> Id. *ibid.*; p. 258

<sup>26</sup> Id. *ibid.*; p. 261

Tem a ver com o antigo esforço de ocultamento daquela que talvez seja a mais original marca da “brasilidade”: a ausência de direito, a fragilidade da cidadania, a desigualdade radical encoberta por um incorrigível populismo nacionalista que insiste em reaparecer ao longo dos anos.<sup>27</sup>

Cunha, portanto, vai além das considerações binárias e que reduzem a importância da festa a um simples jogo de poder, trazendo à baila as nuances dessas práticas em termos de representação social. Portanto, esta pesquisa buscará investigar, nesses meandros que caracterizam a cultura nacional, as rupturas e permanências que o modelo de brincar os dias de Momo sofreu no período proposto, relacionando-os com o contexto histórico que açambarcou uma política repressora após 1937, por exemplo.

Nesse debate em torno da apropriação ou não dos moldes pretendidos pelos intelectuais, bem como a nacionalização em torno da festa, a citada pesquisa de Zélia Lopes da Silva nos proporciona balizas para o estudo da questão, uma vez que a autora rastreia no *Correio da Manhã*, o discurso favorável a incorporação dos desfiles das Escolas de Samba aos eventos oficiais, a defesa de subsídios a esse grupo e sua transformação em veículo de propaganda da cultura brasileira.

No cerne deste debate, podem ser encontrados os benefícios para a cultura popular brasileira ser “guiada” pelos maiores representantes das artes desse país, a Escola de Bellas Artes. Tal proposta foi parcialmente consolidada, visto que os profissionais com formação acadêmica em Artes passaram a julgar os desfiles das Escolas de Samba. Ou seja, o poder público passa a orientar os novos paradigmas: “[...] demarcando os contornos dos temários a serem abordados, valorizando assuntos nacionais e regionais.”<sup>28</sup>

Ao delimitar, no caso paulista, os contornos que o binômio Estado-carnaval possui, cabe-nos acrescentar outras análises que enfocam o período e questões que incidem sobre os festejos carnavalescos. A criação do DIP, órgão responsável pela defesa da unidade nacional e pela manutenção da ordem, possibilita um cerceamento sobre a produção midiática em todo o

---

<sup>27</sup> Id. *ibid.*; p. 307

<sup>28</sup> Segundo a autora, a comissão julgadora, composta pelos professores da Escola de Belas Artes priorizava: o luxo, a cenografia, a harmonia e a originalidade. “Os julgamentos dos certames deveriam subordinar-se à estética e ao gosto, vinculados aos códigos clássicos das concepções de arte. Na compreensão dessas elites, os caminhos da institucionalização e nacionalização do carnaval deveriam ter como avalistas os artistas plásticos e de teatro, os poetas e músicos de formação – os eruditos – que seriam as pessoas competentes para julgar os aspectos estéticos e culturais dessas manifestações. Em consequência e sob tais princípios, dar-se-ia a uniformização dos padrões de julgamento dos carnavais.” SILVA, Zélia Lopes. *Os carnavais na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938)*. p. 150

país, conforme observa Maria Helena Capelato.<sup>29</sup> Nesse sentido, o cinema e o rádio são mecanismos eficazes na institucionalização da propaganda nacionalista que alcançava as grandes massas, mesmo os analfabetos.<sup>30</sup>

A historiadora Rachel Soihet aborda essa questão a partir da relação do governo Vargas e o carnaval, ao discutir o processo de nacionalização do samba, o reconhecimento do negro (mesmo que de maneira exótica e caricaturada) e a malandragem como parte de um projeto de turismo, em que o samba é representado como a cultura do seu povo em estado bruto e, por isso, símbolo da nacionalidade.<sup>31</sup>

Soihet pondera a relação do DIP com a produção das letras de samba, ao passo que, se num primeiro momento a década de 20 foi permeada por sambas que exaltavam a malandragem como característica do povo do morro, a interferência da censura no discurso implícito nessas letras na década de 30 as conduzirá para uma abordagem mais atrelada à exaltação do mundo do trabalho.<sup>32</sup>

O processo de valorização do samba está pautado na consagração da música popular no ocidente. No caso do Brasil, esse panorama é composto pela valorização do samba negro, pela transição de um país rural em um país urbano, em que o ponto nodal era o trabalhador urbano e, por fim, o discurso nacionalista iniciado com a Semana de Arte Moderna de 22.<sup>33</sup>

O alinhamento das políticas públicas com os setores populares é entendido como uma via de mão dupla: em um extremo, os populares buscavam seu espaço de festejar e, portanto, reconhecimento; no outro, o governo Vargas tinha a forte propensão de rejeitar o liberalismo, ainda sob os moldes europeus, da República Velha e preferia reconhecer as riquezas do país. Essa relação bilateral tem um custo aos populares à medida que se enquadraram ao sistema, de acordo com a lei.

---

<sup>29</sup> Maria Helena Capelato aponta o Estado Novo dotado de um aparelho de controle político e ideológico, cujo núcleo era o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), “[...] com o fim de garantir a paz, a ordem e a segurança pública, a censura prévia da imprensa, do teatro, do cinematógrafo, da radiodifusão, facultando à autoridade competente proibir a circulação, a difusão ou a representação. CAPELATO, Maria Helena Rolim. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.) *O Brasil republicano - O tempo do nacional estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do estado Novo*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003, p 171.

<sup>30</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. Op. cit. p. 125-6

<sup>31</sup> SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso*. Estudos sobre o carnaval da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: FGV. 1998. p. 86

<sup>32</sup> Trabalho aprofundado neste sentido, detalhado no segundo capítulo, é o de MATOS, Cláudia. *Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

<sup>33</sup> SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso*. Estudos sobre o carnaval da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: FGV. 1998, p.115

---

São significativas, portanto, as novas estratégias de relacionamento dos novos grupos no poder com os populares, particularmente as escolas de samba, e os segmentos populares, até então reprimidos e desconsiderados, buscam um espaço de participação e oportunidades de reconhecimento, dispondo-se a assumir comportamentos mais condizentes com valores dominantes.<sup>34</sup>

Rachel Soihet propõe um caminho diferente para a abordagem do carnaval carioca, ao denotar os avanços e recuos populares como válidos e importantes dentro da produção da cultura brasileira. A autora, que demarca o período (1930-1945) como complexo, tem como ponto de partida a proposta de homogeneizar e disciplinar o pensamento e suas manifestações e sugere para uma análise mais verticalizada do período e da festa em questão.<sup>35</sup>

A busca por um modelo nacional refletido pelo samba e pelo carnaval passa a caracterizar o morro como o “mito da origem do samba”. Marcos Napolitano e Maria Clara Wasserman, num estudo feito com base, entre outras obras, no livro de Francisco Guimarães (articulista também conhecido como “Vagalume”), *Na roda do samba* (1933) os autores detectaram que ele:

Delimitava um lugar social para o samba que fosse, ao mesmo tempo, garantia de uma marca estética indelével: o "morro" [...] como um território mítico, lugar da “roda” onde se praticava o “verdadeiro” samba [...]. A "roda de samba" seria o lugar de uma fala musical coletiva, "pura", "espontânea", onde a criatividade daquele grupo social que estaria na origem do samba, era recolocada, quase como um rito de origem.<sup>36</sup>

O samba adentra de vez na imprensa do período. Recebe o *status* de “patrimônio carioca”, por Orestes Barbosa (radialista do período) ao entender que a conjuração deste veio não somente do morro, mas também de cada região do Rio de Janeiro e que o rádio seria primordial para a propaganda no “novo” gênero. A entrada das escolas de samba na questão do samba, e com elas todos os grupos das diversas localidades cariocas catalisadas pelo rádio, requeria que esse processo fosse disciplinado, de modo que “o popular e o nacional [se tornassem] categorias de afirmação cultural e ideológica por excelência”.<sup>37</sup>

Segundo os autores acima citados, o papel que o Estado Novo teve no período foi o de equacionar a construção do projeto nacionalista - que tinha nas origens do “samba do morro”

---

<sup>34</sup> Id. *ibid.*; p.145

<sup>35</sup> Id. *ibid.*; p 178-81

<sup>36</sup> NAPOLITANO, Marcos & WASSERMAN, Maria Clara. Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira. *Revista Brasileira de História*, vol. 20, n. 39, São Paulo: 2000 p. 169-70

<sup>37</sup> Id. *ibid.*; p 171

a autenticidade necessária para tal – aliado ao controle das forças do mercado. Ao tornar o samba um produto, o Estado Novo retirava deste sua “ tradição purista, unívoca e linear”. Portanto, “o samba era o ponto de encontro das audiências e seu reconhecimento pelos intelectuais do Estado Novo, defensores da sua "domesticação", representa o reconhecimento das forças do mercado sobre os projetos estético-ideológicos da elite”.<sup>38</sup>

As reflexões dos carnavais cariocas nos anos de 1934 a 1945 serão feitas, portanto, a partir das contribuições de Mikhail Bakhtin, que direciona o seu olhar para o carnaval em si. E, também, Roger Chartier que relativiza as imbricações e contribuições de segmentos diversos na construção de determinada cultura. Portanto, os carnavais em questão devem ser pensados em meio ao conceito de cultura popular, discutido por Chartier em dois modelos:

O primeiro, [...] concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes.<sup>39</sup>

Chartier é enfático ao verticalizar a análise desses modelos, delineando a cultura popular como algo não tão radicalmente diverso da denominada de elite, “elas são ao mesmo tempo aculturadas e aculturantes”.<sup>40</sup> Para ele, o “popular” é a definição em si das modalidades pelos quais os grupos se apropriam do “popular”, por isso convém definir de que maneira e em que medida o uso deste é elaborado e exteriorizado.<sup>41</sup>

Portanto, uma triagem tanto das práticas submetidas à dominação, quanto daquelas que usam da astúcia para se legitimar sobre a dominante, verificaria a autonomia e heteronomia existentes nessas relações entendidas comumente como totalmente opostas e sem qualquer contato.

“Toda cultura popular encontra-se numa ordem de legitimação cultural que lhes impõem uma representação da sua própria dependência.”<sup>42</sup> Partindo dessa afirmação, a busca pelo modo de interpretar determinada leitura “popular” implica na observação de que a mesma não se desenvolve num universo separado e específico, mas sim imbricada a modelos

---

<sup>38</sup> Id. *ibid.*; p 179

<sup>39</sup> CHARTIER, Roger. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: vol.8, n. 16, 1995, p. 179.

<sup>40</sup> Id. *Ibid.*; p.184-5.

<sup>41</sup> Id. *Ibid.*; p. 185

<sup>42</sup> Id. *ibid.*; p. 192

e normas existentes. A partir dessa perspectiva, a pesquisa pretende capturar os significados que as manifestações carnavalescas veiculam entre os quais se colocam a proposta do Estado em lançar mão de temas nacionais nos enredos e desfiles, bem como suas interpretações, no âmbito desse sistema de valores. Considera-se que o Estado possui condições para definir políticas de exclusão ou incorporação de ideias e segmentos sociais, cujas práticas culturais são passíveis ou não de serem aceitas como parte das instituições da cidade.

Para Chartier, a História Cultural tem como principal objeto identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. As lutas de representações possuem um objetivo idêntico ao da dinâmica social e econômica - impor sua verdade, seus meios de entender o mundo – portanto, cabe ao historiador entender de que maneira o faz.<sup>43</sup>

O conceito de representação deve ser entendido de duas maneiras: observar no símbolo algo que remete a um significado invisível num primeiro momento; depois, pensar a representação como dotada de um valor em si que determinado grupo quer demonstrar via prática cultural

Trabalhando assim sobre as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, afastando-se, portanto, de uma dependência demasiado estrita relativamente à história social entendida no sentido clássico, a história cultural pode regressar utilmente ao social, já que faz incidir a sua atenção sobre as estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um “ser-apreendido” constitutivo da sua identidade.<sup>44</sup>

O trabalho do historiador deve ter duas dimensões: a sincrônica e a diacrônica. A primeira determina a relação do conteúdo do objeto estudado com o que vai surgindo ao mesmo tempo noutros ramos ou aspectos de uma determinada cultura; a segunda é o inter-relacionamento do sistema de representações atuais com as manifestações anteriores no mesmo ramo da atividade cultural. Em cada caso, o que de fato define o trabalho histórico é a relação com o objeto.<sup>45</sup>

Quanto a esta pesquisa resta perguntar como os participantes assimilam o carnaval em si? De que maneira essa representação/assimilação da realidade é conduzida e apropriada traduzindo-se em práticas culturais? Essas e outras questões serão respondidas ao longo dos capítulos seguintes.

---

<sup>43</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1985. p. 16-8

<sup>44</sup> Id. *ibid.*; p. 23

<sup>45</sup> Id. *ibid.*; p. 65

---

O carnaval e seus significados têm bases metodológicas em Mikhail Bakhtin, que pensa os significados da festa por ela mesma, sem perder de vista as relações com o tempo presente, e interpreta os rituais de inversão do carnaval em praça pública como uma contraproposta para o cotidiano:

A multidão em júbilo que enche as ruas ou a praça pública não é uma multidão qualquer. É um todo popular, organizado à sua maneira popular, exterior e contrária a todas as formas existentes de estrutura coercitiva social, econômica e política, de alguma forma abolida enquanto durar a festa.<sup>46</sup>

A praça pública é entendida como o espaço da festa onde as hierarquias e as etiquetas oficiais se perdiam em meio ao espancamento e destronamento do chicaneiro (rei). O destronamento (destruição) pulveriza a realidade tendo em vista o renascimento, a renovação. No decorrer dos espancamentos dos chicaneiros, Bakhtin analisa sua ambivalência: espancar o representante do velho direito e da antiga verdade do mundo, no entanto, inseparável da morte-ressurreição vista no sentido cômico que programa a categoria do novo. Ao destronar o “representante” do cotidiano, entronava-se um novo rei jocoso.<sup>47</sup>

Dentro desse aspecto, dois elementos compõem o carnaval no Renascimento: o banquete e o realismo grotesco. O primeiro está ligado intrinsecamente com a festa popular, pois é a imagem do grupo que se encontra com o mundo ao degustá-lo. Nesse momento do “comer” harmonioso, as hierarquias cedem espaço e tudo é alegre. É a recompensa do trabalho e o “devoramento” do mundo, símbolo da vitória coletiva. Em Rabelais, o grotesco usa da desmoralização das coisas sérias por meio da imoralidade hiperbolizada para chegar à negação de toda a estrutura diária. O corpo assume formas exacerbadas, principalmente no ventre mais próximo ao chão. O nariz, bem como os outros orifícios ou partes do corpo estabelecem a comunicação com o mundo. A concepção grotesca dota o povo de uma expectativa horizontalizada de mundo, em que todos são semelhantes e fazem parte da história e do processo histórico que se renova. O corpo humano é o centro, estabilizando sua relação com os outros elementos circundantes.

A partir dessas apreciações, há o conjunto de ações em prol de uma nova realidade, que, mesmo passageira, conduz para uma nova ótica de organização, em que as hierarquias são abandonadas e os valores invertidos, o rígido desfaz-se, o cotidiano inverte-se, mesmo

---

<sup>46</sup> BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. O contexto de François Rabelais. Brasília: Editora da UnB, 1987, p. 262

<sup>47</sup> Id. *ibid.*; p. 176.

que por poucos dias. Usado para fazer a quebra com as linhas retas, uniformes que o cotidiano impunha, o corpulento rei jocoso dispõe uma nova concepção da realidade: jocosa, disforme, ligada à terra, ao conagraçamento, no banquete em que a fartura de alimentos e sua deglutição em grupo, remete-nos à conquista popular nesses dias de festa.

A interpretação de Bakhtin é valiosa para esse estudo na medida em que propõe um olhar direcionado à festa e ao seu contexto histórico a partir de sua intersecção com seu contexto político (o destronamento, insatisfação). A festa em seu tom cômico lança mão de um novo aspecto, o da inversão das regras que guia social e politicamente o Renascimento.

Esses conceitos de reordenação do mundo - mesmo que passageiros -, a busca por uma realidade diferente que a fantasia carnavalesca permite e acaba por reproduzir e o esbanjamento típico destes três dias serão usados para pensar os carnavais da cidade do Rio de Janeiro do século XX.

As reflexões acima assinaladas remetem a uma interpretação do carnaval como uma proposta de um novo caminho para a vida, o qual encontra sua “realidade” em apenas três dias de festa nos quais o cotidiano é esquecido e as “amarras afrouxadas”. Ou seja, indo além da ideia de uma simples inversão do cotidiano, ou mesmo como uma válvula de escape para os sofrimentos do dia-a-dia, a festa se configura um caminho possível para uma nova ordem.<sup>48</sup>

Pensar a amplitude e os desdobramentos dos carnavais carioca nas décadas de trinta e quarenta do século XX, implica verificar qual o sentido atribuído à festa pelos meios de comunicação da época e relação dela com o Estado nacional.

Nesse ponto de vista, as imagens disponíveis, bem como as reportagens e colunas específicas sobre esses folguedos dispostas nos periódicos configuram as fontes escolhidas para a reflexão feita a partir do sentido e dos caminhos sugeridos.

A imagem está ligada, na leitura de Martine Joly, à construção dos referenciais cotidianos, modelos familiares, culturais e religiosos. Sua elaboração aglomera “traços visuais suficientes e necessários para reconhecer um desenho, uma forma visual qualquer”.<sup>49</sup> Este

---

<sup>48</sup> Outro autor que aponta para a possibilidade de inversão da ordem é Emmanuel Le Roy Ladurie na análise dos festejos de Momo da cidade de Romans, em 1580. Tais eventos são vistos como expressão da cultura popular que expunham os conflitos e contradições da sociedade da época, demarcando um fator social. Segundo Ladurie, em 10 de fevereiro de 1579 um grupo de revoltosos, depois de invadir uma grande sala da Prefeitura para protestar contra a cobrança da talha, tomou as chaves da cidade no intuito de controlar a entrada e a saída dos cidadãos, e, principalmente, impedir que entrasse na cidade a soldadesca que os viria reprimir. O desejo de mudança, a revolta, as reivindicações exploradas no plano simbólico dos novos “reinados” propunham a deposição do poder situacionista, encontrando no carnaval um mecanismo possível de enfrentamento contra a nobreza. LADURIE, Emmanuel Le Roy. *O carnaval de Romans*. Da candelária à Quarta- feira de Cinzas. 1579- 1580. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p. 116

<sup>49</sup> JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996, p 20.



esquema mental é resultado da identificação de associações visuais advindas de qualidades socialmente elaboradas.

Tal esquema acima salientado deve ser somado à apreensão do contexto em que a imagem está inserida

Para analisar uma mensagem, em primeiro lugar devemos nos colocar deliberadamente do lado em que estamos, ou seja, do lado da *recepção*, o que, é claro, não nos livra da necessidade de estudar o histórico dessa mensagem (tanto de seu surgimento quanto de sua recepção), mas ainda é preciso evitar proibir-se de compreender, devido a critérios de avaliação mais ou menos perigosos.<sup>50</sup>

No fragmento anterior, Martine Joly atenta para a possibilidade de se compreender um sentido e os significados que extravasam a composição da imagem, pensando-a dotada de um potencial representativo da realidade, bem como os signos individuais que a interpretarão no momento da recepção e assimilação.

Consequentemente, a interpretação das imagens, sejam elas caricaturas da realidade ou fotografias, atendem ao “jogo com as formas e com os sentidos, que vão da observação das estratégias discursivas estabelecidas à das ferramentas mais particulares que elas utilizam.”<sup>51</sup>

No caso específico da fotografia, cabe uma observação quanto aos objetivos do fotógrafo e do periódico que publicará as imagens, pois ela está repleta de “escolhas”, de “manipulações” que “são a prova de que se constrói uma fotografia e, portanto, sua significação”.<sup>52</sup>

A bibliografia especializada atenta para a apreensão do carnaval pautado em sua realidade, como parte integrante de um contexto histórico específico, cujo olhar deve entendê-lo de duas maneiras: diacronicamente, ao longo do recorte proposto (1934-1945), e sincronicamente, na simultaneidade dos acontecimentos.

A pesquisa terá como fontes o jornal *Correio da Manhã* e a revista *O Cruzeiro*. A opção por esses dois periódicos deu-se devido a sua ampla tiragem, bem como uma intensa cobertura carnavalesca.

Fundado por Edmundo Bitencourt, o jornal *Correio da Manhã*, cujo primeiro número foi impresso em junho de 1901, possuía uma *verve* “participante e combativa”, advinda da militância de seu fundador na Revolução Federalista nos primeiros anos da República. O

---

<sup>50</sup> Id. *ibid.*; p. 45 Grifos da autora.

<sup>51</sup> Id. *ibid.*; p. 89

<sup>52</sup> Id. *ibid.*; p. 128

diário destacou-se na imprensa brasileira como um “jornal de opinião” cobrindo de perto a conjuntura política e sempre se posicionando de maneira aberta e clara.<sup>53</sup>

No entanto, nosso interesse específico se encontra nos festejos relativos aos Dias Gordos, afluindo para a importância que o jornal, nas colunas denominadas *No Limiar da Folia*, concede às festas e suas especificidades, seus posicionamentos perante os cortejos e os rumos que eles tomam a partir de um cenário de legalização.

O outro periódico pesquisado foi *O Cruzeiro*,<sup>54</sup> revista semanal ilustrada, cuja circulação foi iniciada em 10 de novembro de 1928. O periódico foi comprado de seu idealizador, Carlos Malheiro Dias por Assis Chateaubriand, graças a um empréstimo conseguido no Banco do Brasil intermediado pelo então ministro da fazenda Getúlio Vargas, que demonstrara “interesse pelo potencial político da nova revista”. A ligação de Assis Chateaubriand e Getúlio Vargas foi oscilante. Ora o primeiro apoiava a Aliança Liberal, considerando o golpe militar como uma “revolução triunfante”, ora (em 1931) considerava o governo varguista como “início de uma ditadura”<sup>55</sup>. Na década de 1940 a revista passou por mudança editorial, efetivada por Freddy Chateaubriand, que trouxe o francês Jean Manzon com essa finalidade.

Por fim, em pesquisa no Arquivo Nacional, foram encontrados registros civis de algumas agremiações carnavalescas que serão dispostos mediante o arrolamento das mesmas ao longo do texto.

Os resultados dessa pesquisa serão apresentados nos capítulos que se seguem. O primeiro deles, abrangendo os anos de 1934-37, trará a análise das reportagens sobre os debates referentes à nacionalização/legalização do carnaval carioca feita pelo *Correio da*

---

<sup>53</sup> Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós 1930. Alzira de Abreu et. al. (coord.) v. II. Rio de Janeiro: Editora FGV, CPDOC 2001. p. 1.625. O jornal também cobriu de perto as discussões da Constituinte e a tomada do poder por Getúlio Vargas e, devido a seu posicionamento crítico, contou com um censor em sua redação para inspecionar as matérias. Sua articulação perante a Guerra foi de um extremo ao outro, num primeiro momento próximo à Alemanha e ao intercâmbio comercial e, posteriormente, bradando pelos “anseios democráticos da época”. Visão próxima, talvez devido à censura, do presidente Vargas. Id. *ibid*; p. 1628.

<sup>54</sup> Foram selecionadas cento e oitenta fotos/reportagens da revista, no entanto, a responsável pela liberação da digitalização da mesma assentiu apenas cem delas. Todas as imagens são em preto-e-branco, o que certamente dificultou a análise de algumas delas. Em uma futura publicação, pretende-se rastrear os exemplares originais para obter as fotos coloridas. Por fim, das imagens liberadas para a reprodução, nenhuma das capas escolhidas foi liberada, outras o foram com a condição de que fossem publicadas somente quando acompanhadas de texto.

<sup>55</sup> Id. *Ibid*.; p. 1727. Ao apoiar a Revolução Constitucionalista de 1932, Chateaubriand teve seu exílio decretado, mas acabou não sendo preso por ter se refugiado no interior do país. Com a instalação da Assembleia Constituinte, em 1933, o proprietário dos Diários Associados volta à cena pública e reinicia sua relação com Vargas – provavelmente em busca de outros empréstimos que revigoraram seus periódicos durante toda a década de 1930. Em 1937, Chateaubriand apoiou a candidatura de Armando Sales à presidência da república, no entanto, foi surpreendido pela outorga do Estado Novo.

*Manhã*, que se colocou como defensor dos interesses de ranchos e grandes sociedades e dos enredos *nacionais* para o tríduo momesco.

O segundo capítulo, referente aos anos de 1938 a 1942, discute a interferência de um regime de exceção no decorrer dos folguedos. Tem como objetivo investigar a ação do poder público sobre os participantes destes e na elaboração dos desfiles, bem como observar quais as direções que o processo de nacionalização adquire nesta nova configuração política.

O terceiro e último capítulo, referente ao período de 1943 a 1945, se atém aos desdobramentos nos festejos carnavalescos após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, avaliando de que maneira esses foliões e o poder público lidaram com esse novo cenário.

## - CAPÍTULO 1 -

### Os Carnavais na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1934 a 1937

#### 1.1 Precedentes da Oficialização

A construção do discurso histórico referente às práticas momescas realizadas no referido recorte temporal requer que o período precedente – a década de 20 – seja verificado para que se possam observar as influências presentes na organização e na prática desses festejos carnavalescos.

Nos anos 20, a cidade do Rio de Janeiro viveu um momento de disputa entre os intelectuais cariocas e paulistas em torno da proposta modernista, o que, para Monica Pimenta Velloso, percorreria o imaginário popular

Era através do mito do estado bandeirante que o grupo Verde-Amarelo legitimava seu projeto hegemônico. Em contraponto, a cidade do Rio de Janeiro caracterizar-se-ia pelo princípio do excesso e da desordem social, mobilizando-se apenas para a festa.<sup>56</sup>

A virada do século XIX para o XX verá os intelectuais cariocas serem representados pelos caricaturistas ora como o “Turuna”, identificado como a figura do malandro carioca, remetente “ao universo da boemia, do humor, da irreverência e também da marginalidade”; ora como Quixote, “o sonhador, aquele que antevê realidades apenas esboçadas”. Para Velloso, ambos os personagens compõem o cenário modernista carioca ao representarem os intelectuais, na medida em que se colocam como *outsiders* dessa sociedade.<sup>57</sup>

Determinada configuração foi caracterizada a partir das mudanças realizadas por Pereira Passos no início do século XX, em que a implementação de reformas arquitetônicas fundaria no Rio de Janeiro uma dualidade de posições: uma ligada ao modelo europeu de civilização, comportamento e cultura, em que seria possível recriar na América do Sul uma “Europa possível”; outra, em contrapartida e concomitante, prezava por um modelo de nacionalidade.

---

<sup>56</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 15

<sup>57</sup> Id. *ibid.*; p. 12

A reforma da cidade ocasiona uma segmentação de classes, dentre elas os negros libertos pela Abolição, cujo contingente era considerável. Nesse sentido, Velloso caracteriza este agrupamento como outra forma de organização social, paralela à ordem vigente e que refletia um campo de participação e representação social fora dos canais oficiais,<sup>58</sup> que foram os cortiços, entrudos, Festa da Penha, capoeira e terreiros. Para Velloso, “[...] a idéia é que no Rio não foram construídos elos de integração social por meio dos quais os cidadãos pudessem se reconhecer como cidadãos, ou seja, como participantes de uma comunidade política.”<sup>59</sup>

As ruas foram o palco dessa luta cotidiana em busca de expressão, chamada de “repúblicas”, em que os segmentos populares se organizam numa multiplicidade de manifestações: cordões, bandas, coretos (palcos montados ornados com temas específicos em cada bairro, por iniciativa de seus moradores), ranchos e grupos, cuja presença poderá ser sentida durante os folguedos de Momo e cujos laços serão estendidos a outras situações cotidianas.<sup>60</sup>

As ruas,

Se apresentam como espaço pleno de significado, gerador de formas culturais inéditas, revelando a existência de uma população que se mantinha desconhecida aos olhos da República modernizadora. O submundo, a marginalidade, a boemia e as ruas constituem espaço expressivo para se pensar a modernidade brasileira, notadamente a do Rio, onde a exclusão social seria vivenciada de forma mais aguda.<sup>61</sup>

Portanto, ao repensar o conceito de moderno, Velloso caracteriza que:

[...] no Rio, não houve propriamente um movimento de vanguarda organizado em torno da ideia de moderno. O moderno é construído na rede informal do cotidiano [...]. Na dinâmica cotidiana que abrange desde os “pequenos gestos” de sociabilidade intelectual, até as expressões escritas e visuais.<sup>62</sup>

Dentro dessa ótica, “o humor se configura como uma dessas expressões comunicativas”, considerada “uma linguagem afinada com as demandas da modernidade.”<sup>63</sup>

---

<sup>58</sup> Id. *ibid.*; p. 15-6

<sup>59</sup> Id. *ibid.*; 26

<sup>60</sup> Id. *ibid.*; p. 27-8

<sup>61</sup> Id. *ibid.*; p. 29

<sup>62</sup> Id. *ibid.*; p. 32-4

<sup>63</sup> Id. *ibid.*;

No âmbito político, segundo Ângela de Castro Gomes, o desejo de modernidade teve, na Revolução de 1930, uma das etapas da busca, que se completou em 1937 com o Estado Novo, pelas potencialidades e aspirações do povo brasileiro:

Assim, se antes de 1930 o que se verifica é a ausência de um contato harmonioso entre povo e elites, o que se verifica já em 1930, e principalmente após 1937, é a articulação e a comunicação entre as elites e a massa da população [...] a concordância quase unânime do povo brasileiro transforma a mutação brusca dos rumos políticos do país na primeira grande “expressão unívoca da vontade nacional”.<sup>64</sup>

Ao pesquisar os discursos oficiais emitidos pelo DIP por meio da revista *Cultura Política*, a autora conclui – seguindo a opinião dos articulistas – que o estado liberal anterior à Revolução de 30 foi incapaz de governar de modo a integrar o homem à sua terra. Desta forma, e principalmente após o golpe do Estado Novo, será construída uma política de integração entre as elites e a massa da população.

Esclarece Zélia Lopes da Silva, que esse projeto de integração marcará a década de 30 no que concerne à organização dos festejos carnavalescos. Nesse rol de mudanças, a intervenção acentuada do poder público se faz presente e os dias gordos adquirem uma nova dinâmica, na qual:

As novas interpretações estavam em sintonia com modificações que se fizeram presentes na estruturação dos festejos carnavalescos brincados no país, notadamente a partir de 1932, quando o poder público, no Rio de Janeiro, passou a interferir mais incisivamente na organização desses festejos. E, igualmente, ampliou sua área de influência junto às agremiações populares que também receberam subvenções para a realização do seu carnaval.<sup>65</sup>

Silva pondera que, em 1932, a estrutura geral do carnaval permaneceu a mesma, além das atividades programadas, com o “ato do Dr. Pedro Ernesto”, a oficialização representa a realização dos desejos da alma popular. Ainda neste ano, há os discursos sobre os rumos da institucionalização e nacionalização do carnaval ligado a uma moldura de brasilidade. Discussão esta que tem, na campanha do *Correio da Manhã*, um dos seus interlocutores para que os desfiles realizados, além de apresentarem enredo nacionalista, fossem julgados por uma comissão de professores da Escola Nacional de Belas Artes:

---

<sup>64</sup> GOMES, Ângela Maria de C. O redescobrimto do Brasil. in: OLIVEIRA, L. L. *Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p. 116.

<sup>65</sup> SILVA, Zélia Lopes da. Os carnavais na cidade de São Paulo nos anos de 1935 a 1945. In: ALMEIDA, Paulo Roberto de et. al.. (Orgs). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho da Água, 2004. p. 127

As sugestões acenadas foram incorporadas oficialmente apenas de forma parcial. O prefeito Pedro Ernesto posicionou-se, sem que isso ficasse explicitado, pelo apoio ao carnaval efetivamente praticado pelas grandes sociedades carnavalescas e pelas agremiações populares de larga tradição no carnaval da cidade. A opção feita privilegiou um caminho que contemplava os diversos setores da sociedade, quer na organização dos eventos, quer na sua execução. Para a avaliação dos diversos certames, por exemplo, instituiu, no decurso deste debate, comissões que foram compostas de representantes da prefeitura/Touring Clube, músicos, artistas plásticos e organizadores dos certames.<sup>66</sup>

Felipe Ferreira registra o final dos anos 20 como um período em que a festa carioca já ganhava feições de grande festa nacional:

A “confusão” que reinara na virada do século estava em vias de ser totalmente substituída pelas novas categorias do carnaval de rua. Corso, Grandes Sociedades, ranchos, blocos e cordões formavam uma espécie de escala “decrecente” da folia, começando pela mais elegante e terminando na mais popular. Por trás desse tipo de classificação, havia uma ideologia que procurava expressar na festa carnavalesca todo o arco social brasileiro. O carnaval começava a ser visto como a expressão máxima de nacionalidade, na qual todos teriam seu lugar ao sol.<sup>67</sup>

Nesse sentido, o carnaval do período é marcado por um controle oficial e efetivo do governo municipal do Rio de Janeiro:

Apresentar ao mundo uma folia grandiosa e organizada seria o primeiro passo dessa estratégia. O segundo passo seria a elaboração de uma face individual e única para a nossa festa, capaz de identificá-la e destacá-la em todo o mundo. O samba e, um pouco depois, as escolas de samba cumpriram esse papel e se tornaram a marca do nosso país. Samba, Carnaval, alegria e Rio de Janeiro seriam sinônimos de Brasil.<sup>68</sup>

No entanto, a intervenção da imprensa e do poder público não é novidade, uma vez que, segundo Leonardo Affonso Pereira, na luta contra o entrudo nas últimas décadas do século XIX as Grandes Sociedades são alçadas “como um dos principais instrumentos de difusão de uma mensagem de igualdade civil pela sociedade como um todo em uma tarefa que os literatos julgavam no período ser a sua própria missão.”<sup>69</sup>

---

<sup>66</sup> Id. *ibid.*; p. 130

<sup>67</sup> FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 310

<sup>68</sup> Id. *ibid.*; p. 310-1

<sup>69</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das letras*. Coleção Biblioteca Carioca, Rio de Janeiro: 2000. p. 79

Segundo o autor, apesar de se tornarem a nova moda do carnaval na segunda metade do século XIX, as Grandes Sociedades, no entanto, mostraram outro lado ao irem:

[...] além da igualdade afirmada pela luta abolicionista, compartilhada com muitos dos poetas e romancistas que tanto as admiravam, surge uma diferenciação baseada em critérios sociais e financeiros. [...] Endinheiradas e poderosas, as grandes sociedades compõem, assim, um modelo de carnaval muito diferente daqueles dos pobres Zé- pereiras e cucumbis que espalhavam-se pelas ruas.<sup>70</sup>

A festa, que já possui um histórico de intervenções do poder público em benefício financeiro e político de segmentos específicos em fins do século XIX, passa por uma guinada no sentido de uma forte intervenção – da festa como um todo – no anseio de transformá-la em cartão postal brasileiro aos olhos estrangeiros.

Assim, em 1928, a pedido do prefeito Prado Júnior, o desfile dos ranchos e dos grandes clubes foi filmado, bem como acordos com empresas turísticas foram firmados no intuito de trazer para o carnaval do ano seguinte o maior número possível de turistas para aproveitar a espontaneidade dos blocos populares. Além disso, no ano anterior, o prefeito já havia tomado providências no sentido de aumentar o auxílio para os desfiles das Pequenas Sociedades, o que evidencia um claro incentivo aos grupos populares.<sup>71</sup>

A incursão que visava atrair os olhos da América do Norte e da Europa para o carnaval brasileiro fora atrapalhada pelo mau tempo:

Apesar da decepção com o ocorrido, deve-se destacar o mérito de Prado Júnior que, pela primeira vez, estabeleceria uma ação oficial efetiva e coordenada para projetar o Carnaval carioca em nível internacional. [...] O destino acabou impedindo a completa concretização do projeto que acabou sendo retomado dois anos depois, em bases muito mais “oficiais”, por Pedro Ernesto que sucedeu Prado Junior na chefia do então Distrito Federal.<sup>72</sup>

Em 1932, o então prefeito Pedro Ernesto retoma as atividades em prol da festa carnavalesca e, a primeira delas, foi a união da Prefeitura com o Touring Club para a organização dos festejos carnavalescos. A comissão montada para organizá-los contava com representantes do prefeito, do referido Touring Club (Octavio Guinle), do presidente da Associação Brasileira de Imprensa (Hebert Moses) e da Associação de Artistas Brasileiros.

---

<sup>70</sup> Id. *ibid.*; p. 100

<sup>71</sup> FERREIRA, Felipe. *Op. cit.* p. 314-6

<sup>72</sup> Id. *ibid.*; p. 319



O rol de festividades programadas por essa comissão de festejos contava com banhos de mar à fantasia, concurso de marchas, sambas e músicas carnavalescas, curso de automóveis, batalhas de confete e “Dia dos Blocos”. O ano de 1932 viu ser criado o baile carnavalesco oficial da cidade - o do Teatro Municipal, inaugurado em 1909 - que fazia parte das reformas encabeçadas por Pereira Passos.<sup>73</sup> Por meio da relação das festividades anunciadas, é possível entender que a proposta da comissão montada girava em torno de uma diversificação dos festejos para todos os segmentos sociais.

Para Felipe Ferreira, de modo algum isso significava a perda de espontaneidade ou da “alma” da festa, já então simbolizada pela figura miscigenada da “mulata”. A reunião dos carnavais populares e das festas da elite num único projeto seria o diferencial para pautar uma nova direção ao Carnaval a partir dos anos 30 com a explosão do samba.<sup>74</sup>

Segundo Sérgio Cabral, foi o jornal *Mundo Sportivo* que promoveu o primeiro desfile das Escolas de Samba, cujo concurso ocorreu em 1932 na Praça Onze. O jornal teve o cuidado de distribuir matérias com detalhes sobre o evento para seus co-irmãos da cidade, destacando a premiação aos três primeiros colocados e o som inconfundível da “cuíca”.

O primeiro desfile das Escolas de Samba contou com dezenove candidatas, cuja campeã foi a *Mangureira* com o samba “Sorrindo”, de autoria de Zé com Fome. *Linha do Estácio* e *Vai como Pode* (futura Portela) ficaram com o segundo lugar e o terceiro ficou com *Para o Ano Sai Melhor*, seguido da *Unidos da Tijuca*.<sup>75</sup>

O desfile de 1933, organizado pelo *O Globo* introduziu dois quesitos no regulamento mantidos até hoje: a obrigatoriedade da ala das baianas e a proibição de instrumentos de sopro (seriam permitidos somente os de corda e de percussão). *Mangureira* leva mais uma vez o primeiro lugar, em segundo *Azul e Branco* do Salgueiro, em terceiro *Unidos da Tijuca*, em quarto (empatados) *De mim Ninguém se Lembra* e *Vai Como Pode* e, em quinto, *União do Uruguai*.

Há um aumento no número de Escolas que desfilaram neste ano - vinte e oito no total, nove a mais do que o ano anterior – e os temas dos enredos eram diversos. No entanto, é possível agrupá-los entre aqueles que giravam em torno do samba e do carnaval, como é o caso das Escolas *Fiquei Firme* (Favela), *Aventureiros da Matriz* (Morro da Matriz), *União*

---

<sup>73</sup> Id. *ibid.*; p. 320-2

<sup>74</sup> Id. *ibid.*; 326

<sup>75</sup> CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba- o quê, quem, como, quando e por quê*. Rio de Janeiro: Editora Fontana, 1974, p. 97-8. Comissão julgadora: o casal Eugênia e Álvaro Moreira e mais José Lira, Orestes Barbosa, Fernando Costa, Raimundo Magalhães Júnior e J. Reis

*Barão de Gamboa*, *Inimigos da Tristeza* (Saúde), *Vai Como Pode* (Estrada da Portela), *Unidos da Tijuca*; aquelas que abordaram temas nacionais, como *Na Hora Que se Vê* (Morro da Favela) com “Sabiá da Minha Terra”, *Estação Primeira de Mangueira* com “Uma Segunda-Feira no Bonfim”, *É O que Se Vê* (Gamboa); ou ainda com “Excursão à Bahia”, *Príncipes da Floresta* (Morro do Salgueiro) com “Passeatas nas Florestas da Bahia”, *União do Uruguai* (Tijuca) desfilou com o enredo “Na Bahia”, *Mocidade Louca* (São Cristovão) com “Antiga Bahia”; a partir de um ponto de vista local estão *Última Hora* (Morro da Favela) com “A Favela”, *Em Cima da Hora* (Catumbi), desfilando com “Jardim do Catumbi”; e *Prazer da Serrinha* com o tema “Uma Noite Serrana”.<sup>76</sup>

A partir desta disposição, é notável que, se agrupados, os enredos das Escolas de Samba partem do mesmo ponto: expressar no desfile temas referentes ao carnaval e ao samba, às belezas do Brasil e às características dos redutos onde são produzidos tais desfiles. Fica claro na observação que, dentre as cinco primeiras colocadas, somente a *De Mim Ninguém se Lembra*, do Estácio, traz no enredo - “Convidados da Fama” - um tema que não estava ligado às particularidades brasileiras ou referentes ao samba.

Estas acima relacionadas (quase metade do total de inscritas) representam uma proposta em consonância com o que havia sido defendido, segundo a opinião dos seus articulistas, pelo *Correio da Manhã* no início da década de 30 e, como apontou Zélia Lopes da Silva,<sup>77</sup> foi atendido parcialmente pelo prefeito Pedro Ernesto, que em 1932 já havia distribuído uma quantia de dinheiro para algumas Escolas de Samba anexando-as ao programa oficial de carnaval de 1933, feito pelo Touring Club e pela Prefeitura do Distrito Federal.<sup>78</sup>

As medidas de oficialização e institucionalização trazem um novo aspecto às práticas momescas, o que impõe um questionamento acerca de como essas interdições e diretrizes lançadas pelo poder público interferem na dinâmica da festa popular tornada símbolo de nacionalidade.

---

<sup>76</sup> Id. *ibid*; p. 100

<sup>77</sup> SILVA, Zélia Lopes da. Os carnavais na cidade de São Paulo nos anos de 1935 a 1945. In: ALMEIDA, Paulo Roberto de et. al.. (Orgs). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho da Água, 2004. p. 130

<sup>78</sup> CABRAL, Sérgio. Op. cit. p. 100

## 1. 2 Nos rumos da oficialização

Os festejos carnavalescos dos anos de 1934 a 1937 são dimensionados a partir de uma ótica em que o poder público e a imprensa cooperavam para tornar os festejos carnavalescos bem sucedidos, algo já corrente nos períodos anteriores. Neste sentido, o periódico *Correio da Manhã* destaca, em sua coluna *No Limiar da Folia*, a união do Centro dos Cronistas Carnavalescos (C. C. C.)<sup>79</sup> com o poder público municipal na realização das festividades (pré) carnavalescas. A coluna em questão será a porta-voz do C. C. C., pois o seu maior articulista, Edigar Pilar Drumond – ocupante de um cargo de relevância na instituição em questão – assina a maioria das crônicas jornalistas sob o pseudônimo de “Fofinho”.

Neste ano, o carnaval carioca já estava incorporado ao programa de turismo da cidade apresentada como um paraíso a ser conhecido que contava com 1.688.077<sup>80</sup> habitantes em 1934. Alfredo Pessoa, na condição de chefe do Departamento de Turismo, organizou a distribuição de folhetos que relatam as maravilhas do Brasil e, principalmente, de sua capital.<sup>81</sup>

A união entre municipalidade e imprensa é visível na reportagem sobre a realização do concurso das Escolas de Samba, na qual o autor da coluna salienta a importância deste acontecimento tanto para o povo do morro quanto para a cidade que abraça o samba. São exaltadas características como igualdade entre todos no momento da festa, “[...] a única talvez em que não existe a diferença de sociedade, quando os festejos são realizados para o público. Ninguém, na hora de cair na pandega quer saber de exigências sociais.”<sup>82</sup> Essa constatação “de igualdade entre todos”, promovida pelos festejos em que as “exigências sociais” arrefecem, remete ao que Mikhail Bakhtin postula em suas observações quanto ao carnaval na Idade Média e no Renascimento.<sup>83</sup>

Tal união indica que sob a tutela do patriótico C.C.C., descendo o morro, a festa ganha em seu esplendor de ritmo, “[...] é o pessoal dos morros que desce para mostrar aos maestros da cidade, como se compõe uma das espécies mais apreciadas da nossa música- o samba.” O cronista termina a coluna dizendo que a municipalidade, “que tão valioso apoio tem

---

<sup>79</sup> Este trabalho irá se referir ao Centro dos Cronistas Carnavalescos na forma da sigla C. C. C.

<sup>80</sup> IBGE. Anuário Estatístico do Brasil. 1936. p. 64. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/seculoXX/arquivos\\_pdf/populacao/1936aeb\\_24.pdf](http://www.ibge.gov.br/seculoXX/arquivos_pdf/populacao/1936aeb_24.pdf). Acesso em 03 de fevereiro de 2011

<sup>81</sup> NO LIMIAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 05/01/1934, p. 08

<sup>82</sup> Id. *ibid.*; 23/01/1934, p. 12

<sup>83</sup> BAKHTIN, Mikhail. Op. cit. p. 262

consagrado às festas do povo e para o próprio povo”, colocou nos ombros do C. C. C. a tarefa de realizar esse evento. São feitos elogios ao estilo musical que na sua máxima apresentação traz o que há de bom para a cidade, “assim, lucraram o público e os sambistas, pois no coração da cidade, será realizada a exibição do que mais perfeito existe no gênero [...]”.<sup>84</sup>

A reafirmação do morro como local de origem e esplendor do samba, e a descida do seu “pessoal” para a cidade seria lucrativa a todos, pois as “festas do povo” seriam feitas para ele próprio. Segundo Fabiana Lopes da Cunha, essa construção foi elaborada por Francisco Guimarães,<sup>85</sup> o Vagalume, que “ainda na década de vinte e trinta, dentro da vertente folclórica, mas urbana, [...] discute o lugar e os princípios estéticos do samba, (onde) o “morro” surge como um território mítico, lugar da ‘roda’ onde se praticava o ‘verdadeiro’ samba.”<sup>86</sup>

Cláudia Matos, ao trabalhar com a malandragem no samba durante o governo Vargas expõe que velhos sambistas como Heitor dos Prazeres e João da Baiana detonam a mítica de que o samba havia nascido no morro. Este último, segundo a autora, pontua que o samba nasceu na cidade, mas se desenvolveu no morro para fugir das pressões sociais e da polícia.<sup>87</sup>

A predominância de negros e mestiços nas favelas faz dela redutos de uma auto-afirmação racial que não se encontra lugar fora delas, no espaço dominado pelos brancos. Aí se gera a possibilidade e a necessidade de cultivar e preservar internamente manifestações culturais próprias à etnia negra, uma das quais o samba.<sup>88</sup>

Matos encerra a questão ao pensar o samba como uma espécie de núcleo unificador do grupo social do qual ele faz parte que transformado aos poucos em patrimônio coletivo “a ser cultuado e preservado”, pela imprensa e pelos interessados nessa manifestação como aglutinadora da identidade nacional.<sup>89</sup>

No carnaval de 1934, propriamente dito, a preocupação da imprensa gira em torno de medidas pontuais para que seja um evento de sucesso. Pedro Ernesto e o chefe de polícia, Filinto Muller, são chamados para tomar providências quanto à situação de mendigos e de vendedores ambulantes nas principais vias ligadas à Avenida Rio Branco. Segundo a nota, a

---

<sup>84</sup> NO LIMIAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 23/01/1934, p. 12

<sup>85</sup> Citamos a questão na introdução, a partir do trabalho de Marcos Napolitano e Maria Clara Wasserman.

<sup>86</sup> CUNHA, Fabiana Lopes da. *Da marginalidade ao estrelato: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945)*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 142

<sup>87</sup> MATOS, Cláudia. Op. cit., p. 27-8

<sup>88</sup> Id. *ibid.*; p. 29

<sup>89</sup> Id. *ibid.*; p. 31

propaganda intensiva para que os estrangeiros viessem conferir as maravilhas do carnaval carioca não é compatível com as demonstrações de miséria comparadas ao fausto das limusines nesses dias festivos. Outro ponto levantado foi a proposta de Pedro Ernesto de isenção de impostos para os bailes de carnaval. Para o jornal, esta iniciativa é bem vinda, pois sem o pagamento dos impostos, mais bailes serão realizados, a preços módicos.<sup>90</sup>

Ainda 1934 Lourival Fontes visitou o rancho-escola “Ameno Resedá”, “portador da tradição dos carnavais populares do Rio”. A reportagem salienta a importância da visita do assessor de Pedro Ernesto “que, comparecendo em pessoa aos clubs pequenos, onde verdadeiramente vibra a alma popular, leva a esses valiosos sustentáculos do nosso carnaval o seu apoio e aprovação à diretriz desses grêmios.”<sup>91</sup>

Sob forte clima de estruturação, a discussão acerca das festividades do carnaval de 1935 se inicia com o apelo do presidente do Centro dos Cronistas Carnavalescos, Edigar Pilar Drumond - o “Fofinho” - em prol de uma entidade que congregue a organização dos desfiles das Grandes Sociedades (*Democráticos, Fenianos, Pierrots da Caverna, Tenentes do Diabo e Congresso dos Fenianos*).

A crônica de abertura do jornal salienta a união das cinco sociedades sobre um único órgão, reestruturado pelo subcomissário de Turismo Alfredo Pessoa que, ao longo de 1934, resgata a proposta de um órgão que já existira em 1932 (na ocasião o órgão representava Fenianos, Democráticos e Tenentes do Diabo), mas se desmanchara. Assim,

[...] lucrará o povo, que terá de esperar a passagem de um só préstito, sem os aborrecimentos da perda de muitas horas, aguardando o desfile de cinco sociedades; lucrará a comissão julgadora, porque dará a sua opinião sobre um só conjunto, visto separadamente, em pequenas partes, e depois num desfile só; lucrarão as próprias sociedades, que farão as suas despesas sobre uma só thesouraria- a da sociedade que as congrega; lucrarão o esplendor do nosso carnaval, porque desse modo elle contará com um sumptuoso préstito, talvez até por quantia inferior á geralmente gasta; tudo lucrará com o systema.<sup>92</sup>

A proposta de 1935 de viabilizar um único desfile para as cinco Grandes Sociedades carnavalescas não foi levada a cabo, no entanto, em 1934, estas haviam se aglutinado em torno da Federação dos Grandes Clubs Carnavalescos, tendo por fins:

---

<sup>90</sup> NO LIMIAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 26/01/1934, p. 07

<sup>91</sup> Ibid. *ibid.*; 20/02/1934, p. 10

<sup>92</sup> A ANIMAÇÃO QUE VAE GANHANDO O CARNAVAL, *Correio da Manhã*, 12/01/1935, p. 07

- a) Organizar anualmente o seu programa de festejos carnavalescos, na cidade do Rio de Janeiro, como e consoante acordarem suas federadas entendendo-se directamente com as autoridades federais e municipais ou entidades outras de que possam ser obtidas auxílios, favores ou cooperação, [...] para o brilhante e *esplendoroso* (grifo original) carnaval carioca, [...] considerado feito típico da cidade;
- b) promover festas, celebrações ou solenidades, de carácter regional desde que tenham por objectivo despertar o respeito do povo pelas tradições, homens ou cousas da cidade, que se relacionem com acontecimentos de carácter cívico nacional ou sinceras de qualquer acordo para auxiliar ou incentivar o turismo, convidando como fatos político e econômico da mais alta relevância;
- c) Focar sob a arrecadação, comunicação e centro criação todos os aspectos de carácter carnavalesco que receberam concebam realizar no Rio de Janeiro de sua iniciativa ou da iniciativa de suas federadas, zelando pelo esplendor dos festejos e procurando evitar que eles percam o carácter nacional que devem manter, como festas genuinamente brasileiras e tipicamente regionaes.<sup>93</sup>

As outras disposições dos estatutos retirados do Diário Oficial tratam da proposta de franca e cordial relação que as entidades representadas deveriam ter entre si e das ações que deveriam ser tomadas em caso de falência ou dissolução da mesma (algo recorrente nos estatutos encontrados). Por fim, a Diretoria eleita é composta pelo presidente Alfredo Santos Sobrinho, o secretário Adamastor Soares de Magalhães e o tesoureiro J. Baneiros. Cabe destacar que, entre os estatutos pesquisados, esses são os únicos que objetivam resguardar as tradições, evitando que os festejos carnavalescos “percam o carácter nacional”, evidenciando que as Grandes Sociedades estavam totalmente atreladas ao discurso nacionalizante da festa.

Quanto à Federação das Pequenas Sociedades Carnavalescas<sup>94</sup> (blocos e ranchos), esta se reuniu com a Prefeitura pedindo auxílio para a confecção dos préstitos, sob a ameaça (oficiosa segundo o jornal) de greve. Nesse ínterim, Alfredo Pessoa fez um discurso laudatório em relação aos componentes da Federação, dizendo que seu coração pertencia aos ranchos e blocos, segundo ele a “verdadeira alma do carnaval carioca”. A ameaça de greve teve fim com a decisão do prefeito Pedro Ernesto (Alfredo Pessoa fez questão de lembrar que ele foi o idealizador de tal auxílio) de conceder um auxílio de 3:000\$000 para cada rancho ou bloco que compunha a Federação para a preparação dos desfiles.<sup>95</sup>

---

<sup>93</sup> Ofício de Registro de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, 3º. Arquivo Nacional: Código do Fundo: 68, Livro K-1, Seção de Guarda: SDJ, de 20 de julho de 1934, registro nº 306.

<sup>94</sup> Ofício de Registro de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, 3º. Arquivo Nacional: Código do Fundo: 68. Livro K-1, Seção de Guarda: SDJ, de 21 de maio de 1935, registro nº 376. Os estatutos encontrados no ano de 1935, obedecem à mesma estrutura das Grandes Sociedades, diferenciando-se somente no quesito “mantenedor” das tradições culturais brasileiras. Estes foram assinados pelo seu presidente, José da Rocha Soutello, que merecerá atenção à parte nas próximas páginas.

<sup>95</sup> NO LIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 17/01/1934, p. 05

A negociação para a organização dos festejos se faz, por meio dos exemplos citados acima, em duas linhas: a primeira referente às Grandes Sociedades Carnavalescas e o desejo de união das mesmas por parte do presidente do C. C. C; a segunda à união entre a Prefeitura e a Federação das Pequenas Sociedades Carnavalescas, que solicita auxílio financeiro para a estruturação dos seus desfiles e é prontamente atendida pelo representante do interventor Pedro Ernesto. Cabe ressaltar, neste contexto de negociações, a jogada política populista de Alfredo Pessoa ao dizer que o seu “coração pertence às pequenas sociedades”, ao passo que as mesmas, sob ameaça de greve, pretendiam não sair às ruas por não terem os privilégios financeiros das Grandes Sociedades.

O mesmo se dá em 1935 a partir da publicação do decreto que institui a subvenção financeira para as Escolas de Samba, no qual é relatado que o dinheiro será enviado para a Federação das Escolas de Samba, que por sua vez repassará o auxílio para suas federadas e todas que o receberem estarão sujeitas à fiscalização.<sup>96</sup>

A condição de assessor/intermediário para a organização das festividades carnavalescas que ocupa o Centro dos Cronistas Carnavalescos é reconhecida pela administração pública ao concedê-lo o título de utilidade pública em documento assinado por Pedro Ernesto, que congratula o referido órgão por promover diversos festejos (pré) carnavalescos por toda cidade e, desta forma, atender às necessidades de todas as camadas sociais.<sup>97</sup> No mês seguinte, a Prefeitura, por meio de um decreto,<sup>98</sup> tornou o Centro uma instituição benemérita, representando os jornais de maior circulação da cidade, o *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio*, *O Jornal* e o *Jornal do Brasil*.

A partir da contextualização feita, é palpável o alinhamento, representado pelo C. C. C., entre poder público e imprensa em torno dos festejos pré-carnavalescos. Portanto, rastrear a influência dessa coalizão, pensando nas mudanças ocorridas a partir da intervenção destes segmentos na organização das manifestações populares é tarefa útil e obrigatória, assim como pensar a força representada por este órgão – que conglomerava jornais de grande circulação no Rio de Janeiro – e seus projetos político-culturais.

Entender as mutações que o carnaval carioca sofreu no decorrer do recorte historiográfico proposto significa conceder à festa (e a seus agentes) uma dimensão que

---

<sup>96</sup> Id. *ibid.*; 01/02/1935, p. 11. Em parágrafo único, nem o decreto nem o jornal especificam sobre a quantidade destinada à Federação.

<sup>97</sup> Id. *ibid.*; 20/01/1935, p. 10

<sup>98</sup> Decreto nº 5.353 de 21 de janeiro. Id. 16/02/1935, p. 12

resvala na busca, por meio de negociações com o poder público, por canais de expressão e sociabilidade.

### 1.3 Os festejos pré - carnavalescos

#### 1.3.1. As normas para os desfiles

O leque de eventos dos carnavais do período compreende bailes e tardes dançantes realizados nos clubes recreativos, desfiles das grandes sociedades, batalhas de confete, banhos de mar à fantasia – estes organizados pelo C. C. C. –, ranchos, blocos, cordões e escolas de samba.

Em reunião, a Comissão de Turismo decidiu que o Rei Momo deveria ser buscado pelas cinco Sociedades Carnavalescas, na sede dos Democráticos, levado até a Praça Mauá e hospedado no Palácio de Festas, abrindo oficialmente o carnaval de 1934. Ficou decidido também a realização de bailes na Praça da Bandeira e na Praça Paris, onde foram montados tabladados de grandes proporções.<sup>99</sup>

Dentre as comemorações pré-carnavalescas, o banho de mar à fantasia é destacado como “brilhante”, cuja multidão - calculada em torno de 60 mil pessoas - “já [está] saudosa [da] festa aquática”.<sup>100</sup>

A fluidez com que se colocam as práticas momescas, no ano de 1934, e sua imbricação nas classes e grupos, ganha sustentação no trecho abaixo

Hoje, o samba não se reduz aos morros. Desceu para a cidade, entrou para os salões e faz a delícia do público de sensibilidade e bom gosto. É uma melodia que as elites ouvem com embevecimento. Se fizéssemos uma consulta com a opinião pública, veríamos que a fascinação do samba se exerce, com o mesmo domínio sobre todas as imaginações. Eis porque não será difícil prever o êxito do espetáculo sonoro que, a partir de segunda-feira, o “Broadway” oferecerá à cidade. É a apresentação das músicas carnavalescas de 1934 pelos mais legítimos “azes” do samba. Basta dizer que participarão do espetáculo nomes da projeção de Francisco Alves, Almirante, Luiz Barbosa, Madelu de Assis e Ary Barroso [...].<sup>101</sup>

---

<sup>99</sup> NO LIMÍAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 07/01/1934, p. 07

<sup>100</sup> Id. *ibid.*; 16/01/1934, p. 12

<sup>101</sup> Id. *ibid.*; 20/01/1934, p. 10



Sob o título “Uma semana de marcha e samba”, a nota evidencia a aceitação do samba em diversos locais, no caso, o clube Broadway cujo “público de sensibilidade e bom gosto” já ouviu a melodia “com embevecimento” representa a quebra de um estigma do “samba malandro”, em razão de um fascínio geral, que se esparrama “sobre todas as imaginações”.<sup>102</sup>

Para Cláudia Matos, essa suposta “descida do samba dos morros”, faz parte do processo de oficialização do carnaval, que teve como um dos pontos a difusão da música popular pelo rádio, cuja expansão contribuiu para o consumo cultural do samba pelas classes mais abastadas, o “malandro surgia no disco já pronto a se regenerar, dividido entre a postura malandra e a postura apaixonada, a tendência lírica e sentimental do samba que se desenvolveria enormemente nas décadas seguintes.”<sup>103</sup>

A autora trabalha com o argumento de que Getúlio Vargas sempre foi condizente com o samba, pois, quando era deputado, fez aprovar um decreto que determinava o pagamento de direitos autorais pelas empresas aos músicos. Em 1934, o então presidente, aumentou o pagamento de 90.000 para 500.000 réis aos autores das músicas que as rádios transmitiam, colaborando com a solicitação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Defendido por Vargas e impulsionado pela difusão radiofônica, o samba não só “deixa o morro” como passa a ser parte do mercado consumidor que se instalou no Brasil.<sup>104</sup>

O Rio de Janeiro se modernizou, mas a Av. Rio Branco, signo do seu progresso, era alvo das preocupações festivas da municipalidade e da imprensa, pois era onde as principais batalhas de confete e serpentinas, antes e durante o carnaval, seriam travadas. Servindo como signo de um carnaval bem sucedido, a avenida, que recebia milhares de pessoas – estrangeiros inclusive –, foi alvo recorrente de Pilar Drumond, principal articulista carnavalesco do *Correio da Manhã*, colocando questões no sentido de melhor estruturar o desfile ali realizado.

O articulista já criticara as insinuações quanto à retirada do curso da Av. Rio Branco em decorrência do congestionamento, embasando seus argumentos em duas frentes: a aglomeração popular, que se dava justamente para verificar o curso e, conseqüentemente, dificultava a locomoção dos carros; e, em segundo plano, o questionamento acerca do rumo do desfile de automóveis, devido ao ponto estratégico que a avenida possuía no rol de festividades. Segundo o autor da coluna, cabe ao Departamento de Turismo entrar em contato

---

<sup>102</sup> NO LIMÍAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 20/01/1934, p. 10

<sup>103</sup> MATOS, Cláudia. Op. cit., p. 44

<sup>104</sup> Id. *ibid.*; p. 87-8

com a Inspetoria de Tráfego para chegar a uma solução no sentido de “desafogar” o trânsito, pois muitos transeuntes circulavam entre os carros.<sup>105</sup>

Se a Av. Rio Branco era alvo de controvérsias quanto ao tráfego, o mesmo não ocorria com a rua D. Zulmira.<sup>106</sup> A cobertura fotográfica de *O Cruzeiro* quanto aos festejos pré-carnavalescos traz “dois flagrantes” de “uma ruas das mais animadas do Rio de Janeiro, conforme consta na legenda da foto abaixo:

AO LADO E EM BAIXO -- DOIS FLAGRANTES FEITOS NA FAMOSA E TRADICIONAL  
"BATALHA" DA RUA D. ZULMIRA, UMA DAS MAIS ANIMADAS DO RIO DE JANEIRO,  
ONDE O VERDADEIRO CARNAVAL POPULAR TEM O SEU GRANDE DIA, ANTES DO  
TRÍDUO OFICIAL DE MOMO, NA AVENIDA RIO BRANCO



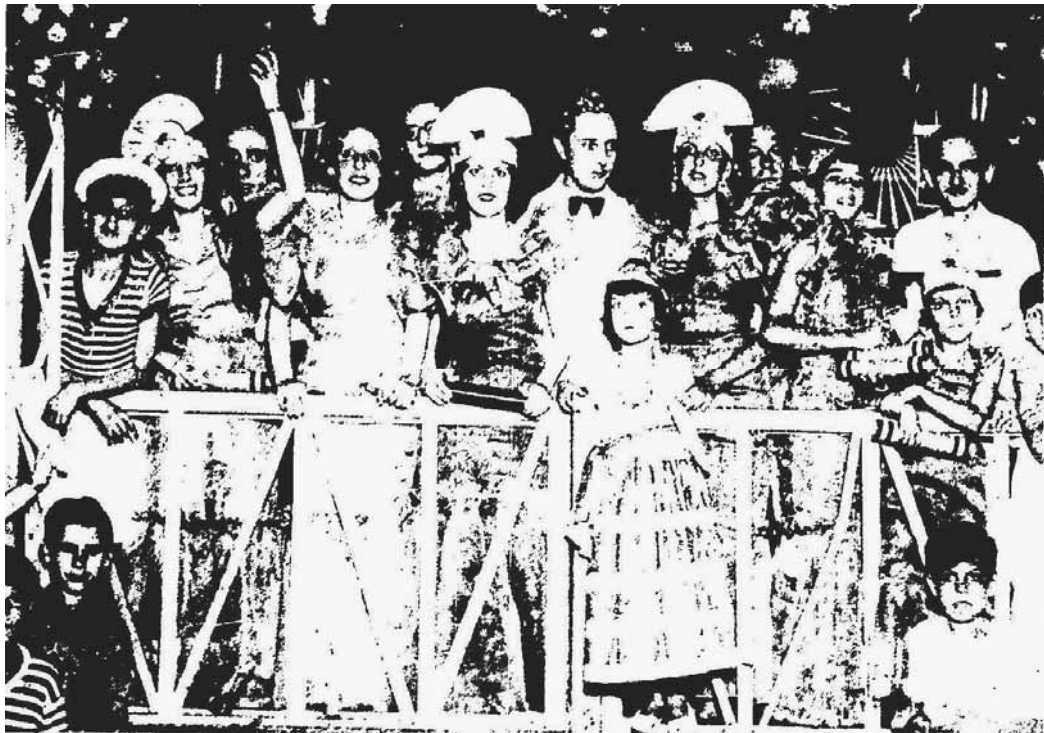
**Imagem 01.** S/TÍTULO Legenda: “Ao lado e em baixo – Dois flagrantes da famosa e tradicional “batalha” da Rua D. Zulmira, uma das mais animadas do Rio de Janeiro, onde o verdadeiro carnaval popular tem o seu grande dia, antes do tríduo oficial de Momo, na Avenida Rio Branco. CARNAVAL POPULAR, CARNAVAL DE RUA. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 10/02/1934, p. 18

<sup>105</sup> NO LIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 17/01/1934, p. 05

<sup>106</sup> A rua D. Zulmira ficou conhecida como a “Rainha das Batalhas”, com “iluminação feérica”, fachadas decoradas entre outros elementos que denotavam o envolvimento popular na organização, “a competição entre as ruas do centro transferia-se em escala maior para logradouros mais distantes, entre eles aqueles que cultivavam o ritmo que ganhava crescente importância com o advento do rádio: o samba. Exemplo disto é o bairro de Vila Isabel e a já citada Rua D. Zulmira, que em 1930 [atraía] “mais de 1.000 automóveis e 200 mil pessoas.”. GUIMARÃES, Helenise Monteiro. Op. cit., p. 84

Considerada como “verdadeiramente popular”, a foto ilustra um “semi-animado” grupo dos arlequins, uma influência do carnaval mais elegante brincado nos bailes dos clubes fechados. Indicado pela manchete como “flagrante”, ou seja, momento em que supostamente os participantes não teriam ciência de serem fotografados, no entanto, a imagem é pré-elaborada de modo que os seus integrantes são dispostos em pose, o que retira a espontaneidade propagandeada.

No segundo “flagrante”, posa para a foto um grupo com fantasias diversas, no qual um garoto (canto esquerdo) chama a atenção devido à roupa de marinheiro, um tipo de fantasia proibida em alguns bailes fechados devido ao seu caráter muito popular. Na foto, em uma das mais prestigiadas batalhas de confete, observa-se que tal obrigatoriedade não foi atendida.



**Imagem 02.** MOMO NA RUA. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 17/02/1934, p. 04.

O mesmo ocorre em outro “flagrante”, desta vez em reduto fechado, no baile realizado nos “Filhos de Talma”, em que dois animados marinheiros (centro-esquerda) estão em um organizado grupo de senhoras e crianças dispostas para a lente do fotógrafo. Cabe ressaltar que o referido baile não cobrava entrada, o que possibilitava, a princípio, a presença de qualquer folião.



**Imagem 03.** MOMO NA RUA. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 17/02/1934, p. 04.

As medidas tomadas para a realização de bailes e desfiles – que também compõem o cenário festivo, em 1935 – incluem um Comunicado da Diretoria Geral de Comunicações e Estatística da Polícia Civil aos grupos, blocos, ranchos e demais sociedades carnavalescas de que deveria haver um pedido de licença com antecedência mínima de oito dias para a execução de bailes e desfiles nas ruas. Para que fosse avaliado, o pedido deveria estar acompanhado da quantia de dois mil e duzentos réis com firma do requerente reconhecida, “é ainda necessário que o interessado junte ao requerimento de licença a informação do Dr. Delegado do districto, sob cuja jurisdição se encontre declarando não haver impedimento a realização do que requer e ser o requerente pessoa de comprovada idoneidade.” Para os agrupamentos que farão desfiles em ruas (ranchos, blocos, cordões e outros agrupamentos carnavalescos), “[...] torna-se imprescindível que os requerentes submettam á Seção de Censura Theatral e Diversões Públicas, da Polícia affim de serem censurados os vehiculos, estandartes, etc... ou os croquis destes, pagando os respectivos emolumentos.”<sup>107</sup> O mesmo ocorre com a execução de músicas nos bailes, estas deveriam passar pelo crivo do mesmo órgão. As taxas estabelecidas são as seguintes:

- censura de préstitos de clubes carnavalescos: 100\$000
- censura de préstitos de blocos, cordões, ranchos e outros agrupamentos: 50\$000
- aprovação de programas em geral dentro da semana: 5\$000<sup>108</sup>

<sup>107</sup> NO LIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 23/01/1935, p. 11

<sup>108</sup> Id. *ibid*; p. 11

Tais permitem concluir que a diversão estaria garantida para aqueles que gostariam de brincar os dias de Momo, desde que pudessem pagar pela autorização oficial. Além disso, há o fato de o comunicado indicar ranchos, blocos e cordões especificamente para a submissão à censura teatral e não o curso ou as grandes sociedades, por exemplo. Por fim, outra condição estabelecia que o requerente deveria ser “pessoa de comprovada idoneidade”.

A leitura mais atenta deixa ver que a lei de inspeção teatral possuía algumas frestas, percebidas pelo fato de Romeu Arede, secretário-geral do Clube dos Democráticos, ter escrito uma nota esclarecendo um “mal entendido” entre o clube em questão e a fiscalização da municipalidade. Sem maiores detalhes, o que é insinuado nas desculpas do também cronista carnavalesco é a justificativa de sigilo para o impedimento da entrada dos fiscais municipais no barracão dos democráticos. Arede ponderou também que, em reunião com Alfredo Pessoa, este argumentou e justificou que a medida, além de se estender a todos aqueles que recebem dinheiro da municipalidade, não pretende levar detalhes do enredo para outros agrupamentos.<sup>109</sup> O Clube dos Democráticos é figura recorrente nas páginas do *Correio da Manhã*, em parte pelo fato do responsável pela coluna ser filiado ao clube, em parte pela sua história antiga nas pugnas carnavalescas.<sup>110</sup>

Entre os pontos da portaria de polícia assinada por Filinto Muller está a proibição de “[...] grupos constituídos por indivíduos maltrapilhos, à guiza de ‘blocos’ empunhando latas velhas, fragmentos de madeira e outros objectos agressivos.”<sup>111</sup> Além desta, para assegurar a “boa ordem”, ficou proibida a venda de bebidas alcoólicas, exceto chopp, cerveja e champagne, bem como vinhos à hora do almoço nos hotéis; também o uso de cânticos, isoladamente ou em grupo, que atentavam à moral; agressões às famílias, principalmente no curso; e fantasias que ultrajassem ou desacatassem qualquer crença religiosa; a bandeira nacional, ou qualquer outra estrangeira, não deveria ser usada como fantasia; nada que fosse patriótico poderia ser usado como sátira, bem como a alusão a qualquer organização militar ou religiosa; isso sem mencionar que nenhum folião poderia carregar qualquer tipo de arma

---

<sup>109</sup> Id. *ibid*; 26/01/1935, p. 10

<sup>110</sup> Fundado em meados do século XIX (a data precisa não consta nos estatutos) o clube, além de realizar bailes em sua sede nas datas comemorativas do mesmo e do calendário festivo da cidade, se propõe em “manter uma bibliotheca com o qual se contribua para o progresso intellectual dos associados. Manter na sede jogos familiares, e bem assim os permittidos pelas autoridades competentes. O club manterá as seguintes escolas: arte scenographica, esgrima, gymnastica, sueca, instrucção primária, natação, etc.” O clube se importa, portanto, com outras questões além das referentes ao universo festivo. Em consonância com esta, há uma diretoria especialmente montada para o atendimento dessa proposta de sociabilidade que ultrapassa os limites festivos. Ofício de Registro de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, 3º. Arquivo Nacional: Código do Fundo: 68, Livro K-1, Seção de Guarda: SDJ, de 22 de junho de 1929, registro nº 15.

<sup>111</sup> NO LIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 01/03/1935, p. 10

que afetasse o bom andamento e a paz da festa; o reco-reco, grandes leques de papelão, escovas de pão e espirro de bode – próprios do folião que brincava nas batalhas de confete – também foram proibidos.

A aspiração de éter e de lança-perfume não ficou proibida de forma alguma e cabe ressaltar que entre os motes das propagandas pré-carnavalescas, principalmente as das batalhas de confete, um dos signos da festa é a batalha de lança-perfumes.<sup>112</sup>

Observa-se que a Prefeitura e a imprensa priorizavam uma estrutura séria aliada à ordem pública. Nesse sentido, João da Gente parabeniza as batalhas organizadas nos clubes esportivos, recreativos ou carnavalescos, e conclui que o brilhantismo alcançado só foi possível devido à ausência daqueles que bagunçam as batalhas nas ruas contra as famílias que ali brincam.

Os festejos pré-carnavalescos de 1935 são múltiplos: o *Clube dos Democráticos* promoveu bailes em comemoração ao seu aniversário de fundação; nos mesmos dias o “Poleiro” encabeça baile dançante organizado pelo bloco líder “*Você-vae*” no clube dos Fenianos; nas ruas, o *Cordão da Bola Preta* promove simultaneamente um jantar dançante, seguido de banho de mar à fantasia, na praia de Ramos, no mesmo dia em que o C.C.C. realiza o seu; fechando com o baile/passeata do Cordão das Laranjas, situado na Av. Rio Branco, onde “vinte possantes alto-falantes que irradiarão os irrequietos maxixes, os sambas e os ‘batusques de terreiro’ trazido das ‘culminâncias’ dos morros para esta festa sem precedentes na história do carnaval carioca, cheia de ineditismo, de ruído e de bom humor!...”<sup>113</sup>

Mesmo em face dessa diversificação, o cronista considera “mornos”os ânimos para esse carnaval, pois, segundo ele, tirando os eventos organizados pelo Centro,

O que se tem visto no assunto é simplesmente desolador parecendo que já fugiu do espírito do povo aquele ardente entusiasmo que fazia com que o local de uma batalha fosse equiparado a um trecho do inferno pelas expansões de alegria incontida manifestada e pelo renhidos embates das armas próprias para a peleja.<sup>114</sup>

No geral, Pilar Drumond considera que as organizações, blocos, cordões, ranchos e escolas de samba guardavam todas as suas energias para os dias de carnaval e desloca sua

---

<sup>112</sup> NO LIMÍAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 01/03/1935, p. 10

<sup>113</sup> Id. *ibid.*; 16/01/1935, p. 06

<sup>114</sup> Id. *ibid.*; 09/02/1935, p. 08

atenção para os festejos pré-carnavalescos internos dos clubes em que o movimento é intenso. Porém é ao ar livre que se observa o mesmo desalento.<sup>115</sup>

Para o carnaval de 1935 que se aproximava, a Federação das Pequenas Sociedades Carnavalescas dispõe a relação de ranchos e blocos que desfilarão,<sup>116</sup> a organização de um dia dos blocos, da mesma maneira como é feito o dia dos ranchos, é bem recebida pela coluna que destaca ainda a escolha da comissão julgadora, sob responsabilidade do *Jornal do Brasil*, seguindo o estatuto da Federação, do qual previa a participação de jurados sem influência/relação alguma nas agremiações julgadas. Assim, a comissão foi composta por escultores, pintores, literatos, músicos, cenógrafos e bordadores. Entretanto, o que se inicia como uma boa ideia no sentido de conglomerar a união das diversas manifestações populares festivas de forma idônea e tranquila, termina de maneira conturbada.

O capitão Rocha Soutello, presidente da Federação das Pequenas Sociedades, e Antonio Velloso pleitearam uma mudança de votos para o “De Língua Não Se Vence” e “Respeita as Caras”, com a justificativa de que a Federação deixaria de existir com aquele resultado, pois, antes da mudança, o “Caçadores da Floresta” era o vencedor, o “Caçadores de Veado” ocupava o vice-campeonato e o “Respeita as Caras”, o terceiro lugar<sup>117</sup> e isso levaria a Federação a desaparecer, pois os então vencedores estariam na frente de blocos cujos participantes eram exclusivamente da família dos associados. Mudança feita, a comissão assinou indignada a ata para não se indispor com o presidente. Tal fato evidencia que os interesses dos segmentos populares, reivindicadores de um espaço de expressão há anos, mesmo conquistando um dia para desfilar na Av. Rio Branco ainda estavam condicionados às vontades e desejos dos segmentos que detinham o poder.

Em 1936, o mesmo Capitão Rocha Soutello convocou os vereadores “de boa fé” para que visitassem as reuniões da Federação, a fim de que conhecessem o trabalho realizado. De olho numa jogada política, os vereadores enviaram uma emenda para a Câmara pedindo que 150:000\$000 fossem entregues “para o presidente da Federação”. A manobra política não funcionou, pois o prefeito Pedro Ernesto intercedeu e ordenou que o montante fosse de

---

<sup>115</sup> NO LIMIAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 09/02/1935, p. 10

<sup>116</sup> As agremiações citadas são as seguintes: Ranchos: “Recreio das Flores”, “Parasitas de Ramos”, “Destemidos da Caverna”, “Caprichosos Unidos do Brasil”, “Teimosos de Santa Cruz”, “Caprichosos de Braz de Pina”, “Rouxinol de Bangú”, “Quem Fala de Nós Tem Paixão”, “Alliança Club”, “Club dos Arrepiados”, “Quem São Elles?”, “Unidos de Bomsucesso”, “Ultima Hora”. NO LIMIAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 21/02/1935, p. 10 Blocos: “Caçadores de Veado”, “Caçadores da Floresta”, “Respeita as Caras”, “Bahianinhas de Sampaio”, “Sou do Amor”, “Não Posso me Amofinar”, “Alliança de Quintino”, “De Língua não se Vence”, “Renascença”, “Caprichosos da Tijuca”, “Alegria de Santo Christo”, “Mixto Vassourinhas<sup>116</sup> NO LIMIAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 22/02/1935, p. 10

<sup>117</sup> EM PLENO REINADO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 02/03/1935, p. 08

60:000\$000, que seriam distribuídos por Alfredo Pessoa, subdiretor de Turismo, em visita futura aos barracões.

O cronista carnavalesco Pilar Drumond refuta a “política facciosa” em reunião do C. C. C. ao dizer que:

[...] como se vê, os ranchos e os blocos foram logrados pela acção inepta do presidente alludido, que quis mostrar prestígio político à custa deles e acabou sacrificando-os monetariamente, tanto assim que em vez dos três contos que receberam no anno passado vão ter este anno pouco mais de dois...<sup>118</sup>

A diminuição do valor recebido pelas Pequenas Sociedades teve desdobramentos com a saída do *Alliança Club* da Federação. Em entrevista à coluna, Mario Gomes, representante do clube aponta vários fatores, dentre eles o financeiro:

Este anno, a quota para os ranchos que quisessem fazer carnaval externo orçou 1:500\$000, pelo auxilio dado pelo conselho de Turismo. Recebendo esse auxilio, as sociedades encontraram dificuldades no commercio que sempre receberam delles grandes sommas.

Decresça, portanto, o numerário do “livro de ouro”. O “Alliança” sempre esteve quittes com a Federação, pagando pontualmente com a sua anuidade que é de 240\$000. Não tendo recebido nenhum benefício com a filiação resolvemos, com isso abandonar a Federação, concluiu Mário Gomes.<sup>119</sup>

A coluna, aproveitando a debandada do *Alliança Club*, prenuncia um cenário trágico, “[...] sabemos que outras sociedades seguirão o exemplo do Alliança Club, principalmente os blocos, que possivelmente voltarão a constituir novamente a Associação dos Blocos.”<sup>120</sup>

Como o desfile de blocos, ranchos, cordões é parte essencial do carnaval carioca, constante inclusive no programa oficial de turismo, a renúncia deste e de outros congêneres causaria numa baixa considerável. Assim, a situação dos blocos se agrava, como denota o trecho seguinte:

Pensam os blocos em fundar ou fazer reviver a antiga Associação dos Blocos em virtude de haver fracasso inteiramente a instituição que o dr. Alfredo Pessoa, levado pela melhor das intenções, afim de que estas associações, bem como os ranchos tivessem o que se chama “unida e orientação”, na defesa dos interesses colectivos. [ No entanto, Alfredo Pessoa] viu seus esforços em benefício dessas agremiações inteiramente deturpados pelo

<sup>118</sup> NO LIMIAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 11/01/1936, p. 10

<sup>119</sup> Id. *ibid.*; p. 11

<sup>120</sup> Id. *ibid.*;



presidente da Federação das Pequenas Sociedades que introduziu em seu meio a politiquice facciosa [...]”<sup>121</sup>

Segundo o jornal, por consequência da arbitrariedade do presidente da Federação, o responsável pelo programa de Turismo abandonou “os blocos e ranchos”. Assim, blocos, ranchos e cordões passariam a receber menos da metade do que receberam no carnaval anterior, causando a saída de algumas agremiações. A segunda decorrência refere-se à comissão que visitava os barracões para verificar a confecção dos préstitos das “rivais”, que antes era formada por diretores do Departamento de Turismo e agora por membros da própria Federação. Por último, a própria Federação propõe que cada sociedade saísse com um nome diferente às ruas, para que recebessem mais dinheiro. A coluna se coloca a favor da fundação de outra instituição que conglomerasse os interesses específicos de cada grupo, como fazia, “tão feliz em seu isolamento”<sup>122</sup>a Associação dos Blocos Carnavalescos e a União das Escolas de Samba.

A contenda em relação aos blocos tem fim com o anúncio de seu desfile externo, antecipado em quase uma semana em relação ao tríduo momesco. A coluna se coloca “a favor dos ranchos e dos blocos, essas interessantíssimas organizações carnavalescas que tanto fulgor emprestam à nossa festa maior.” O Dr. Alfredo Pessoa, “justamente resentido com as ingratidões de que foi vítima, desinteressou-se inteiramente da sorte dos clubs, quer grandes quer pequenos...”. Assim, os blocos não desfilaram na Av. Rio Branco este ano por conta das práticas políticas do presidente da Federação que os representa, Rocha Soutello, e vão para “[...] o ex-largo do Piolho, ex-rua dos Latoeiros e ex-travessa do Sabão, por onde não passava, no tempo do Brasil-Colonial, nem o “Zé-Pereira”, que agora resurrecto, também ali não irá...”<sup>123</sup>

O jornal divulga os blocos inscritos<sup>124</sup> e destaca o júri composto por desenhistas, pintores, cenógrafos, bordador, escritor, jornalista, músico e teatrólogo. Voltado à apreensão da arte e o compromisso com o enredo, os jurados escolhidos assinalam a seriedade na realização do concurso, mesmo com um número reduzido de blocos. Critérios como, cenografia, harmonia, indumentária, estandarte, escultura, conjunto, enredo, originalidade e

---

<sup>121</sup> NO LIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 13/02/1936, p. 10

<sup>122</sup> Id. *ibid.*;

<sup>123</sup> Id. *ibid.*;

<sup>124</sup> As agremiações citadas são: “Turunas de Monte Alegre”, “Alegria de Santo Christo”, “Caprichosos da Tijuca”, “Renascença”, “Alliança de Quintino”, “Respeita as Caras”, “Bahianinhas de Sampaio”, “De Língua não se Vence”, “Não Posso me Amofinar” e “Commigo Vae Bem”.

arte foram julgados por seus respectivos especialistas pelo sistema de pontos lacrados em envelope.

Portanto, o batalhado espaço de consagração das práticas populares, os cordões em específico, esteve ao bel prazer dos jogos políticos e dos orgulhos feridos dos responsáveis pela organização do calendário festivo. A solução, já que o “dr. Alfredo Pessoa” não acertou o desfile na Av. Rio Branco, foi encontrada, ao que parece, às pressas e os cordões foram lançados no antigo passeio carnavalesco.<sup>125</sup>

Quanto aos festejos pré-carnavalescos de 1936, a coluna anuncia o já tradicional banho de mar à fantasia e, segundo a nota, cerca de 60 mil pessoas se dirigirão à praia que há três anos era abandonada pela população e pelo poder público, “[...] os poderes públicos olharam a zona com outros olhos, introduzindo-lhe melhoramentos”. O festejo atrai também pessoas da elite e “um número incontável de automóveis de luxo, provindos de todos os arredores da cidade.”<sup>126</sup>

A coluna dispõe os diversos festejos preparativos do carnaval deste ano, dentre eles, o baile do Clube dos Democráticos que acontecia todos os sábados anteriores ao início oficial da folia; os bailes nas agremiações congêneres também ocupam o espaço pré-carnavalesco. Fenianos, Pierrots da Caverna, Congressos dos Fenianos e Tenentes do Diabo, também promoviam bailes todos os dias de semana antecedentes.<sup>127</sup> Eventos parecidos com os dos anos anteriores dão segmento aos “aperitivos”, como o tradicional banho de mar à fantasia; este ano, além da praia de Ramos, terá lugar no Flamengo com a assistência do C. C. C.

A coluna é bastante pródiga com o recém fundado “Cordão das Escovas”, pois discorre sobre seus bailes em diversos momentos e aos já tradicionais bailes em clubes - Tijuca Tênis Clube, Botafogo F. Clube, Lords da Tijuca, Elite Clube, Mauá F.C., Aliança Clube, Grêmio João Caetano, *Cordão da Bola Preta*, S. C. Mackenzie, que promove o “Baile das Chitas”, Villa Isabel F. C., Grêmio João Caetano, Endiabrados de Ramos, Penha Club, Banda Portugal, Bloco Respeita as Caras, Centro Gallego Flamengo F. C., dentre outros.<sup>128</sup>

O C. C. C. disponibiliza o programa completo de festejos para o carnaval de 1936, como recorte seguinte:

---

<sup>125</sup> Retirados da Av. Rio Branco por questões políticas, o desfile dos blocos foi transferido para as ruas apontadas na transcrição acima que, segundo a reportagem, são totalmente alheias ao circuito carnavalesco carioca, o que desvalorizou o préstito.

<sup>126</sup> NO LIMIAM DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 04/01/1936, p. 10

<sup>127</sup> Id. *ibid*; 11/01/1936, p. 10

<sup>128</sup> NO LIMIAM DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 11/01/1936, p. 10, 05/01/1936 p. 09

[em] 25/01: batalha de confete na Av. Rio Branco; 26/01: primeiro banho de mar à fantasia na praia do Flamengo; 07/02: grande festa na Quinta da Boa Vista com entrada gratuita, curso de automóveis, desfile das Pequenas e Grandes Sociedades e Escolas de Samba; 08/02: banho noturno à fantasia na Av. Atlântica; 09/02: segundo banho de mar à fantasia na praia de Ramos, concurso de blocos, festas na rua Ferrer e no Bangu Club; 16/02: segundo banho de mar à fantasia na praia do Flamengo; 17/02: baile a fantasia no Teatro João Caetano; dias 22, 23, 24, 25; bailes no teatro João Caetano sob realizados pelo C. C. C. há quatro anos.<sup>129</sup>

A novidade na cobertura do jornal está no enfoque da atenção inédita dada às Escolas de Samba, cujos ensaios e a relação do corpo diretor estão entre os assuntos mencionados. Exemplo disso é a nota sobre a “Estação Primeira” – atual Mangueira – que menciona o objetivo da diretoria da escola de trazer um conjunto de novecentas pessoas à avenida. Outras Escolas de Samba também têm seus ensaios relacionados: “União de Madureira”, “Paz e Amor”, “Mocidade Louca de São Christovão”, “Coelho Netto”, “Na Lyra do Amor”, “Azul e Branco”, “Unidos da Tijuca”, “União de Madureira”, “Corações Unidos”, “Cada Anno Sai Melhor”, “Prazer da Serrinha”, “Depois eu Digo”, “Deixa Malhar”, “Unidos do Tuyuty”, “Vizinha Faladeira”, “Recreio de Ramos”, “Unidos de Mangueira”, “União do Uruguay” e “Fiquei Firme”. Dos dias dispostos para ensaio, a “Recreio de Ramos” usa somente um deles, enquanto o restante lança mão de dois a três dias por semana, geralmente às terças, quintas e domingos.<sup>130</sup>

Dias depois, a União das Escolas de Samba (UES) recebeu interesse inédito do jornal, que julgou suas “filiadas de incontestável valor” e representantes de “autores de nossa musica mais tipicamente nacional, que toda a cidade canta e logo sabe se é ou não do “morro”.<sup>131</sup>

O anúncio da “Parada de Melodias” – encontro das Escolas de Samba na sede da Estação Primeira, organizado pela UES, cujos diretores Servan de Carvalho, Carlos Oliveira, Anacleto Silva e Hilário Clemente eram os responsáveis – determinava uma leve mudança de postura do periódico quanto às escolas de samba, em virtude da inauguração da Escola Municipal, onde o Prefeito da cidade Pedro Ernesto esteve presente. Por meio desta nota, fica visível a união entre a imprensa, o poder público e as escolas de samba.

A crítica carnavalesca, os comentários e o desejo por um carnaval “de todos”, bem como outras reclamações envergadas comumente no *Correio da Manhã* pelo diretor do

---

<sup>129</sup> Id. *ibid.*; 12/01/1936, p. 13

<sup>130</sup> Id. *ibid.*; 04/01/1936, p. 10

<sup>131</sup> Id. *ibid.*; 08/01/1936, p. 08. Vemos aqui, mais uma vez a reafirmação do morro como lugar típico da música nacional. A questão já foi revolvida nas páginas anteriores via trabalhos de Cláudia Matos e Fabiana Lopes da Cunha.

Centro dos Cronistas Carnavalescos, Pilar Drumond (Fofinho), receberá outro interlocutor, que assina apenas como “C”. Ligeiramente mais sensível aos sentimentos e práticas humanas, este advoga que durante o carnaval, os “gritos, cantos e música [são ouvidos] num barulho ensurdecedor”, que aliados ao uso de “lança-perfumes, confetti e serpentinas – tríduo magnífico da confusão – cerveja champagne, chopp – bebidas dos deuses mônicos”, promovem “dias de incessante actividade do riso e da alegria, noites de orgias phantásticas”.<sup>132</sup>

São alvos do autor os personagens carnavalescos e suas intempéries, que espera que “a morte do Pierrot sonhador, do ladino Arlequim e da amorosa Columbina, [possibilite] a ressurreição da luta pela vida e a saudade profunda da visão encantadora e atraente de um período feliz e tão ephemero” e que a “[...] volta do pensamento para a árdua e cruciante tarefa da conquista do pão, do amor e do bem estar, únicos objectivos sinceros da actividade humana”, seja, enfim, retomada.

Nesta crônica, é encontrado o binômio morte/ressurreição,<sup>133</sup> proposto por Mikhail Bakhtin, ao passo em que o autor lança mão do trio que sofre e vive em uma disputa amorosa constante – Pierrot e Arlequim entre si pelo amor de Columbina, que possui dúvida, mas alimenta as esperanças de ambos –, para que, com sua morte uma “visão encantadora” do mundo volte e traga novamente um período feliz, porém passageiro.

Por sua vez, as “orgias phantásticas” e o amor representado pelos personagens carnavalescos estão em lados opostos aqui. O riso que descortina e traz à tona (junto com o uso do álcool e do lança-perfume) os desejos retraídos e frustrados de um ano inteiro é outro elemento de transgressão característico da folia abordada por Bakhtin em outros carnavais. “C” conclui a crônica carnavalesca ciente da efemeridade dessa alegria que se esvai na quarta-feira de Cinzas, que reinicia a “árdua e cruciante tarefa de conquista do pão”, mas também faz renascer o amor, postulado pelo autor como um dos “objectivos sinceros” dos homens.

É interessante perceber, nesse jogo dual de comportamentos, – impossíveis de serem levados ao cotidiano, mas realizáveis nesses dias onde tudo é permitido – que é necessário que hábitos “morram” para que a “visão encantadora” renasça, mesmo que transitoriamente.

Os pré-festejos, mais especificamente as batalhas de confete que seriam realizadas na Av. Rio Branco, são restringidos a dias<sup>134</sup> específicos sob a justificativa de que alguns

---

<sup>132</sup> NO LIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 10/01/1936, p. 08

<sup>133</sup> BAKHTIN, Mikhail. Op. cit. Os termos são abordados na página 15 deste estudo.

<sup>134</sup> “[...] só será permitida a realização de batalhas de confetti nos dias, 2, 4, 5, 7, 9, 11, 12, 14, 16, 18, 19, 21, 22, 25, 26, 28 e 30 de janeiro do anno corrente, e, 1, 2, 4, 6, 8, 9, 11, 13, 15, 16, 18 e 19 de fevereiro do

soldados precisavam de férias. No entanto, ao dispor sobre o assunto, o jornal traz a informação de que neste ano as batalhas de confete que “davam o aperitivo da festa” não tiveram lugar pelo fato da Polícia ter “[...] prend[ido] todas as licenças até o dia 1 de fevereiro”. Assim,

“[...] esses prelos perderam todo o encanto, o curso, com raríssimas exceções, diminuiu sensivelmente; eu fiquei com a impressão de que as pessoas, muito sérias, quase tristes, que se aventuraram a jogar uma serpentina faziam esse gesto como se estivessem atirando pedras em inimigos.”<sup>135</sup>

Em 1936, a proibição do uso das máscaras, pelo chefe de Polícia, Filinto Muller, ocupa grande parte do debate pré-carnavalesco e o primeiro apelo para que tal medida seja revogada ocorre no início de janeiro:

Vae o carnaval carioca, pela primeira vez, transcorrer sem o uso de máscaras, de acordo com as autoridades competentes. Entretanto, não acreditamos que os responsáveis pela ordem pública levem o seu rigor ao extremo de não permitir a collocação da meia máscara, desse minúsculo disfarce geralmente usado pelas damas nos bailes internos. E não cremos porque então seria acabar com o Carnaval a única festa genuinamente popular, em cujo transcurso se desculpam certas liberdades de movimentos que os preconceitos só admittem nela.<sup>136</sup>

Apesar de a coluna conferir o adjetivo de “popular” ao carnaval, este primeiro apelo só cita o uso das máscaras pelas damas nos bailes internos. O C. C. C. envia então um apelo para o chefe de polícia para que ao menos a “meia máscara” seja liberada dentro dos bailes. Dias depois, sem receber a resposta de Filinto Muller, a coluna se posiciona novamente quanto ao assunto, afirmando:

Essa proibição das autoridades foi baseada no mais legitimo direito de defesa da ordem publica. Poderia, realmente, qualquer individuo se prevalecer da faculdade do disfarce para indictas em todo caso condemnáveis, e dahi se estabeleceria que a Polícia tem por dever e deseja evitar.

Para os bailes de salão, porém já aquella justa medida pode sofrer excepção, visto que, tratando-se de recintos fechados, com a presença de autoridades especialmente escaladas para a devida fiscalização, qualquer tentativa se tornaria impraticável e, se verificada, de fácil repressão.<sup>137</sup>

---

mesmo anno, podendo ser permittida a critério das autoridades locaes, a realização, no mesmo dia, de três batalhas em cada jurisdição, terminando sempre á 0 hora do dia seguinte”. NO LIMÍAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 07/01/1936, p. 12

<sup>135</sup> Id. *ibid.*; 20/02/1936, p. 10

<sup>136</sup> Id. *ibid.*; 07/01/1936, p. 11

<sup>137</sup> NO LIMÍAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 12/01/1936, p. 13

O sentido total do carnaval é usado para demonstrar a falta que a máscara fará para os foliões. A quebra do cotidiano e a busca por uma válvula de escape acontecem:

Nos três dias de império absoluto de Momo, ricos e pobres se confundem em busca do mesmo objectivo – o esquecimento da luta pela vida. Vivem, todos, o diminuto lapso de tempo embatados pelo sonho delicioso de haverem alcançado a felicidade plena. Essa illusão só será completa, se o carnaval for cheio de liberdade e se a cada um for permitido adoptar o disfarce que bem lhe convier, desde que não venha ferir os bons costumes.<sup>138</sup>

Desta vez, a crônica carnavalesca lembra que “ricos e pobres” têm o mesmo objetivo e, portanto, deveriam ser legados a todos o direito de adotar “o disfarce que bem lhes convier”. Em crítica posterior, outros personagens característicos do universo carnavalesco são lembrados:

Os dominós espalham a alacridade; os palhaços, com a sua vivacidade, causam hillaridade; os pierrots delicias com suas dolentes bandurras; os arlequins, sempre mordazes, são chistosos e arrogantes; as colombinas enchem a alma dos foliões das mais illusorias promessas de amor. Este conjunto é que da vida e graça, tornando o Carnaval carioca, já celebre, o mais allegre do mundo. Sem essas tradicionaes figuras quem se sentira sob o domínio pleno de Momo? Que espetáculo desagradável offereceriam estas fantasias, sem o seu complemento obrigatório - a máscara. Seria a ausência da alegria, a falta do *grotesco*, do gaiato, enfim da anulação absoluta do espírito carnavalesco, do pedaço mais saboroso de um anno de luta pela vida.<sup>139</sup>

O cronista “C” requer mais uma vez a liberação das máscaras sob a justificativa de que os foliões, transfigurados nos personagens carnavalescos acima descritos, necessitam destas para abrir mão do cotidiano e “se integrar a sua própria personalidade”.

Outro ponto importante é o autor da coluna adotar o termo “grotesco”, usado por Mikhail Bakhtin<sup>140</sup> para se referir ao conjunto das festas descritas por François Rabelais na Idade Média – com o sentido de ultrapassar os limites da vida real e fixa, aumentando com medidas surreais, o corpo e os fatos narrados no intuito de quebrar a rigidez habitual imposta pela Igreja e pelo Estado.

A questão tem fim após uma audiência de Romeu Arêde (presidente do C. C. C.), com “o Capitão Filinto Muller [que] baixou hontem uma portaria, determinando, que seja consentido o uso da máscara a partir da próxima sexta-feira. Fica, assim, completada a

---

<sup>138</sup> Id. *ibid.*; 16/01/1936, p. 10

<sup>139</sup> Id. *ibid.*; 22/01/1936, p. 11. Grifos nossos

<sup>140</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Op. cit.*; p. 05

autorização que já havia sido dada para a permissão da meia máscara nos recintos fechados.”<sup>141</sup> Após mais de um mês do primeiro apelo do jornal, e nas vésperas do início do tríduo momesco, é que Filinto Muller arrefeceu totalmente da investida contra os “mascarados”.

A atuação cerceadora da polícia às práticas carnavalescas é histórica,<sup>142</sup> no entanto, aqui a imprensa, aglutinada no Centro dos Cronistas Carnavalescos, entrevistou de forma dura e pungente, e conseguiu - pelos seus próprios méritos ao que tudo indica – excluir a medida contra as máscaras no carnaval de 1936.

Em 1937, sem diretor no Departamento de Turismo, o carnaval oficial e seus (pré) festejos ainda não possuíam contornos nítidos, por isso o periódico cobra uma postura da Prefeitura, pois a escolha da Diretoria é de caráter urgente em virtude das medidas que se repetem naturalmente ano a ano e ainda não foram acionadas, como a inspeção nos barracões das pequenas sociedades para verificar se, de fato, estariam produzindo os préstitos e, assim, receber o auxílio diretamente da Prefeitura, por determinação do orçamento neste ano.<sup>143</sup>

O auxílio financeiro Municipal ao carnaval será de 250:000\$ réis, sendo 150\$000 destinados às Grandes Sociedades (30\$000 para cada uma), 60:000\$ para os ranchos e blocos, e 40:000\$ para a UES e os devidos valores, aprovados anteriormente em orçamento, serão pagos ainda na primeira quinzena de janeiro, para tanto é necessário que se forme uma comissão para fiscalizar os ranchos que estão preparando folguedos externos.<sup>144</sup>

A indefinição da Prefeitura na escolha de um novo diretor para o Departamento de Turismo não impediu que o chefe de Polícia publicasse os dias<sup>145</sup> em que as batalhas de confete seriam permitidas em logradouros públicos, mais do que isso elas foram regulamentadas ao invés de simplesmente terem o alvará de realização negado, como ocorreu em 1936. Segundo a nota, a justificativa para a tal atitude do chefe foi a insuficiência de contingente policial para fiscalizar tais eventos, o que deixa explícito o desejo de controlar o

<sup>141</sup> NO LIMIAM DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 19/02/1936, p. 08

<sup>142</sup> Ver: CUNHA, M. C. P. da. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. CUNHA, Fabiana Lopes. *Caricaturas carnavalescas: Carnaval e humor no Rio de Janeiro sob a ótica das revistas ilustradas Fon-FON! e Careta (1908-1921)*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, 2008; SILVA, Zélia Lopes. Os carnavais na cidade de São Paulo nos anos de 1935 a 1945. In: ALMEIDA, Paulo Roberto de et. al. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho da Água, 2004.

<sup>143</sup> NO LIMIAM DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 03/01/1937, p. 07

<sup>144</sup> Id. *ibid.*; 05/01/1937, p.12

<sup>145</sup> São estes: 02, 03, 06, 07, 09, 10, 12, 14, 16, 17, 19, 21, 24, 26, 28, 30 e 31 do mês de janeiro. Em fevereiro, somente no dia 02 serão permitidos folguedos abertos, enquanto os dias 03, 04 e 05 serão para descanso da Polícia. Ainda, segundo a nota, as batalhas deveriam durar das 19 às 24 horas. NO LIMIAM DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 05/01/1937, p.12

que acontece nas ruas. Quanto aos bailes, bastaria o alvará de funcionamento para a realização das batalhas internas.

Críticas durante a primeira quinzena de 1937 em relação à citada indefinição da Prefeitura e quanto aos folguedos carnavalescos realizados em grande maioria em bailes fechados, e não nas ruas tomam conta do *Correio da Manhã*, que propõe uma solução para as autoridades oficiais

Iluminando os principaes logradouros públicos, no centro e nos arrabaldes, armando nelles coretos em que tocassem bandas de musicas militares e grupos regionaes; facilitando e incentivando as iniciativas particulares, não dando dinheiro, mas isentando de emolumentos as licenças em geral; organizando desfiles pelas ruas da cidade, como o da chegada de Rei Momo I e Único, [...], emfim, promovendo uma série de festejos que arrancassem as massas ao delírio descontrolado que se observa, aos excessos condemnaveis que são vistos.<sup>146</sup>

Somente no dia 17 de fevereiro é anunciado o novo diretor de Turismo, Alberto Woolf Teixeira, que, em entrevista ao jornal *A Noite*, se propôs a fazer todo e qualquer esforço para que o carnaval acontecesse da melhor forma.<sup>147</sup> De acordo com a coluna, o apelo para organizar folguedos públicos em espaços abertos pareceu “surtir efeito”, pois Teixeira ordenou que “dois grandes estrados” fossem construídos na Praça da Bandeira (centro) e na praia de Botafogo. A chegada de Rei Momo também foi marcada sob o comando do jornal em foco. O Centro não participou deste evento em virtude de outros compromissos assumidos justamente pela demora da saída da data.<sup>148</sup>

Alberto Woolf Teixeira convidou Pilar Drumond para fiscalizar a entrega dos subsídios às Escolas de Samba (não cita ranchos, cordões ou blocos), este declinou<sup>149</sup> tendo em vista a atribulada agenda pré-carnavalesca. Aproveitando a “honraria”, o mesmo pede na coluna carnavalesca que o Diretor de Propaganda e Turismo interceda no comércio dos vendedores ambulantes que sujam toda a Av. Rio Branco e arrabaldes, temendo os olhares dos turistas e pela saúde pública dos foliões devido ao cenário de sujeira que se repete todos os anos.<sup>150</sup> O diretor acata a sugestão e promete empreender esforços para que tal fato não se repita.

---

<sup>146</sup> Id. *ibid.*; 07/01/1937, p.11

<sup>147</sup> Id. *ibid.*; 17/01/1937, p.12

<sup>148</sup> Id. *ibid.*; 20/01/1937, p.14

<sup>149</sup> Este ficou a cargo de Lourival Dalier Pereira que assumiu a fiscalização das Escolas de Samba para a distribuição do subsídio. NO LIMIAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 28/01/1937, p. 10

<sup>150</sup> Id. *ibid.*; 27/01/1937, p. 11



Posteriormente, o Centro foi conferir se as medidas “acertadas” com o Departamento de Turismo estavam sendo observadas no desfile dos blocos e conclui que nenhuma das medidas proibitivas foram cumpridas, bem como nenhum policial, civil ou municipal, estava fiscalizando o local.<sup>151</sup>

Cabe destacar ainda a proibição, durante os quatro dias de folia, da entrada de homens travestis nos bailes sob a tutela do Centro dos Cronistas Carnavalescos, no Teatro João Caetano, “salvo nos casos que a directoria puder atestar a honorabilidade do fantasiado”<sup>152</sup> Para uma associação que prega a liberdade e o “livre brincar” nos Dias de Momo, é no mínimo incoerente tal interdição em seus bailes auto-intitulados populares; além do mais, necessário seria saber quais os critérios usados para atestar tal “honra” uma vez que ela estaria encoberta pelos vestidos e acessórios femininos.

Os atos de normatização terminam com a publicação das últimas medidas policiais, definindo o horário de início do cortejo para as Grandes Sociedades: às 19 horas da terça-feira Gorda. Caso houvesse atraso, seus préstitos seriam dissolvidos no lugar em que se encontrassem, o mesmo valia para os ranchos. Quanto às bebidas alcoólicas as proibições permanecem, “para assegurar a boa ordem”.<sup>153</sup>

Em 1937, a ausência de figuras públicas que propunham e intervinham no ordenamento dos préstitos foi notada, como as de Filinto Muller (seu nome não foi relacionado nas portarias policiais) e Alfredo Pessoa (citado uma única vez como júri de um concurso dos blocos). A coluna, através de seu redator-chefe Pilar Drumond, manteve ao longo do período pesquisado relações cordiais com estes mesmo tendo em vista a “questão das máscaras” e o abandono das Pequenas Sociedades no carnaval passado.

### 1.3.2. Os festejos carnavalescos da cidade

O ano 1934 inicia com o “Concurso de Marchas e Samba”, em que estiveram presentes Alfredo Pessoa e Lourival Fontes como representantes da municipalidade e um júri composto por jornalistas da imprensa carioca: Moraes Cardoso, de *A Noite*; Miguel de Carvalho, da *Gazeta do Povo*; Pilar Drumond, do *Correio da Manhã*; Roberto de Queiroz, do *O Jornal*; Alberto Pinto da Silva, de *O Globo*; Eustorgio Wanderley, de *Diário da Noite*;

---

<sup>151</sup> Id. *ibid.*; 04/02/1937, p. 11

<sup>152</sup> Id. *ibid.*; 29/01/1937, p. 11

<sup>153</sup> NO LIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 26/01/1937, p. 11

Miguel Cardoso, do *Diário Carioca*; Rimus Prazeres, do *Avante*; e Zolachio Diniz, de *A Hora*.<sup>154</sup> A marcha “Typo 7” e o samba “Agora é cinza” foram os premiados, ambos falavam sobre a dor da despedida e o amor mal-resolvido.<sup>155</sup> Aparentemente, o aval e a promoção do concurso deve-se ao vínculo estabelecido com as manifestações populares.

Segundo Cláudia Matos, os tipos de samba das décadas de 30 e 40 são o lírico-amoroso, o apologético-nacionalista e o samba malandro, entoados pela maioria dos autores que mudam apenas a frequência.<sup>156</sup> A autora destaca que, ao longo da década de 30 – e com mais veemência no Estado Novo –, o estilo lírico-amoroso ganha relevância na produção de muitos sambas, o que não significou uma desvalorização dos outros dois, mas sim a incorporação de determinados valores pertencentes às elites nos sambas populares:

[Onde é] possível talvez distinguir nesse discurso um certo mecanismo de projeção, em que a Mulher e o Amor assumem uma relevância e um poderio, uma capacidade de opressão e determinação dos destinos do indivíduo proletário, comparáveis à dominação exercida pelos poderes econômicos e políticos. De qualquer maneira, o mundo do sambista aí se revela “invadido”, regido por leis que não são especificamente as suas próprias, mas alheias e superiores, sejam elas o destino, Deus a fúria da paixão.<sup>157</sup>

Convém notar que há na escolha de sambas com uma referência lírico-amorosa certa deferência por parte da imprensa. A autora trabalha ainda com a questão do samba-malandro e de como este foi sendo “depurado” ao longo da década de 30. Com a instalação do Estado Novo, esta questão será abordada oportunamente.

Quanto aos festejos, a movimentação na cidade era forte e intensa, como demonstra o trecho a seguir:

Quem visse as ruas dessa capital, desde o centro até o mais longínquo subúrbio nesse período de tempo, julgaria que já estamos em pleno carnaval. Eram batalhas e mais batalhas, banhos à fantasia, bailes a granel, em todos os clubs cariocas, enfim, todos os movimentos que denunciavam que o povo já estava dentro dos domínios da folia.<sup>158</sup>

As batalhas de confete realizadas do centro à periferia, os banhos de mar à fantasia em Copacabana com a presença de alguns blocos e cordões, dentre eles o Bola Preta, os diversos

---

<sup>154</sup> NO LIMIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 18/01/1934, p. 12

<sup>155</sup> Id. *ibid.*; 23/01/1934, p. 12

<sup>156</sup> MATOS, Cláudia. Op. cit. p. 45

<sup>157</sup> Id. *ibid.*; p. 47

<sup>158</sup> NO LIMIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 31/01/1934, p. 10

bailes em clubes fechados e os festejos que antecedem o carnaval carioca no período configuram uma miríade de manifestações. No entanto, a função de abrir o calendário dos festejos coube somente às Sociedades Carnavalescas.

O programa de recepção ao Rei Momo incluía que ele fosse levado em um carro alegórico, acompanhado por carros que comportavam os estandartes das cinco agremiações carnavalescas da cidade (Fenianos, Tenentes do Diabo, Democráticos, Congressos dos Fenianos e Pierrots da Caverna). Vários clubes da cidade compareceram ao desfile de recepção do chefe da folia, que passou pela Praça Mauá, Avenida Rio Branco em direção ao Palácio de Festas. Não há alusão alguma sobre as escolas de samba nesse cortejo.<sup>159</sup>

Em portaria expedida por Filinto Muller ficavam proibidas as fantasias que se referissem à nação brasileira ou qualquer outra; que foliões de blocos e cordões cantassem o Hino Nacional ou o Hino da República; bem como o uso de lança-perfume, éter ou similar. É interessante ressaltar que as medidas coercitivas acima citadas são colocadas somente para os integrantes de blocos e cordões, como se eles fossem o alvo principal de vigilância. Outro ponto bastante destacado é o zelo quanto aos valores da família,<sup>160</sup> no entanto, nas descrições da festa, diversas vezes aparece o uso do lança-perfume como algo normal e corriqueiro, principalmente nos bailes, apontando para um elemento de transgressão desses mesmos valores.

Os bailes, abertos e fechados,<sup>161</sup> uma das principais alternativas para se brincar os dias de Momo, podem ser os agrupados da seguinte forma: a) os destinados à elite por cobrar altos preços nas entradas (High Life, Teatro João Caetano, Associação Brasileira de Imprensa), ou por proibir o uso de fantasias de malandro e pijamas (Sport Clube Mackenzie, Cassino

---

<sup>159</sup> Id. *ibid.*; 03/02/1934, p. 09

<sup>160</sup> Id. *ibid.*; 08/02/1934, p. 05

<sup>161</sup> **Bailes em clubes que cobravam entrada:** Águia Altaneira (Democráticos), Fenianos, Tenentes do Diabo, Moinho (Grupo Trapezistas e Menores do Moinho), Teatro João Caetano (organizado pelo C.C.C.), Associação Brasileira de Imprensa (Av. Rui Barbosa), Confiança A. Club (Rua Maxwell), Grupo dos Aquáticos (filiado ao C. Internacional de Regatas), Alhambra, Tijuca Tennis Club, Sport Club Antarctica, Gremio Progreso Leopoldinense, Gymnastico Portuguez, Botafogo F. Club, Tracção F. Club, Club Athletico Central (Praça do Engenho Novo, 22), Sport Club Mackenzie (não permite entrada de fantasias como marinheiros, macacões, apaches, gigolôs e usando pijamas), Sindicato Medico Brasileiro, Standard F. Club, Villa Izabel Football Club, High Life (Rua Santo Amaro), Casino Bangu, Baile Infantil no Theatro Carlos Gomes, Orpheão Portugal, Aliança Club, Salic Club, Theatro Republica, Club Militar, Palácio de Festas (Departamento de Turismo e Empresa N. Viggiani), Club de Engenharia, Orpheão Portuguez, Opera Dopolavoro (Praça Floriano), Luar (Praia do Flamengo, 182.), Bailes russos nos salões do Pró Arte (Avenida Rio Branco, 118), Banda Portugal (Praça Onze de Junho), Club dos Socialistas Carnavalescos (Praça Tiradentes), Centro Cívico Leopoldinense, Casino Realengo, Penha Club, Grêmio 01 de Maio, Grêmio Paranista (Rua do Ouvidor, só hoje), Grêmio João Caetano, Grêmio Republicano Portuguez, Club de S. Christovão, Marfim Club (Rua Almirante Barroso). **Bailes gratuitos e outros:** Praça Tiradentes, Bola Preta (sede Rua 13 de maio), “Ala dos Bebês” do “Filhos de Talma”, Unidos do Tuyuty, Bloco do Acharca, “Grupo Livra...ria...”, Coreto de Tury-Assu.

Bangu) estabelecendo uma prerrogativa de distinção social; b) os que se referiam às agremiações trabalhistas e se estendiam aos dias de festa como o Clube Militar, Grêmio 1º de Maio e o Sindicato Médico Brasileiro, dentre outros; c) as associações de imigrantes como a Orpheão Portuguez, a Banda Portugal, o Grêmio Republicano Portuguez, a Opera Dopolovoro e os bailes russos na Pró-Arte; d) além das Sociedades Carnavalescas, que promoviam seus bailes antes do desfile que ocorria no principal dia do carnaval, a terça-feira gorda (Fenianos, Democráticos, Tenentes do Diabo). O carnaval fechado desses clubes carnavalescos, recreativos e esportivos acaba sendo um desdobramento dos seus laços sociais cotidianos.

Os bailes nos clubes e nas casas de diversão são notáveis, não se verificando tal número de público há anos. A reportagem elogia a iniciativa do Departamento de Turismo pela iniciativa de construir um tablado na Praça Paris onde bandas animavam o público, “os célebres coretos dos subúrbios foram outros tantos atractivos para que a população, que se deslocava, assim, alegremente, de um ponto a outro, para apreciar os espetáculos de arte e bom gosto.”<sup>162</sup>

O carnaval aberto ocupa os espaços da Praça Tiradentes, Praça Paris, Avenida Rio Branco, incluindo as ruas da periferia, que também se envolviam nos festejos na medida em que promoviam pequenas batalhas de confete e passeatas de blocos locais.<sup>163</sup>

Em cobertura fotográfica, a revista *O Cruzeiro* cita os blocos “Respeita as Caras”, “Caçadores da Floresta” (campeão com o enredo retirado do filme “O Sinal da Cruz”) e “Chora Chora” e especifica o que houve na avenida:

O Dia dos Blocos representa para a cidade a tradição do verdadeiro carnaval da rua, alegre, pittoresco, colorido. O bloco é o cordão bem arranjado, bem vestido, com canções próprias. Actualmente, mesmo, o bloco obedece em sua organização a um thema que preside sua confecção, havendo certo cuidado no arranjo das fantasias para maior sucesso da encenação. Este anno tivemos em desfile na Avenida Rio Branco, vários blocos que não decepcionaram pela maneira garbosa como se apresentaram a confiança do povo que esperou o desfile até altas horas da madrugada.<sup>164</sup>

O texto resume bem como a imprensa enxergava os blocos do período, “como um cordão bem arranjado”, adaptado à realidade atual, pois trazia temas específicos em seus enredos, e cuidando com esmero as suas fantasias.

---

<sup>162</sup> NO LIMIAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*. 08/02/1934, p.05

<sup>163</sup> Id. *ibid*; 10/02/1934, p. 11-2

<sup>164</sup> O DIA DOS BLOCOS, *O Cruzeiro / Jornal de Minas*, 17/02/1934, p. 05

A participação popular na Avenida Rio Branco se dava basicamente de duas maneiras: como expectadora dos desfiles do curso<sup>165</sup> e das Grandes Sociedades, ou como participante do desfile dos ranchos, blocos e cordões que ali se debatiam durante as batalhas de confete.

O desfile dos ranchos, por ser mais bem estruturado, ganhou amplitude e, por isso seria avaliado por uma comissão julgadora definida pelo *Jornal do Brasil*: Abbadie Faria Rosa (jornalista), Armando Vianna (pintor e cenógrafo), José Loureiro (indumentária), Armando Magalhães Corrêa (escultor), Sophonias Dornellas (oficial do exército, especializado em música). A descrição feita por todos os juízes acentua a intenção do seu promotor: além de “levar a sério” uma agremiação popular, também dava contornos técnicos para sua manifestação ao priorizar jurados com especialização em cenografia, música e figurino.<sup>166</sup> Num total de dezesseis participantes,<sup>167</sup> o desfile teve como campeão o *Recreio das Flores*, com o enredo “Entre outras mil... és tu Brasil”; seguido de *União das Flores* com o tema “Triunfo Romano”; e em terceiro lugar ficou o *Quem Fala de Nós Tem Paixão*, com o enredo “No país das pedras verdes”. Segundo a ata do julgamento, o campeão apresentou um “conjunto agradável, vibrante, e de empolgante brasilidade”.<sup>168</sup> A ata, portanto, deixa patente e a escolha do caminho percorrido pelo júri para atribuir as notas, ou seja, dois dos três primeiros colocados abordaram temas nacionalistas.

Em registro dos seus estatutos,<sup>169</sup> a “Sociedade Dansante Carnavalesca Familiar Recreio das Flores”, fundada no Rio em 1908, é presidida pelo já conhecido Capitão Rocha Soutello e tem por fim promover, “a) reuniões dansantes em sua sede; b) festejos ou folguedos carnavalescos, quer interno ou externos; c) promover passeios ou pic-nics e outras diversões familiares permitidas pela Polícia”. Assim, nos estatutos nada demonstra que os seus propósitos – diferentemente da Federação das Grandes Sociedades – estariam ligados ao

<sup>165</sup> NO LIMÍAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 10/02/1934, p. 02. Nota esclarece que os automóveis que não tiverem pagado o imposto de 30\$000 para os quatro dias ou 10\$000 por dia não poderiam desfilar no curso. O desfile, portanto, é para aqueles que, além de carro, tem que despende da quantia estipulada para desfilar.

<sup>166</sup> Id. *ibid.*; p. 12

<sup>167</sup> Caprichosos de Ricardo (enredo “Fausto e a derrocada de Macbeth”), Parasitas de Ramos (segundo colocado com o enredo “A Cortezã de Sagunto”), Flor da Lyra de Bangu (enredo “A Lei Aurea”), Decididos de Marechal Hermes (enredo “O Reino de Margaridas Vermelhas”), Rápidos da Pompeia (enredo, “Poemas do Sonho”), Recreio das Flores (enredo “Entre outras mil...és tu Brasil), União das Flores (enredo “Triunfo Romano), Resistentes de Ramos (enredo “O que é hoje o nosso querido Brasil”), Teimosos de Santa Cruz (enredo “Culto do Brasil”), G.A. de Ricardo de Albuquerque (enredo “Systema Planetário), Caprichosos Unidos do Brasil (enredo “O systema planetário visto pelo observatório do Rio de Janeiro”) Caprichosos de Braz de Pina (enredo “O marido da guerreira”), Destemidos da Caverna (enredo “Sonho de um mendigo), Arrepiados (enredo “O Brasil redimido sob a fé, esperança e caridade”), Alliança Club (enredo “Passo da Pátria), Quem fala de nós tem paixão (enredo “No paiz das pedras verdes”)

<sup>168</sup> ÉCOS DO REINADO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 16/02/1934, p. 03

<sup>169</sup> Ofício de Registro de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, 3º. De 17/06/1935, registro número 394.

caráter nacionalista de seus festejos. Outro ponto relevante a destacar é o uso do adjetivo *familiar* em sua constituição para provavelmente ser aprovado pela polícia.

Distante de uma concepção que se restrinja ao pensamento dicotômico de obrigatoriedade/liberdade quanto à escolha do enredo, a análise aqui pretendida das fontes pretende observar os canais de expressão encontrados pelos segmentos, como o concurso dos ranchos, realizados na Avenida Rio Branco, que se configura um momento em que eles tinham os olhos e os ouvidos da imprensa e da elite que se dirigiam à avenida principal para apreciar os desfiles.

A animação nas ruas tem sido notável, sem distinção de local, nem de classes, tanto se brincando na aristocrática Copacabana, como nos mais modestos arrabaldes e subúrbios, sempre com ambiente próprio, com carácter que se pode classificar de regional. [...] Improvisam-se grupos em plena rua, como se tratasse de pessoas há muito tempo conhecidas, que confraternizavam nas mesmas expansões de sã alegria foliônica. [...] O movimento de automóveis vae sendo cada vez maior, conduzindo grupos fantasiados ou á paizana, mas sempre com as mesmas demonstrações de entusiasmo carnavalesco, entoando as marchas, os sambas de todos os autores, quando não é de autoria própria [...] <sup>170</sup>

Quanto às grandes sociedades, cujos desfiles ainda não haviam ocorrido, a reportagem relata que, mesmo sem a suntuosidade de outras épocas, elas se apresentam para a conquista de outros louros, principalmente o *Congresso dos Fenianos* e os *Pierrots da Caverna* que, por serem sociedades modernas, ainda buscavam um espaço privilegiado.<sup>171</sup> Sobre o desfile dos *Fenianos*, (campeão) a coluna atenta para o primor de todas as alegorias “todas ellas, indistinctivamente, foram realmente consagradoras, principalmente porque plasmavam em bellas fantasias os assumptos da nossa terra, focalizando “o que é nosso”.<sup>172</sup> Sob a tutela de Manoel Faria, integrante da Escola de Bellas Artes do Brasil, a nota define um dos carros alegóricos sob o nome de *Única Bandeira*:

No primeiro plano dois arautos vestidos ricamente de Dragões da Independência, montados em fogosos cavallos árabes, fazendo ouvir dos seus clangorosos clarins a marcha batida, em continência ao pavilhão brasileiro- a única bandeira que deve tremular em todo o Brasil unido.<sup>173</sup>

<sup>170</sup> NO LIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 13/02/1934, p. 01

<sup>171</sup> Id. *ibid.*;

<sup>172</sup> ÉCOS DO REINADO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 15/02/1934, p. 05

<sup>173</sup> Id. *ibid.*; p. 06

Aqui, ficam patentes as intenções do *Correio da Manhã* em destacar uma concepção dotada de luxo, elegância e charme, planejada por um representante da Escola de Bellas Artes – reduto do belo, civilizado, erudito – corroborando a proposta do jornal de nacionalização do carnaval carioca. O enredo das demais também girava em torno da temática nacional: *Congresso dos Fenianos*, com o enredo “Uma linda página de culto ao Brasil e suas coisas”; *Tenentes do Diabo* homenageava o Rio de Janeiro com seu carro-chefe “Cidade Maravilhosa”; enquanto o dos *Democráticos* era “A Epopéia Bandeirante”; outros carros discutiam os rumos da festa como, “Carnaval antigo” e “Carnaval Moderno”; e, por fim, recebe destaque da coluna os *Pierrots da Caverna* com o carro “Flora Amazônica”, “[...] essa alegoria, de grande extensão, e de valiosa significação patriótica, recebeu fartos aplausos, pela inspiração do artista que a executou”.<sup>174</sup>

No desfile das Grandes Sociedades, a cobertura fotográfica que *O Cruzeiro* fez de alguns carros “abre-alas” e “de crítica” (geralmente com um assunto polêmico ou recente do período pré-carnavalesco) possibilitou a identificação do carro de crítica dos *Tenentes do Diabo*, cujo nome era “Apurando a Raça”, que questionava a política eugênica de Hitler, segundo o periódico. A imagem não está em bom estado para reprodução, no entanto, percebe-se uma figura ao alto com braços abertos, que poderia ser o líder alemão e num plano abaixo se encontram três homens (dois com chapéus simples e um com boina) sem que se possa determinar a etnia.

Esta imagem determina como as grandes sociedades estavam inseridas em seu contexto social e político,<sup>175</sup> apropriando-se de questões maiores e emitindo suas opiniões. O “Apurar a Raça”, título da alegoria, é uma referência à ideia de pureza/branqueamento defendida pelo líder nazista.

Na organização e a proposição do enredo dos desfiles das Sociedades Carnavalescas mais tradicionais do Rio de Janeiro, há uma aliança em torno de um denominador comum: congratular a experiência nacional.

Conforme mostra o trecho seguinte, a cobertura do carnaval de 1934 é encerrada com um tom saudosista do carnaval que já passou: “Ainda estamos sentindo o odor dos esguichos de *lança-perfume* – tão economicamente gastos – e o barulho chacoalhante dos guizos (oh! Perdão o guizo não existe mais) digo, dos pandeiros, nos últimos folguedos [...]”<sup>176</sup> Vale

---

<sup>174</sup> Id. *ibid.*;

<sup>175</sup> Para melhor entender a participação das grandes sociedades nas questões sociais e políticas, ver: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Op. cit.*, p. 79-80.

<sup>176</sup> ÉCOS DO REINADO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 18/02/1934, p. 10

constar que a arrecadação total dos impostos gerados pela festa somou 56, 000\$000, dinheiro que, segundo o Jornal, seria doado para as instituições de caridade.

Os coretos suburbanos, construídos pela municipalidade em 1934, serão anunciados como “A GREAT ATTRACTION”, em 1935. Construídos nos subúrbios, onde, pela segunda vez, será realizado o concurso do mais belo coreto carioca. O Departamento de Turismo determinou uma comissão julgadora: Laércio Prazeres (subdiretoria municipal), Romeu Arêde (Jornal do Brasil), capitão Roucha Soutello (presidente da Federação das Pequenas Sociedades).<sup>177</sup> A nota, atenta também para o fato de que alguns bairros terem arrecadado, por meio do “livro-de-ouro”, algum dinheiro para ajudar na construção dos coretos.

Segundo Helenise Monteiro Guimarães,

As decorações urbanas ao fazerem uso do repertório simbólico carnavalesco, estabeleceriam uma contínua relação entre o indivíduo, a cidade e sua festa, acompanhando as reformas urbanas e adequando-se às novas trilhas traçadas pelos governantes, contribuindo para uma sinalização cíclica do período carnavalesco nas ruas.<sup>178</sup>

A Avenida Central (futura Rio Branco) é o marco das mudanças trazidas pela *Belle Époque*, cuja nova concepção de cidade – mais moderna e conjugada com o modelo de progresso (europeu) – dará a tônica à capital do país. Ou seja, as manifestações e os foliões “mais modernos” rumariam ao signo da civilização nos trópicos, deixando a tradicional Rua do Ouvidor. Às representantes do velho (Ouvidor) e do novo (Rio Branco) se somarão outros espaços, como sugere a citação:

Enquanto a Avenida Central abrigava a classe média e as elites, à Praça Onze dirigiam-se na década de 20, cordões, blocos, e ranchos carnavalescos, reunindo milhares de foliões que se divertiam em grupo ou isoladamente. Desta forma, tanto o centro quanto a periferia afirmavam seus núcleos produtores de manifestações carnavalescas. O segmento mais pobre, fixando-se na Praça Onze, nos morros e subúrbios tinha a possibilidade de trazer para o centro novas formas de brincadeiras, auxiliado neste retorno pelos projetos de interligação viária dos diversos bairros da cidade que facilitavam esta circulação.<sup>179</sup>

O alargamento de avenidas, a demolição de moradias coletivas (cabarés, cortiços) e a pavimentação das ruas onde bondes elétricos e automóveis passavam modificaram o cenário

<sup>177</sup> NO LIMÍAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 23/02/1935, p. 10

<sup>178</sup> GUIMARÃES, Helenise Monteiro. Op. cit., p. 45

<sup>179</sup> Id. *ibid.*; p. 55



carioca e, devido a essa nova realidade urbana de descentralização dos locais de habitação, nos anos 30, os locais de festejos das décadas de 10 e 20 multiplicam-se e:

a oficialização pelo poder público da festa urbana organiza definitivamente um programa que contempla desde o préstito no centro da cidade à mais longínqua batalha de confete do subúrbio de Madureira, do elegante baile de gala do Municipal aos portentosos coretos de Bento Ribeiro. Catalisando todas estas festas, surgiria uma cidade engalanada, vestida ainda que de luzes e painéis pintados, para uma folia que se internacionalizara.<sup>180</sup>

Guimarães foi muito feliz ao ler o tema das decorações como elemento para entender as modificações do carnaval carioca em grande parte do século XX, pensando-as, sobretudo, como produção de classes sociais díspares que acabam por imprimir sua identidade desde os bailes mais elegantes patrocinados pelo dinheiro público – como o disputado concurso de decoração do Municipal – até os coretos de bairros periféricos. O único problema de sua argumentação é que a oficialização do carnaval e a intervenção do Estado são tomadas de forma gratuita, absorvidas de maneira natural, com consequências quase sempre benéficas ao carnaval como um todo.

Nos festejos de 1935, os banhos de mar à fantasia na Praia de Ramos, no Flamengo ou na festa noturna em Copacabana atraíram grande público, principalmente no desfile das repartições públicas (novidade), que atraiu verdadeira multidão e foi destaque no sábado juntamente com o “Dia dos Blocos”, prejudicado pelas “irregularidades do julgamento”. Segundo reportagem de *O Cruzeiro*, “numerosos cortejos ostentando uma opulência desusada nos figurinos e fantasias condiziam com seus estandartes, debaixo dos aplausos do público que enchia nossa principal artéria. Seria difícil pôr em destaque o mais rico dos blocos que passaram na Avenida.”<sup>181</sup>

Neste ano, o número de licenças concedidas pelo Departamento de Polícia para a realização dos bailes totalizou 994 pedidos, sendo que no ano anterior foi de 500. É considerável o aumento desse tipo de folguedo, explicando as reclamações do jornal em relação aos vazios nas ruas antes do início dos festejos oficiais.<sup>182</sup>

Nas Grandes Sociedades Carnavalescas, em que todos os participantes tinham temas nacionais como base para o enredo, os *Tenentes do Diabo* venceram com cinco votos,

---

<sup>180</sup> Id. *ibid.*; p. 62

<sup>181</sup> OS BLOCOS. *O Cruzeiro /Jornal de Minas*, 02/03/1935, p. 11

<sup>182</sup> A FOLIA PASSOU. *Correio da Manhã*, 07/03/1935, p. 10

seguidos dos *Fenianos* e *Democráticos*; *Pierrots da Caverna* e *Congresso dos Fenianos* ocuparam o quarto e o quinto lugares respectivamente.<sup>183</sup>

Entre os aspectos focalizados pela reportagem de *O Cruzeiro*, os carros de crítica dos *Tenentes do Diabo* intitulados “Escolas de Samba” e “Campanha para o silêncio”,<sup>184</sup> ganham destaque. Não é possível determinar qual seria a crítica detonada pelos *Tenentes*, no entanto, nos moldes propostos por Roger Chartier, cabe pensar que estas práticas culturais, a das Grandes Sociedades e das Escolas de Samba, “são aculturadas e aculturantes”.<sup>185</sup> O fato de uma “tradicional” agremiação carnavalesca considerar as escolas de samba em seus desfiles demonstra que estas últimas vêm galgando espaço. Ao lançar atenções e alegorias para trazer à baila as Escolas de Samba, os *Tenentes* demonstraram que essas culturas, que aparentemente ocupam espaços díspares, se relacionam, se interferem e se apropriam de si mesmas.

O carnaval de 1936 não estabelece muitas diferenças no rol de festejos, além do já apontado “desânimo” para as batalhas de confete que não existiram no mês de janeiro. Os banhos de mar à fantasia seguem como a tônica unificadora do carnaval externo, enquanto os bailes em clubes fechados ganham densidade na medida em que os dias dedicados a Momo se aproximam. Os bailes das Grandes Sociedades recebem posição privilegiada do *Correio da Manhã* na cobertura carnavalesca, somados a estes os de outros clubes de prestígio – como o Mauá F. C., o Club dos Caiçaras, Ramos F. C.; Endiabrados de Ramos, “sociedade de fina e absoluta seleção”, Bomsucesso F. C., Lloyd Club Brasileiro, América F. C. –; enveredam em reuniões internas.

As batalhas de confete têm lugar nas ruas Gomes Serpa, Barreiro (Estação de Ramos), Philomena Nunes (Olaria) – com a montagem de três coretos públicos, premiação para ranchos, escolas e cordões –; Rua Piauí, Avenida Paulo de Frontin, além das ruas João Vicente, da Estação e Circular (Campinho) com a montagem de coretos públicos.

O jornal *A Noite* organizou a chegada de Momo com um carro alegórico no formato de um barco em que a diretoria do Centro dos Cronistas Carnavalescos desfilou vestidos de “yathcman”. Muitas instituições fizeram parte do desfile, dentre elas as grandes e pequenas sociedades representadas por cordões, blocos e ranchos-escola.<sup>186</sup>

Dentre os clubes, o Tijuca T. C. é o primeiro a organizar uma matinê para crianças, com premiação das melhores fantasias e distribuição de brinquedos para estas. Nas fotos do

---

<sup>183</sup> Id. *ibid.*; 08/03/1935, p. 05

<sup>184</sup> PRÉSTITOS. *O Cruzeiro / Jornal de Minas*, 09/03/1934, p. 09

<sup>185</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. São Paulo: *Estudos Avançados*. v.. 5 n° 11, 1991. p. 185

<sup>186</sup> NO LIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 15/02/1936, p. 11

jornal, as usuais “pastorinhas” e “banhistas”, bem como um animado grupo de “piratas”, compõem o rol de fantasias premiadas.

Na cobertura fotográfica da revista *O Cruzeiro*, um grupo de moças fantasiadas, ao que parece de camponesas, posa comportadamente para as lentes do fotógrafo no baile do Flamengo. Das fotografadas, somente uma esboça um sorriso maroto de canto, quebrando com o tom “sisudo” impresso por suas companheiras. A fantasia é “comportada” deixando apenas algumas partes do corpo à mostra (como o colo), o que não evidencia necessariamente uma transgressão,<sup>187</sup> no entanto, está longe de reproduzir a formalidade dos “flagrantes” do Baile do Municipal, em que os foliões capturados pelas lentes do periódico sempre aparecem sentados formalmente em trajes de luxo.<sup>188</sup>



**Imagem 04.** FLAMENGO, *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*. 22/02/1936, p. 11.

Um interessante grupo de “senhoras da sociedade carioca” vestidas de baianas demonstram a permeação de práticas culturais populares em redutos de distinção social, no caso o Cassino Atlântico. A foto, provavelmente em cores, revela, no entanto, que as baianas

<sup>187</sup> Zélia Lopes da Silva trabalha com a participação da mulher no capítulo 3 do livro *Os Carnavais de rua e dos clubes na Cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938)*, citado na bibliografia.

<sup>188</sup> BAILE DO MUNICIPAL. *O Cruzeiro /Jornal de Minas*, 09/03/1935, p. 10-11

da foto não são iguais as tradicionais conhecidas na Pequena África por seus vestidos e turbantes branco. Estas “estylisadas” guardam com as originais apenas os colares e pulseiras de sua caracterização. Além de pensar em termos da *circularidade cultural* entre estratos sociais diversos propostos por M. Bakhtin, a foto desvenda a apropriação destas senhoras por uma fantasia – que é signo e remete à importância das “tias baianas” de uma prática social – de um segmento social diverso ao seu.



**Imagem 05.** SEM TÍTULO, *O Cruzeiro / Jornal Estado de Minas*. 07/03/1936, p. 16. Na legenda, que não teve como ser reproduzida lê-se: “Um grupo de senhoras da sociedade carioca com as fantasias de baianas stylisadas com que compareceram ao baile do Casino Atlântico.”

O carnaval de 1936 trouxe uma novidade: o “Dia dos Blocos Suburbanos”, promovido pelo jornal *A Noite*, cujos desfiles realizados em Madureira concederam prêmios de 1\$000 e 500\$ para o primeiro e segundo lugar respectivamente. Juntamente com o desfile, houve a montagem de um coreto onde ocorreria uma batalha de confete, cujos jurados foram: professor Magalhães Corrêa, escultor e professor da Escola Nacional de Belas Artes; Armando Vianna, pintor, laureado pela ENBA; José Loureiro, da Casa Sucena, que julgará a indumentária; e Alfredo Vianna (Pixinguinha).<sup>189</sup>

Os festejos carnavalescos de 1936 são oficialmente abertos no sábado pelo desfile dos blocos das repartições públicas, municipais e federais, cuja primeira edição foi em 1935 e a cobertura dos preparativos foi feita por meio de algumas entrevistas com os responsáveis pela confecção destes. Entre as que desfilaram, *Destemidos da Casa da Moeda*, mesmo sem se inscrever, foi o primeiro; *Fabrica de Projéteis da Artilharia*, com o tema sobre a República;

<sup>189</sup> NO LIMÍAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 18/02/1936, p. 10

pessoal da *Imprensa Nacional*, feito pelo Bloco das Águias; *Correios e Telégrafos*, com o tema “Cidade Maravilhosa”; e o vencedor *Arsenal da Marinha*, com um extenso cortejo em homenagem ao primeiro encouraçado São Paulo.<sup>190</sup>

O Dia dos Ranchos ocorreu no dia 24, sob a tutela do *Jornal do Brasil*, com a inscrição dos ranchos da *Virgulina*, *Ultima Hora*, *Quem São Elles?*, *Caprichosos Unidos do Brasil*, *Independentes*, *Rouxinol de Bangú*, *Decididos de Quintino* e *Teimosos de Santa Cruz*<sup>191</sup> e foi vencido pelo rancho da *Virgulina* (nunca antes mencionado na coluna), o segundo lugar ficou com o *Ultima Hora*, seguido dos *Destemidos de Quintino*, o quarto lugar ficou *Teimosos de Santa Cruz* e o campeão de harmonia foi o *Rouxinol de Bangú*. Ao contrário das Grandes Sociedades, estes não tiveram seus préstitos detalhados.<sup>192</sup>

Convém dizer que há uma nota, em que consta o recebimento de 40:000\$000, do qual foi retirado 2:300\$000 para prêmios, pela União das Escolas de Samba, em vias da realização de seu carnaval, para serem distribuídos as afiliadas,<sup>193</sup> o comunicado que estipulou as normas acima é assinado pelo primeiro tesoureiro, Carlos de Oliveira. Em 1936, o interesse do *Correio da Manhã* voltou-se majoritariamente ao samba, às práticas “do morro” e, embora não sido feito o concurso de marchas e de sambas como em anos anteriores, foram publicados os comunicados enviados por sua diretoria, a relação dos dias de ensaio e eventos, sempre adjetivados com sinônimos de seriedade e competência.

As Escolas de Samba, que fizeram seu desfile no domingo Gordo, na Praça Onze de Junho, foram caracterizadas pela coluna como “um carnaval dentro do carnaval”, pois à praça

“[...] converge em geral, a gente do morro, que ali faz o seu quartel-general, com a originalidade dos terreiros de batuque, tirando sambas e improvisando músicas que depois se consagram”. À caracterização da Praça Onze, é acrescida da presença de diversos vendedores ambulantes que margeavam o jardim, “[...] dando o pitoresco aspecto das feiras do interior.”<sup>194</sup>

<sup>190</sup> EM PLENO DOMINIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 23/02/1936, p. 03

<sup>191</sup> Id. *ibid.*; 25/02/1936, p. 03

<sup>192</sup> PASSOU O DOMINIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 27/02/1936, p. 05

<sup>193</sup> As agremiações contempladas foram: *Vizinha Faladeira* (sede na Rua da América); *Ultima Hora* (Morro da Favela); *Fiquei Firme* (Morro da Favela); *União Barão de Gamboa* (Gamboa), *Cada Ano Sai Melhor* (Morro de São Carlos), *Unidos do Salgueiro* (Morro do Salgueiro), *Azul e Branco* (Morro do Salgueiro), *Depois eu Digo* (Morro do Salgueiro), *União de Madureira* (Madureira), *Prazer da Serrinha* –futuro *Império Serrano* (Madureira), *Lyra do Amor* (Bento Ribeiro), *Paz e Amor* (Bento Ribeiro), *Na Hora é que se Vê* (Bento Ribeiro), *Portela* ou *Vai Como Pode* (Oswaldo Cruz); *Estação Primeira* (Morro da Mangueira), *Deixa Malhar* (Conde Bonfim), *União do Uruguay*, (Uruguay); *Unidos da Tijuca* (Tijuca); *Unidos de Cavaleante* (Cavaleante), *Corações Unidos de Tury Assú* (Tury- Assu) e *Rainha das Pretas* (Campo Grande). NO LIMIAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 18/02/1936, p. 10

<sup>194</sup> Id. *ibid.*; 25/02/1936, p. 05

A pequena nota sobre a disputa das Escolas de Samba apresenta detalhes sobre o caráter e o “tipo” de gente que ali brincava os Dias de Momo. No entanto, não apresenta, infelizmente, nenhuma foto que represente a aglomeração ou os desfiles, ao contrário do que foi feito em relação ao carnaval brincado na Av. Rio Branco.

À nota sobre o carnaval na Praça Onze, soma-se outra intitulada “O Desfile das Escolas de Samba”, qualificando o local como “imponente e alegre”. Entretanto, “as ‘academias’ deixaram dúvidas quanto à primazia.” O autor não entra em maiores detalhes quanto à “falta de primazia” e apenas dispõe o nome de algumas escolas que desfilaram: *Vizinha Faladeira*, *Mangueira*, *Salgueiro*, *Estação Primeira*, concluindo que o desfile “ultrapassou qualquer expectativa agradando em cheio”.<sup>195</sup>

Os vencedores somente foram conhecidos publicamente em março: *Unidos da Tijuca* (campeã, prêmio de harmonia), *Estação Primeira* (vice-campeã, samba), *Portela* (terceiro lugar, bateria), seguida por *Depois eu Digo*, *Deixa Malhar* (enredo), *Vizinha Faladeira* (consolação), *Barão de Gamboa*, *Fiquei Firme*, *Ultima Hora*, *Azul e Branco*, *Lyra do Amor*.<sup>196</sup>

As cinco Grandes Sociedades tiveram seus préstitos detalhados da seguinte forma: *Democráticos*, com criação de Angelo Lazary, fizeram uma homenagem a si mesmos e ao Flamengo F. C. com o tema “Águia Altaneira”. Os *Fenianos*, sob a criação de Miguel Bllota, trouxeram um carro-chefe de três lances e quarenta e cinco metros intitulado “Brasil Novo” e carros de crítica intitulados “Falta de Água” e “Campanha de Educação Sexual”. Os *Tenentes do Diabo*, a cargo de Jayme Silva, homenageiam à Marinha de Guerra no abre-alas, o cortejo faz menção também às relações exteriores com o carro “Brasil-Uruguay”. Os *Pierrots da Caverna* lançam um artista novo, Gastão Moggi, e têm em seu carro-chefe o dístico “Glória Sul-Americana”. Por fim, o *Congresso dos Fenianos*, tem o tema “Apoteose Tirunfal do Carnaval de 1936”, sob a supervisão de Publio Marroig e alegorias intituladas “As nossas frutas” e “As nossas flores”.<sup>197</sup>

Os vencedores das Grandes Sociedades foram os *Democráticos*, seguidos por *Tenentes do Diabo*, *Congresso dos Fenianos*, *Fenianos*, e, por último *Pierrots da Caverna*.<sup>198</sup> Cabe ressaltar que a Federação das Grandes Sociedades recebeu da Prefeitura a quantia de cento e

<sup>195</sup> Id. *ibid.*;

<sup>196</sup> ECOS DO REINADO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 03/03/1936, p. 07

<sup>197</sup> NO LIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 25/02/1936, p. 03

<sup>198</sup> PASSOU DOMÍNIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 27/02/1936, p. 05

cinquenta mil réis para distribuir entre as cinco afiliadas,<sup>199</sup> enquanto a União das Escolas de Samba e a Federação das Pequenas Sociedades, que juntas conglomeravam um número quase dez vezes maior de agremiações em relação às Grandes Sociedades, receberam apenas cem mil. Determinada disparidade traduz as políticas públicas voltadas para o carnaval da Av. Rio Branco, mesmo que as atenções e os festejos sejam diversificados e arregimentem outras práticas culturais, como o desfile dos blocos, ranchos, escolas de samba.

O carnaval de 1937, após as intempéries envolvendo a escolha para o novo diretor do Departamento de Turismo e Propaganda, tem o seu “Programa Oficial de Turismo” divulgado. Neste, são relacionados festejos como os banhos de mar nas praias de Ramos, Flamengo e Copacabana, o curso de automóveis na Av. Atlântica (sob a direção do Automóvel Clube do Brasil), concurso de sambas na feira de Amostras e “a consagração do maior compositor de sambas” (a coluna não divulgou o concurso nem o seu vencedor), a chegada do Rei Momo pela Av. Rio Branco, o desfile das Escolas de Samba na véspera do carnaval (dia 04) – saindo da Av. Rodrigues Alves, atravessando a Praça Mauá, Av. Rio Branco e Av. Marechal Floriano – e, por último, a coroação da Rainha do Samba pelo cidadão-samba nos coretos dos subúrbios.

Quanto aos Dias Gordos, no sábado de carnaval acontecia o desfile dos blocos carnavalescos das repartições públicas na Av. Rio Branco; o Baile de máscaras no Copacabana Palace, no teatro João Caetano (promovido pelo Centro), na Feira de Amostras (promovido pelo Lux Jornal); e os bailes públicos na Praça da Bandeira e Av. Beira Mar, com o destaque para o fato de eles ocorrerem todos os dias de folguedo. No domingo gordo, havia o curso nas avenidas Rio Branco e Beira Mar, o concurso das Escolas de Samba na Praça Onze de Junho; na segunda-feira Gorda o concurso dos ranchos carnavalescos na Av. Rio Branco – que foi iluminada com cores variadas enquanto as demais foram enfeitadas com flâmulas, galhardetes e festões –; e, finalmente, na terça-feira gorda, o desfile das Grandes Sociedades pelo centro. Em diversos bairros ficaram localizados coretos com banda e houve refletores nos principais monumentos da cidade.<sup>200</sup>

Assinada por “Dulcídio” a crônica carnavalesca, dois dias após a publicação da programação oficial, critica os carnavais que se instalam na cidade e coloca que há dois tipos de carnaval: o primeiro referente aos bailes luxuosos que cobram preços exorbitantes e o segundo, aberto ao público, que se encontra nas praças, ruas e nos bailes dos ranchos. Para o

---

<sup>199</sup> EM PLENO DOMINIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 23/02/1936, p. 03

<sup>200</sup> NO LIMÍAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 27/01/1937, p. 11

autor, este último é onde se realiza o verdadeiro carnaval, o restante “é pra inglês ver”. Ao se referir aos folguedos da Praça Onze o autor considera que “[...] tudo ali é livre, não há preocupação de costumes, de crise e de polícia. A lei é o rythmo, a ordem é o samba”. E defende o povo que ali comemora os Dias Gordos: “[...] a minha gente, gente boa, gente do morro, gente prompta que não vae para conversas, que trabalha dia a dia – por falta de casa, dança na praça.”<sup>201</sup> E finda sua crítica dizendo que houve um dia em que o carnaval foi igualitário, atualmente “[...] um é pra inglês ver e o outro é o povo quebrando os elos das obrigações e estendendo-se sobre a cidade exuberante de vida, de prazer e de folia.”<sup>202</sup>

Embora não se saiba se o cronista advém do subúrbio ou se é apenas um adepto dos foliões que ali habitam e suas práticas culturais, é interessante notar o espaço que lhe foi concedido. A coluna não faz este tipo de crítica mesmo porque privilegia os bailes garbosos e elegantes na cobertura fotográfica, na disposição de detalhes e nos adjetivos.

Esta “abertura”, ano após ano, da coluna ao que acontece “pros lados do morro”, é respaldado na reportagem sobre a *Escola de Samba Mocidade Louca de S. Christovão*, que ofereceu um “angu à baiana” à *Escola de Samba Unidos do Tuiuty* e um “cok-tail” à imprensa. A nota ainda ressalta que o presidente e o diretor da Escola promotora do evento estavam trabalhando para que a imprensa “tenha uma idéia perfeita da pujança dos seus denotados sócios”.<sup>203</sup>

Dois fatos chamam a atenção na nota: o primeiro é a diferença no cardápio oferecido – angu à baiana para sua co-irmã e um “cok-tail” à imprensa –, o segundo, é o deferimento feito a esta última no sentido de mostrar as qualidades dos sócios da Escola, algo recorrente no momento em que as Escolas de Samba procuram se firmar aos olhos dos periódicos que, por sua vez reconheciam o caráter dos “denotados sócios”.

Depois de servido o coquetel, com a *Unidos do Tuiuty* foram tocados os sambas “Meu Coração te Chama” e “Revelação”, este cuja letra foi transcrita pela coluna que, dias depois, publica suas “impressões” sobre o evento:

Pelos sambas que ouvimos, em que há a verdadeira interpretação da vida brasileira, podemos afirmar, ser o samba do morro, a nossa verdadeira música, porque no samba há enredo e sentimentalismo, que, ao serem transportados para a cidade, pelos pseudos autores, perdem todo o sentido.<sup>204</sup>

---

<sup>201</sup> Id. *ibid.*; 29/01/1937, p. 11

<sup>202</sup> Id. *ibid.*;

<sup>203</sup> Id. *ibid.*; 31/01/1937, p. 10

<sup>204</sup> EM PLENO DOMÍNIO DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 07/02/1937, p. 07



Cabe lembrar também a festa da Escola de Samba *Vizinha Faladeira* que, em colaboração do C. C. C., distribuiu cerca de mil e quinhentos convites. A nota destaca que o ambiente seria familiar e só entrariam pessoas com convites ou trajadas adequadamente.<sup>205</sup>

A véspera do início dos Dias Gordos é marcada por um tom preocupante em relação ao corso e um comentário, assinado por “Panama”, confere ao desfile a potencialidade de ser, ao mesmo tempo, “aristocrático e popular”. Em sua interpretação, essa exibição traz “[...] o mais perfeito traço de união entre dois carnavais, hoje cada vez mais separados um do outro: – o popular, exclusivamente de rua, e o aristocrático, dos grandes salões.”<sup>206</sup> Para o autor, seu declínio não colabora para que essa essência “democrática” continue, tendo em vista a quantidade de automóveis fechados, “feito nozes [...] e não tem graça nenhuma fazer carnaval de dentro desses estojos...” Por isso, ele propõe a volta dos caminhões decorados em que foliões e folionas pudessem desfilar com “seus choros e suas luzes”.

A coluna publicou<sup>207</sup> em bloco a relação de folguedos espalhados pela cidade nos três dias de folia, mas tal relação<sup>208</sup> não dispõe o caráter e as exigências de cada um, somente que a grande maioria promoveria bailes em suas sedes, ou em salões de agremiações co-irmãs, em que homenageiam a si mesmas. Vale destacar a presença das sociedades de estrangeiros habitantes no Rio de Janeiro, dentre as quais as agremiações portuguesas possuem a maior relevância, embora as associações de espanhóis, sírios, libaneses e alemães também tiveram lugar na coluna carnavalesca. Também os clubes de futebol como Botafogo, Fluminense, Flamengo e Vasco se dispuseram a promover ao menos um baile em suas sedes e, por fim, é plausível destacar que as festividades anunciadas em conjunto privilegiam os carnavais em locais fechados.

---

<sup>205</sup> NO LIMIAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 27/01/1937, p. 11

<sup>206</sup> QUASE EM PLENO DOMINIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 06/02/1937, p.11

<sup>207</sup> QUASE EM PLENO DOMINIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 06/02/1937, p.13

<sup>208</sup> Os espaços são os seguintes: **Teatros:** Teatro Municipal, Teatro João Caetano. **Hotéis:** Copacabana Palace, Palace Hotel, Hotel Avenida, Hotel Tijuca, Hotel Regina. **Clubes carnavalescos:** Clube dos Democráticos, Clube dos Fenianos, Congresso dos Fenianos, Tenentes do Diabo. **Cordões:** Bola Preta, Cordão dos Laranjas, Cordão dos Cansados. **Ranchos:** Flor de Abacate, Ameno Resedá, Rouxinol de Bangú, União das Flores. **Blocos:** Respeita as caras, De Língua não se Vence. **Sociedades Recreativas:** Orpheão Portuguez, Centro Gallego, Orpheão Portugal, Fraternidade Lusitana, Banda Portugal, Banda Lusitana, Lord Club, Penha Club, Casino Bangu, Bangu Club, Grêmio João Caetano, Amantes da Art Club, Endiabrados de Ramos, Humaytá Club, Recreio de Santa Luzia, Life Club, Elite Club, Alliança Club, Parasitas de Ramos, Caprichosos Unidos do Brasil, Teimosos de Santa Cruz, Decididos de Quintino, Ultima Hora, Destemidos da Caverna, Recreio da Ilha do Governador, Recreio dos Lavradores, Não Posso Me Amofinar, Renascença, Recreio das Bahianinhas, Caprichosos da Tijuca, Alliança de Quintino. **Centros Elegantes:** Club Militar, Club naval, Jockey Club, Atlantic Refining Club, Gymnastico Portuguez, Club de São Christovão, B. A. Transatlantico Club (C. R. Botafogo), Club Municipal, Allambra, High-Life Club, Oympico Club, Club Sul America (Botafogo F. C.), Club Central, Sociedade Sul Rio Grandense, Casa do Estudante, Icaray Praia Club, Centro Cultural R. C. Bancários. **Casinos:** Atlântico, da Urca, Copacabana.

As sociedades recreativas como Orpheão Portuguez, Tijuca T. C., Icaray Praia Club, a Casa do Estudante, dentre outros, montaram um programa de bailes de máscaras e batalhas de confete que ocupou todo o mês de janeiro, exemplo que foi seguido pelos “clubes elegantes” como São Christovão, Allambra e High Life.

Diferentemente de 1936, houve batalhas de confete no mês de janeiro nas ruas Moraes e Silva, Visconde de Itamaraty<sup>209</sup>, Gomes Serpa<sup>210</sup>, Santa Luiza, Uruguay, na Av. Rio Branco (promovida pelo C. C. C.), na Vila Rangel com a presença de Escolas de Samba, ranchos e cordões.<sup>211</sup> Por fim, no último dia permitido antes do início do tríduo momesco, teve lugar na Rua Barão de Ubá, com o comparecimento de blocos, ranchos e Escolas de Samba e Justiniano da Rocha (Vila Isabel).<sup>212</sup>

Durante a folia, propriamente dita, não foi feita alusão alguma às batalhas de confete a céu aberto, excetuando-se a da Av. Rio Branco e os demais festejos no mesmo estilo, que concorriam por prêmios municipais, foram realizados em coretos públicos construídos pelas próprias agremiações de bairro. Entretanto, diferentemente de outros anos, nada foi dito na programação anunciada desses bairros, sendo publicado apenas o vencedor – Campo Grande, seguido por Jacarepaguá e Madureira.<sup>213</sup>

Refutando os prenúncios de um carnaval “morno”, o que foi visto no sábado:

Por volta das 5 horas, estava a nossa grande artéria inteiramente tomada pelo povo, que afluía em massa, afim de assistir o desfile dos préstitos das repartições públicas, cujos cortejos equivalem, hoje, a autenticos carnavais de grandes clubs.

À noite intensificou-se o movimento, tendo-se a impressão real de que já estávamos em pleno reinado da folia, pela alegria contagiante, pelo entusiasmo e pelo ardor com que se “feriam” então os primeiros encontros, com as armas próprias para tão amáveis combatentes.<sup>214</sup>

O desfile dos blocos das repartições públicas na Av. Rio Branco, abriu os festejos oficiais do carnaval de 1937, com o bloco *Reinado das Águias*, filiado à Imprensa Nacional, cujo enredo foi “Uma festa no Olimpo”, o pessoal do *Cais do Porto* vem com o enredo “Paz na América”; além destes, estão inscritos *Arsenal da Marinha*, *Correios e Telégrafos*,

---

<sup>209</sup> NO LIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 05/01/1937, p. 12

<sup>210</sup> NO LIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 16/01/1937, p. 08

<sup>211</sup> Id. *ibid*; 23/01/1937, p.11

<sup>212</sup> Id. *ibid.*; 02/02/1937, p.12

<sup>213</sup> O CARNAVAL PASSOU. *Correio da Manhã*, 11/02/1937, p. 10

<sup>214</sup> EM PLENO DOMINIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 07/02/1937, p.05

*Prefeitura Municipal, Fábrica de Projéteis de Artilharia,*<sup>215</sup> basicamente os mesmos do ano anterior, com exceção da *Casa da Moeda*. No júri encontrava-se Timbauba da Silva (Gabinete de pesquisas da Policia), professor Armando Vianna (ENBA), Gilberto de Andrade (ex- chefe de Censura Teatral, literato), Custodio Mesquita (musicista), Issao Moutinho (cronista do *Diario Portuguez*), Raphael Pinheiro (médico), Freire Junior (maestro). O bloco da *Prefeitura* saiu vencedor, seguido pela *Fábrica de Projéteis Artilharia e Correios e Telégrafos.*<sup>216</sup>

O clima carnavalesco a tudo contagiava com “[...] os ranchos, com as suas luzes, seu luxo e riqueza, e principalmente com a estupenda harmonia de suas vozes. De entremeio, as escolas de samba também desceram, trazendo para o centro o encantamento magnífico da alma dos morros e dos bairros mais afastados.”<sup>217</sup>

A crônica procura transcrever o ritmo que nos últimos dias tem tomado o Rio de Janeiro, onde, entre perdas e ganhos, o carnaval ainda é “o melhor do mundo” nas concepções do cronista. Ligando o carnaval de rua com o dos bailes fechados é encontrado o corso na Av. Rio Branco e Av. Beira-Mar. No domingo de carnaval, teve lugar o corso, representado na imagem abaixo.



**Imagem 06.** EM PLENO DOMÍNIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 09/02/1937, p. 03

<sup>215</sup>QUASE EM PLENO DOMÍNIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 06/02/1937, p. 11

<sup>216</sup>O CARNAVAL PASSOU. *Correio da Manhã*, 11/02/1937, p. 10

<sup>217</sup>EM PLENO DOMÍNIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 09/02/1937, p. 03

Acima um grupo de mulheres desfila em carro aberto durante o curso, aparentemente fantasiadas de piratas, empunhando pandeiros. Aqui, não encontram ressonância as críticas aos carros fechados, que impediam o curso de atingir o verdadeiro clima carnavalesco.



**Imagem 07.** EM PLENO DOMÍNIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 09/02/1937, p. 03

Nesta representação do curso – que não dispõe do local exato do desfile, podendo ser nas avenidas Rio Branco ou Beira-Mar – um grupo misto posa para uma foto em que as mulheres estão travestidas de homens com espadas e cartolas.<sup>218</sup>

Em uma nota considerável, a coluna afirma que “estão prontos” para desfilarem na segunda-feira Gorda os dez ranchos inscritos: *Parasitas de Ramos, União das Flores, Caprichosos Unidos do Brasil, Teimosos de Santa Cruz, Rouxinol de Bangú, Decididos de Quintino, Última Hora, Destemidos da Caverna, Recreio da Ilha do Governador, Recreio dos Lavradores e Clube dos Arrepiados*. A nota situa o “Dia dos Ranchos” como “um dos grandes atrativos do carnaval.”<sup>219</sup> Vale lembrar que o desfile dos ranchos ocorreu na Av. Rio Branco, reduto magno do carnaval carioca, enquanto o das Escolas de Samba na Praça Onze.

Fazem parte do júri do dia dos ranchos o professor Magalhães Correia, escultor da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA); Dr. Abadie Faria Rosa, escritor; Armando Vianna, pintor da ENBA; e Freire Junior, musicista. Foram distribuídos os seguintes prêmios para os melhores classificados: 1º lugar: 5:000\$000, 2º lugar: 3:000\$000, 3º e 4º lugares 1:000\$000

<sup>218</sup> Embora várias fotos mostrem a cobertura do jornal ao curso, a nitidez delas está comprometida, contudo vale destacar a presença de grupos de Pierrots, mulheres-piratas, Columbinas e os habituais marinheiros

<sup>219</sup> QUASE EM PLENO DOMÍNIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 06/02/1937, p.11

para cada um. Os motivos dos enredos, seja nacional ou estrangeiro, foi de livre escolha e o rancho devia parar em frente ao coreto onde se encontra o júri pelo tempo que este achar necessário.<sup>220</sup> Sagrou-se campeão, na segunda-feira Gorda, o *União das Flores, Endiabrados de Ramos* e *Destemidos de Quintino*<sup>221</sup>, com o enredo “Cortejos Maravilhosos em Bisancio”.<sup>222</sup>

Já nas Grandes Sociedades, os *Pierrots da Caverna* vêm com o carro-chefe “Paz Continental”, os *Tenentes do Diabo* fazem várias homenagens e seus carros aludem à “Fraternidade luso-brasileira”, “No tabuleiro da bahiana” ou “Alma da Favela”, “Football”, “Falta Água” (carro de crítica) entre outros, há o destaque para a natureza. O *Congresso dos Fenianos* tem somente o carro-chefe, de 50 metros de comprimento, chamado “Jardins Suspensos”, destacado. Os *Fenianos* homenageiam São Paulo em sua alegoria principal e os *Democráticos* não liberaram a entrada para a visita aos barracões.

Enquanto os outros carros tratavam de assuntos cotidianos e estrangeiros, os *Democráticos* venceram o desfile com o carro-chefe “A Sinfonia Marajoara”, seguidos pelos *Tenentes do Diabo*, *Fenianos*, *Pierrots da Caverna* e, em último lugar, o *Congresso dos Fenianos* em seu quarto carnaval. O veredito foi dado por um júri indicado pelo Centro dos Cronistas Carnavalescos, pois a Prefeitura não designou nenhum. Como não houve consulta prévia às Grandes Sociedades, elas podiam recusar o resultado.<sup>223</sup>

O saldo dos festejos foi uma ligeira diminuição nas avenidas centrais em relação aos anos anteriores, no entanto, a Praça Onze tornou-se o “quartel general [...] da gente do morro, da gente que faz outro Carnaval dentro do Carnaval carioca.” Nos outros subúrbios, não houve diferença em relação aos anos anteriores; assim, em Cascadura, Madureira, Linha Central, Leopoldina, Linha Auxiliar, Meyer, Ramos, Penha, Merity, Pavuna, Cordovil, os ânimos permaneceram os mesmos. O curso decaiu em relação aos outros anos, provavelmente porque a maioria dos proprietários de automóveis possuíam carros fechados que não fazem jus aos propósitos do curso.

Quanto ao número de passageiros, a Central do Brasil informou que o movimento nos subúrbios e de pequenos percursos atingiu o total de 316.652 pessoas nos três dias, entre passageiros de 1ª e 3ª classes, sendo esta responsável por 190 mil passageiros do total.<sup>224</sup>

---

<sup>220</sup> EM PLENO DOMINIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 07/02/1937, p.08

<sup>221</sup> O CARNAVAL PASSOU. *Correio da Manhã*, 11/02/1937, p. 10

<sup>222</sup> EM PLENO DOMINIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 07/02/1937, p.05

<sup>223</sup> O CARNAVAL PASSOU. *Correio da Manhã*, 11/02/1937, p. 10

<sup>224</sup> Id. *ibid.*; 11/02/1937, p. 10

Segundo o *Correio da Manhã*, o carnaval de 1937 não apresentou disputas políticas como no ano anterior. Os blocos que dela faziam parte e desfilavam no sábado gordo não tiveram seu “dia oficial”, tomando parte do banho de mar à fantasia da praia do Flamengo e de seu respectivo concurso de blocos. Aos poucos, os blocos das repartições públicas municipais e federais, mesmo que menores, vão conquistando um espaço cativo nas ruas, no sábado gordo e na crônica carnavalesca.

Se por um lado, o *Correio da Manhã* publica algumas matérias sobre as Escolas de Samba e, por meio de sua crônica carnavalesca, faz elogios a elas; por outro, separa um pequeno espaço às mesmas na coluna, não detalhando seus préstitos ou promovendo uma cobertura similar à das Grandes Sociedades e ranchos. Em contrapartida, *O Cruzeiro* faz uma matéria especial de duas páginas quanto às origens do samba, buscando legitimá-lo a partir da referência a uma orquestra (elemento erudito) que determina o espetáculo carnavalesco.

Na foto, um dos três bem vestidos homens negros que compõem a imagem toca o surdo enquanto os outros dois cantam, representando o autêntico samba e desmontando a imagem de malandro que lhes era peculiar.



**Imagem 08. SAMBA.** *O Cruzeiro / Jornal Estado de Minas*, 06/02/1937, p. 36. No alto lê-se “para infelicidade delles e felicidade da nossa música popular, milhares de negros partiram durante annos com destino ás Américas. As leis dos homens brancos deram-lhes a liberdade política, porém moralmente continuaram a ser uma raça opprimida”. E logo abaixo, “todo o

espectáculo toma origem em torno desse eixo poderoso que, invisível como uma orquestra wagneriana, domina e orienta o templo.”

Na reportagem, a questão da imigração é pensada num primeiro momento com base na América do Norte, “onde a infelicidade colectiva aproxima-os do choral protestante” e do jazz. No caso brasileiro, “o samba nasceu também numa encruzilhada de raças diversas e de culturas diferentes”. A empreitada legitimadora do samba adentra na referência religiosa:

O samba das favelas cariocas e os maracatus de Pernambuco, descendentes directos e próximos da música que elle praticava no continente africano, conservam ainda hoje um profundo character religioso que dá ás canções dansadas da raça negra esse aspecto impressionante e hierático que os familiarizados com as manifestações do gênio negro-brasileiro conhecem bem.<sup>225</sup>

Ao alinhar o samba das favelas cariocas aos “maracatus de Pernambuco” a legitimação do samba finca raízes no passado histórico do Brasil como um todo, validadas não somente pela origem negra buscada e assentada, mas também pelo elemento religioso, consolidando o samba em produto que o “gênio negro-brasileiro” conhece bem.

O pensamento do samba como elemento civilizado não segue uma argumentação linear na matéria produzida por Ayres de Andrade, “especialmente para *O Cruzeiro*”. Ao detalhar os instrumentos necessários para “fazer um samba” o autor diz que, “a cuíca exerce uma dictadura prepotente e o seu ronco surdo e uniformemente rythmado mantém o equilíbrio numa família de instrumentos cujos membros respondem a nomes pitorescos e bárbaros ganzá, omelé, apoché, etc.”<sup>226</sup>

Se na página anterior o negro foi descrito como gênio agora ele é posto, “antes de tudo como um improvisador ingênuo. Nelle tudo se manifesta bruscamente, de maneira directa e immediata”. Se num primeiro cenário o samba é como uma manifestação do negro brasileiro que faz o seu espetáculo quase como uma “orquestra wagneriana”, no seguinte, seus instrumentos obedecem aos nomes “pitorescos e bárbaros”, adjetivos que, se não deterioram completamente o gênero em si, são pelo menos contraditórios.

A busca por um consenso em torno dessa prática (ainda considerada em alguns pontos como inferior), parte da atmosfera do espetáculo “orquestral wagneriano”, invisível aos olhos, para desembocar no passado “pitoresco” dos instrumentos cujos nomes vêm para lembrar ao leitor o passado “bárbaro” do samba.

---

<sup>225</sup> Id. *ibid.*;

<sup>226</sup> SAMBA. *O Cruzeiro / Jornal de Mina*, 06/02/1937, p. 37

Inventar uma tradição tornou-se tarefa constante no período analisado, uma vez que a ideia da conglomeração das várias etnias em torno do samba visa, via repetição, inculcar certos valores para estabelecer uma ligação com o passado histórico durante muito tempo esquecido, transformando o presente numa “continuidade superficial.”<sup>227</sup>

Eric Hobsbawm divide a invenção das tradições entre:

a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento.<sup>228</sup>

A inserção do samba na imprensa escrita e radiofônica como um produto referente à construção da nacionalidade ocorre no sentido de criar uma coesão social a partir da união do morro e da cidade. E, também, para estabelecer no Rio de Janeiro, num primeiro momento, e no Brasil, em seguida, valores e padrões de comportamento que seriam (e ainda são) absorvidos e reapropriados contínua e abertamente.

A intervenção direta e pungente do poder público, por meio do Departamento de Turismo, expressa pelo *Correio da Manhã*, impedia o livre brincar carnavalesco, isso sem falar na recomendação de temas nacionais nos enredos. No discurso reverberado dos circuitos artísticos e políticos do período e “endossado” pelo *Correio da Manhã* por diversas vezes, com elogios suntuosos e detalhamento extenso dos préstimos daquelas escolas que assim procedessem.

A inclusão destas questões nos estatutos levantados por Nelson da Nóbrega Fernandes no início deste trabalho, nada mais é do que a consequência de uma política constante da mídia e do Estado em “civilizar a festa” – política essa existente desde as perseguições ao entrudo – catalisada pelo governo Vargas.

Já as práticas populares se encontravam, muitas vezes, à mercê e vontade do Departamento de Turismo, cujo brio e orgulho ferido do subdiretor, Alfredo Pessoa, fez com que o desfile dos blocos voltasse no ano de 1936 aos antigos redutos carnavalescos. Dentre as práticas populares, os ranchos estão entre os “melhores conceituados” pela administração

---

<sup>227</sup> “O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar, num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez.” In: HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs). *A invenção das tradições*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997. p. 09

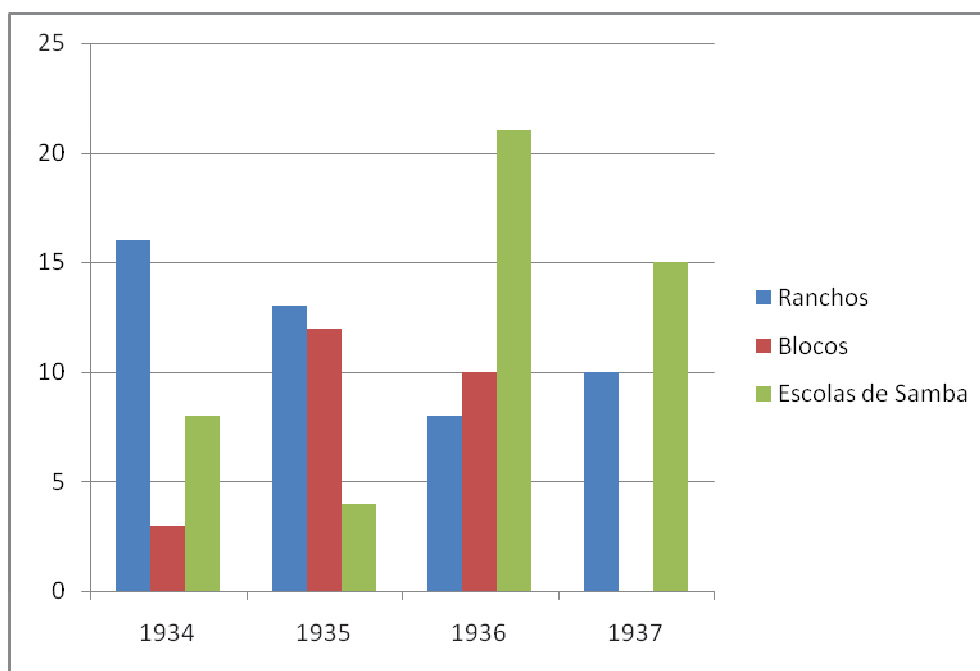
<sup>228</sup> Id. id.; p. 17



pública, e por isso mesmo, também pelo *Correio da Manhã* e, conseqüentemente, ocuparam a Av. Rio Branco na segunda-feira gorda.

O gráfico abaixo denota o número de ranchos, blocos e escolas de samba elencados na coluna carnavalesca analisada e na bibliografia específica<sup>229</sup> ao longo desse primeiro capítulo. Abaixo se vê que o número de ranchos descritos em 1934 (16) diminuiu ao longo dos anos, ao passo que o número de escolas de samba caminhou no processo inverso. Esse processo talvez se deva ao fato de que o apreço pelas escolas de samba foi aumentando durante o período ou mesmo devido ao fato de alguns ranchos terem sido anexados às escolas de samba. Quanto aos blocos – excetuando sua participação nos banhos de mar à fantasia no período pré-carnavalesco – desapareceram do jornal, mas não das ruas, na medida em que não foi fixado um dia específico – a exemplo dos ranchos (sábado), escolas de samba (domingo) e grandes sociedades (terça-feira) – para seu desfile durante o tríduo momesco.

**GRÁFICO 1: Ranchos, Blocos e Escolas de Samba nos anos 1934 -1937**



O palco dos blocos eram os banhos de mar à fantasia – aumentados em número e prestígio durante os anos de 1934 a 1937 – e as batalhas de confete. Estas cada vez mais

<sup>229</sup> O número de Escolas de Samba que desfilaram nos anos de 1934, 1935 e 1937 foi retirado do livro “*As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*” (p. 379-80) de Sérgio Cabral. No entanto, o autor citou somente as primeiras colocadas no ano de 1935, o que sugere que estas estavam em um número maior do que o publicado.

esparsas e controladas pela Polícia, que proibia o uso das máscaras e do lança-perfume, “armas” preferenciais dessa batalha a céu aberto, truncando o livre brincar carnavalesco.

No entanto, os foliões, tendo a transgressão como princípio, encontravam uma maneira de driblar as proibições e sugestões. As reportagens apontam para a luta da imprensa contra a proibição das máscaras e para o uso já ilícito dos lança-perfumes.<sup>230</sup>

Se, nesse primeiro momento, a cobertura jornalística concedeu parca atenção às Escolas de Samba e à Praça Onze, estas seriam tema de discussões posteriores, pois estavam envolvidas em um contexto político, o Estado Novo, que possuía projetos bem definidos para elas e para o Brasil.

---

<sup>230</sup> Este aparece como item proibido em portaria publicada pelo *Correio da Manhã* de 08/02/1934 p. 05, publicado previamente no item 1.3.2 Os festejos carnavalescos da cidade.

## - CAPÍTULO 2 -

### **Os pândegos e as novas interdições nos carnavais do Rio de Janeiro (1938 a 1942)**

Este capítulo tem como objetivo rastrear os usos do aparelho repressor “estadonovista” relacionado à organização e ao caráter dos festejos carnavalescos, numa época em que a nacionalidade é lançada como valor supremo da sociedade, como pode ser sentido na citação seguinte:

Como os grandes valores da vida não se constituiriam, na sociedade moderna, em objeto de conhecimento racional, podendo apenas ser traduzidos em símbolos e mitos, o mito da nacionalidade cumpria muito bem este papel. Chegava-se ao primado do irracional, do inconsciente coletivo, através do qual se faria possível a integração política, que o emprego da razão democrática e liberal obtivera.<sup>1</sup>

Nesse sentido, o aparato policial é construído a fim de ordenar os costumes, regular os hábitos e controlar

[...] as crises, o perigo comunista, a ganância anticristã dos liberais, a inadaptabilidade dos estrangeiros, as conspirações contra o povo brasileiro, a ameaça internacional da política do Komintern, os maus hábitos, ou tudo aquilo que fosse apontado como causador de algum dano.<sup>2</sup>

Dentro dessa perspectiva, o então chefe de polícia, Filinto Muller, não só agiu em perseguição aos desocupados, “à massa dos sem-trabalho”, como também demonstrou “temor” em relação ao perigo que este “contingente” poderia representar ao espaço urbano.<sup>3</sup> Pode-se determinar aqui um paralelo com os habitantes dos morros, local da fundação do samba e da organização do desfile de suas escolas.

---

<sup>1</sup> CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia da era Vargas*. Brasília: Editora da UnB, 1993, p. 21

<sup>2</sup> Id. *ibid.*; p. 26

<sup>3</sup> Id. *ibid.*; p.33

Convém, diante disso, questionar qual foi a relação estabelecida entre a Polícia e o “pessoal do morro”, que resultados um aparelho repressor, de caráter nacionalista, impôs às práticas culturais dos foliões e se o ritmo e o caráter dos folguedos foram alterados.

Elizabeth Cancelli atenta para os campos percorridos pelas incursões policiais:

O controle da malandragem, a vigilância das ruas com suas centenas de informantes anônimos e em potencial, a forte e ferrenha censura, o policiamento ostensivo das praias, o controle e tutela policiais das festas populares, como o carnaval, e a exaltação ao cidadão pacato, à família também faziam parte do cotidiano policial.<sup>4</sup>

Segundo Ângela de Castro Gomes, todos os atores do sistema político eram alvos desse discurso político-ideológico voltado às relações sociais, “o DIP [Departamento de Imprensa e Propaganda], portanto, materializa o grande esforço empreendido, durante o Estado Novo, para controlar os instrumentos necessários à construção e implementação de um projeto político-ideológico que se afirmasse como socialmente dominante.”<sup>5</sup>

Para a construção da democracia social pretendida pelo Estado Novo, era necessário que o projeto viesse “de baixo para cima”, e não o contrário, privilegiando formas de organização universais de todas as classes:

A relação direta homem/poder público é assim qualificada pelo trabalho como uma relação cidadão/Estado. Desta dinâmica adviria o sentido social profundo da fórmula política encontrada pelo Estado Novo. O cidadão desta nova democracia, identificado por seu trabalho produtivo, não mais se definiria pela posse de direito civis e políticos, mas justamente pela posse de direitos sociais. [...] Pelo trabalho o cidadão encontraria sua posição na sociedade e estabeleceria relações com o Estado; por esta mesma razão, o Estado se humanizaria, destinando-se a assegurar a realização plena dos cidadãos pela via de promoção da justiça social.<sup>6</sup>

Segundo Gomes, antes de ser político, o cidadão era entendido pelo projeto estadonovista, classificado por ela de “democracia autoritária”, como um indivíduo social cujos direitos sociais eram garantidos, mas os políticos nem sempre. Assim, a

[...] fórmula de resolução da questão social é capaz de integrar o povo à política, afastando a ameaça anarquizante de pressões sociais que podem deixar de fora de controle estes novos participantes do desenvolvimento

---

<sup>4</sup> Id. *ibid.*; p.33

<sup>5</sup> GOMES, Ângela Maria de C. *O redescobrimento do Brasil*. in: OLIVEIRA, L. L. *Estado Novo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1992. p. 110

<sup>6</sup> Id. *ibid.*; p. 127

sócio-econômico do país. [...] o trabalhador brasileiro é o cidadão da democracia social e o homem da nova comunidade nacional.<sup>7</sup>

Combatendo o regionalismo, o individualismo e as atuações partidárias “anarquizantes”, a ditadura do Estado Novo propagandeava “uma comunidade nacional” harmoniosa que necessitaria apenas de um Estado forte para atingir o crescimento social e econômico.

Tendo em vista as análises do período anterior, em que o carnaval é colocado – junto ao samba – nos discursos da imprensa como “cartão postal” do Brasil, pois era capaz de arregimentar todas as classes sociais que, juntas, dançavam e cantavam em uníssono as maravilhas do país; é necessário ressaltar na atuação do Estado Novo a verticalização desse projeto.

## 2.1 Os tríduos pré-carnavalescos

O ano de 1938 inicia-se com o presidente Getúlio Vargas justificando a dissolução dos partidos políticos, no sentido de “[...] supprimir os interesses facciosos e de grupos na solução dos problemas de governo. O Estado, segundo a ordem nova, é a Nação, e deve prescindir, por isso, dos intermediários políticos para manter contacto com o povo e consultar suas aspirações e necessidades”<sup>8</sup> No entanto, em 05 de novembro de 1937, no *Correio da Manhã*, Paulo Bittencourt (diretor) e Costa Rego (chefe de redação) já haviam denunciado o golpe que ocorreria dias depois:

Iniciou-se o regime da censura rigorosa, com um censor instalado no jornal lendo todas as matérias. Nesse período, desenvolveu-se o chamado ‘estilo da censura’, que resultou em artigos com uma mensagem política tão sutil que muitas vezes seu conteúdo não era apreendido nem pelo censor, nem pela imensa maioria dos leitores”.<sup>9</sup>

A possibilidade de manobrar notícias contra o regime de censura instalado meses antes era dificultada pelo censor, restando ao periódico em questão o “estilo da censura”.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> Id. *ibid.*; p. 143

<sup>8</sup> FALANDO À NAÇÃO, *Correio da Manhã*, 01/01/1938, p. 10

<sup>9</sup> DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO pós 1930. Alzira alves de Abreu et. al.. (Coord.) Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001, p. 1628

<sup>10</sup> Cabe considerar que neste capítulo o Estado Novo será avaliado em sua articulação com a festa carnavalesca, priorizando, portanto, a interface do político com o cultural.

O ano carnavalesco de 1938 é inaugurado com um desfile das escolas de samba organizado pelo Centro dos Cronistas Carnavalescos na Feira de Amostras. Feito em eliminatórias ocorridas nos dias vinte e três de dezembro de 1937 e dois de janeiro de 1938, o desfile foi descrito como “authentic night of carnival”, na qual a Feira de Amostras abrigou um “grande espetáculo de samba, o famosíssimo samba do morro”.<sup>11</sup> As vencedoras do desfile foram: em primeiro, a Escola de Samba *Deixa Malhar* (300\$000 réis); em segundo a *Estação Primeira* (250\$00 réis); em terceiro, a *Não é o Que Dizem* (150\$000 réis); e, em quarto *União Entre Nós* (100\$000).<sup>12</sup>

A reportagem, no entanto, não detalha o enredo das participantes. Isso seria significativo no sentido de rastrear as possíveis características que o júri – composto pelo articulista do Pilar Drumond (*Correio da Manhã*), Lourival Pereira (chefe do Departamento de Propaganda), Lucio Guimarães (do C. C. C.) e Henrique Fabregat (professor, jornalista e escritor uruguaio) – teria levado em consideração no veredito. A formação da comissão, com dois integrantes do Centro dos Cronistas Carnavalescos da cidade, o chefe da propaganda varguista, além de um professor e jornalista, demonstra interesses claros da imprensa e do poder público em alçar as escolas de samba a um “grande espetáculo de samba”.

Logo no início do ano, *No Limiar da Folia* publica um cronograma em que constam eventos como uma batalha de confete na Av. Rio Branco (transferida do dia 31 de dezembro devido ao mau-tempo), seguida pelos já tradicionais banhos de mar à fantasia na praia de Ramos, na praia da Urca, além das parcerias com cassinos e outras agremiações carnavalescas,<sup>13</sup> como os tradicionais bailes no *Clube dos Democráticos*, o prélio de lança-perfumes e serpentinas no Cassino Balneário em homenagem ao prefeito da cidade Henrique Dodsworth, em que o melhor samba alusivo ao Cassino da Urca, a melhor marcha em deferência ao C. C. C. e um samba ou marcha referente à Feira de Amostras eram premiados com 1:500\$000 réis. Outros prêmios foram distribuídos para automóveis, crianças fantasiadas e “máscaras” avulsas.<sup>14</sup> É relevante destacar a presença de máscaras e de lança-perfumes, pois ambos foram os alvos da perseguição policial no ano anterior – inclusive em recintos fechados – mas sobreviveram – ao menos no nível da propaganda – entre as preferências dos foliões e promotores dos festejos.

---

<sup>11</sup> NO LIMIAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 08/01/1938, p. 07

<sup>12</sup> Id. *ibid*; 11/01/1938, p. 06

<sup>13</sup> Id. *ibid*.; 07/01/1938, p. 07

<sup>14</sup> Id. *ibid*.; 05/01/1938, p. 09

Apesar de conglomerar grande parte das atrações da cidade o C. C. C. não é o único a promover a folia pré-carnavalesca. Os *Pierrots da Caverna*, o *Clube dos Democráticos*, *Congresso dos Fenianos*, ou seja, as Grandes Sociedades, além do *Grupo dos Independentes*, o *Cordão da Bola Preta*, *Cordão da Bola Branca* e o Clube Sul America também são destacados pela coluna carnavalesca.<sup>15</sup> A única diferença entre essas instituições e o Centro é o reduto em que são promovidos os eventos. Enquanto este possui uma preocupação aberta com o carnaval de rua, as Grandes Sociedades e os clubes carnavalescos atêm-se às batalhas de confete internas, com pagamento de ingresso (cujo valor não é publicado), ou pela apresentação da “carteira social em dia” do filiado; nesse caso, a família ou acompanhantes têm passagem livre.

As batalhas internas possuem públicos próprios, em linhas gerais as Grandes Sociedades, os Cassinos da Urca e Balneário, o Tijuca T. C., o C. R. Vasco da Gama e High-Life Club cobram preços mais elevados em suas entradas, provavelmente para selecionar o grupo de foliões. Outro ponto de distinção social é a obrigatoriedade do traje a rigor, o “summer jacket”, o branco e as fantasias, ambos de luxo, eram vestimentas exigidas para a entrada até nas simples batalhas de confete.

Nos bailes dos cordões, o mesmo artifício da “carteira social em dia” era usado, no entanto com entrada a preços mais módicos e sem restrições ao vestuário, abrangiam um público menos favorecido economicamente. É o caso do cordão da *Bola Branca*, cujos bailes cheios de “foliões da gemma, daquelles que procuram se divertir, sem correr o risco de uma garrafada, de uma cadeirada e ‘outras cositas’, muito communs nos excessos dos foliões dos cordões.”<sup>16</sup> Sobre o sucesso alcançado pelo cordão, Pilar Drumond atenta o estigma recorrente de os cordões se “exaltarem” durante os festejos promovendo brigas e discussões. Esta definição é rica, pois permite traçar as diferenças entre o comportamento dos foliões, mesmo de instituições congêneres, “perigo” que o folião da *Bola Branca* não corria, segundo o articulista.

No mesmo “editorial carnavalesco”, Pilar Drumond, na época tesoureiro do Centro dos Cronistas Carnavalescos, rebateu as críticas que o grupo vinha recebendo, mas não as especificou, apenas pediu aos autores das mesmas que promovessem festas que fossem capazes de ofuscar o brilhantismo obtido nos anos de trabalho da referida instituição. Drumond lança mão de um discurso do chefe de polícia da cidade, Filinto Muller, que em

---

<sup>15</sup> NO LIMIAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 08/01/1938, p. 07

<sup>16</sup> Id. *ibid.*; 13/01/1938, p. 10

uma suposta palestra relatou, “que o C. C. C. havia obtido, com sua actuação, o reconhecimento official do inicio da era carnavalesca em 31 de dezembro, ainda quando o carnaval caia em março”. O tesoureiro finda a contenda com suas próprias palavras “fora do C. C. C., nada mais existe”.<sup>17</sup> Ao que tudo indica, a instituição foi alvo de críticas, rebatidas prontamente com o aval do chefe de polícia, que colocaram em xeque sua legitimidade como promotora dos festejos carnavalescos.

Com a mudança da sede do C. C. C. para o Edifício Martinelli, um

almoço de duzentos talheres [é oferecido às] altas autoridades federaes e municipaes, [com a obrigatoriedade de traje a] rigor, permitindo-se para cavalheiro o de brim branco de linho, sapatos de verniz preto e gravata da mesma cor. Também serão aceitas as máscaras e fantasias, excepto as de marinheiro, apache, travesti e macacões, que em absoluto não serão toleradas. As máscaras, segundo a portaria do chefe de polícia, podem ser usadas a partir do dia 1º de fevereiro.<sup>18</sup>

A proibição de fantasias “mais populares” é um artifício comum para conceder aos bailes de agremiações como o C. C. C. “uma nota de elegância e distinção”. Também o uso de máscaras é claramente regulamentado pela polícia a partir de uma data específica.

Quanto aos bailes “chics” - aqueles do clube Orpheão Portugal, que evidentemente abrange a colônia<sup>19</sup> portuguesa instalada no Rio de Janeiro – prosseguem como pode ser visto abaixo:

Prosseguem animados os preparativos para o elegante baile a fantasia que a comissão dos quinze fará realizar amanhã, na confortável sede do benemérito Orpheão Portugal, á Rua do Senado, 267, que receberá artística ornamentação e deslumbrante illuminação, concebidas pelos elevados espíritos de Lisboa Junior e Domingos Azevedo. Serão exigidos o traje completo ou fantasias distintas e o convite fornecido pela commissão [...].<sup>20</sup>

Enquanto os bailes “chics” e dirigidos especificamente às elites cariocas dão a nota de “garbo e elegância” nas batalhas fechadas, outras práticas festivas se espalham pela cidade onde “de São Francisco Xavier até Madureira, o ryhtmo da cuíca é um só. O próprio motor do bonde, quando entra no paraíso suburbano vae controllando sua marcha no compasso do

<sup>17</sup> Id. *ibid.*;

<sup>18</sup> NO LIMIAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 04/02/1938, p. 06

<sup>19</sup> Pensando nas colônias estrangeiras instaladas no Rio, casos congêneres também são observados em pequenas notas de propaganda quanto ao seu co-irmão Orpheão Português e o Opera Nazionale Dopolavoro, da colônia italiana.

<sup>20</sup> Id. *ibid.*;



samba; e que compasso!...”. Os bairros supostamente visitados pela coluna carnavalesca são mencionados na citação seguinte:

Madureira já não dorme, Cascadura adestra o côro dos tamborins, Quintino estica as cordas dos cavaquinhos, Piedade apura as notas das flautas, Encantado prepara os pandeiros, Engenho de Dentro apura as cuícas, Todos os Santos arregimentam os tan-tans, Meyer aprimora as morenas, Engenho Novo treina as lourinhas, Sampaio cadencia seus lords, Riachuelo sugga as caveiras, Rocha prepara o circuito, São Francisco prepara a super marathona.<sup>21</sup>

O carnaval suburbano recebe notas esparsas na coluna carnavalesca, entretanto, muito mais substanciais se compararmos com as dos anos anteriores. A organização dos festejos nos subúrbios não se restringe aos bailes fechados, como na União Progressista de Bomsucesso, subúrbio leopoldinense, cujo grito de carnaval foi preparado com duas batalhas de confete e com o apoio do Departamento de Turismo, que montou no local coretos públicos e iluminou a Praça das Nações, a Rua Cardoso de Moraes e a Praça de Bomsucesso.<sup>22</sup>

Juntamente com as poucas batalhas de confete realizadas a céu aberto, os banhos de mar à fantasia, nas praias de Ramos, da Urca e do Flamengo – sob tutela do C. C. C.; e na praia de Copacabana – pela Rádio Ipanema – compõem o carnaval externo e são considerados, pela coluna, como uma demonstração do apreço do Centro pelo povo carioca, visto que poucos são os eventos que não precisam ter a entrada paga.

A foto abaixo, da praia do Flamengo, retrata um grupo cuja fantasia de índio, recorrente nos banhos de mar, representa-o com o corpo mais coberto e usando calçados. Os foliões, “bem vestidos” com saias e cocares enormes, são assim capturados pelas lentes de *O Cruzeiro*.

<sup>21</sup> NO LIMIAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 26/01/1938, p. 09

<sup>22</sup> Id. *ibid.*; 12/02/1938, p. 06



**Imagem 09.** MEDINA, *O Cruzeiro/ Jornal Estado de Minas*, 26/02/1938, p. 38

Em 1939, os preparativos para o carnaval iniciam-se logo no começo do ano com várias atividades na Quinta da Boa Vista sob a tutela do Centro dos Cronistas Carnavalescos: “matinéas infantis, passeios de barco, bailes ao ar livre em estrado especialmente construído para este fim, exhibições de artistas de rádio, fogos de artifício, sorteios de brindes, desfile de grandes e pequenas sociedades e de escolas de samba, [...] coretos em que tocarão orquestras e bandas de música”<sup>23</sup>. Os pré-festejos de Momo não ficaram a cargo somente dos cronistas. Os *Democráticos*, vencedores dos carnavais de 1937 e 1938, promoveram dois bailes em sua sede, bem como o Carioca Sport Clube (em homenagem aos jornais *O Globo*, *O Imparcial* e *Jornal dos Sports*) e o Grupo dos Independentes (com batalhas em deferimento à imprensa).

No intuito de reviver o carnaval de rua, houve a montagem de um coreto em Campo Grande – por iniciativa da indústria, do comércio e da população local – que foi recebido como “motivo genuinamente nacional, manancial de beleza, civismo e arte”<sup>24</sup>.

No mesmo ano a Prefeitura, interessada em promover a cidade via carnaval, estipulou auxílio, entregue diretamente à União das Escolas de Samba para ser distribuído às suas afiliadas, da seguinte forma: para as Grandes Sociedades, 150:000\$000, ou seja, trinta contos de réis para cada uma; aos blocos e ranchos o auxílio global foi de 60:000\$000; e para as escolas de samba, de 40:000\$000.<sup>25</sup> Entretanto,

<sup>23</sup> NO LIMIAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 06/01/1939, p.07

<sup>24</sup> Id. *ibid.*; 08/01/1939, p.12

<sup>25</sup> Id. *ibid.*; 10/01/1939, p.11

No início de 1939, a União das Escolas de Samba atravessava uma nova crise. Uma assembléia geral mudou o nome da entidade para União Geral das Escolas de Samba e elegeu Antenor dos Santos para a presidência, ficando Elói Antero Dias (então presidente da União Parada de Lucas) com a vice-presidência.<sup>26</sup>

A troca de presidentes e a mudança de nomes não trouxeram maiores consequências para as afiliadas, pelo contrário, segundo Sérgio Cabral, na mesma reunião em que ficaram decididos os novos rumos da instituição, Heitor Villa Lobos convidou as escolas para participar da Exposição do Estado Novo no dia 20 de janeiro, na Feira de Amostras, na qual vinte e três compareceram prontamente ao lado de grupos que exibiram danças folclóricas (jongo, chegança, cateretê, pastoril, danças ameríndias etc.)<sup>27</sup>

Desde 1932, o maestro integrava o governo Vargas como diretor da SEMA (Superintendência de Educação Musical e Artística), por isso sua presença nos morros cariocas não era inédita. Segundo Hermano Vianna, além do músico, em 1926 houve um encontro inusitado entre alguns intelectuais como o antropólogo Gilberto Freyre, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, o promotor e jornalista Prudente de Moraes Neto (também conhecido como Pedro Dantas) e o compositor clássico e pianista Luciano Gallet, juntamente com os sambistas: Patrício Teixeira, Donga e Pixinguinha:

O encontro juntava, portanto, dois grupos bastante distintos da sociedade brasileira da época. De um lado representantes da intelectualidade e da arte erudita, todos provenientes de “boas famílias brancas” (incluindo, para Prudente de Moraes Neto, um avô presidente da República). Do outro lado, músicos negros místicos, saídos das camadas mais pobres do Rio de Janeiro. De um lado, dois jovens escritores, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, que iniciavam as pesquisas que resultaram nos livros *Casa-grande e senzala* em 1933, e *Raízes do Brasil*, em 1936, fundamentais na definição do que seria brasileiro no Brasil. À frente deles, Pixinguinha, Donga e Patrício Teixeira definiam a música que seria, também a partir dos anos 30, considerada como o que no Brasil existe de mais brasileiro.<sup>28</sup>

O fato de Villa-Lobos ser o mediador das supostas manifestações culturais diferentes – a erudita e a popular – é simbólico no que tange ao projeto de nacionalização do carnaval carioca.

Se Hermano Vianna enxerga nessa mediação um processo sem maiores conflitos, José Luiz de Oliveira não compartilha da mesma idéia em seu estudo sobre a relação do Estado

<sup>26</sup> CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996. p. 123

<sup>27</sup> Id. *ibid.*;

<sup>28</sup> VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, 2004. P. 19-20

com as Escolas de Samba<sup>29</sup>, ao considerar um instrumento de comunicação entre o governo e o povo, como mostra o trecho abaixo:

Em termos *políticos*, as Escolas de Samba são importantes como grandes divulgadoras de nossa história e de nossa sociedade, obrigadas que são, conforme regulamento, a apresentarem temas nacionais (imposição do Estado Novo). Os enredos, em sua maioria, procuram divulgar os grandes “heróis” e episódios que caracterizam a historiografia oficial e só mais recentemente os temas de enredo passaram a divulgar fatos mais atuais e a assumir uma postura de crítica a essa imposição de temas históricos ou folclóricos.<sup>30</sup>

A construção do projeto estadonovista passava pelo reconhecimento das classes e de algumas práticas sociais. No entanto, isto se dava de maneira seletiva,

Apesar das conotações fortemente nacionalistas do modernismo musical, tal nacionalismo, embora se pretendesse “popular”, identificava o caráter nacional-popular quase exclusivamente nas produções folclóricas de origem sertaneja. [...] não havendo espaço mental para a inserção do popular urbano, salvo, talvez, em Villa Lobos, mas mesmo assim de forma bastante limitada.<sup>31</sup>

Mesmo considerando a iniciativa de Villa Lobos em tentar implementar outras produções folclóricas, Oliveira não leva em conta a recepção dos segmentos marginalizados em relação à estratégia política e, mesmo tendo seus méritos por pensar antecipadamente a relação do Estado com as Escolas de Samba, este não considera os interesses desses grupos na busca de um lugar social, entendendo-os apenas como “massa de manobra”.

Maria Clementina Pereira da Cunha vislumbra o espaço público como local onde os conflitos e as normas estariam em pleno movimento. Ou seja, o “pacto social” de intelectuais e populares ocorre por meio de um diálogo em que a cidadania e as desigualdades sociais estariam em constante discussão, mediação e sincretismo.<sup>32</sup>

Nos meandros das políticas culturais do governo, os bailes e batalhas de confetes internas corriam a todo vapor.<sup>33</sup> A coluna carnavalesca não informa detalhes como, por

<sup>29</sup> OLIVEIRA, José Luiz de. *Um estudo sobre a relação do Estado com as Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado (UFRJ). Rio de Janeiro, 1989

<sup>30</sup> Id. *ibid.*; p. 04-5

<sup>31</sup> Id. *ibid.*; p. 36

<sup>32</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. Vários Zé, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no Carnaval carioca da Virada do Século. In: \_\_\_\_\_. (org.) *Carnavais e outras f(r)estas*. Campinas: editora da Unicamp, 2002, p. 388-9

<sup>33</sup> Grajaú Tênis Clube (em homenagem aos seus co-irmãos Riachuelo T. C. e Meyer T. C), no Clube dos Tabajaras, Clube dos Caiçaras, na Banda Portugal, no Riachuelo T. C., Vila Isabel realiza, no Clube

exemplo, o valor dos ingressos, a decoração e as fantasias obrigatórias para todos aqueles ali propagandeados, tal fato somente ocorre quando o clube quer imprimir certa distinção social, como é o caso dos *Democráticos* e dos “tijuicanos”, que exigem fantasias de luxo, smoking ou os já conhecidos “summer” e “dinner jackets”.

A situação acima descrita merece uma observação mais verticalizada no que tange ao papel da imprensa na organização do carnaval e na propaganda de clubes carnavalescos, esportivos e recreativos, pois, durante o período pré-carnavalesco, houve inúmeras homenagens aos cronistas carnavalescos, seja nos “*cok-tails*” para apresentar a decoração do próximo baile (atitude corriqueira do Tijuca T. C.), seja nas batalhas de confete, sempre em deferência a um periódico. A propaganda dos “melhores” locais para brincar os Dias de Momo era aberta e clara em relação ao *Clube dos Democráticos* – que sempre abre o rol de eventos do jornal.

Em 1939, o Centro dos Cronistas Carnavalescos impõe a tônica festiva e promove um cortejo com duzentos automóveis, em que cada participante levou uma bandeira do Brasil, saindo da Praça Onze de Junho em direção à Exposição do Estado Novo. A inventiva não era apenas carnavalesca, mas sim “[...]dentro das finalidades do C. C. C., cujos estatutos determinam o culto ao que diz respeito ao patriotismo, que deve ser sempre a preocupação dos bons brasileiros.”<sup>34</sup>

No mesmo dia, logo abaixo do evento acima mencionado, a coluna ineditamente publica uma suposta carta de leitor, dirigida aos organizadores dos banhos de mar à fantasia do Centro, com alguns questionamentos,

Por que muita vez um guarda civil (até com excesso de autoridade) invade um bloco e prende um ou mais componentes, porque as fantasias offendem a religião, a moral e ao estrangeiro, quebrando o enredo do bloco quando este já foi julgado pela comissão?

Por que se permite a concorrência de índios com verdadeiras pennas de aves e outras fantasias de panno nos blocos, ranchos e escolas de samba, quando o banho de mar à fantasia foi creado só se permitindo vestes de papel de qualquer qualidade, cor e espessura?<sup>35</sup>

Pilar Drumond, na condição de integrante da comissão que prepara o evento há vários anos, ressalta que antes mesmo do desfile a comissão organizadora é questionada sobre a

---

Municipal (em homenagem à imprensa), no Botafogo F. C., no Ginástico Português, Grupo dos Independentes, Clube de Regatas Boqueirão do Passeio, Clube dos Democráticos, Tijuca T. C., Grajaú T. C. e na praia de Copacabana. NO LIMIAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 14/01/1939, p. 07

<sup>34</sup> NO LIMIAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 18/01/1939, p. 09

<sup>35</sup> Id. *ibid.*;

presença desse tipo de fantasia. A resposta às questões é o argumento de que a autoridade exercida pelos policiais civis está na própria pergunta, justamente pelo fato das fantasias dos integrantes representarem uma ameaça à religião, à moral e ao estrangeiro que são retirados do bloco. Quanto à segunda pergunta, o cronista carnavalesco afirma que a regra é julgar apenas aqueles que aparecem com fantasias de papel, pois era esperado que os foliões caíssem na água após o julgamento<sup>36</sup>.

A publicação inédita de uma “carta” que questiona a organização do desfile quanto à violência dos policiais civis, pode fazer parte do “estilo da censura” apontado anteriormente. Ou seja, para driblar o censor que lia as matérias, o artifício da carta que objetivava respostas quanto ao banho de mar à fantasia, é publicada, na verdade, como denúncia da perseguição violenta àqueles que burlavam o cerco de proibições policiais. Quanto à obrigatoriedade das fantasias serem de papel, supõe-se que após os desfiles os foliões que se lançassem ao mar estariam vestindo trajes apropriados para o banho, incorporando o intuito do evento.

Voltando aos pré-cortejos, o desfile das escolas de samba na Quinta da Boa Vista anunciado no começo do ano, ocorreu somente no dia dezenove de janeiro. Abaixo, o trecho demonstra as expectativas do articulista Pilar Drumond:

Esses interessantes núcleos de cultivadores de nossa música *typica*, no que elle tem de mais histórico e básico da civilização brasileira, vão concorrer aos valiosos prêmios estabelecidos, competindo nas improvisações, na harmonia, no *rytmo* inegalável de sentimento e da emoção, empolgando pelo imprevisto, dominando pela beleza do relevo e do som. Esse o espetáculo que logo mais vae ser offerecido na Quinta da Boa Vista à população carioca, que acompanha sempre com vivo interesse essas *sympathicas* manifestações do folk-lore nacional.<sup>37</sup>

Por meio dessas linhas Drumond caracteriza as escolas de samba como parte do processo histórico da civilização brasileira, pois a música “*typica*” e o “*rytmo* inegalável de sentimento e emoção” atraem o povo carioca para a apreciação das mesmas, destacando o sentimento invocado pelo ritmo. Por fim, suas considerações acabam por se referir às escolas de samba como “*sympathicas* manifestações do folk-lore nacional” e não como dotadas de vontades e expectativas sociais e culturais cuja forma de expressão era o samba.

---

<sup>36</sup> Essa preocupação não é irrelevante, considerando-se as proibições de anos anteriores por possibilitar atentado ao pudor.

<sup>37</sup> NO LIMIAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 19/01/1939, p.10

À essa interpretação que busca, na linearidade de um projeto único nacional aparentemente pacífico, construir um modelo de carnaval e de país sob o signo da unidade, Maria Clementina P. Cunha propõe outra perspectiva de ver a festa. Para ela, é necessário:

[...] ouvir de novo seus antigos ruídos sem harmonia, tomando-o como uma janela importante para contemplar sociedades do passado em busca de coisa muito diversa: como uma ocasião de multidões nas ruas, de explosões de violência e manifestação de conflitos em torno de normas e padrões de comportamento, de disputa pela legitimidade da presença de diferentes setores e grupos no interior da festa, em um tenso diálogo social.<sup>38</sup>

Essa nova janela que se abre para entender a dinâmica das práticas populares,

[...] pode estar sobretudo no desenvolvimento permanente de alternativas, datadas e específicas, para questões sempre repostas em novas dimensões ao longo da história do carnaval e do país. [...] a história da folia tem tudo a ver com o problema da cidadania e a efetivação das relações entre desiguais no Brasil. O Zé-pereira, com sua longa experiência das ruas, pode funcionar como um bom exemplo das diferenças e desencontros de que é feito um carnaval.<sup>39</sup>

De acordo com as opiniões de Maria Clementina, colocar lado a lado as escolas de samba e outras manifestações festivas do “folk-lore nacional” (como foi explanado no caso do desfile da Feira de Amostras) não resolve o problema da busca da representação pública e legítima por parte dos primeiras.

Nos preparativos finais do tríduo de 1939, destaca-se o regulamento, elaborado por Pilar Drumond, dos desfiles das repartições públicas que, entre outros pontos, estipula o enredo livre e a confecção dos préstitos sob a tutela de alguém da própria repartição. No evento foram julgados elementos como indumentária, alegoria, cenografia, harmonia e conjunto. O bloco da Prefeitura declarou que para o próximo carnaval desfilará junto às Grandes Sociedades não mais como bloco, visto que é mais dispendioso arcar com um “corpo coral” do que com duas alegorias. A organização não se opôs e concluiu que, para 1940, o quesito que julga o desempenho dos “corpos corais” seria retirado e ficaria a cargo de cada repartição a sua inclusão.<sup>40</sup>

<sup>38</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. Vários Zé, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no Carnaval carioca da Virada do Século. In: \_\_\_\_\_. (org.) *Carnavais e outras f(r)estas*. Campinas: editora da Unicamp, 2002, p. 388

<sup>39</sup> Id. *ibid*; p. 389

<sup>40</sup> NO LIMAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 01/02/1939, p.09

O desfile das repartições públicas, considerado um dos adendos que mais atraem a população carioca no sábado de carnaval, é um dos pilares do carnaval externo a que o C. C. C. adere integralmente. Devido ao fluxo cada vez menor de foliões que percorrem a Avenida Rio Branco, a situação do carnaval de rua preocupa até o sempre otimista Pilar Drumond

O carnaval carioca, o carnaval popular, o inegalável carnaval de rua, que o torna original e único no mundo, está visivelmente em agonia, está morrendo. O que se vê em seu lugar é o carnaval interno, o carnaval de salão, o carnaval da classe média para cima. O povo propriamente, a massa de foliões, a massa de foliões improvisados, de cujos conjuntos saíam, de repente, as marchinhas, as canções e os sambas, às vezes ferinos, outras vezes ingênuos mas sempre espontâneos e interessantes, o povo, esse, não se diverte mais em nossas ruas, porque não tem onde o fazer.<sup>41</sup>

O articulista enumera os festejos públicos realizados sob a tutela do Centro, entre eles os banhos de mar à fantasia nas praias de Ramos e do Flamengo e bailes com preço acessível no teatro João Caetano, além de outras festas esparsas apoiadas e promovidas pela coluna carnavalesca. Por fim, elogia a ordem do prefeito Henrique Dodsworth para iluminar e enfeitar a Av. Rio Branco e, assim, formar um ponto de atração para o povo que se espalha pelos arrabaldes e bailes fechados. Dias depois, a decoração do logradouro é elogiada “[...] cuja impressão foi a melhor possível, sendo os motivos principais das decorações calcadas no folk-lore brasileiro, com arte e bom gosto.”<sup>42</sup>

No concurso de blocos realizado na praia de Copacabana, sob o júri composto por Lourival Pereira (Diretor do Departamento Nacional de Propaganda) e de representantes do Centro dos Cronistas Carnavalescos convidados pela Rádio Ipanema – promotora do evento –, o primeiro lugar coube ao bloco do “Catuca” (tri-campeão) pertencente ao Estácio de Sá, com o enredo “O casamento de Caramuru”; o prêmio de arte ficou com o Bloco Maravilhoso, com um enredo que homenageava o comércio e a indústria do país; e o Prêmio de originalidade com o Bloco dos Bananas, cujo enredo não foi publicado. A premiação ainda teve menções honrosas para outros blocos, além para as melhores fantasias.<sup>43</sup>

Uma mistura de saudosismo invade as páginas do jornal ao parabenizar o Tijuca T. C. pela promoção de um baile inspirado no “carnaval do Rio antigo”, em que:

As figuras carnavalescas que faziam, outrora, a vida nas ruas no tríduo do Momo, e hoje fazem a saudade dos que já passaram da mocidade: o palhaço,

<sup>41</sup> Id. *ibid.*;

<sup>42</sup> NO LIMIAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 15/02/1939, p.07

<sup>43</sup> Id. *ibid.*; 07/02/1939, p.09



o diabinho, o índio, o morcego, o Pae-João, o velho, de cajado e rabona, o carão, o doutor-burro, o burrinho de jacá, a morte, o urso, o macaco, a bahiana, a “barboleta”, o fantasma, o dominó, o “príncipe”, o bebê chorão, o rei, o diabão, o guarda noturno, o “sujo”, vestido de lençol, o travesti das calçadas: homens de saia, damas de paletó e calças, o chorinho de carnaval com réco-réco e violão, clarineta, flautim e pandeiro. Todo o carnaval popular do Rio de Janeiro. E, com elle, o entrudo, o trote, o Zé-Pereira, a algazarra...<sup>44</sup>

A proposta, muito bem recebida pela crítica carnavalesca, assemelha-se à busca por um passado que parece ainda não ter morrido, como se os foliões promotores dos festejos e os cronistas carnavalescos olhassem para os carnavais antigos – delineados na algazarra do chiste de dominós e diabinhos, aliada à pergunta intrigante “Você me Conhece?”<sup>45</sup> dos mascarados – com um tom saudosista que imprimia muito mais beleza do que realmente possuía. No entanto, esta inventiva pode ter sido resultado também da dificuldade em lidar com o desaparecimento, ao longo dos anos, dos foliões nas ruas em direção às batalhas de confete e a maior importância dos bailes em recintos fechados, mudando permanentemente o caráter da festa.

No início de 1940, o já tradicional Tijuca T. C. com seus bailes todos os finais de semana, promove uma curiosa noite festiva com o nome “Bombardeio do Chato”, em homenagem ao Rei da Folia, segundo a nota o clube está “[...] vivendo noites de intensa vibração carnavalesca, numa apothose de luzes, pandeiros e reco-recos, como homenagem ao Rei da Galhofa”.<sup>46</sup> É interessante notar a menção de “reco-recos”, já que o instrumento havia sido proibido nas ruas ainda no ano anterior e, considerando ainda o fato dos “tijucanos” estipularem fantasias de luxo e trajes a rigor para a entrada em seus salões, isso se torna ainda mais peculiar. Talvez esse cenário se explique pela possibilidade de circulação de ideias<sup>47</sup> de um meio para o outro, demonstrando que essas classes, aparentemente distintas, trocavam experiências e elementos que compunham a folia de forma geral.

Conforme os dias dedicados a Momo se aproximavam, os pandeiros de outros clubes são arregimentados e diversas batalhas internas se espalham pela cidade: no Clube Syrio

<sup>44</sup> Id. *ibid.*; 09/02/1939, p.07

<sup>45</sup> Cf. O capítulo 1 de CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Cia da Letras, 2001.

<sup>46</sup> NO LIMIAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 05/01/1940, p.07

<sup>47</sup> Para ver mais sobre o assunto ver BAKHTIN, Mikhail. *Op. cit.*

Libanez, no Villa Izabel F. C., Meyer Tênis Clube, Clube Atlético Central (Engenho Novo), Clube Atlético Central, Riachuelo T. C. e na Associação Atlética Banco do Brasil.<sup>48</sup>

Entre todas as festividades anunciadas, somente algumas são realizadas em espaço público: na Rua Maia Lacerda<sup>49</sup>, na estrada da Portela, Rua Senador Furtado,<sup>50</sup> seguidas pelas pugnas das ruas Nerval Gouveia (Cascadura), D. Zulmira, Rua General Clarindo (Engenho de Dentro), Av. Cônego Vasconcelos (Bangu), Rua Araujo Lima, no Largo do Tanque (Jacarepaguá), Rua Paulo de Frontin,<sup>51</sup> Antenor Navarro (Brás de Pina), Rua Santa Luzia, Teodoro da Silva (Vila Isabel) e Felipe Camarão.<sup>52</sup>

O panorama acima demonstra a parca “retomada” do carnaval de rua em vários bairros cariocas, o que indica um aumento no número de batalhas em relação ao ano anterior em que elas foram quase inexistentes. Não é sabido se o declínio de inventivas externas adveio da dificuldade em conseguir o alvará da polícia para a realização ou se os foliões de fato vinham se acostumando às batalhas internas.

Após o anúncio dos festejos, a coluna adverte quanto à demora do repasse, por parte da Prefeitura, do auxílio concedido à Federação das Pequenas Sociedades, pois isso atrasaria a confecção dos prêmios, já prejudicados pelo pouco tempo disponível para que fossem feitos. Após a advertência, a Prefeitura respondeu que estava providenciando o referido auxílio que seria distribuído pela 2ª Delegacia Auxiliar.<sup>53</sup>

Deste fato, duas coisas sobressaem: a primeira delas é o descaso do poder público, mesmo que oficialmente interessado em promover um “carnaval para os turistas”, com estas instituições que, apesar de pequenas, representam diversos bairros da cidade; a segunda se refere à distribuição, por conta de uma delegacia de polícia e não do Departamento de Turismo, como era feita todos os anos, caracterizando-se em uma intervenção mais direta dos poderes policiais nas agremiações carnavalescas.

Dias depois, a crítica tem continuidade num tom pessimista sobre o futuro carnavalesco:

<sup>48</sup> NO LIMIAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 14/01/1940, p.07

<sup>49</sup> Id. *ibid*; 17/01/1940, p. 07

<sup>50</sup> Id. *ibid*; 19/01/1940, p. 05

<sup>51</sup> Id. *ibid*; 27/01/1940, p. 05

<sup>52</sup> Id. *ibid*; 28/01/1940, p. 09

<sup>53</sup> NO LIMIAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 23/01/1940, p.05

Vai o carnaval deste anno soffrer imenso, principalmente no que se relaciona com a agitação nos bairros, com o facto de não confeccionarem os préstitos as pequenas sociedades, os ranchos e os blocos.

Essas agremiações, cuja única finalidade é esta mesma de sair à rua, no período folionico, exhibindo seus cortejos, são os que dão maior animação aos arrabaldes, percorrendo as ruas e praças, para a satisfação e regalo dos respectivos moradores.

[...] ellas, este anno, não sairão, como não sairá, pela mesma razão, um dos grandes clubs na terça-feira gorda. Quem conhece a vida carnavalesca do Rio, com os adeptos fervorosos de determinados clubs, bem comprehenderá quanto há de lamentável na ausência dos préstitos das pequenas sociedades um dos mais interessantes aspectos do carnaval carioca.<sup>54</sup>

O prefeito Henrique Dodsworth agiu “rápido” após as pressões da imprensa e recebeu o representante das Pequenas e Grandes Sociedades em seu gabinete, onde determinou o pagamento imediato do auxílio financeiro destinado às respectivas agremiações, da seguinte forma: Grandes Sociedades (*Fenianos, Democráticos, Tenentes do Diabo e Pierrots da Caverna*) receberiam 30:000\$000 cada uma, enquanto o *Congresso dos Fenianos* abriu mão do auxílio justificando falta de tempo hábil para um grande cortejo. Para ranchos e blocos ficou estipulado o valor de 60:000\$000 réis para ser distribuído igualmente entre os filiados, enquanto as Escolas de Samba ficou estipulado a quantia de 40:000\$000 réis.<sup>55</sup> A distribuição para blocos, ranchos e escolas de samba foi feita mediante o pedido de cada uma delas.

Em meio às pendengas políticas, o tão apregoado arrefecimento do carnaval de rua volta à tona, “o carnaval de rua, que seguia de perto o estruendo de outros tempos, cede lugar ao carnaval interno, mais civilizado e interessante.”<sup>56</sup> Para o autor, a procura pelos bailes é tamanha que o *Clube dos Caiçaras*, localizado em Ipanema, teve que duplicar o número de ingressos disponibilizados em razão da grande demanda observada.

Na análise de Pilar Drumond, há numa adaptação natural dos foliões às mudanças, bem-vindas segundo ele, no carnaval, agora “mais civilizado e interessante”, dos salões em contraposição ao antigo estruendo, brincado nas ruas. O que o autor omite é que este movimento dos logradouros públicos para os recintos fechados e privados é resultado de diversas medidas coercitivas das práticas populares, como a restrição imposta pela polícia e pelo poder público na organização de batalhas de confete, analisada no período anterior. Sem esquecer, evidentemente, das perseguições ao estruendo e outras formas de práticas populares nos espaços públicos como foi observado na introdução deste trabalho.

<sup>54</sup> Id. *ibid*; 25/01/1940, p.05

<sup>55</sup> Id. *ibid*; 27/01/1940, p.05

<sup>56</sup> Id. *ibid*.;

Como vimos, no ano anterior, Heitor Villa-Lobos esteve em uma das reuniões da então União das Escolas de Samba para convidá-las, em nome do presidente Getúlio Vargas, para um desfile em “seu palácio” – a Feira de Amostras. Representante da pasta de cultura do Estado Novo, o maestro lança uma nova proposta carnavalesca chamada “Cordão da Sodade” ou “Sodade do Cordão” e, com ajuda de Zé Espinguela (conhecido sambista) e patrocinado pelo DIP, o projeto visa remontar os carnavais “dos tempos de D. João VI”.<sup>57</sup>

Há muito tempo vem o espírito artista e incansável do maestro Villa-Lobos procurando na arte um caminho brasileiro para o Brasil. Nas suas composições e nas suas iniciativas revela-se sempre a mesma intenção patriótica de provar que as *nossas* coisas também são arte e que do nosso folk-lore e das nossas tradições podem sair tão encantadoras ou mais encantadoras, quanto as que saem do folk-lore e das tradições de quaisquer outras terras.<sup>58</sup>

Por meio desta argumentação, a reportagem detalha as intenções do maestro com a cultura brasileira – mostrar que as “nossas coisas também são arte”. Assim, o futuro cordão seria dotado de uma ingenuidade crítica, refazendo os tempos do Brasil Colônia vocacionado espontaneamente para a disciplina coletiva.

Legitimado por Villa Lobos o projeto, característico do Brasil e do carnaval, previa dois estandartes: um representando uma vitória-régia e outro um ameríndio. O cortejo, segundo a descrição, seria aberto por um grupo de índios e caboclos, ao som “dos surdos, dos tamborins, dos pratos de louça, dos reco-reco de bambú e ferro, dos chocalhos de cabaça e das cornetas de chifre”.<sup>59</sup>

Classificando a atitude de Lobos como “brasileirismo” e “originalidade” só possível de ser percebida “ao vivo”, a reportagem (alocada entre as primeiras páginas do matutino) engrandece a iniciativa do poder público no sentido de legitimar uma cultura tipicamente brasileira, tendo por base o folclore (diversas vezes repetido ao longo da matéria). O fato de Villa-Lobos ser o autor do projeto representava mais um reforço para um “parecer favorável”.

O papel do jornal *Correio da Manhã* vai além de uma mera transcrição desse parecer, pois endossa claramente a “empreitada folclórica” do maestro, basta lembrar os argumentos anteriores que sugestionavam enredos de blocos, ranchos, escolas de samba e grandes sociedades atreladas à imagem do país, das “nossas coisas”. No entanto, o cordão em questão – repaginado pelas mãos oficializadas do maestro – não sofre as mesmas perseguições que os

---

<sup>57</sup> CABRAL, Sergio. *As escolas de samba no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996, p. 127

<sup>58</sup> NO LIMÍAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 31/01/1940, p.03

<sup>59</sup> Id. *ibid.*;

seus congêneres, ainda em 1939, por tocarem instrumentos como a cuíca e o reco-reco que remetiam aos indivíduos “briguentos” que poderiam usá-los para esconder armas, segundo o jornal.

A ausência de Carmen Miranda, fato considerável do carnaval de 1940, foi justificada por *O Cruzeiro*, em reportagem enviada direto de Nova York intitulada “Carnaval sem Carmen Miranda”, a partir de um novo contrato para novos shows nos Estados Unidos, onde em “recente concurso, a cantora suplantou, em votação, ao prefeito [de Nova York] La Guardia, que até então se considerava uma das figuras mais conhecidas da América.”<sup>60</sup>

A ausência da “brazilian bombshell” (granada explosiva, em tradução livre), como era conhecida, é respaldada por sua popularidade – que faria seus contratos renderem mais. Assim, a “grande figura popular de Nova York” “é uma mina de ouro que está sendo explorada com grande sabedoria pelo empresário Schubert”. Visando efetivamente o lucro, Carmem excursionaria pelos Estados Unidos durante o ano todo, o que seria oportuno, pois a “baiana” era referência em alguns filmes de Hollywood e na própria Broadway.

A internacionalização da cantora é sucedida pela mudança do seu figurino (foto abaixo); em texto anexo à imagem lê-se: “[...] a fantasia de bahiana está, a pouco e pouco, soffrendo transformações, sendo substituída a saia de quadrados por outra saia mais rica, de damasco, havendo também augmento considerável de ‘balangandans’”. A fantasia ganha a moda da rua “com seu turbante e cestinho” e se torna febre também nos bailes cariocas e nos teatros norte-americanos. Na imagem, provavelmente colorida, a cantora adornada por muitas pulseiras e colares, possui um aspecto longilíneo proporcionado pelos grandes saltos, pela saia rente ao corpo e pelo turbante, bem diferente da baiana característica com saia rodada. Por fim, os braços e a barriga de fora e o olhar faceiro e inclinado para o alto apontam para um descaso com um recato rigoroso e dão um tom descompromissado, previamente elaborado certamente.

---

<sup>60</sup> CARNAVAL SEM CARMEN MIRANDA, *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 03/02/1940, p. 14



**Imagem 10.** CARNAVAL SEM CARMEN MIRANDA. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 03/02/1940, p. 14

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, são dispostos na Av. Rio Branco painéis que contam a história do carnaval antigo, na Praça Onze foi montado um coreto artístico com os mesmos painéis, sobre o chafariz ali existente foi levantada a figura de uma baiana com um tabuleiro, miçangas e colares e, completando a ornamentação do “reduto do samba”, refletores foram instalados pela Prefeitura.<sup>61</sup>

A baiana instalada na Praça Onze (foto abaixo), caracterizada como o grande destaque do carnaval de 1940, difere em muito do figurino de Carmem Miranda. Enquanto esta surge esguia, despojada e usando uma saia de damasco “mais rica” e com mais adornos, a baiana da

---

<sup>61</sup> NO LIMAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 02/02/1940, p.05

Praça Onze veste saia rodada e é representada em seu ofício, carregando um tabuleiro de comidas. Portanto, apresentam-se diferenças nítidas entre a “brazilian bombshell” – direcionada para o consumo – e a baiana suburbana – voltada para o trabalho. Com cerca de 10 metros de altura, a enorme baiana concentrou as festividades do local, protegendo uma parte dos foliões das eventuais chuvas. Os elementos bakhtinianos permitem uma reflexão acerca dessa representação que vai além do aspecto protetor, pois a baiana hiperbolizada, além de proteger, daria vida à folia carnavalesca, uma vez que os foliões dançaram e beberam os dias de Momo embaixo de “suas pernas”.<sup>62</sup>



**Imagem 11.** O RIO BAHIANIZOU-SE. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*. 10/02/1940, p. 03.

No texto lê-se: “As bahianas invadiram o Rio de Janeiro no último carnaval. Assim como em 1937 “os malandros” dominaram, em 1938, os “marinheiros” estiveram em maioria, e em 1939 houve “febre amarela” nas camisas, este anno depois da propaganda que

<sup>62</sup> BAKHTIN, Mikhail. Op. cit. p. 17. No texto que acompanha a imagem é feito uma espécie de histórico quanto às fantasias de maior alcance popular nos últimos carnavais: malandros, em 1937; marinheiros, em 1938; “febre” de camisas amarelas, em 1939 (em referência a participação do Brasil na Copa do Mundo); e, em 1940, o ápice da fantasia de baiana que, além de ganhar o gosto das folionas, enfeita a Praça Onze e segue adiante voz de Carmem Miranda.

Carmen Miranda fez da Bahia, vimos nas ruas e nos bailes, em cada três folionas, duas bahianas. A própria Municipalidade aderiu à “revolução” e enthronizou na Praça 11, “centro universal do carnaval do morro”, uma bahiana colossal com cerca de 10 metros de altura, oficializando, como soberana absoluta da folia, a filha predilecta do Senhor do Bomfim. Este foi, pois, o aspecto mais característico do carnaval que passou, e o que registramos na presente página.”

Assuntos “mais sérios” como a proibição da máscara e o advento da guerra também entram na pauta dos preparativos carnavalescos de 1940. Apesar de longa, a transcrição abaixo revela o estado da questão das máscaras e da festa, para *O Cruzeiro*:

O carnaval era uma festa marcante. Separava o anno em duas épocas distintas. Antes e depois do carnaval. A diferenciação era marcada principalmente pela variedade da indumentária das mascaras, das fantasias de dominó, arlequim, pierrot e pierrete, pelo entrudo, e pelo trote.

Hoje quase não há mais fantasias. Todos se vestem como no resto do anno, á americana, com trajes de sport. Não há mais entrudos. O trote passou. Passou a liberdade supranacional de se dizer ao outro o que vinha á cabeça. Caiu a enorme beleza decorativa das máscaras. O aspecto arbitrário do carnaval - o que lhe dava seu maior valor poético – permanece apenas na scenographia de opera dos carros das grandes sociedades.”

Segundo a revista, cada folião parte para a festa com o único intuito de assistir ao outro. O viver festivo ainda encontra respaldo no confete e na serpentina, que, mesmo assim, têm diminuído paulatinamente. O carnaval tornou-se a “apothose da tristeza brasileira. É somente um ótimo negócio para as estações das águas.”<sup>63</sup>

A crítica, elucidativa em diversos sentidos, é feita à mudança dos elementos da festa, como o entrudo, o dominó, o trote e as fantasias “tradicionais”, pela moda cotidiana “à americana, com trajes de sport”, apontando, não para o afastamento, mas para o esforço do “dia-a-dia”. Depois, é criticado o impedimento – que não era total como se viu – do uso das máscaras que cerceia “a liberdade supranacional” de dizer coisas que a identidade “oficial” não permite. Num terceiro momento, a crítica confere às Grandes Sociedades o caráter de último reduto do “valor poético” carnavalesco, o que, por eliminação, não se daria em outras manifestações, contradizendo, por exemplo, a “homenagem” ao samba feita em 1937. E, por último, a expressão “viver a festa” pode ser entendida de forma triste, pois isso já se esboça como negócio rentável do verão carioca.

Quanto o advento da guerra, o periódico faz uma reportagem especial (de Alceu Pereira) em que uma espécie de enquete é feita com indivíduos diversos questionando sobre a viabilidade do carnaval. Assim, “o pai de família considera o carnaval uma calamidade. Maior

---

<sup>63</sup> CARNAVAL SEM MASCARA. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 03/02/1940, p. 17



calamidade até do que a própria guerra”, opinião semelhante é a do reverendo que declara convicto, segundo a reportagem, “carnaval naturalmente não existe”. No lado oposto, o sambista discorda do reverendo e o comerciante lamenta que a guerra possa atrapalhar os lucros gerados pela folia. Nesse contexto de opiniões controversas, o tríduo momesco é apontado como o meio, em especial do carioca pobre, eliminar suas mágoas, “encontrando na orgia desenfreada um derivativo para suas tristezas, uma compensação inigualável para todos os seus aborrecimentos acumulados durante o ano inteiro.” A argumentação continua no sentido de caracterizar a festa como a possibilidade de tornar reais os sonhos do cotidiano, em que “pacatos cidadãos habitantes dos nossos subúrbios, que sempre imaginaram ser rei, sultão, príncipe, embora não sejam mais que meros funcionários públicos, [...] passam a viver deste sonho bom de realizar na aparência, um desejo quase impossível na realidade dos seus dias.”<sup>64</sup>

Desejos impossíveis de serem realizados na vida laboriosa ganham corpo nos três dias de festa e são conquistados, mesmo que aparentemente. Numa perspectiva simplificadora, a festa se reduziria a um simples arrefecimento da ordem, dando lugar à desordem, que será retomada posteriormente.

Apesar das discussões acerca da guerra, o banho de mar à fantasia em Copacabana foi considerado “animadíssimo” com o desfile de blocos e ranchos. Nas fotos observam-se as fantasias de baiana, camponesa, havaiana, banhistas entre as mulheres, enquanto os homens vestem o seu “uniforme indígena”.<sup>65</sup>

Nas vésperas do início do tríduo, a coluna publica o nome das sociedades que receberam auxílio do prefeito, atendendo ao decreto do ano anterior que demandava o alvará de liberação despachado pela Polícia Civil ou pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), além dos respectivos estatutos para registro. Note-se a denominação G. R. E. S. (Grêmio Recreativo Escola de Samba) à frente do nome das beneficiadas, o que concede um tom mais organizado, como um grêmio, para as escolas de samba, o que provavelmente foi requerido pela polícia:

Grêmio Recreativo Escola de Samba Cada Anno Sae Melhor, G. R. E. S. Unidos de Jacarépaguá, G. R. E. S. Estação Primeira, G. R. E. S. Filhos do Deserto, G. R. E. S. Fiquei Firme, G. R. E. S. Lyra do Amor, G. R. E. S. Mocidade Louca de São Christovão, G. R. E. S. Unidos do Salgueiro, G. R. E. S. Não é o Que Dizem, G. R. E. S. Paz e Amor, G. R. E. S. Portela, G. R. E. S. Prazer da Serrinha, G. R. E. S. Última Hora, G. R. E. S. União de

<sup>64</sup> A GUERRA E O CARNAVAL. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 03/02/1940, p. 22-3.

<sup>65</sup> BANHO DE MAR À FANTASIA NO POSTO 6. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 03/02/1940, p. 24-5

Collegio, G. R. E. S. Unidos da Tijuca, G. R. E. S. Unidos da Mangueira, G. R. E. S. Unidos do Tuyuty, União Barão da Gamboa, G. R. E. S. Vae se Quiser, G. R. E. S. Azul e Branco, G. R. E. S. União de Sampaio, G. R. E. S. Deixa Malhar.<sup>66</sup>

Com exceção das escolas de samba, receberam a subvenção *Cordão da Bola Preta*, *Frevo Pernambucano Bola de Ouro*, *Sociedade Carnavalesca Sodade do Cordão* e *Bloco Carnavalesco Aliança de Quintino*.

Assim foram encerradas as medidas políticas e as polêmicas dos pré-festejos carnavalescos, conferindo a 1940 três pontos diferentes em relação ao ano anterior: o “ressurgimento”, ainda que modesto, das batalhas de confete; a proposta – mais do que oficial – de valorizar o carnaval brasileiro, as *nossas coisas*, via *Sodade do Cordão*, da baiana da Praça Onze e da “baiana” de Carmem Miranda; e, por fim, as escolas de samba adotando “Grêmio Recreativo” antes do nome, o que demonstra uma institucionalização das mesmas e a conquista, em virtude desse processo de maior apreço e espaço da imprensa e do poder público.

A saudade do “carnaval do Rio antigo” faz-se presente nas matérias<sup>67</sup> pré-carnavalescas de 1941 no relato das brincadeiras com limões de cheiro, do entrudo, dos mascarados com o “Você me conhece?”<sup>68</sup> – que incomodavam o indivíduo alvo da pilhéria, cujo disfarce era garantido pela “polícia; [e] a ninguém era permitido arrancar a máscara do folião. Hoje, dá-se o contrário; ninguém pode aparecer em público com o rosto occulto inteiramente.”<sup>69</sup> O carnaval de rua da época é marcado pela presença, tanto na Av. Rio Branco quanto na Praça Onze, do “sujo”, usando “velha fantasia extremamente barata, feita de andrajos, com que alguns pândegos acham que também estão no cordão dos que fazem carnaval de rua”. Aos “sujos” juntam-se os travestis, tanto homens quanto mulheres, além das fantasias de princesa da selva e de havaiano, entretanto, “não trazem a menor colaboração activa. Os mais alegres cantam as marchinhas e sambas do tempo. Passam correndo, em cordões ou grupos, nem sempre amáveis, derrubando meio mundo.”<sup>70</sup> O fato de o cronista apontar a presença dos “sujos”, “nem sempre amáveis”, e travestis nas ruas denota que por

<sup>66</sup> NO LIMIAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 02/02/1940, p.09

<sup>67</sup> A crônica carnavalesca passa por uma mudança em 1941, sai *No Limiar da Folia* e entra *Carnaval*. Pilar Drumond (*Fofinho*), seu maior articulista até então, “desaparece” da edição e publicação dos festejos e em seu lugar entra *Rigoleto*, cuja identidade não foi possível identificar.

<sup>68</sup> Maria Clementina Pereira da Cunha, no primeiro capítulo do livro *Ecos da Folia*, trabalha com as perseguições contra essas manifestações e contradiz a “permissividade policial” observada acima.

<sup>69</sup> CARNAVAL, *Correio da Manhã*, 19/01/1941, p. 11

<sup>70</sup> Id. *ibid.*;

mais que estes fossem figuras perseguidas pela polícia, ainda subsistem no meio dos cordões e da multidão.

Durante as tardes, o corso e os préstitos das sociedades se juntavam aos fantasiados para render às Grandes Sociedades as atenções da maioria. Na cobertura da imprensa, não havendo modificação que necessite de registro, os bailes são apontados como a nova tendência das famílias, cujo destaque era o baile de gala do Teatro Municipal, que buscam se divertir “contidamente” nos dias de Momo.

O mês de janeiro é encerrado com um número menor de eventos pré-carnavalescos em relação ao ano anterior, concentrando-se basicamente nos bailes fechados dos clubes, destacando-se os bailes dos *Democráticos*, dos *Tenentes*, Fluminense F. C.; Vila Isabel F. C. (com uma batalha de confete interna), no Clube Municipal (traje à fantasia ou passeio), Botafogo F. C. (com um coquetel à imprensa carnavalesca), no C. R. do Flamengo (traje de passeio ou esportivo) e uma festa carnavalesca no Gynastico Portuguez.<sup>71</sup> Outros clubes ou grupos já recorrentes também pipocam pela cidade como o Tijuca T. C., Clube São Cristovão; o cordão *Bola de Ouro* (de frevo) que oferece um coquetel à imprensa.<sup>72</sup> Cabe salientar que nenhum evento do Centro dos Cronistas Carnavalescos foi anunciado, como de costume.

Em fevereiro, com a proximidade do carnaval, o cenário torna-se mais otimista com a realização do baile de gala no teatro João Caetano sob o título de *Reminiscências do Rio Antigo*. O Teatro foi decorado com “motivos do carnaval antigo do Rio de Janeiro” e em prol da “Casa das Meninas”, tendo como madrinha a primeira-dama Darcy Vargas. A proposta foi muito elogiada pelo jornal que, como sempre congratulava as inventivas patrióticas. A busca pelo carnaval de outros tempos também fez parte do programa de festas do Tijuca T. C., do qual um dos bailes foi chamado “Você me conhece?”, em clara referência à brincadeira dos mascarados.<sup>73</sup>

Outros eventos também mereceram destaque, como a feijoada em tributo à crônica carnavalesca do Fluminense F. C., a batalha de confete da A. A. Banco do Brasil, o “Baile do Popeye” do Botafogo F. C. - com uma decoração específica baseada no universo marinho e nos marinheiros. É interessante notar que a fantasia de marinheiro não é bem recebida em bailes fechados há tempos, mas neste caso o Botafogo subverte esta ótica. O grupo dos

---

<sup>71</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*. 26/01/1941, p. 06

<sup>72</sup> Id. *ibid*; 29/01/1941, p. 10

<sup>73</sup> Id. *ibid*; 05/02/1941, p. 05

Independentes, o Cordão da Bola Preta e o Clube dos Fidalgos também acrescem o ambiente folião, no entanto, sem ter explanado suas decorações festivas. No fechamento dos anúncios, na Rua Marechal Foch, em Bom Sucesso, os foliões receberiam, na primeira festa do ano, blocos, orquestras e Escolas de Samba que animarão a noite.<sup>74</sup> O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) passa a se fazer mais presente na organização<sup>75</sup> e na propaganda do carnaval, promovendo cinco programas especiais dentro da “Hora do Brasil”, nos quais

Além da história do carnaval carioca, desde as suas primeiras manifestações nas ruas e nos theatros, serão apresentadas as principaes musicas e canções, que foram apreciadas, em outro tempo, pelo nosso povo. [...] os ouvintes terão ensejo de apreciar o que eram os curiosos cordões de velhos, o entruado, os trotes da rua do Ouvidor, os bailes do Theatro Provisorio, o desfile dos ranchos, e outras particularidades bem brasileiras dos festejos de Momo.<sup>76</sup>

No sentido de uma “rememoração nostálgica” do carnaval de outros tempos, o discurso do DIP se constrói na ideia da festa – sempre presente no cotidiano dos cariocas – como mote para a unidade, reforçada por uma memória, mais ou menos distante, da festa que une o povo: o carnaval. Ao relatar a história do carnaval, a iniciativa do DIP formaliza a construção de uma tradição carnavalesca própria do “nosso povo”. Esse “passado carnavalesco unificador” é inculcado via repetição nos rituais festivos.<sup>77</sup>

A propaganda, um dos pilares do governo de exceção getulista, surte efeito, tanto que no dia 22 de janeiro desembarcaram no porto do Rio de Janeiro cerca de mil e quinhentos turistas, sendo mil e duzentos americanos (“à parte aqueles que virão de avião”) e o restante argentinos. Deste total cerca de trezentos turistas americanos já haviam feito reservas antecipadas de mesas e frisas para o baile de gala do Teatro Municipal,<sup>78</sup> evidenciando o “carro-chefe” do programa de turismo carioca levado aos outros países. Segundo consta, os navios da “Frota da Boa Vizinhança” (algunha muito mais que sugestiva) nunca trouxeram tantos turistas assim para o país.<sup>79</sup>

Tal demanda inesperada surpreendeu a organização do baile, como comprova o texto abaixo:

---

<sup>74</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*. 01/02/1941, p. 05

<sup>75</sup> Os pontos referentes as exigências para a atribuição do benefício financeiros estão expostos no próximo tópico

<sup>76</sup> Id. *ibid*; 13/02/1941, p. 05

<sup>77</sup> HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs). *Op. cit.*, p. 12

<sup>78</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*. 16/02/1941, p.06

<sup>79</sup> Id. *ibid*; 09/02/1941, p.06

A encomenda de centenas de ingressos para os turistas que vem ahi, dos Estados Unidos, Argentina e Uruguay, reduz, de muito, o numero de pessoas felizes da nossa cidade que poderão assistir à festa máxima do nosso carnaval. [...] os ingressos que, como é sabido, estão em número limitado, devendo por isso, muita gente ficar do lado de fora, na noite de segunda-feira, quando o palácio encantado abrirá suas portas e transportará a fina flor da sociedade carioca, ao som das inconfundíveis músicas da era foliona, a uma Andaluzia maravilhosa [...].<sup>80</sup>

Entre os que aportaram estavam “ilustres turistas”, entre eles a escritora americana Margareth Culkin Banning, seu conterrâneo Weir Wells McDonald, homem de destaque nos círculos comerciais do estado de Oregon, e o ex-presidente do Banco de Washington Raymond Mattison, junto de sua esposa.<sup>81</sup>

No extremo norte do continente Carmem Miranda surge ensinando o samba diretamente de Hollywood. Além de cantora popular, *O Cruzeiro* apresenta a artista como uma “perita no samba dansado” e dispõe diversas fotos nas quais a “brazilian bombshell” aparece ensinando um “complicado samba para palco” conduzida por um homem vestido terno preto que a levanta e gira de um lado para o outro (observando a sequência das fotos). Por fim a revista reproduz os comentários de uma revista americana sobre os “grandes eventos de 1940” entre os quais estaria “a descoberta do Brasil pelos yankees”, fruto da grande exposição de Carmem Miranda.<sup>82</sup> A mercantilização do estilo popularizado por Carmem Miranda continua nas páginas do periódico, em que uma baiana “made in U.S.A”, “verde e amarella, bem brasileira e bem bonita”, desfilava em um chá no Hotel Astor, de Nova York. A revista orienta suas leitoras para que copiem o modelo para o próximo carnaval.<sup>83</sup>

Em meio à chegada dos turistas e à propaganda ultramarina, outros bailes fervilham no Rio de Janeiro, como os do Ginástico Português, do Clube dos Tabajaras, do Grajaú T. C. e um banho de mar à fantasia na praia do Flamengo, o único do ano. As primeiras, e poucas, batalhas externas são anunciadas nas vésperas do início do tríduo momesco nas ruas Dona Zulmira, Estrada Nazaré, Mario Ferreira, Campo Grande, Sidonio Paes, Capitão Couto Menezes, Cruz e Souza, Praça Saldanha da Gama.<sup>84</sup>

O fim do período pré-carnavalesco foi marcado principalmente pela intervenção direta do DIP na organização dos festejos e pela vinda de um grande grupo de americanos e

---

<sup>80</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*. 20/02/1941, p.05

<sup>81</sup> Id. *ibid*; 19/02/1941, p.06

<sup>82</sup> CARMEN ENSINA O SAMBA. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 01/02/1941, p. 16-17

<sup>83</sup> BAHIANA. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 08/02/1941, p. 51

<sup>84</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*. 16/02/1941, p.06

argentinos ao Rio de Janeiro para prestigiar a festa. Em termos editoriais, 1941 marcou o desaparecimento do Centro dos Cronistas Carnavalescos, que em todos os anos anteriores teve suas propostas festivas e ideias estampadas na coluna, mas neste simplesmente desapareceu. Com a coluna carnavalesca restrita às pequenas notas, os eventos pré-carnavalescos são anunciados de forma concisa.

De fato, a guerra que se alastra pela Europa, além de arrefecer os ânimos dos editores, também marca a condução dos festejos. Em 1942, a Prefeitura anunciou que não haveria concessão para o já tradicional Baile de Gala do Teatro Municipal, completando, assim, o parco cenário carnavalesco.<sup>85</sup>

Em editorial assinado por Costa Rego, editor-chefe do *Correio da Manhã*, a não realização dos festejos de Momo é justificada pela guerra e outorga à Polícia uma função disciplinadora, pedindo que esta não conceda as licenças para a realização dos bailes e desfiles; pois “bastar-lhe-ia invocar a razão da guerra para impedir o espetáculo da impudícia; e a experiência realizada por tal fundamento valeria como norma e orientação futura.” A proposta vai além, uma vez que Costa Rego postula à Polícia a condição de “controladora dos excessos”; abominando inclusive o fato de o carnaval carioca ter virado peça de turismo e ser “um perigo de abjeção que devemos combater”<sup>86</sup>

Somente dez dias antes do início oficial do carnaval é que os bailes, batalhas de confete e outros festejos, que em anos anteriores ocorria logo na primeira semana de janeiro, são de fato propalados por diversas agremiações. No fim de janeiro, juntaram-se aos *Democráticos* seus co-irmãos *Tenentes do Diabo*, *Fenianos*, *Congresso dos Fenianos*, *Pierrots*, na realização de “batalhas dançantes”. O cordão da *Bola Preta*, o *Grupo dos Independentes*, o *Icarai Praia Clube*, a *Associação Atlética Banco do Brasil* e o *Olympico Clube* engrossam o cenário festivo, que neste ano encontrava-se bem debilitado. Para animar e arregimentar a crônica carnavalesca o *Cordão Bola de Ouro* propôs que fosse instituído no dia primeiro de fevereiro o Dia do Cronista Carnavalesco. Grande parte dos clubes recreativos, esportivos ou carnavalescos participaram da homenagem realizada nos salões do *Atlantic Refining Club*, *High Life* durante manhã e tarde, respectivamente, encerrando-se com um baile no *C. R. do Flamengo*.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> Id. *ibid.*; 31/01/1942, p. 09

<sup>86</sup> AÍ VEM O CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 06/01/1942, p. 02

<sup>87</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 04/02/1942, p. 06

A Prefeitura, provavelmente buscando manter o mesmo nível dos carnavais anteriores, instalou painéis em diversos lugares da cidade, como: Av. Rio Branco, Méier, Madureira, Bangú, Bom Sucesso, Praça Onze, onde “a música diz estar acabando, dará a nota de alegria ainda não conhecida até hoje. Na mesma serão colocados painéis intitulados “O samba vai mudar-se”<sup>88</sup>, outros argumentos como “A última audiência da baiana”, “Os dois carnavais” (onde um enorme pandeiro ligará o carnaval antigo e o moderno), são expostos no reduto que cede lugar à chegada da Avenida Presidente Vargas.<sup>89</sup>

Segundo Helenise Guimarães, a década de 40 é marcada pela tomada de um projeto único da administração pública rumo à unidade temática nos vários lugares onde os festejos seriam realizados. Em 1941, a montagem dos coretos e painéis, além dos bairros mencionados acima, ocorre também em Penha, Bonsucesso e Leopoldina, apresentando os mesmos motivos alegóricos e um elemento que já existia nos carros alegóricos e nos coretos suburbanos: os painéis com movimento.<sup>90</sup>

Entre a guerra e a demolição da Praça Onze, a Prefeitura resolve premiar, por iniciativa do secretário-geral de administração, Jorge Dodsworth, em acordo com prefeito Henrique Dodsworth, aqueles que melhor apresentarem seus préstitos entre os ranchos, blocos e escolas de samba. Foram dois prêmios: um no valor de 3:000\$000, para o campeão, e 2:500\$000 réis para o segundo colocado entre as Pequenas Sociedades (blocos e ranchos); já para as escolas de samba, os valores dos prêmios são de 2:500\$000 e 1:500\$000 para as primeiras colocadas. O julgamento seria feito por uma comissão escolhida pela administração pública e, para as Pequenas Sociedades, o escultor Modestino Kanto, o pintor Francisco Guimarães Romano e o musicista Florêncio de Almeida Lima formariam o júri. Quanto às Escolas de Samba, foram designados os jornalistas Lourival Dallier Pereira (A Manhã), Arlindo Batista Cardoso (Diário Carioca), Domingos da Costa (Correio da Noite) e o presidente da Federação das Pequenas Sociedades Recreativas e Carnavalescas, Luiz de França e Silva.<sup>91</sup>

A iniciativa da prefeitura em organizar diretamente o concurso faz parte do projeto de propaganda e cultura estadonovista. O fato de uma comissão, composta por artistas da Escola Nacional de Belas Artes, julgar os blocos e os ranchos, denota maior relevância a estes,

---

<sup>88</sup> Id. *ibid.*; 06/02/1942, p. 09

<sup>89</sup> CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*, p. 135. Segundo Sérgio Cabral, foi necessário “a demolição de 525 prédios, incluindo cinco igrejas, seis bancos, o edifício do Paço Municipal e um mercado”, para a construção da empreitada que pretendia marcar o nome de Vargas na história do Rio de Janeiro.

<sup>90</sup> GUIMARÃES, Helenise Monteiro. *Op. cit.*, p. 145

<sup>91</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 12/02/1942, p. 06

considerando-se que os representantes da ENBA sempre estiveram presentes nas comissões de julgamento das Grandes Sociedades. Essa comissão era legitimada pela imprensa e tida como referência na área, enquanto as escolas de samba eram julgadas por jornalistas. Outro ponto em questão é a atuação direta da Prefeitura na organização destes desfiles, já que anteriormente cabia a ela a designação - via comissão responsável pela organização, encabeçada por algum periódico - do local onde eles seriam realizados. Agora o poder público toma para si os preparativos do mesmo, reforçando seu interesse pelas práticas populares, mas, sobretudo, julgando-as segundo seus moldes. A liderança da Prefeitura nesse sentido pode ser resultado do enfraquecimento/desaparecimento do Centro dos Cronistas Carnavalescos – instituição que mediava essa relação com as “pequenas sociedades” e as escolas de samba durante todo o período analisado. O C. C. C., que em 1941 não propalou seu programa carnavalesco, também não o fez em 1942, talvez devido à troca de Pilar Drumond por *Rigoletto* como cronista responsável pela editoração. Em suma, o fato é que o carnaval foi sendo tragado pelo clima de guerra de forma mais acentuada, culminando em um arrefecimento do clima festivo dos anos anteriores da pesquisa.

## 2.2 Os Carnavais e as proibições do Estado Novo

Durante os meses que antecederam o carnaval nenhuma crítica aberta foi feita por parte do jornal ao regime de exceção, pois o jornal estava “encampado”. A ação disciplinadora do regime pode ser vista por meio das portarias publicadas na coluna carnavalesca referente aos seus (pré) festejos. A primeira questão surgida em 1938 não se refere às máscaras, nem aos lança-perfumes como poderia se esperar, mas à presença de menores durante as festividades, em portaria assinada pelo juiz Sabóia Lima:

- Fica proibido aos menores de 14 anos tomarem parte no desfile dos préstitos, nos clubs e cordões, quer desfilem à noite, quer durante o dia.
- Nas vesperais infantis é permitido o ingresso de menores, devendo, entretanto, ser acompanhados dos seus pais ou responsáveis, os que tiverem menos de 14 anos.
- São considerados “matinéés” infantis os bailes que terminarem às 7 horas destinados exclusivamente a menores, não podendo os adultos tomar parte a não ser em local distinto.
- Nos bailes de sociedades legalmente constituídas, freqüentadas apenas pelos sócios e respectivas famílias, é permitido o ingresso de menores de mais de 5 e menores de 14 anos, quando acompanhados dos seus pais ou responsáveis, não podendo a permanência ultrapassar as 23 horas.



- Nos bailes de sociedades legalmente constituídas, com entrada pagas, equiparados a “bailes públicos” é permitido o ingresso de menores de mais de 14 anos, somente, quando acompanhados de seus pais ou responsáveis.
- Nas casas de “dancing” ou de “bailes públicos” qualquer que seja a sua denominação é proibido o ingresso de menores com menos de 18 anos.<sup>92</sup>

A portaria estabelece ainda multa de 50\$000 a 300\$000 réis por menor admitido e o dobro da quantia para os reincidentes. Uma leitura atenta da portaria acima transcrita direciona a proibição principalmente para as festividades abertas ao público em geral, nas quais “é proibido o ingresso de menores com menos de 18 anos”. No entanto, isso não ocorre quando a festividade se passa em uma sociedade “legalmente constituída”, em que podem entrar menores de quatorze anos na companhia dos pais ou do responsável.

O segundo ponto, aparentemente para melhor organizar o comércio existente nas imediações das principais localidades onde ocorrerão os festejos de Momo. A Portaria refere-se, num primeiro momento, à proibição de estacionamento de volantes (vendedores ambulantes) em lugares de grande circulação, como as praças Marechal Deodoro e Marechal Floriano e Av. Rio Branco. Nesses locais, é proibida a venda de bebidas que não sejam refrescos ou leite, mas é permitida a de balas, doces, sanduíches, pastéis, sorvetes e frutas, desde que estes e “os refrescos e outros líquidos [estivessem] contidos em recipientes apropriados, ficando proibido as pipas e outros recipientes de maior porte.”<sup>93</sup> Por fim, cozinhas e fogareiros ao ar livre, encontrados todos os anos nas localidades mencionadas, também foram proibidos e, ao lado dos edifícios, rentes às praças e a Av. Rio Branco só poderiam ser recostadas cadeiras, caixas e caixotes para que o público aproveitasse o desfile. É útil lembrar que no ano anterior o Centro dos Cronistas Carnavalescos se dedicou a combater o comércio ambulante na Av. Rio Branco em diversas ocasiões sob o argumento de que a presença destes “dava uma má impressão” aos visitantes devido à sujeira causada por este comércio.

Apesar de não estar explicitamente dito, é possível entender que essas medidas pretendiam manter, durante os dias momescos, as regiões mais movimentadas pelos turistas livres de qualquer poluição visual, pois estes logradouros eram cartão postal do carnaval e da cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>92</sup> OS MENORES E O CARNAVAL, *Correio da Manhã*, 06/02/1938, p. 03

<sup>93</sup> DURANTE OS FESTEJOS CARNAVALESCOS, *Correio da Manhã*, 16/02/1938, p. 02

Dois dias após a publicação da portaria referente ao comércio ambulante, o chefe de polícia Filinto Muller publica outra referente aos festejos, na qual, entre os diversos artigos que se referem ao andamento do curso, do trânsito e outros, destacam-se os seguintes:

[Artigo]4º- Impedir que os carnavalescos cantem o Hino Nacional, da Independência e da República, canções militares e hinos estrangeiros.

[Artigo] 5º- Impedir canções allusivas às corporações civis e militares e cultos religiosos;

[Artigo]6º - Impedir o uso, como fantasia, de uniformes com distintivos, emblemas, bonés, fitas gollas, botões, galliões, adoptados pelas classes armadas, que os tornem semelhantes aos usados por essas corporações, devendo ser apprehendidos os que, apesar da prohibição, sejam apresentados em público.<sup>94</sup>

O argumento para a proibição do uso de fantasias que remetam às forças armadas, no artigo 6º, visa evitar uma possível confusão na indumentária dos foliões e dos responsáveis pela ordem pública. No entanto, os artigos 4º e 5º, ao proibirem qualquer tipo de alusão a esses segmentos e a cultos religiosos, sugerem que esse tipo de manifestação poderia ser alvo de zombaria, prática corriqueira no tríduo momesco.

Seguem-se artigos que prezam pela “moral e ordem pública” como, por exemplo:

9º- Não permittir o uso de fantasias attentatórias á moral, quer nos bailes, quer nos corsos e na via pública, prohibindo-se, a existência de grupos constituídos por indivíduos maltrapilhos, á maneira de “blocos”, empunhando latas, pedaços de madeira e outros objetos aggressivos, devendo ser os infractores encaminhados, immediatamente, à delegacia local;

10º- Deter os indivíduos pintados com tintas frescas ou graxas;

11º- Deter as pessoas indecentemente trajadas ou visivelmente alcolizadas e afastar do seio da multidão os desordeiros conhecidos;<sup>95</sup>

Nos artigos acima, pode ser observado o uso da força policial para coibir manifestações dos tão temidos “blocos” que improvisavam com o uso de latas e pedaços de madeira para se fazer presentes de alguma forma nos festejos carnavalescos. Denominados de “blocos”, a descrição se aproxima mais dos vigiados cordões que tinham fama de desordeiros e briguentos. A tutela das forças policiais estende-se também ao corpo dos foliões que não poderia pintá-lo com tintas e graxas, muito comum entre os diabinhos das décadas anteriores; além do consumo excessivo de álcool, visto como estimulante para a desordem pública.

As proibições aos segmentos populares seguem, como demonstra o seguinte trecho:

<sup>94</sup> A POLÍCIA E O CARNAVAL, *Correio da Manhã*, 18/02/1938, p. 05

<sup>95</sup> Id. *ibid.*;

17º- Proibir o uso de grandes leques de papelão, “réco-récos”, escovas de pão, “chicotes”, “espirro de bode”, espanadores e outros objetos semelhantes;

29º- Impedir que ranchos, blocos, cordões e outros agrupamentos carnavalescos transitem pelas calçadas das ruas centrais e penetrem em bares e casas comerciais;

30º- Impedir que grupos, cordões, mascarados avulsos, etc. façam uso de apitos, evitando-se, desta maneira, possíveis confusões com pedidos de socorro;

31º- Evitar o encontro de cordões e grupos carnavalescos, obrigando-os à observância de “mão” e “contra-mão” nas vias públicas por onde transitarem;

32º- Cassar, imediatamente, a licença de cordões e grupos carnavalescos, que alterarem a ordem pública, detendo os desordeiros para fazê-los processar na forma da lei;<sup>96</sup>

Os espaços de circulação livre foram cerceados pelo chefe de polícia, ao que tudo indica, na intenção de passar uma boa impressão para as levadas de turistas que, ano após ano, aportavam no Rio de Janeiro para conhecer o carnaval. Sabe-se que o controle desses grupos que “ameaçam” a ordem pública existe desde sempre, no entanto, dentro do recorte temporal proposto pela pesquisa, o ano de 1938 é marcado por uma rigidez característica, ao menos no papel.

Quanto à venda e consumo de lança-perfume, a portaria traz os seguintes artigos:

27º- Deter todos aqueles que propositadamente fizerem uso de lança-perfume sobre os olhos dos conductores de vehiculos;

34º- Não permitir nos casinos, hotéis, casas de diversões publicas, clubs e recintos fechados em geral onde se realizarem festejos carnavalescos; a venda de productos que tenham por base substancia taes como o chiorreto de etila (ether chioridrico), oxido de etila (ether sulphurico) capazes, de desvirtuado o seu uso, produzir excitação ou embriaguez;

35º- Deter todo indivíduo que for encontrado aspirando éter de lança-perfume, ou que estiver embriagado, conduzindo-os à delegacia districtal, para o conveniente destino;<sup>97</sup>

Desta forma, essa portaria proíbe o consumo do lança-perfume de maneira mais rigorosa tanto em vias públicas quanto nos recintos fechados e entre outras medidas que a portaria determina, estão: organizar o trânsito, sobretudo no curso, para que ocorresse de forma menos tumultuada possível; apreender pessoas que portem armas ou objetos que pudessem acarretar uma possível agressão; verificar os mascarados na entrada dos recintos; e, por fim, proibir difamações das famílias, sobretudo no curso; e o fechamento dos cassinos durante o tríduo momesco.

<sup>96</sup> Id. ibid.;

<sup>97</sup> Id. ibid.;

Desta forma, as medidas decretadas pelo chefe de polícia resguardam, num plano geral, os direitos das classes altas que se divertiam no alto dos carros durante o corso ou nos bailes fechados dos clubes esportivos e associações recreativas. As proibições têm como alvo as Pequenas Sociedades apenas – blocos, cordões, grupos, ranchos e indivíduos que possam ameaçar a moral – em que o uso de vestimentas das forças armadas, ao fato de serem entoados hinos referentes ao Brasil e à República, às fantasias maltrapilhas e “indecentes”, ao porte de objetos “perigosos” usados para improvisar marchas em plena via pública; à aspiração de éter e ao consumo excessivo de álcool, eram vistos como atos que potencialmente colocariam em risco a ordem pública. Assim, na visão do chefe de polícia, era necessário cercear os espaços e as formas usuais das práticas populares durante os folgedos, controlando os corpos e os desejos dos foliões.

Embora o intento aqui não seja fazer uma defesa dos “oprimidos”, é legítimo questionar o uso da portaria tendo como alvo principal os segmentos populares. Em nenhum momento a portaria faz menção às Grandes Sociedades, bem como às Escolas de Samba, mesmo a portaria considerando-as parte das “Pequenas Sociedades. Talvez isso ocorra pelo prestígio que vinham galgando, resultante de sua organização formal, (com estatutos e com a filiação à União das Escolas de Samba) cuja proposta, entre outras, era fazer a intermediação entre suas afiliadas e os poderes públicos.

As determinações do chefe de polícia para o carnaval de 1939 atingem mais diretamente as multidões:

Em primeiro lugar, todo aquelle que provocar conflicto, tomar ether, dizer ou cantar coisas que offendam a moral e as famílias, dirigir gracejos grosseiros às senhoras, espirrar o lança-perfume nos olhos dos chauffeurs e motorneiros e praticar outros actos que sejam prejudiciaes à ordem, será preso e conduzido à delegacia de polícia local. [...] Não será permittido o uso de réco-réco, espanador, espirro de bode, escovas de pão, grandes leques de papelão, fantasias que imitem profissões religiosas ou enfermeiras da Cruz Vermelha, assim como estão prohibidas as grandes filas de foliões, denominadas serpentes ou trens de ferro.<sup>98</sup>

A partir disso, algumas diferenças são notadas em relação ao ano anterior: a primeira na forma de apresentação das determinações – em texto corrido e não na forma usual de artigos – concedendo assim um tom mais coloquial e direto às determinações. Não se sabe se esta foi uma opção editorial do jornal ou apenas uma transcrição do que lhe foi repassado, no entanto, é certo dizer que tais determinações foram mais rigidamente colocadas aos foliões. A

---

<sup>98</sup> NO LIMAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 15/02/1939, p. 07

segunda delas é a alusão específica aos cortejos que desfilariam na Avenida Rio Branco, especificamente o desfile das repartições públicas, o corso, as grandes sociedades e os ranchos – que pela primeira vez desde que chegaram à principal artéria carioca – mas que, desta vez desfilariam fora dela – no Campo de São Cristóvão. Nenhuma alusão direta foi feita em relação ao cortejo das escolas de samba, indicando que provavelmente desfilariam na Praça Onze, porém isso não evidencia a falta de rigor para com as mesmas, pois ficaram proibidos instrumentos como o reco-reco, característico desses grupos.

No que tange às licenças expedidas pela delegacia de polícia responsável, o jornal evidentemente não publicou muitos “contratempos”. A exceção foi a batalha de confete que deveria ter ocorrido na Rua General Bellegard, no Engenho Novo, transferida em razão “das novas exigências da polícia para a concessão de licenças para batalhas de confete”,<sup>99</sup> mas não há o detalhamento de quais exigências foram indexadas subitamente aos promotores do evento, o que demonstra um endurecimento da polícia para com estas manifestações. Assim, ao longo dos dias que antecederam o tríduo momesco as batalhas de confete nas ruas não ultrapassaram o limite de cinco.

As determinações policiais de 1940,<sup>100</sup> (trinta e nove ao todo) assinadas por Filinto Muller, não são muito diferentes das dos anos anteriores: medidas coercitivas em relação ao consumo de lança-perfume; maior vigilância aos possíveis conflitos causados pelo encontro de blocos e cordões; averiguação dos mascarados “suspeitos”, atenção para o consumo excessivo de bebida; fiscalização nos cassinos e casas comerciais para que não vendessem bebidas “quentes” (vinho, cachaça etc.); bem como outras que pretendiam, ao menos na aparência, resguardar a moral dos transeuntes e das famílias que participam principalmente do corso. A vigilância policial nos bailes tornou-se mais austera, prendendo, sem dar explicação no ato da prisão, – “para a boa marcha do serviço”, – qualquer indivíduo que ameaçasse a ordem e a moral. Outro ponto relevante (idêntico aos anos anteriores) é a proibição da presença de indivíduos “maltrapilhos, à guiza de blocos e empunhando latas velhas, fragmentos de madeiros e outros objetos agressivos, bem como o uso de fantasias constituídas de tangas ou calções de banho.” Os primeiros estariam proibidos pelo perigo que as “armas” (lembramos dos “Zés-Pereiras” que entoavam canções improvisadas ao som de latas) representariam para a ordem pública e os segundos, porque poriam em risco a moral e os bons costumes.

---

<sup>99</sup> NO LIMAR DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 21/01/1939, p. 09

<sup>100</sup> DETERMINAÇÕES DO CHEFE DE POLICIA SOBRE OS FOLGUEDOS CARNAVALESCOS. *Correio da Manhã*, 31/01/1940, p. 07

Tais restrições e interdições vão muito além do ato de evitar possíveis distúrbios e proteger a moral e os bons costumes das famílias, porque modelam o “brincar carnavalesco” e controlam a maior arma – essa sim um “perigo” nas mãos dos foliões –: a espontaneidade das ideias, a improvisação da batucada, a originalidade e o livre festejar nos dias de folga da vida cotidiana. Sobretudo, essas medidas coercitivas – mais numerosas em relação aos anos anteriores – conferem aos cordões e blocos a pecha de ameaças à ordem. Ranchos e escolas de samba não foram citados diretamente, muito menos as Grandes Sociedades, certamente por já terem construído legitimidade no seio da festa carioca.

Em 1941, uma nota é publicada informando que o Tribunal de contas aprovou o auxílio de 300:000\$000 contos de réis requeridos pelo prefeito Henrique Dodsworth às instituições carnavalescas. Para que as pequenas sociedades carnavalescas recebessem a verba, deveriam “apresentar licença da polícia, prestação de contas dos últimos auxílios recebidos da Prefeitura, prova de que tenha mais de um ano de existência”<sup>101</sup>, à exceção, neste último item daquelas que receberam auxílio no ano anterior. Quanto às Grandes Sociedades, além das medidas descritas, deveriam fazer prova de registro no DIP.

Dias depois, o gabinete do prefeito publica um despacho referente às exigências feitas às instituições que solicitaram auxílio<sup>102</sup> em que são evidenciadas duas coisas: primeiro a sistematização do auxílio financeiro da Prefeitura que anteriormente era entregue diretamente às associações que representavam as agremiações, sem maiores cobranças no sentido de prestação de contas ou duração mínima; depois que as Grandes Sociedades, clubes carnavalescos, blocos e escolas de samba deveriam apresentar as comprovações necessárias para a entrega da subvenção. Em suma, com o crescimento do apreço interno e externo e com a “sistematização” evidencia-se algo mais que o já observado: o carnaval carioca tornou-se uma máquina cujas engrenagens, movidas pelo comprometimento daqueles que desejam usar o dinheiro público em razão do sucesso da festa, são supervisionadas ano a ano pelos responsáveis pela ordem pública.

---

<sup>101</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*. 04/02/1941, p. 06

<sup>102</sup> Entre aqueles que deveriam retirar a licença da polícia e do DIP estavam: Clube dos Fenianos, Clube dos Tenentes do Diabo. Licença da Polícia: Bloco Carnavalesco de Língua não se Vence, Sociedade Carnavalesca Flor de Lyra de Bangu, Bloco Carnavalesco Aliança de Quintino, Grêmio Carnavalesco Rouxinol (também deve provar mais de um ano de existência), Clube Carnavalesco Mixto Vassourinhas, Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Tijuca (também deve prestar contas), G. R. E. S. Mocidade de um Paraíso, G. R. E. S. Depois Eu Digo (também deve prestar contas), G. R. E. S. Não é o que Dizem (também deve prestar contas), G. R. E. S. Corações Unidos de Jacarepaguá (também deve prestar contas), G. R. E. S. Mocidade Louca de São Cristovão (também deve prestar contas), Sociedade Carnavalesca Sodade do Cordão (também deve prestar contas). Entre aqueles que deveriam prestar contas: Bloco Carnavalesco Tomara que Chova, Grêmio Recreativo Escola de Samba Paz e Amor, Grêmio Recreativo Escola de Samba Prazer da Serrinha, Grêmio Recreativo Escola de Samba Vai se Quiser. CARNAVAL. *Correio da Manhã*. 09/02/1941, p. 06

Dias depois são publicadas as “Determinações do Chefe de Polícia Sobre o Carnaval”, cujo *lead* indicava que as autoridades policiais deveriam agir com “serenidade, energia, sobretudo, preventivamente”.<sup>103</sup> As primeiras orientações de Filinto Muller são para que a ação policial seja calma e serena, contudo “sem prejuízo da máxima energia nos casos em que ela se fizer necessária” e para que seja mantida a proibição dos anos anteriores (1938 e 1940) quanto aos “grupos maltrapilhos”, conforme consta abaixo:

Evitar distúrbios e incidentes desagradáveis, resolvo que sejam proibidos, nos festejos carnavalescos, o desfile de grupos formados por indivíduos maltrapilhos, à guiza de blocos, e empunhando latas velhas, fragmentos de madeira e outros objectos agressivos, bem como o uso de fantasias constituídas por tangas ou calções de banho.<sup>104</sup>

As outras determinações são no sentido de direccionar o trânsito, de delegar policiamento em cassinos, bailes e nas ruas e dos horários para o início dos préstitos durante o carnaval. Quanto à presença de indivíduos alcoolizados ou que sejam flagrados aspirando éter, estes deviam ser levados à delegacia distrital e depois encaminhados à 2ª Delegacia Auxiliar, responsável pelos assuntos ligados aos préstitos. No geral, as determinações mantêm os mesmos pontos do ano anterior.

O serviço de censura à música, sob responsabilidade da divisão de Rádio vinculada ao Departamento de Imprensa e Propaganda recomenda que “[...] as canções carnavalescas de exaltação e glorificação da embriaguez, da orgia, da indolência e da vagabundagem estariam definitivamente proscriptas.”<sup>105</sup> O articulista discorre sobre o samba, os temas e o fato deste ser escrito com “[...] versos mancos e desmantelados, vazios de emoções delicadas na música impregnada de melancolia e desalento, o morro, algo ignorado e confuso, [surge] como a sombra imensa de uma cubata africana, o reducto da malandragem viciosa e perniciosa.” Após a censura das músicas que promoviam a “libertinagem” constata-se que:

Um confronto das letras de outrora permitidas e vulgarizadas com as que são actualmente cantadas e difundidas, evidencia a radical mudança de systema. Baniu-se tudo quanto estava em absoluto desacordo com a tradicional doçura dos sentimentos do povo. Liberdade não era licenciosidade. E foi essa, antes de tudo, o que se quiz extinguir.<sup>106</sup>

<sup>103</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*. 20/02/1941, p. 05

<sup>104</sup> Id. *ibid.*;

<sup>105</sup> MUSCA CARNAVALESCA. *Correio da Manhã*, 21/02/1941, p. 04

<sup>106</sup> Id. *ibid.*;

O colunista, M. Paulo Filho, legitima (não se sabe se por livre e espontânea vontade) a ação da divisão responsável pela censura com base no argumento de que esta não pretendia ter prerrogativas críticas, mas sim inculcar nos sambistas uma postura literária. Por isso, segundo consta no relatório publicado, a censura não impedia a espontaneidade e a criatividade dos compositores, mesmo nas músicas populares, pois as recriminações só eram postas em prática em defesa dos “bons costumes”. O mesmo documento relata que até o fim de 1940, 507 músicas foram enviadas para receber parecer das quais 373 foram proibidas “por não se harmonizarem com os dispositivos legais”. O resultado é considerado positivo, de modo que as canções que antes “glorificavam o álcool e a orgia”, agora ressaltam a “temperança, a seriedade e o trabalho.” Por fim, a argumentação reforça o trabalho como objetivo máximo ao passo em que a malandragem é banida das letras de música, pois com ela “[...] a arte nada lucrou” já sem ela “lucram os bons costumes.” A censura apenas contribuiu para que “a Musa Carnavalesca viesse à rua mais decente, mais operosa e mais compenetrada das suas obrigações constitucionais para com o Estado. Este impõe o trabalho como um dever social.”<sup>107</sup> Ao que tudo indica a censura imposta pela Divisão de Rádio vinculada ao DIP tem obtido “sucesso”, recebendo “expressivos e entusiasmáticos” telegramas dos Estados Unidos parabenizando pela escolha das músicas tocadas no programa transmitido para 120 estações.<sup>108</sup>

A interferência do governo<sup>109</sup> nas questões que pertenciam ao samba e à festa carnavalesca vai ganhando corpo uma vez que, em 1937, Vargas decretou “que os enredos das escolas de samba tivessem caráter histórico, didático e patriótico”; em 1939, criou o “Dia da Música Popular Brasileira”; e, no ano seguinte, encampa a Rádio Nacional (líder de audiência) que se distinguia pela sua programação popular. Segundo a autora, a atuação do

DIP promovia certames e festividades populares que projetaram sambistas a partir de 1940, estimulando ainda mais a adesão da classe ao ideário estadonovista. Por outro lado, intensificavam-se o controle e censura exercidos pelo Estado sobre as manifestações culturais do povo, o que sugere que tal adesão estivesse longe de ser incondicional ou satisfatória para as autoridades. Os compositores eram obrigados a submeter suas criações à censura prévia, e só em 1940 foram vetadas 373 letras de música.<sup>110</sup>

---

<sup>107</sup> Id. *ibid.*;

<sup>108</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 22/02/1941, p. 06

<sup>109</sup> As medidas anteriores ao Estado Novo relacionadas à área musical foram discutidas nesse trabalho no capítulo 1 (p. 42) via Cláudia Matos.

<sup>110</sup> Id. *ibid.*; p. 90-1



A atuação do DIP na música popular, proibindo a glorificação da malandragem corrente nos anos 1930 e incentivando o trabalho como valor universal, encontrou respaldo em alguns sambistas, entre eles Wilson Batista e Francisco Alves, que se valeram disso para ganhar algum dinheiro e serem conhecidos: “proibia-se a glorificação da malandragem que fora corrente nos anos 30 e incentivava-se a participação do sambista no projeto trabalhista e populista do Estado Novo”.<sup>111</sup> Segundo Matos, a comercialização do samba rendeu muito mais lucros para as gravadoras e as rádios do que propriamente para os sambistas. Nesse caso, a política protecionista do Estado Novo que elevava o samba das classes populares a outros patamares era, ao mesmo tempo, controladora e repressiva, “instrumentalizava a cultura popular para atender aos objetivos do poder constituído.”<sup>112</sup> A proibição do discurso da malandragem reprimida pelo Estado Novo representava “a combinação e o confronto do mito com a realidade, da utopia da malandragem com uma nova realidade histórico-social onde essa utopia já não tem lugar.”<sup>113</sup> Assim:

Foi através do samba que não só o malandro como todo o mundo negro e proletário urbano se deu a conhecer às classes dominantes. Isso não mudou fundamentalmente nada nas relações de produção, e também não mudou muita coisa na situação econômica daqueles sambistas que despontavam do Estácio por volta de 1930, vendendo suas criações a preço de banana, ou recebendo irrisórios direitos autorais. Mas foi por aí que se abriu às classes populares um inestimável canal de expressão. Com o samba da malandragem nasceram as escolas e seus desfiles pelo asfalto, num itinerário que quase sempre foi percorrido com orgulho e satisfação por seus componentes proletários, habitualmente relegados à margem das avenidas.<sup>114</sup>

Percorrendo um caminho muito parecido ao acima exposto, Marcos Napolitano trabalha com a ideia de “higienização do samba”, dentro do contexto nacionalista, ao indicar que intelectuais, escritores e jornalistas não poderiam mais desconsiderar o gênero que ganhava o apreço das classes populares na década de 30,

Os intelectuais, *grosso modo*, parte dos jornalistas e da burocracia da cultura oscilavam entre a defesa da higienização do samba e sua negação pura e simplesmente. Este debate cresceu, sobretudo, na segunda metade dos anos 1930 e traduzia a própria importância do samba como produto fonográfico e radiofônico.<sup>115</sup>

---

<sup>111</sup> Id. *ibid.*; p. 107

<sup>112</sup> Id. *ibid.*; p. 120

<sup>113</sup> Id. *ibid.*; p. 110

<sup>114</sup> Id. *ibid.*; p. 125

<sup>115</sup> NAPOLITANO, Marcos. Sambistas ou arianos? A crítica racista e a higienização poética do samba nos anos 1930 e 1940. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci & CROCI, Federico. *Tempos de fascismos: Ideologia –*

A Exposição Nacional do Estado Novo de 1940, que congratulava as belezas naturais e folclóricas do Brasil – entre elas o samba – abre um rol de discussões corroboradas pelo trabalho de Cláudia Matos. Após o término do evento, muitos intelectuais criticam o ar “malandro e cafajeste” das letras, como também as raízes africanas, entendidas como um problema.<sup>116</sup> Em 1941, a questão é “resolvida” por A. Salgado na revista oficial do Estado Novo, a *Cultura Política*

O samba é feio, indecente, desarmônico e arritmico. Mas paciência: não repudiemos nosso irmão pelos defeitos que contém. Sejam benévolos: lancemos mão da inteligência e da civilização. Tentemos devagarinho torná-lo mais educado e social. Pouco nos importa de quem ele seja filho.<sup>117</sup>

Segundo Napolitano, a direita conservadora entendia que o samba deveria ser “higienizado e disciplinarizado”, visão diferente da dos setores mais progressistas que privilegiavam a autenticidade “do morro”. Nesse processo de disciplinarização e de denso debate, “Aquarela do Brasil” surge como exemplo máximo de samba nacionalista e uma nova dinâmica seria necessária:

Aparar as arestas e conflitos socioculturais pelo elogio oficial à mestiçagem, mesclando duas tendências a princípio autoexcludentes: a domesticação do “outro” interno pela sua exotização, fixada nos termos de um folclorismo oficializado. Essa ponte era necessária não apenas para fixar a ideologia da mestiçagem sem arestas, mas também para educar uma elite que se sentia “estrangeira em seu próprio país”. Entretanto, a incorporação do elemento cultural popular e a modernização das elites, no caso brasileiro, não superaram completamente o fantasma da intolerância, do racismo e do preconceito social.<sup>118</sup>

Embebido nesse clima de “doutrinação”, o período aponta para um claro ordenamento tanto no samba divulgado nas rádios como no tríduo momesco, entendidos como fator de unificação da população que se pretendia controlar. As medidas policiais advindas do DIP para o carnaval de 1942 não foram publicadas pelo *Correio da Manhã*, mas supõe-se, observando o cenário cerceador acima, que permaneceram as mesmas.

---

Intolerância – Imaginário. São Paulo: Editora da USP, Imprensa Oficial, Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010. p. 422

<sup>116</sup> Id. *ibid.*; p. 427

<sup>117</sup> Id. *ibid.*; p. 429

<sup>118</sup> Id. *ibid.*; p. 431-2

A perseguição aos indivíduos maltrapilhos “à maneira de blocos”, de mascarados nas ruas centrais; a proibição da aspiração de éter e lança-perfume e a vigilância nos bailes para com o travestimento de seus foliões são as principais medidas que cerceavam o livre brincar festivo, dispostas no período pré-carnavalesco e levadas ao tríduo de Momo. No entanto, o próximo capítulo mostrará que, entre as proibições e o cumprimento delas pelos foliões, havia um espaço questionador e burlador que as punha em xeque.

### 2.3 O tríduo momesco na cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1938 a 1942

Em 1938, grande parte dos festejos carnavalescos ficou restrita aos salões dos clubes recreativos ou esportivos, “o carnaval interno, principalmente, este anno, [deixou] para traz a folia nas ruas, faz[endo] com que os clubs que realizam bons bailes carnavalescos [vissem] os seus salões completamente lotados.”<sup>119</sup> Os bailes anunciados percorrem diversos âmbitos, sejam os de representação trabalhista, como o do Sindicato dos Bancários na Feira de Amostras, sejam os grêmios esportivos, como a Associação Atlética Portuguesa, Tração Futebol Clube e o Vasco da Gama, cujo “salão de festas e o rink de tennis onde foi armado o colossal palanque para as dansas, [estava] ricamente decorados pelo artista Albino Maia que os transformou no “Reinado de Miphistofeles”.<sup>120</sup> Bailes já tradicionais como o do Automóvel Clube, Tijuca Tênis Clube, Fluminense F. C. e Clube de Regatas do Flamengo completavam esse segmento. O baile do Teatro Municipal, com uma refrigeração “excelente” animou cerca de 2.500 foliões na segunda-feira de carnaval, entre eles turistas uruguaiois e argentinos que reservaram mesas com antecedência nas agências de turismo. O baile do C. C. C., realizado no teatro João Caetano não permitiu, como no ano anterior, a entrada de “homens em travesti” para resguardar a moral das famílias presentes.

Os blocos e grupos são lembrados de forma sucinta: o *Pendura que o amor é nosso* e o *Grupo do Puxa* – formado pelos funcionários das fábricas em torno da estação do Realengo –, percorreu as ruas com um enredo descrito da seguinte forma: “[...] de motivo nacional e de grande emotividade. [Com] três alegorias e diversos carros de criticas completarão o préstito que será composto de 180 pessoas, que ostentarão lindas fantasias.”<sup>121</sup>

---

<sup>119</sup> QUASE EM PLENO DOMINIO DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 26/02/1938, p. 10

<sup>120</sup> Id. *ibid.*;

<sup>121</sup> Id. *ibid.*;

Na véspera do período carnavalesco, foi realizado o “Dia dos Blocos” na Av. Rio Branco, sob a tutela do jornal *Correio da Noite*. Segundo a matéria, o desfile dos blocos realizou-se na seguinte ordem: *Recreio das Baianinhas*, com o enredo “Sonho de um Artista”; seguido por *Não Posso me Amofinar*, com o tema nacional “Pery e Cecy”; em terceiro veio *Alliança de Quintino*, apresentando “A Tela do Pintor”; seguido por *De Língua não se Vence* (vice-campeão), com o tema “Festim de Baltazar e a Queda de Babilônia”; *Turunas de Monte Alegre* (campeão), com o enredo “Chand, a rainha guerreira”; depois seguiu o bloco *Renascença*, com o enredo “O Brasil e as suas celebridades”; e o último a desfilar foram os *Caprichosos da Tijuca*, com “Um romance antigo”.<sup>122</sup> O júri, formado por Magalhães Correa (Escola Nacional de Bellas Artes), Modestino Kanto, Angelo Lazary (responsáveis pelos préstitos do Club dos Democráticos), entre outros, levou em consideração quesitos como: conjunto, harmonia, cenografia, indumentária, escultura, humorismo, enredo, originalidade e arte. Percebeu-se, pela transcrição dos enredos e pelas respectivas colocações a presença de apenas duas agremiações trazendo motivos nacionais nos seus desfiles. Isso significa que, por mais amplo que seja o discurso da imprensa carnavalesca no C. C. C., os temas nacionais na prática ainda não foram efetivamente aceitos. Outro ponto a ser considerado é que o desfile ocorreu na quinta-feira véspera do carnaval, dia com pouca relevância dentro do circuito carnavalesco.

Dias depois a coluna descreve um dos enredos mostrados no dia dos ranchos, “constituídos de gente modesta, mas caprichosa”,<sup>123</sup> o do G. C. *Quem São Elles?*, com o mote “Homenagem aos Pioneiros do Carnaval Carioca”, em que as escolas de samba, a Federação das Pequenas Sociedades, as Grandes Sociedades e por fim o C. C. C. são lembrados pelas porta-estandartes e pelos painéis. No fechamento da primeira parte dos desfiles, não é esquecida a imprensa, representada pelo *Jornal do Brasil* – promotor do concurso – e pelo *Correio da Noite* – organizador do desfile. Na segunda parte, o comércio, “que também muito concorre para o Carnaval, prestando seu valioso auxilio as sociedades”, é reverenciado. Por fim, o cortejo com o nome “Reminiscências Brasileiras”, abordou a invasão holandesa de 1624 e lembrou de personagens como Mauricio de Nassau. O Brasil e seu presidente são as últimas alegorias a entrar na avenida, simbolizadas pelo busto de Getúlio Vargas.

O desfile acima descrito (abreviado devido a sua enorme extensão) foi enviado pela diretoria do *Quem São Elles?* e publicado na íntegra. Além das minúcias do préstito foram

---

<sup>122</sup> Id. *ibid.*;

<sup>123</sup> EM PLENO DOMINIO DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 01/03/1938, p. 03

publicados – um samba que a agremiação teria entoado durante o percurso da Av. Rio Branco – e duas marchas, uma das quais é aqui transcrita devido ao seu caráter explicitamente nacionalista:

Sorriso Patriótico  
Música de A. Pires  
Letra de João Marques

Glórias! Aos bravos  
Dedicados, pioneiros!...  
Dos festins que seduz  
Mundo inteiro  
Pela grandeza  
Do nosso torrão,  
Invejado  
Jamais  
Conquistado.  
Terra Altaneira!  
Tudo se deslumbra  
Além das fronteiras  
Lindas paisagens  
O cantar das cachoeiras.  
E brilha no nosso formoso céu azul  
Nossa jóia sagrada  
NossO Cruzeiro do Sul.  
E nosso solo querido  
Que a natureza

Encerra  
Riqueza  
A...  
Tremular!  
Forte e risonho  
O inimigo tocar-te  
Nem em sonho  
Sempre em teus filhos  
Terás confiança  
Meu verde louro da Esperança!  
A...  
Confiar!...  
Povo ordeiro  
O surgir!...  
Do um bravo timoneiro  
Eis que no sul,  
Mais uma estrella surgia  
Hoje um sorriso é que te guia!

A marcha reitera o Brasil como “terra altaneira”, cujas riquezas, o “formoso céu azul” e as “lindas paisagens” seriam cobiçados pelas terras estrangeiras, (“nosso torrão/invejado/jamais/conquistado”). Por fim, congraça a chegada de um “bravo timoneiro” que vem do sul do país e que o guiará com um sorriso no rosto.

O *Correio da Manhã* sempre defendeu a história do Brasil como tema para os enredos e músicas, de forma que as práticas carnavalescas (blocos, ranchos, escolas de samba etc.) deixassem de lado os temas estrangeiros, *habitué* das Grandes Sociedades, e propagandeasse nas marchas e sambas, o que seria nosso, aquilo que definia o Brasil como nação. Ao atender a sugestão do jornal, a agremiação resume a circulação das ideias propostas pelos literatos e pelo poder público, impressas no jornal. Evidentemente o movimento em direção à proposta dominante não é gratuito, pois as práticas populares – como blocos, ranchos e escolas de samba – lutavam por espaços de representação durante muitos anos. Assim, a aceitação deste

tema em seus enredos<sup>124</sup> ocorre no intuito de atingir seus objetivos, confluindo assim para um intercâmbio cultural e num de jogo de força, que resultaria na ideia de *circularidade cultural*, conceito presente na obra de Mikhail Bakhtin citada anteriormente.

Após o desfile dos ranchos<sup>125</sup>, o *União das Flores* conquistou a primeira colocação, seguido do *Última Hora*, o terceiro lugar ficou com os *Destemidos de Quintino*, seguidos do *Quem São Elles?* (em homenagem “aos pioneiros do carnaval”), *Destemidos da Caverna*, *Rouxinol de Bangú* e por último *Unidos do Brasil*. Segundo a coluna, o *Parasitas de Ramos* foi desclassificado sob a denúncia, não confirmada pela organização, de aproveitamento de alegorias e indumentária do bloco *Inocentes de Catumby*. Cabe ressaltar, por fim, que apesar dos esforços do *Correio da Manhã* – ao direcionar o enfoque para o *Quem São Elles?* publicando na íntegra e elogiando seu enredo – este só ficou em quarto lugar, demonstrando os limites da proposta nacionalista exarcebada.

Em relação ao carnaval em si, a coluna faz um retrato das primeiras impressões do mesmo

Já às primeiras horas da tarde de hontem o Rei Momo dominava soberanamente sobre a cidade. A atmospheria de alegria começava a invadir todos os semblantes, desde o centro do Rio, na nossa principal artéria, até os mais longínquos e afastados bairros. Os foliões vestidos de bebê, de piloto, de marinheiro, de conductor, etc, misturavam-se com os sisudos cidadãos que até as 6 horas se entregam aos seus misteres e alfaseres. [...] apesar das observações dos scepticos que apregoam abertamente o declínio do Carnaval, ninguém duvidava mais, nos primeiros momentos da tarde de hontem, que Momo se apoderara do Rio e tomara as rédeas da Cidade Maravilhosa, nas celebres 72 horas, todos põem tudo de lado e onde só pensam em brincar, divertir-se, e- esquecer.<sup>126</sup>

As Grandes Sociedades tiveram seus barrocões visitados pela coluna carnavalesca e seus préstitos detalhados: os *Democráticos* trouxeram cinco carros alegóricos intitulados

<sup>124</sup> Outros ranchos enviaram seus enredos, no entanto, foram somente relacionados e não publicados na íntegra como o do *Quem São Elles?*, entre eles estão: os *Decididos de Quintino*, com “Geografia do Brasil”, em que as alegorias aludiam às fronteiras do país, aos lagos, às praias e aos rios; os *Caprichosos da Tijuca*, com o enredo “Um Romance Antigo”, em que o primeiro carro alegórico faz referência a um jardim onde se passa a história de um romance entre uma duquesa e um príncipe no ano de 1485. Em seguida, a coluna publica o préstito dos ranchos, sendo: *Mulatinhos Rosados* que apresentou o enredo “Osíris (lenda árabe)”; *Destemidos da Caverna*, com o enredo “Glorificação a Himalaya”, que se passa 400 anos antes de Cristo e trata da história universal;<sup>124</sup> *Parasitas de Ramos* com “A Libertação dos Escravos”, que na época comemorava cinquenta anos, no qual “todas as phases do grande episódio, desde a República dos Palmares até o acto de Isabel, a redemptora, em 13 de maio de 1888, se reproduzem, com fidelidade, no desfile magnífico a que presidia em sua reconstituição com o mais absoluto rigor histórico”. EM PLENO DOMINIO DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 01/03/1938, p. 05-6

<sup>125</sup> ECOS DO REINADO DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 05/03/1938, p. 06

<sup>126</sup> Id. *ibid.*; 27/02/1938, p. 03

“Prélio de Venus” (carro chefe) em homenagem à mulher brasileira; seguido por “Caravana de Heros”, “Fagulhas alucinantes”, “A sombra dos Inajás” e “Festa do Perfume”. Nos *Fenianos*, o carro “Abre-Alas”, abandonado por muitas agremiações, “é uma allegoria jocosa e interessante, de figuras engraçadas”, o carro-chefe tem o nome de “Uma visita de deuses e ninfas ao carnaval carioca”, seguido por “Era Nova” – representado por um dragão, “symbolizando o extremismo dominado pelo Brasil”, encerrando com “Elegia japonesa”. Os *Tenentes do Diabo* trazem o carro chefe, em dois lances, intitulado “Ave! Basta”, seguido pelo carro “Faunos e Ninfas”. Os *Pierrots da Caverna* saúdam o novo momento político do país intitulando o carro chefe de “Estado Novo”, “em dois lances de 38 metros, vendo-se no primeiro um aeroplano, em tamanho natural, seguido do mapa do Brasil defendido pelas forças armadas; no segundo lance vêem-se as figuras de homens de trabalho, ao lado de formidável bigorna, em que descansa o grande malho.”<sup>127</sup> Seguido por “Bombonière”, homenageando as casas de confeito e suas embalagens; “Quando no terreiro faz luar” homenageia a tradição caipira da moda de viola. O *Congresso dos Fenianos* é lembrado com uma transcrição rápida em que recebem destaque os carros “Rendas e Bordados” e “Os Perfumes”. Outras três alegorias e quatro carros de crítica não foram detalhados.

No decurso da festa, as chuvas que abateram a cidade ganham o foco, como mostra o trecho a seguir:

Os aguaceiros que têm desabado nos últimos dias não arrefeceram o entusiasmo popular: ao [cair] a água do céu, o povo sempre encontra um abrigo, deixando as ruas e praças com a impressão de desertos varridos pelos temporaes. Logo, porém, começam a ressurgir os foliões formando blocos e cordões, animados de novas energias, empolgados pelo ardor folionico que demora na alma dos brasileiros. E daí a pouco, é toda a cidade, desde o mais longínquo logarejo da zona rural á Avenida Rio Branco, o mesmo e ruidoso movimento, ao som dos sambas e das marchas mais em voga, enquanto novos cânticos se improvisam e logo contaminam a massa, que em seguida os esquece para inventar outros.<sup>128</sup>

As linhas acima apontam uma disparidade em torno da real abrangência e adesão do povo ao carnaval de 1938, pois, enquanto o editorial descreve o carnaval em franco declínio, a coluna carnavalesca pondera, justificando o mau-tempo e o fim do mês como causas para seu declínio. Em relação às medidas policiais, embora Filinto Muller tenha proibido o uso do lança-perfume, bem como qualquer derivado do éter, o jornal relata que os foliões com

---

<sup>127</sup> Id. *ibid.*;

<sup>128</sup> EM PLENO DOMINIO DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 27/02/1938, p. 03

ânimos mais acirrados eram vistos, “batalhando amavelmente com as delicadas armas que o lança-perfume, o confetti e a serpentina representam.”<sup>129</sup>

Tais observações admitem a hipótese de que o carnaval, em declínio ou não, ainda se mantinha como um período de transbordamento e superação das proibições cotidianas, incluindo as do Estado Novo. Por fim, enquanto nos bailes carnavalescos, aqueles “mais concorridos”, é observada a interdição do uso de fantasias de índios pelos seus foliões, nas ruas estes são vistos em grupos nos banhos de mar.

Apesar de prejudicado pelas chuvas, o corso no domingo esteve animado, segundo *O Cruzeiro*. A imagem abaixo, em que há um grupo diverso de animados foliões, mostra no plano principal uma mulher sorridente portando um pandeiro (instrumento popular) ao lado de um rapaz negro com semblante sério. O fato do corso, que comportava no geral integrantes da elite, pois, além do carro, uma taxa para o mesmo deveria ser paga, pela primeira vez, trazer um negro fotografado é representativo do ponto de vista da circularidade cultural.



**Imagem 12.** S/ TÍTULO. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 05/03/1938, p. 31

Com o carnaval terminado, um balanço feito mostra que:

[...] domingo é sempre consagrado aos folguedos de rua, ao corso elegante e alegre das avenidas Rio Branco e Beira-Mar, sendo a noite realizada nova parada das escolas de samba, cujos adeptos e admiradores, concentrados na Praça Onze, fazem ali um outro carnaval dentro do carnaval, um carnaval de modalidades diversas, com a lembrança do que era o carnaval antigo do Rio,

<sup>129</sup> Id. *ibid.*;



o carnaval que subiu aos morros e ali guarda as tradições dos cordões, do entrudo, da violência brutalizada pela embriaguez da alegria, como a síntese mesma do fundo da nossa história de sofredores, de escravos, que se desforram das amarguras do peito cantando a tristeza do jongo e se vingando do excesso do trabalho no martírio de batuques allucinantes, depois de cuja fadiga vem o esgotamento e com este o olvido a insensibilidade aos azares do destino desconhecido. O carnaval da Praça Onze exige do cronista uma crônica exclusiva que um dia alguém tente fazer.<sup>130</sup>

É interessante notar, nas poucas linhas dedicadas ao carnaval da Praça Onze a conotação de guardião da tradição. Para Pilar Drumond, que assina a coluna, o lugar guarda o que sobrou do “carnaval no Rio antigo”, em que os cordões, o entrudo (perseguido por décadas pelas portarias policiais e por alguns literatos) e a violência “brutalizada pela embriaguez de alegria” sintetizam a história de sofredores e de ex-escravos que ali brincavam em extrema alegria esses dias dedicados a Momo. O carnaval dos morros e na Praça Onze é entendido como um momento em que as mazelas cotidianas arrefece dando lugar ao batuque, ao jongo e às escolas de samba (que promovem ali “um carnaval dentro do carnaval”), portanto, dando a chance de esvaziar, com as batidas do batuque, o peito cheio das mágoas cotidianas, numa clara interpretação que prevê na festa uma válvula de escape, como um prêmio merecido em razão do cumprimento das obrigações cotidianas, enfim, é a possibilidade de esquecer, mesmo que efemeramente, os “azares do destino desconhecido”. A opinião do articulista não entende o samba ou esses indivíduos como portadores de uma manifestação legítima que sintetiza uma prática em busca representação social e cultural.

Esse posicionamento reflete a importância relativa que as escolas de samba e o “pessoal do morro” possuem na crítica carnavalesca do jornal, pois os desfiles são anunciados, comentados e o desfecho do julgamento relatado sempre ao “pé da página”, sem qualquer fotografia e sem os mesmos elogios e transcrições detalhadas feitas das Grandes Sociedades e dos ranchos que cumprem as “orientações nacionalistas.”

Às Grandes Sociedades a crônica destaca o enorme número de pessoas que vieram das periferias para torcer pela sua entidade preferida, cujo destaque foi o Clube dos Democráticos, como usualmente acontece, que “excedeu os carnavais desta mesma sociedade, que bateu desta vez o seu próprio record”.<sup>131</sup>

Formada sob a tutela do Centro dos Cronistas Carnavalescos, a comissão que julgou os préstitos das Grandes Sociedades decidiu pela vitória dos *Democráticos*, seguido pelos

<sup>130</sup> ECOS DO CARNAVAL DE 1938, *Correio da Manhã*, 03/03/1938, p. 07

<sup>131</sup> Id. *ibid.*;

*Fenianos* e *Tenentes do Diabo* em segundo lugar e os *Pierrots da Caverna* em terceiro. Por meio de outro jornal, os clubes *Fenianos* e *Pierrots da Caverna* questionaram o julgamento colocando a autoridade do Centro em dúvida. A coluna respondeu às críticas afirmando que se sentia na liberdade de agir conforme for para julgar os préstitos apresentados, mesmo que haja um júri oficial, pois exercia apenas seu direito como entidade que conglomerava diversos periódicos.<sup>132</sup> A apuração dos desfiles de outras agremiações também é publicada: entre as repartições públicas, o primeiro lugar ficou com a *Fábrica de Projéteis de Artilharia*, seguido pela *Repartição dos Correios e Telégrafos*.

Já as escolas de samba da Praça Onze não tiveram julgamento, pois dos juízes, indicados pelo Departamento de Turismo, apenas um apareceu, Domingos Rubim, do *Correio da Noite*, já os senhores Lourival Pereira, de *A Tarde*, e Mário Magalhães, do *Lux-Jornal*, não compareceram. Mário Magalhães assinou uma carta dando esclarecimentos sobre o fato e confirmando a sua presença e não a de Domingos Rubin, como foi publicado. No ato, assinou uma declaração, na presença de Eloy Antonio Dias e Dulcemar Garcia, respectivamente presidente e vice-presidente da União das Escolas de Samba, para que ficasse documentada a sua presença.

Segundo Sérgio Cabral, as obras para a construção da Av. Presidente Vargas marcaram o carnaval de 1938, porque as escolas de samba tiveram que desfilar no Campo de Santana ao invés da Praça Onze, reduto oficial do samba:

O desfile das escolas de samba de 1938 seria o primeiro do Estado Novo, a ditadura instalada desde o dia 10 de novembro de 1937. Apesar disso, a Portela apresentou-se com o enredo “Democracia no Samba”. A Azul e Branco do Salgueiro inspirou-se na campanha “Dêem Asas ao Brasil” para elaborar o seu enredo. O samba, de autoria de Antenor Gargalhada, foi dos raros com características de samba-enredo cantados na década de 30. Falava em “mocidade sã”, “céu de anil” e repetia o *slogan* “Dêem Asas ao Brasil”, sem deixar de mencionar o pai da aviação: “Tenho orgulho desta terra/Berço de Santos Dumont”<sup>133</sup>.

Sérgio Cabral afirma que todas as 35 escolas compareceram e desfilaram sobre forte temporal, no entanto, como se viu acima, apenas um dos três jurados se fez presente: Domingo Rubi.

As reminiscências do carnaval de 1938 são marcadas por duas observações: a primeira relativa à animação vista no Meyer onde o movimento de blocos e de grupos isolados foi

<sup>132</sup> ECOS DO REINADO DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 05/03/1938, p. 06

<sup>133</sup> CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996. p. 119

intenso, assim como nos bairros da Tijuca, Cascadura, Madureira, Engenho de Dentro Engenho Novo, Sampaio, São Francisco Xavier e Vila Isabel, razão pela qual o carnaval na Avenida Rio Branco não teve tantos foliões como os outros anos.<sup>134</sup> A segunda observação se refere ao baile de gala do Teatro Municipal, que se transformou nas mãos do maestro Piergile, vencedor da licitação aberta no começo do ano, “[...]num baile como outro qualquer, desses que têm uma bilheteria feita para render o que for possível. Nada do esplendor antigo. Nada de sua antiga e notável distinção. A desorganização dominou em tudo.”<sup>135</sup>

Após o carnaval, *O Cruzeiro* faz uma fotorreportagem (provavelmente uma montagem) quanto ao “preço do carnaval” pago por um casal em decorrência dos excessos do marido. Com pouca nitidez, plano a plano as fotos mostram a espera da mulher pelo marido que saiu para a festa, apontando para “uma tragédia [...]”. A esposa, cansada de esperar, procurou uma posição estratégica para aguardar a chegada do marido, armada com alguns instrumentos contundentes: uma vassoura e um batedor de carne.”<sup>136</sup> Após a chegada dele, a esposa revista sua carteira e encontra somente “alguns mil réis”, o que comprometeria o pagamento do “bonde” e do “vendeiro”. A representação termina com o suposto marido vencido por Momo, envolto em serpentinas, com um cigarro à mão, dormindo debruçado sobre um barril de chopp. Além da falta de forças para o retorno à sua casa, a imagem demonstra a transgressão deste “pai de família” que, ao sucumbir aos delírios de Momo, gastou quase todo o dinheiro da família nas pugnas carnavalescas, enquanto a mulher enfurecida ficou à espera. A reportagem, espécie de educação moral elucidativa, demonstra a “derrota” do marido que é vencido pelo carnaval, mas não traz à baila sua batalha nesses dias que, mesmo que de forma efêmera, uma nova realidade – díspar do seu cotidiano surgiu: a transgressão, a nova vida, os excessos característicos da festa.

---

<sup>134</sup> ECOS DO CARNAVAL DE 1938. *Correio da Manhã*, 03/03/1938, p. 07

<sup>135</sup> O BAILE DO MUNICIPAL BANALIZOU-SE. *Correio da Manhã*, 08/03/1938, p. 07

<sup>136</sup> *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 05/03/1938, p. 50



**Imagem 13.** ARNO KIKOLER. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 05/03/1938, p. 50

O carnaval de 1939 é aberto no sábado com o desfile dos blocos das repartições públicas, das 14 às 18 horas, sob a organização do *Jornal do Brasil*. O regulamento estipulou quesitos como corpo musical, enredo obrigatório sobre temas nacionais ou estrangeiros. Quesitos como arte, cenografia, indumentária, comissão de frente, enredo, harmonia, originalidade, estandarte e crítica para serem levados em consideração pelo júri composto pelo professor Modestino Kanto (Escola Nacional de Belas Artes), professor Magalhães Correa (ENBA), professor Armando Vianna (ENBA) maestro Freire Júnior e Pilar Drumond do C. C. C.<sup>137</sup>

A ornamentação com tablados montados para realização de bailes públicos da Av. Rio Branco, da Praça Paris e da Praça Onze representam o “carnaval do Rio Antigo” e, além das praças e da principal artéria carioca, o Campo de São Cristóvão, onde ocorreu o desfile dos ranchos, também foi embelezado.

<sup>137</sup> NO LIMÍAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 16/02/1939/, p. 07

Os bailes nos salões dos clubes esportivos, recreativos e carnavalescos são diversos e ocupam todos os dias dedicados a Momo. As Grandes Sociedades, entre elas o *Clube dos Democráticos*, *Fenianos*, *Tenentes do Diabo*, *Pierrots da Caverna* e *Congresso dos Fenianos*, ocupam todas as noites carnavalescas, assim como os bailes do C. C. C. no teatro João Caetano.

O *Cordão da Bola Preta*, *Cordão dos Laranjas*, no Clube de Regatas e Natação, na Casa do Sargento, Grajaú T. C. O Riachuelo T. C., Ginástico Português, Orpheão Portugal, no Andaraí A. Clube, Amantes da Arte Clube, Botafogo F. C. e o Vila Isabel F. C. com o título “Orgia dos Pandeiros” e comparecimento do Rei Momo, fecharam os bailes assinalados na coluna carnavalesca sem maiores informações quanto à decoração ou aos requisitos de fantasias para a entrada nos mesmos, o que não quer dizer que isso não tenha ocorrido.

Entre as noites dançantes que fazem qualquer consideração ao vestuário está o Fluminense F. C. com o tema “Sinfonia Africana”, em que a entrada só seria permitida com fantasias exclusivamente de luxo ou rigor, “permitindo-se o “summer”, o “dinner-jacket” e o branco”.<sup>138</sup> O Clube de Regatas da Guanabara e o Atlantic Refining Club têm as mesmas exigências, pois “apesar de tolerante no traje, a directoria do querido club previne, porém que não permitirá fantasias de malandro, apache e outras que não se enquadrem dentro da ethica social”.<sup>139</sup> Nesses pormenores, percebe-se a utilização de normas de distinção social exigindo roupas de luxo com denominações em inglês, provavelmente não muito próximo ao das classes populares, cujos bailes não especificam estilo ou fantasia para a entrada.

Em cobertura carnavalesca dos bailes do Clube de Regatas do Flamengo,<sup>140</sup> diversos associados são flagrados em grupos nas fotos posadas ou em meio à multidão. Entre elas destaca-se uma dupla de baianas sorridentes que incorporaram às originais saias brancas das tias baianas adereços diversos. A imagem abaixo evidencia o sucesso da fantasia entre segmentos sociais, fora dos redutos tipicamente negros da Cidade Nova, como lembrou Mônica Velloso. Ela chega até os bailes fechados de associações carnavalescas, com destaque na imprensa, evidenciando, além da interlocução, o prestígio no cenário cultural carioca da fantasia de baiana (que representa desde o princípio uma prática).

---

<sup>138</sup> NO LIMIAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*. 17/02/1939, p. 07

<sup>139</sup> QUASE EM PLENO DOMINIO DA FOLIA. 18/02/1939, p. 13

<sup>140</sup> Um deles marcou a entrada de 5.701 pagantes e um de suas matinês 3.522 crianças e pais, sendo apontado como um verdadeiro fenômeno carioca. O CARNAVAL DE 1939. *Correio da Manhã*, 23/02/1939, p. 03



**Imagem 14.** S/ TÍTULO. *O Cruzeiro/ Jornal Estado de Minas*, 18/02/1939, p. 25

Nos bailes do Centro dos Cronistas Carnavalescos há alguns episódios que merecem destaque: em uma foto posada por seis mulheres fantasiadas de espanholas, baianas e uma chinesa, duas delas estão com a barriga de fora e uma com pose sensual, o que pode ser visto como uma transgressão diante do aspecto comportado de suas companheiras (uma delas vestida até o pescoço de “chinesa”).



**Imagem 15.** MEDINA. *Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 25/02/1939, p. 42

A foto seguinte apresenta um grupo de foliões que não considerou a proibição feita pelo C. C. C. do uso da fantasia de marinheiro que - muito popularizada - era uma espécie de febre e passou a ser combatida pelas associações que objetivavam, nem sempre com sucesso, imprimir um tom luxuoso e distinto aos seus eventos.



**Imagem 16.** MEDINA. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 25/021939, p. 43

No ano de 1939, o carnaval contou com a presença de oitocentos turistas franceses que desembarcaram do cruzeiro “Normandie” no porto do Rio de Janeiro para apreciar o carnaval que se aproximava.<sup>141</sup> O apreço estrangeiro é acrescido com a notícia de que a festividade será filmada e levada a outros países, onde “todos os aspectos do carnaval de rua, corso, cordões, blocos, desfiles dos grandes clubs serão apanhadados pelo cinegraphista do Departamento [de Turismo e Propaganda] formando uma película de longa metragem para levar ao estrangeiro uma ideia real e perfeita das nossas músicas e das nossas danças populares.”<sup>142</sup>

O sábado de carnaval, tomado por um sentimento de alegria e entusiasmo em todos os cantos do Rio de Janeiro, também é um reflexo do orgulho nacional, como denota o excerto seguinte:

O carnaval deste anno é a mesma festa que reflete o caracter alegre do nosso povo. Nas ruas e nos salões, na cidade e nos subúrbios, nos bairros ricos e nos morros, haverá a mesma animação de todos os annos, o mesmo entusiasmo, a mesma vontade de apagar com as canções populares os protestos da carestia e as dificuldades de hontem e de amanhã. [...] Os bailes promettem. Sociedades ricas e sociedades pobres abrem os seus salões para

<sup>141</sup> CHEIO DE TURISTAS O RIO DE JANEIRO. *Correio da Manhã*, 17/02/1939, p. 14

<sup>142</sup> NO LIMAR DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 17/02/1939, p. 07

receber a massa dos foliões. Os ranchos aprestam-se para sair; os grandes clubs ultimam os preparativos para lançar à rua os seus préstitos, em busca da consagração popular.<sup>143</sup>

A noção de igualdade abrangeria todo e qualquer folião carioca que, seja do morro seja do centro urbano, segundo o cronista, são tomados pela alegria momentânea trazida pelo tríduo momesco. Essa dinâmica festiva que envolve os indivíduos contagiados pelo espírito de Momo é única, independente do lugar de comemoração, guardando apenas a respectiva condição geográfica e social. Aqui o articulista ressalta novamente a festa como necessária válvula de escape.

No desfile dos blocos durante o banho de mar à fantasia em Copacabana, *O Cruzeiro* destaca diversos aspectos ali presentes, dentre eles, foliões fantasiados de índios. Na foto abaixo, um grupo de guerreiros indígenas é “flagrado” portando, além de arcos e flechas, um estandarte em referência ao samba.



**Imagem 17.** CARNAVAL MOLHADO EM COPACABANA. *O Cruzeiro/ Jornal Estado de Minas*, 18/02/1939, p. 34

Na página seguinte, os *Cutucas* (tri-campeão do desfile), clicados pela lente de *O Cruzeiro*, trazem no plano principal um homem enorme travestido de mulher – o que era proibido nos bailes fechados – aparentemente puxando o bloco composto por homens cujas

<sup>143</sup> QUASI EM PLENO DOMINIO DA FOLIA. *Correio da Manhã*, 18/02/1939, p. 07



fantasias de banhistas se assemelhavam a de presidiário. No canto direito, um “malandro” toca um pequeno “bumbo” acompanhando provavelmente o hino do bloco.

As duas imagens (acima e abaixo) apresentam elementos transgressores da ordem, como os índios e os travestis, ambos mal recebidos nos bailes internos, enquanto instrumentos como a cuíca (que poderia guardar objetos perigosos proibidos) e o pandeiro eram proibidos pelas determinações policiais, conforme foi já visto. Portanto, mesmo em decadência, os festejos de rua afirmam-se como locais privilegiados para a quebra da ordem.



**Imagem 18.** CARNAVAL MOLHADO EM COPACABANA. *O Cruzeiro/ Jornal Estado de Minas*, 18/02/1939, p. 35

Outras manifestações com integrantes das repartições públicas foram destaque no desfile na Avenida Rio Branco no sábado, onde o bloco da Prefeitura, *Mudando as Caras* (campeão), trazia o enredo “Brasil-Estado Novo”, num evidente tributo ao regime vigente, seguido pelo pessoal do *Ministério da Educação e Saúde* com o enredo “Homenagem aos Esportes”.<sup>144</sup>

No domingo, o dia dos ranchos e blocos ocorreu no Campo de São Cristóvão, por exigência da polícia, com patrocínio do *Jornal do Brasil* e comissão composta pelos professores Modestino Kanto e Magalhães Correia, ambos da Escola Nacional de Belas Artes; Abadia Faria Rosa, escritor e diretor geral do Teatro Nacional; e professor Armando Vianna,

<sup>144</sup> Id. *ibid.*;

pintor formado na ENBA. O cortejo teve a participação do *União das Flores* (rancho), *Parasitas de Ramos* (rancho), *Inocentes de Catumby* (bloco), *Não Posso me Amofinar* (bloco), *Alliança de Quintino* (bloco), *Rouxinol de Bangu* (rancho), *Decididos de Quintino* (rancho), *Caprichosos Unidos do Brasil* (rancho), *Mixto Vassourinhas* (bloco), *Caprichosos da Tijuca* (bloco), *Recreio Ilha do Governador* (rancho), *Recreio dos Lavradores* (rancho). O campeão levaria 5:000\$000, o vice-campeão 3:000\$000, o 3º lugar 1:000\$000 e o 4º 1:000\$000.<sup>145</sup> O desfile atraiu cerca de duzentas mil pessoas em São Cristóvão, onde o espaço maior para as evoluções deu, segundo o jornal, outro aspecto ao desfile. Os ranchos ficaram assim classificados: em 1º lugar, *União das Flores*; em 2º, *Inocentes de Catumby*, depois, *Aliança de Quintino* seguido de *Decididos de Quintino*; no 5º lugar, *Parasitas de Ramos*; em 6º, *Rouxinol de Bangu*; e em 7º, *Não Posso me Amofinar* e *Caprichosos Unidos do Brasil*.<sup>146</sup>

Durante o carnaval, é feito um retrospecto para lembrar “armas” usadas em anos anteriores para apoquentar os foliões. A descrição, apesar de extensa, leva à uma história do carnaval feita pelo próprio carnaval:

Através de meio século de vida intensa, o Carnaval modificou-se em forma e essência. Acabou a mascarada com os seus dominós e as suas fantasias de Morte, Pae João, Diabinho, Urso, Professor Burro, etc.

Passara os typicos cordões com seus brasilindios de apito à boca, symbolo irônico do destino do Brasil, - “viver apitando”. E, com os cordões, acabaram os recontros sangrentos em os quais se destripavam barrigas só porque o estandarte de um cordão não correspondeu, curvando-se ao cumprimento do collega.

O carnaval de rua é hoje ordeiro e pacífico; não dá trabalho à polícia. Os malfeitores tomam férias regulamentares para entrar no brinquedo.

O rancho tem já estylo e carácter; já quer ser “préstito” como motocycleta com “side-car” aspira ser baratinha. Os seus solistas e os seus coros constituem-se em escolas; “escolas de samba”, semi-officializadas com as honras da “Hora do Brasil”. Há quem pretenda ver, ainda, incorporado à Universidade o “Conservatório do Samba”.<sup>147</sup>

Ao clima saudosista juntou-se uma passeata organizada pelo Tijuca T. C. nas ruas do Rio de Janeiro, para lembrar como era o carnaval do “Rio antigo”: “[...] com o “trote”, o “entrudo”, as “cabacinhas” cheirosas, que se atiravam furtivamente nos passeantes”.<sup>148</sup> No entanto, não se sabe a passeata transcorreu sem maiores problemas com a polícia, pois esse

<sup>145</sup> EM PLENO DOMINIO DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 19/02/1939, p. 03

<sup>146</sup> O CARNAVAL DE 1939. *Correio da Manhã*, 23/02/1939, p. 05

<sup>147</sup> ARMAS E MUNIÇÕES DO CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 19/02/1939, p. 12

<sup>148</sup> EM PLENO DOMINIO DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 19/02/1939, p. 07

tipo de manifestação estava proibido há muitos anos por não condizer com um modelo de carnaval de rua mais civilizado e menos rústico.<sup>149</sup>

[...]nesses dias muita animação, muita vibração no centro da cidade, apesar de haver menos gente nas ruas. Explica-se: hoje, os bairros têm o seu carnaval próprio, entusiasmado. Villa Isabel, Meyer, Madureira, Ramos, Penha, Botafogo, Praça Onze, Leopoldina, retêm grandes massas populares, que não precisam vir ao centro para se divertir.<sup>150</sup>

Em resumo, a Praça Onze, que “se achava litteralmente cheia e por todos os lados e cantos se pulava, ria e brincava.[...], tinha o mesmo carnaval de sempre, isto é, cheio de animação”.<sup>151</sup> Segundo Sérgio Cabral, as escolas de samba conseguiram vencer a resistência do delegado Dulcídio Gonçalves – que levou os ranchos e blocos para São Cristóvão – e desfilaram na Praça Onze. O delegado justificou que os ranchos atrapalhavam a ação policial e impendiam a “liberdade de locomoção das multidões”.

O grande destaque de 1939 foi a *Portela* cujas fantasias foram totalmente voltadas para a temática do samba-enredo “Teste do Samba”, bem diferente, conforme lembra Cabral, dos sambistas que até então ostentavam cabeleiras brancas em referência aos nobres dos tempos imperiais. A *Estação Primeira* ficou com a segunda colocação, de acordo com o julgamento dos senhores Lauro Alves de Souza, Ateneu Glasser, Lourival César, Álvaro Pinto da Silva e Austregésilo de Ataíde. Segundo Cabral, a comissão aplicou, “pela primeira vez, o dispositivo que proibia a abordagem de temas estrangeiros nos enredos e desclassificou a *Vizinha Faladeira*, que apresentou o enredo “Branca de Neve e os Sete Anões.”<sup>152</sup>

Quanto às Grandes Sociedades, elogiadas pela coluna, o poder público é conclamado a

[...] auxiliar mais efficientemente esses baluartes do carnaval do Rio de Janeiro, os préstitos dos quaes, como se viu terça-feira passada, attraem para o centro urbano muitas dezenas de milhares de habitantes, dos quatro pontos da cidade, como a demonstrar a grande popularidade da grande festa, que ellas estimulam e incentivam à custa de sacrificios desconhecidos e por isso mesmo mais carecedores de amparo.<sup>153</sup>

<sup>149</sup> Para maiores informações sobre a mudança da festa verificar a introdução do presente trabalho.

<sup>150</sup> EM PLENO DOMINIO DA FOLIA, *Correio da Manhã*, 21/02/1939, p. 03

<sup>151</sup> CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996. p. 124

<sup>152</sup> Id. *ibid.*; p. 125

<sup>153</sup> O CARNAVAL QUE PASSOU. *Correio da Manhã*, 23/02/1939, p. 03

A classificação das Grandes Sociedades ficou assim estabelecida: 1º, 2º e 3º lugares, respectivamente: *Congresso dos Fenianos*, *Club dos Democráticos* e *Club dos Fenianos*; no 4º ficou *Pierrots da Caverna* e em 5º *Tenentes do Diabo*.

Embora os trens da companhia Central do Brasil tenham circulado com cerca de quatrocentos mil passageiros – onze mil a mais do que o ano anterior – os passageiros que circularam na terça-feira gorda preferiram chegar mais tarde à Av. Rio Branco do que nos anos anteriores, por isso “só mesmo depois das quatro horas da tarde é que os trens, bondes, ônibus e automóveis começaram a descer para o centro completamente lotados, quando nos anos anteriores desde uma ou duas horas os melhores pontos começavam a ser tomados pela multidão.”<sup>154</sup> O encerramento dos festejos na Avenida Rio Branco se deu com os desfiles das Grandes Sociedades seguido pela entoação do Hino Nacional Brasileiro.

O carnaval de 1940 foi aberto com um desfile dos blocos das repartições públicas na Avenida Rio Branco, iniciado por dois cortejos: os *Destemidos da Casa da Moeda* que, com a alegoria denominada “Primavera no Brasil”, contava com cerca de cem funcionários/foliões; e o *Correios e Telégrafos*, segundo a desfilar, com o enredo “Cecy e Pery”, que possuía um número bem pequeno de integrantes.<sup>155</sup>

Ranchos e blocos não fizeram desfile em virtude da decisão da Federação das Pequenas Sociedades de não fazê-lo, tendo em vista a demora para o repasse do auxílio financeiro da Prefeitura. De todas as afiliadas somente duas fizeram carnaval nas ruas, os cordões da *Bola Preta* e *Bola de Ouro*, beneficiados com a subvenção da prefeitura.

Os bailes das Grandes Sociedades denominados “bailes da alvorada”, abriram a sexta-feira de carnaval com a participação dos *Democráticos*, *Fenianos*, *Tenentes*, *Pierrots*. Outros bailes compõem o certame: High-Life (com painéis que fazem alegoria ao tropicalismo, ao amor de Pierrot e Columbina e às Cinzas do Carnaval); Allambra (decorado com motivos “genuinamente brasileiros” com o nome “Sob o céu do Brasil”), teatro do Recreio, Lux-Jornal (com o tema “Renascença”); do Lido, de Copacabana, Associação dos Empregados do Comércio, Banco Alemão T. C., Clube Sul America, Atlantic Refining Club e, claro, Tijuca T. C.<sup>156</sup>

Na cobertura fotográfica de *O Cruzeiro*, a revista diz que “as batalhas realizadas nos clubs sportivos estiveram bastante concorridas. O “Flamengo” e o “Tijuca” foram “leaders”

---

<sup>154</sup> Id. *ibid.*;

<sup>155</sup> A CIDADE EM PLENO CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 04/02/1940, p. 03

<sup>156</sup> CARNAVAL DE 1940. *Correio da Manhã*, 03/02/1940, p. 05

do movimento carnavalesco neste gênero. Na rua D. Zulmira, também, os foliões encontraram campo para demonstrações carnavalescas.”<sup>157</sup> Apesar da baixa nitidez da maioria das fotos, uma (imagem abaixo), referente ao *Cordão da Bola Preta*, apresenta um animado grupo e, por isso merece ser reproduzida:



**Imagem 19.** BAILES POPULARES, *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 03/02/1940, p.13. Na legenda lê-se: “Em baixo – No “Bola Preta”. À direita – Grupo feito nos Democráticos, promovido pelo seu cordão de “Independentes.”

Convém ressaltar que duas mulheres usam máscara como adorno de suas fantasias e, desta forma, transgridem as proibições do período, já em vigor desde 1938. À frente do grupo chama atenção também um rapaz fantasiado de índio, fantasia que não era muito bem vinda nos redutos mais elegantes. Quebrando a pré-organização do grupo – pedida provavelmente pelo fotógrafo –, o “índio” faz uma graça e olha para o lado contrário da câmera, lembrando uma estátua se comparado aos outros foliões. A imagem sintetiza, ao mesmo tempo, duas

<sup>157</sup> BAILES POPULARES. *O Cruzeiro/Jornal Folha de Minas*, 03/02/1940, p. 12

características fundamentais da festa carnavalesca: a transgressão e a derrisão. A primeira, verificada pelo rompimento dos impedimentos impostos pela polícia em relação às máscaras protagonizado pelas duas moças, enquanto a segunda característica se dá em relação ao “índio” que aparece descontraidamente, inovando e “zombando” do conjunto atrás dele.

Apesar do nome, o “*Cordão da Bola Preta*” lograva êxito na imprensa carioca, sendo muitas vezes descrito mais afeito à uma sociedade institucionalizada do que ao informal e desorganizado cordão, também se destaca mais pela animação de “festas intermináveis” do que por convenções sociais e esquemas formais do festejar, tornando possível a quebra da ordem descrita acima.

Mesmo tendo em vista as proibições policiais descritas no tópico anterior, o *Correio da Manhã* faz a seguinte descrição do Rio que, com “cheiro de ether perfumado”,

[...] esta todo enfeitado, fantasiado de carnaval. Desde Bento Ribeiro, com seu tradicional coreto, até a Gávea e a Tijuca, onde a praça Saens Pena palpita nos trajes luminosos de lâmpadas multicores, a cidade se vestiu de polychromia para dar cenário digno ao sequito real dos foliões. E no meio dos bairros embandeirados, como figura central de um imenso kaleidescopio, a avenida Rio Branco, na opulência de decorações artísticas, estendendo orgulhosamente os seus dois quilômetros luminosos e salpicados de ornamentações coloridas e movimentadas. Na cabeceira da majestosa artéria, a Praça Paris, que a Prefeitura transformou num verdadeiro estádio de luzes e cores. Dali até a Praça Mauá, as arvores se engalanaram de uma espécie de lyrios luminosos...” [...] A Praça Onze de Junho, tradicional querência das escolas de samba dos bairros vizinhos, também vestiu a sua fantasia de chitão engommado, oferecendo-se aos seus fiéis frequentadores na figura de uma espalhafatosa bahiana em plenos requebros.<sup>158</sup>

A reportagem, que traça uma visão ampla dos Dias de Momo, cita a preparação dos ranchos e blocos para o desfile no campo de São Cristovão, como ocorrera no ano anterior, no entanto, sabe-se pela crítica carnavalesca que estes não fizeram desfile pelos motivos salientados. Por fim, a matéria destaca a presença de um grupo de argentinos vindos especialmente para prestigiar o carnaval e que um total de 2.850 homens seriam responsáveis pelo reforço policial nas ruas.

A chegada de 290 turistas americanos ao Rio no transatlântico “Brasil”, vindos especialmente para prestigiar o carnaval, denota o prestígio que a festa alcançara além-mar, corroborada, segundo o jornal, pelas “visitas culturais” de Carmem Miranda que faz turnê pelos Estados Unidos, onde “introduziu em Nova York alguma coisa que até agora havia faltado, alguma coisa que até este momento era desconhecida dos norte-americanos e isto era:

---

<sup>158</sup> Id. *ibid.*;

a dinamica personalidade de uma sul-americana que provou não ser necessária a nudez para causar sensação...”<sup>159</sup>

De volta ao Brasil, na destruída Praça Onze, as escolas de samba deveriam cantar um samba e uma marcha de sua autoria,<sup>160</sup> para serem julgadas por Lourival Pereira, Modestino Kanto, Francisco Guimarães Romano e Gehrardt Luckann, que deram vitória à *Estação Primeira de Mangueira*, seguida pela *Mocidade Louca de São Cristóvão*, e pela *Azul e Branco*.<sup>161</sup>

Entre outros acontecimentos, a mudança da festa carnavalesca é comentada em editorial pelo chefe da edição do *Correio da Manhã*, Bastos Tigre, da seguinte forma:

Há quem fale na decadência do Carnaval. Engana-se, o que se dá com elle é que muda e se transforma de accordo com o gosto da época e a maior ou menos pecúnia disponível. Passaram os confetti e serpentinas, como já tinha passado o entrudo, os mascarados [...]. Os préstitos carnavalescos com as suas allegorias de “papler maché” e “brilhantina” perderam todos a beleza scenographica que deliciava os olhos ingênuos do Zé-povo, depois das maravilhas de formas e cores e movimentos que nos dão os filmes-revistas dos cinemas.<sup>162</sup>

Bastos Tigre continua sua argumentação tendo em foco aqueles que ecoam a morte do carnaval e lamenta a chegada de marchas e sambas em razão do entrudo e dos mascarados de outros tempos, contradizendo-os com o argumento de que a festa se modifica ao bel prazer daqueles que hoje a brincam. Com a proximidade do fim da mesma, a coluna faz uma avaliação do que se viu durante o tríduo:

A cidade é toda Carnaval. Em toda a parte se brinca, em toda a parte se canta. Nos subúrbios e nos bairros aristocráticos. O povo já vae abandonando o velho habito de vir para o centro desfilar em grupos. Nas suas próprias zonas se diverte e cumpre suas obrigações carnavalescas. Há coretos, bandas de música e passeatas nos quatro cantos da cidade.” [...] O carnaval deste anno esta sendo festejado com muito brilho. A passeata dos blocos das repartições públicas causou enorme successo, assim como desfile das pequenas sociedades. A exibição organizada pelo maestro Villa-Lobos, no recinto da Feira de Amostras, rememorando o carnaval antigo, foi a originalidade das presentes comemorações. Os bailes causaram enorme

<sup>159</sup> A CIDADE EM PLENO CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 04/02/1940, p. 14

<sup>160</sup> Id. *ibid.*; 04/02/1940, p. 03. Fora as campeãs ainda desfilaram: “Deixa Malhar”, “Depois eu Digo”, “Cada Ano Sai Melhor”, “Corações Unidos de Jacarepaguá”, “Filhos do Deserto”, “Fiquei Firme”, “Lyra do Amor”, “Não é o Que Dizem”, “Paz e Amor”, “Portela”, “Prazer da Serrinha”, “Ultima Hora”, “União de Colégio”, “Unidos da Tijuca”, “Unidos do Tuyuty”, “União Barão de Gamboa”, “Vae se Quizer”, “Unidos do Salgueiro” e “União de Sampaio

<sup>161</sup> CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996, p. 127

<sup>162</sup> O CULTO DE MOMO. *Correio da Manhã*, 04/02/1940, p. 04

animação, podendo afirmar-se o mesmo no que diz respeito ao carnaval de rua.<sup>163</sup>

Quanto ao carnaval de rua, o cronista carnavalesco atenta para a Praça Onze como um dos destaques daquele ano, onde participaram desde o sábado cerca de vinte mil pessoas todos os dias, animadas pelas escolas de samba “que fizeram ali seu quartel general”.

Na cobertura fotográfica, *O Cruzeiro* publica algumas imagens das pugnias de rua evidenciando-as como “um dos aspectos mais curiosos da grande festa popular. Em conjunto, trata-se de uma formidável massa que grita e canta – em detalhe, encontramos nos foliões avulsos humor em grandes doses, escondidos atrás de fantasias quasi sempre improvisadas à ultima hora”.<sup>164</sup>

Entre as fotos, merece ser destacada a imagem abaixo, que reflete o caráter transgressor desses foliões mesmo em meio à ditadura estadonovista. Devido à sua pouca nitidez, não foi possível identificar as fantasias (provavelmente sultões) que estes foliões usavam, mas convém ressaltar que um deles usa uma máscara.



**Imagem 20.** CARNAVAL NA RUA, *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 10/02/1940, p.22

<sup>163</sup>FALTAM APENAS UM DIA E UMA NOITE. *Correio da Manhã*, 06/02/1940, p. 03

<sup>164</sup>CARNAVAL NA RUA. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 10/02/



Na foto seguinte, um homem travestido de mulher, usa um vestido curto e parece desfilar de braços dados com outro que usa chapéu, amplos bigodes, calças remendadas – talvez a uma representação do meio rural – semblante sério indicando uma postura aparentemente proposital. Em seguida (imagem 22), o mesmo homem sisudo simula um beijo em outro pândego.



**Imagem 21.** CARNAVAL NA RUA, *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 10/02/1940, p. 23



**Imagem 22.** CARNAVAL NA RUA, *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 10/02/1940, p. 23

Guardados os devidos limites, as reelaborações feitas por esses foliões em suas fantasias podem levar a outras interpretações. Pensando-os como um “sitiante” e um “travesti”, inseridos num grupo de amigos do mesmo sexo que brincava com o gênero e o estereótipo do homem simples esses foliões invertem, no improviso de suas fantasias, sua condição cotidiana. Ou seja, vestindo-se de mulher, andando de braços dados, esses pândegos bagunçam as regras sociais e, ainda, invertem qualquer ordem socialmente estipulada ao simular um beijo entre dois homens.

Nos carnavais anteriores, a proibição da fantasia de “travesti” de ambos os sexos foi tornada sem efeito e muito criticada pelo Centro dos Cronistas Carnavalescos ao aconselhar seus convidados a não fazerem uso dela nos seus bailes. Pelo visto, o mesmo não acontece com a revista, a julgar pela publicação dessas imagens.

Outro fato importante do carnaval de 1940 foi o projeto organizado pelo maestro Heitor Villa-Lobos e inaugurado por índios com “cocares imensos” que “movimentavam-se na cadência do batuque longínquo sobre os corpos inteiramente cobertos de pelles, machados, espelinhos, armas e vários outros balangandans indígenas”,<sup>165</sup> portando inclusive animais vivos da fauna brasileira seguidos por uma “rainha Amazônica” com um estandarte representando uma vitória-régia. Logo atrás, um grupo de “Zé-Pereiras” dominou com um ritmo intenso de batuques. O segundo estandarte do cordão aludia a um ameríndio “aborrecidíssimo” que olhava para um grupo de diabinhos, velhos, morcegos e palhaços que o cercava. A descrição classifica a passagem do cordão como um “milagre” que só um artista brasileiro poderia ressuscitar “um pedaço colorido e gritante do bom carnaval de outrora”.

*O Cruzeiro* comenta a passagem do projeto de Villa Lobos ressaltando que este “infelizmente não despertou a curiosidade que merecia, por sua organização perfeita e pella inteligência e arte com que foi organizado, nos seus menores detalhes de indumentária e coreographia”. Por fim, a revista propõe que outras apresentações sejam feitas nos estádios do Fluminense ou do Vasco da Gama para que aqueles que estavam fora da cidade durante o tríduo pudessem apreciar as “fantasias e danças de índios, velhos, palhaços e sapos”. A iniciativa é destacada como uma “aula de folclore” onde aos mais velhos caberia recordar o início do século XX e aos mais novos aprender com essa “contribuição inestimável de brasilidade”.<sup>166</sup>

---

<sup>165</sup>“SODADE DO CORDÃO”- EMBAIXADA QUE VEIU LEMBRAR O MOMO DOS BONS TEMPOS. *Correio da Manhã*, 06/02/1940, p. 08

<sup>166</sup> A DANSA DOS INDIOS NO “SODADE DO CORDÃO”. *O Cruzeiro/ Jornal Estado de Minas*, 17/02/1940, p.10-11

O projeto de Villa Lobos vangloriado nas páginas dos periódicos acima não deve ser tomado fortuitamente, pois a proposta possui objetivos bem claros: reviver “eruditamente” uma prática popularizada em outros carnavais e perseguida tanto pela polícia quanto pela imprensa. Como revela Michel de Certeau e Dominique Julia,

O que está em causa não são as ideologias, nem as opções, mas as relações que um objecto e determinados métodos científicos mantêm com a sociedade que os autoriza. E se os processos científicos não são inocentes, se os seus objectivos dependem de uma organização política, o próprio discurso da ciência deve confessar uma função que lhe é autorizada por uma sociedade: esconder aquilo que pretende mostrar.<sup>167</sup>

A relação do objeto, no caso o cordão, com a sociedade que o autoriza não é gratuita, pois a autorização de uma manifestação veementemente perseguida pelo seu caráter informal, pitoresco e muitas vezes considerado bárbaro,<sup>168</sup> esconde a perseguição de outros tempos ao mostrar a *beleza do morto*.

Os desfiles das Grandes Sociedades, tradicionalmente encerrados nos Dias de Momo, tiveram suas propostas comentadas: os *Democráticos*, com carro-chefe “Chinesa Azul”, seguido pela alegoria “Devaneio gaúcho” sobre o hábito de beber chimarrão e o cortejo foi fechado com “Parada das Plumas” e “Caçadores de Ilusões”, constou ainda no cortejo outros quatro carros de crítica que não foram transcritos. Os *Tenentes do Diabo* adentraram com o enredo “Jardins nos Tempos de Luiz XV”, *Fenianos* abriram seu cortejo com referência ao personagem “Popeye” no seu abre-alas, seguido da alegoria “A América para os americanos” (em clara alusão à política da “Boa vizinhança”). Fecharam o desfile os carros “Yara”, “Sonho de Miguel Angelo” e “Rosas do Brasil”. *Pierrots da Caverna* trouxeram os carros “Aquarela do Brasil”, “Fantasia Iluminada”, “Capricho de Pierrot”, “Yayá Boneca na terra dos balangandãs” e “Ave! Caxias”. Como já previsto anteriormente, o bloco dos funcionários das repartições públicas desfilou junto às Grandes Sociedades com o abre-alas “Brasil Forte”, seguido por “Nada de arapucas”, “Petróleo e Siderurgia”, “Verão em Copacabana”, “Musica, maestro” e “Mistura de Farinhas”, de motivos nacionais explícitos em algumas alegorias.<sup>169</sup> A opção por detalhar melhor a proposta de uma ou outra sociedade em detrimento de outra tem fundamento editorial – no caso os *Democráticos* ocupam um espaço muito maior do que os *Tenentes do Diabo*, por exemplo – e também político – como o caso do bloco das repartições

<sup>167</sup> CERTEAU, Michel de. JULIA, Dominique. *A beleza do morto: o conceito de “cultura popular”*, p. 49-75. IN: REVEL Jacques (org.). *A invenção da sociedade*. Lisboa: Editora DIFEL, 1989. p. 51

<sup>168</sup> Ver capítulo 1 de CUNHA, Maria C. P. *Ecos da folia: uma história do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

<sup>169</sup> FALTAM APENAS UM DIA E UMA NOITE. *Correio da Manhã*, 06/02/1939, p. 03

públicas, catapultado pelo poder público certamente para o fechamento do tríduo momesco de 1940. O resultado dos préstitos não foi publicado.

Em editorial que fecha o ano carnavalesco, Costa Rego ponderou sobre as avaliações que diversos escritores fizeram sobre o carnaval, em que a maioria opta “pelo carnaval de antigamente” quando comparado ao da conjuntura. Costa Rego discorda radicalmente dessas observações com a justificativa de que tudo muda. No entanto,

Se observou algum desanimo no Carnaval de 1940. Ainda era possível encontrar foliões nos bailes, estes igualmente moderados tanto no esplendor quanto na intemperança. O chamado Carnaval da rua, entretanto, decahira sensivelmente. A própria carência de refrões musicas, que tantos e tão variados costumavam aparecer em annos anteriores, tornava patente a queda da animação.<sup>170</sup>

Contrariando as observações assinaladas no dia anterior<sup>171</sup> – estimativas apontaram mais de seiscentas mil pessoas trafegando pelas estradas de ferro e barcas, sem contar bondes e ônibus e o aumento do movimento no comércio (muito superior ao ano anterior). Apesar da queda no consumo de álcool, confete e lança-perfume – o autor busca explicar as razões para “queda dos ânimos carnavalescos” e considera o aumento nos preços dos tecidos das fantasias, da gasolina, dos vinhos e dos alimentos podem ter ocasionado essa situação.

À inflação se juntam também alguns fatos: o primeiro se refere à realização de outros carnavais por todo o Brasil, o que fez o número de turistas, que se deslocavam até o Rio para se divertir diminuir, pois agora eles podem fazê-lo em suas próprias cidades; em segundo, a “fuga do carnaval” para outros estados e cidades, facilitada pela abertura das estradas Rio - Petrópolis e Rio - São Paulo; e, enfim, a ideia de que o carnaval, como ferramenta de evasão do recalque cotidiano, teve seu espaço roubado pela enormidade de praias e ensejos que o Rio de Janeiro oferece, assim, quando chega o Carnaval, “[...] os recalques já estão frouxos”.

Enfim, dentre as diversas razões apresentadas nesta e em outras crônicas sobre as carnavalescas uma coisa é certa: a festa se descentraliza. 1940 confirma a tendência observada no ano anterior, em que os bairros, principalmente os subúrbios, adentram no cenário momesco de forma voraz. A Praça Onze, com o desfile das escolas de samba; o campo de São Cristovão, com os préstitos de cordões e ranchos (mesmo considerando o não-desfile da grande maioria no carnaval desse ano); e a organização de bailes, cada vez mais numerosos e espaçados geograficamente, apontam para uma tendência que parece ter fincado raízes.

---

<sup>170</sup> A DECADENCIA DO CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 09/02/1940, p. 02

<sup>171</sup> ANIMADISSIMO O CARNAVAL DE 1940, *Correio da Manhã*, 08/02/1940, p. 03

O carnaval de 1941 não apresentou grandes diferenças das observadas acima, uma vez que os bailes em recintos fechados tomaram as rédeas da festa. Mais uma vez,<sup>172</sup> entre todos os anunciados os bailes do High-Life têm o seu programa mais detalhado, no qual merece destaque as baianas que são o objetivo dos turistas que vêm para o Brasil para ver:

A bahiana do Rio, a bahiana carioca, isto é, o typo estilyzado da bahiana, hoje popular no mundo inteiro, como a figura symbolica do Brasil, resumo e glorificação de nossos traços e costumes característicos, da beleza de nossa paisagem multicolor, da graça de nossa gente, da alma rythmica e harmoniosa do povo [...].<sup>173</sup>

É necessário apontar no anúncio adjetivos como “figura symbolica do Brasil”, valorização da “paisagem multicolor” como provenientes de um discurso que pretende representar – via harmonização – a aceitação dos diversos “traços e costumes característicos” do Brasil. A imagem da baiana representaria a “graça de nossa gente”. Assim, por meio de um simples anúncio de jornal, a propaganda nacionalista oficializa o carnaval negro e suas nuances como próprio da riqueza cultural do país, seguindo o projeto detalhado anteriormente.

O desfile das escolas de samba na Praça Onze, cujo número total das participantes não foi divulgado, foi julgado pela Comissão escolhida pela Prefeitura e composta por: Lourival Dallier Pereira, Arlindo Cardoso, Calixto Cordeiro, Francisco Guimarães Romano e Álvaro Pinto da Silva e a *Portela* foi declarada campeã, seguida por *Estação Primeira, Depois eu Digo, Deixa Malhar, Unidos da Tijuca, Unidos do Salgueiro, Paz e Amor, Lyra do Amor*<sup>174</sup>, respectivamente. Em 1941, a *Portela* conquistaria o primeiro de uma série de sete títulos consecutivos.<sup>175</sup>

O desfile dos blocos e ranchos ocorreu no Largo da Carioca com a inscrição das agremiações *Cruzeiro do Sul, Tomara que Chova, Inocentes do Catumby, Índios do Amazonas, Flor da Lyra de Bangú, Turunas de Monte Alegre, Alliança de Quintino, Mixto Vassourinhas e Rouxinol de Bangú*. O júri, que contou com o *habitué* professor Magalhães

<sup>172</sup> No Clube Democráticos, Fenianos, Tenentes do Diabo, Congresso dos Fenianos, Pierrots da Caverna, Bola Preta, Independentes, Jockey Club Brasileiro, Fluminense F. C., Gymnásio Portuguez, Tijuca T. C., C. R. Flamengo, Clube de São Cristóvão, Clube de Regatas Guanabara, Olympico Club, CLub de Regatas Botafogo, S. C. Mackenzie, no Teatro Carlos Gomes do Lux-Jornal, Baile dos Casados, no Automóvel Clube, no Cinema Colonial, Banda Portugal (Praça Onze de Junho), Del Castilho, no Copacabana Palace e no Mauá F. C.

<sup>173</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 22/02/1941, p. 06

<sup>174</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 28/02/1941, p. 05

<sup>175</sup> CABRAL, Sergio. *As escolas de samba no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996, p. 133

Correa, Armando Viana, Castro Filho e maestro Pinto Junior,<sup>176</sup> estabeleceu a seguinte classificação: em 1º *Turunas de Monte Alegre*, 2º *Innocentes de Catumby*, 3º *Alliança de Quintino* e em 4º lugar *Rouxinol de Bangú*.<sup>177</sup>

As Grandes Sociedades têm o nome de seus préstitos apenas disposto, sem maiores detalhes do cortejo. As informações dizem que os *Democráticos* apresentaram “Épopéia Portuguesa”, *Tenentes do Diabo* adentraram com carro-chefe “Coração do Brasil”, os *Fenianos* fizeram uma “Homenagem à imprensa”, o *Congresso dos Fenianos* trouxera “Apotheose a Momo” e os *Pierrots da Caverna* apresentaram “Vanguarda do Progresso”.<sup>178</sup> O julgamento não foi feito, porque os *Democráticos* não desfilaram devido à forte chuva que caía antes de sua entrada. Os mesmos dirigiram-se ao prefeito Henrique Dodsworth para requerer permissão para desfilar no sábado de aleluia, o prefeito deliberou a favor com a condição de que a Polícia autorizasse a saída.<sup>179</sup> Não se tem notícias referentes ao resultado final do concurso nem se o clube prejudicado pelo mau-tempo desfilou no dia remarcado.

A matéria em torno das impressões acerca do carnaval que se aproxima do fim faz considerações sobre os gostos dos foliões que, mesmo “se descuidando” das batalhas de confete e banhos de mar à fantasia, dedicam-se ao domínio da folia nas ruas e bailes fechados. As fantasias femininas, que em outra hora se inspiravam em “Marias Antonietas e alsacianas, etc”, agora se vestem de havaianas e baianas.

Já os turistas, que sem saber acompanhar as músicas, apenas repetem “I want my Mamma”,

[...] a princípio olham a folia com todo o espanto que pode caber dentro dos olhos azues (e é uma quantidade imensa). Depois começam a se esquentar, a tamborilar- mesmo que sem compasso- na mesa do café. Dentro de meia hora estão perfeitamente familiarizados com o samba e as marchinhas, perfeitamente de acordo com a loucura ambiente.<sup>180</sup>

Quanto ao carnaval de rua, são destacados o curso e as Grandes Sociedades, que atingem e arrastam multidões na principal artéria da cidade. A Praça Onze:

<sup>176</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 23/03/1941, p. 05

<sup>177</sup> Id. *ibid.*; 28/02/1941, p. 05

<sup>178</sup> SOB O DOMINIO DA ALEGRIA FUGAZ, EM PLENO CARNAVAL, A CIDADE PULA, DANSA, CANTA E RI. *Correio da Manhã*, 25/02/1941, p. 03

<sup>179</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 28/02/1941, p. 05

<sup>180</sup> SOB O DOMINIO DA ALEGRIA FUGAZ, EM PLENO CARNAVAL, A CIDADE PULA, DANSA, CANTA E RI. *Correio da Manhã*, 25/02/1941, p. 03

[...] se transforma num estrado imenso de um côro delirante, acompanhado por uma orchestra que não obedece senão ao rythmo que a cuíca impõe, permanece o reducto do carnaval humilde. [...] O desprotegido da sorte, o habitante do morro e dos subúrbios, a immensa caudal humana que se lança no antigo e popular logradouro entrega-se à folia mais desenfreada.<sup>181</sup>

O movimento de pessoas nas linhas de ferro da Central do Brasil apresentou decréscimo em relação ao ano anterior. Em 1941, 288.958 passaram pelas catracas, ao passo que no ano anterior 310.760 usaram os trens para se dirigirem dos subúrbios para o centro e vice-versa, mesmo assim o carnaval de rua foi muito bem avaliado segundo o jornal, onde os “sujos”, os choros, os máscaras avulsos originaes e chistosos, que há muito eram vistos em número reduzido, reapareceram em grande escala, dando a impressão dos velhos tempos em que o nosso carnaval consistia principalmente naquilo.”<sup>182</sup>

Não é possível assegurar, por dois motivos similares, que a “suposta” volta do carnaval de rua com os personagens que sempre comandaram a folia tenha se dado com a intensidade acima mencionada. Os indícios sugerem que as figuras perseguidas e proibidas, como os “sujos” nas determinações policiais, dificilmente reapareceriam em “grande escala”, fadando à dúvida a afirmação do jornal; e depois, porque o jornal estava encampado pela ditadura do Estado Novo, o que dificultaria a publicação de notícias que dissessem o contrário das propostas articuladas pelo governo em transformar a cidade, e o país, em um cartão postal festivo. Se junta a estes, a cobertura fotográfica de *O Cruzeiro*, bem inferior à dos anos anteriores.

Os planos para fazer do Brasil uma imagem ligada ao carnaval foram interrompidos em 1942 pelo forte clima da guerra que se desenrolava na Europa desde 1939. Carro-chefe da festa carioca, o Baile de Gala do Municipal não foi realizado por decisão do prefeito Henrique Dodsworth, no entanto, os bailes de clubes permaneceram firmes, entre eles os do Ginástico Português, Fluminense F. C., Clube Militar, C. R. Flamengo, C. R. Botafogo, Atlantic Refining Club (em parceria com o Fluminense F. C.), Botafogo F. C., Companhia Brasil Comercial, High-Life, Turf Clube (em parceria com o Carioca F. C), Sindicato dos Médicos, na boate “West Point” em Copacabana, Tijuca T. C., Botafogo F. C.; C. R. Guanabara e o Banda Portugal.<sup>183</sup>

---

<sup>181</sup> Id. *ibid.*;

<sup>182</sup> O CARNAVAL QUE PASSOU. *Correio da Manhã*, 27/02/1941, p. 03

<sup>183</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 13/02/1942, p. 05

Aos acima relacionados se juntam todas as Grandes Sociedades (com bailes durante todo o carnaval), Grupo dos Independentes, Jockey Club (na terça-feira gorda); no Riachuelo T. C.; Gloria Clube; Del Castilho F. C.; Fenianos de Cascadura, o “Colonial” (Lapa), Cinema Ritz, Andaraí A. Clube; Mauá F. C.; Apolo S. C.; Elite Clube e no Hotel Atlanta.<sup>184</sup>

Uma das poucas matérias sobre o carnaval, apesar das críticas dos pessimistas, considerou a temporada pré-carnavalesca como “faustosa e promissora” e causou expectativas com o tríduo momesco. A matéria soa inverossímil na medida se forem comparados os meses de janeiro e de fevereiro deste ano com os anos anteriores. Além do número de bailes ter diminuído, não foi publicada nenhuma batalha de confete externa e nenhum banho de mar à fantasia.

Quanto ao clima instaurado já durante o tríduo momesco, o autor dispõe que

Desde ontem, só se ouve o barulho rítmico das cuícas e dos pandeiros casado deliciosamente com o riso e a alegria de todos os carnavalescos. Tudo é grandiosos nestes “Três Dias da Folia”, e não deve existir por esta vasta Carnavacopolis um único personagem que resista ao prazer de um “baile granfino” ou ao de um samba na Praça Onze.<sup>185</sup>

A descrição acima é elucidativa, pois nos últimos anos instrumentos característicos do samba, como a cuíca e o pandeiro eram usados para assinalar o ritmo das ruas misturado com a alegria foliona. Mesmo que proibida pela Polícia, seja por se referir aos “malandros” do morro que nela tocavam seja por ser grande o suficiente para guardar artigos proibidos – como o lança-perfume, navalhas, facas, pedaços de madeira – até bem pouco tempo atrás a cuíca possuía o estigma de ser usado por elementos contraventores. No entanto, cabe afirmar que o uso da mesma para descrever o clima “de alegria” das ruas é um fato que demonstra sua relevância entre as práticas culturais dos populares e, aos poucos, o instrumento foi sendo assimilado pela imprensa.

A aclamação do samba, da cuíca e do pandeiro representa uma ação afirmativa da imprensa e, por conseguinte, do poder público que patrocina e premia seus desfiles. Essa interlocução define o processo divulgado de forma geral como *circularidade cultural*, proposto na citada obra de Mikhail Bakhtin, visto que legitima, mesmo que com segundos interesses, uma ideia ou prática relativa a outros estratos sociais.<sup>186</sup>

---

<sup>184</sup> Id. *ibid*; 14/02/1942, p. 05

<sup>185</sup> Id. *ibid*; 15/02/1942, p. 03

<sup>186</sup> Esquema parecido é compartilhado por Roger *Chartier* ao pensar as consequências dessa *circularidade cultural* nas interferências e apropriações pelos diversos segmentos que compõem determinado período



Devido ao mau estado do jornal, não se pode aferir o conteúdo de algumas reportagens, mas, ao que tudo indica, foi feita uma coletânea sobre os desfiles das grandes sociedades, em uma das quais a coluna coloca que, em 1942, o carnaval teve um esplendor maior nos salões que nas ruas, tendência verificada em menor grau nos anos anteriores.

O carnaval carioca, vai, assim, aos poucos transferindo-se para o interior dos clubes, para os recintos fechados, perdendo o caráter popular que lhe era característico. Do brilho magnífico das festas levadas a efeitos pelas sociedades e associações, contrastava fortemente a fraca animação do movimento das ruas, sem os blocos e cordões que em outros anos apareciam ostentando fantasias de gosto, com enredos originais e músicas próprias, organizadas sob o mais cuidado esmero, disputando os aplausos do público.<sup>187</sup>

A reportagem destaca que o curso, “tão fraco”, não causou o alvoroço de outros anos na sua apresentação.<sup>188</sup>

Ao que tudo indica o desfile das Grandes Sociedades foi o ponto alto do carnaval externo, mas *O Cruzeiro* demarca sinais de esgotamento da festa, não apresentando “o esplendor dos annos retrasados, em que o Carnaval carioca atingia as raias do paroxismo”. Nessa avaliação, restam às Grandes Sociedades a tarefa de representar Rei Momo em sua apoteose, a terça-feira gorda.<sup>189</sup>

O *Clube dos Democráticos*, vencedor entre as Grandes Sociedades,<sup>190</sup> foi recebido com uma salva de palmas intensa, com o carro-chefe intitulado “Mil e uma Noites”, seguido pelos *Tenentes do Diabo* que trouxe, entre outros carros, uma alegoria denominada “Luz do Paraíso”, “de proporções admiráveis e grande efeito de luz. Focalizava o Estado Novo e a democracia brasileira em original apresentação.” O préstito dos *Fenianos*, os primeiros a desfilar na avenida, tratava em suas alegorias de motivos diversos como “Uma manhã primaveril”, “Triunfo de Salomé”, e o seu carro de críticas alvejava a superlotação dos ônibus, mesmo tema dos *Fenianos*. “Num préstito bastante harmonioso”, os *Pierrots da Caverna* abriram seu desfile com o carro-chefe denominado “Quando o sol doura as espigas”, que

---

analisado, definando toda cultura como *aculturada* e *aculturante*. CHARTIER, Roger. O mundo como representação. São Paulo: *Estudos Avançados*. v. 5, n.11, 1991. p. 185

<sup>187</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 19/02/1942, p. 03

<sup>188</sup> Aqui, mais uma vez, a leitura da reportagem fica comprometida devido à qualidade da microfilmagem do jornal

<sup>189</sup> CARNAVAL DE RUA. *O Cruzeiro/ Jornal de Minas*, 21/02/1942, p. 33

<sup>190</sup> ECOS DO CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 21/02/1942, p. 05

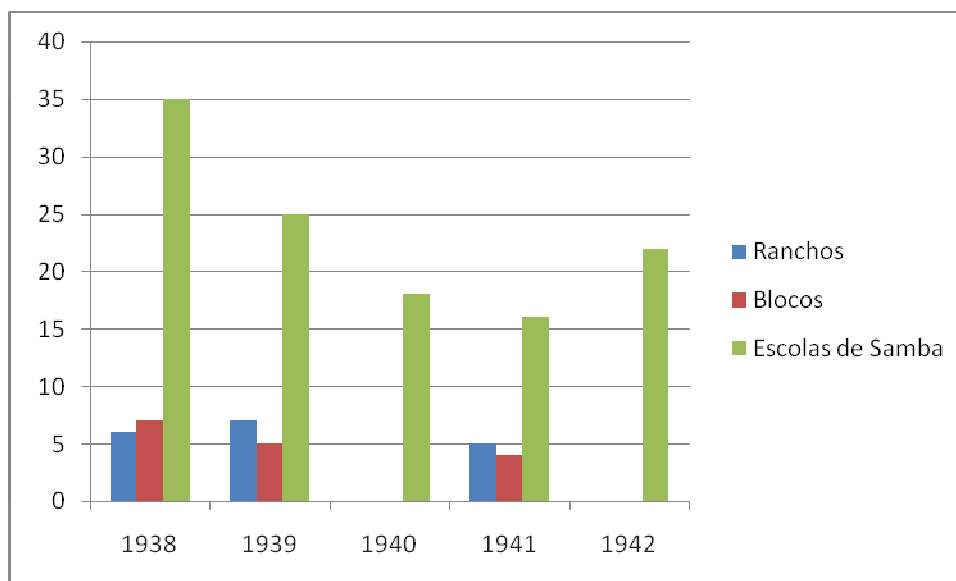
também elogiava a união das Américas. Ao que tudo indica, o *Congresso dos Fenianos* não teve seus préstitos detalhados pelo fato de não ter desfilado.

A classificação do desfile das escolas de samba teve a *Portela*, com “A vida do samba”, no bi-campeonato; seguida da *Depois eu Digo e Estação Primeira*, com “A vitória do samba nas Américas” em terceiro lugar.<sup>191</sup> A descrição, no entanto, se atêm à saída (devido a um desentendimento com um dos diretores) de Paulo da Portela da escola que ele mesmo fundou e não esclarece mais detalhes sobre o enredo das mesmas.

A transferência do desfile das Pequenas Sociedades, primeiro para o Campo de São Cristóvão depois para o Largo de Santana, contribuiu certamente para o esvaziamento da Avenida Rio Branco que só viu esplendor na terça-feira gorda com as Grandes Sociedades.

A Praça Onze, caracterizada inúmeras vezes como “reduto do samba” foi o palco principal das escolas de samba no período,<sup>192</sup> que se mantiveram no topo (gráfico abaixo) em relação às suas congêneres destacadas na coluna carnavalesca. Excetuando-se 1940, ano que não houve desfile de ranchos e blocos devido ao atraso do repasse financeiro da Prefeitura para a confecção dos préstitos, o quinquênio marca a diminuição desses agrupamentos como defensores e portadores de um dia “próprio” nas pugnias carnavalescas. Isso não significa dizer que essas agremiações desapareceram do cenário festivo, mas sim que outras formas do brincar festivo – as escolas de samba, por exemplo – mantiveram-se no foco dos interesses editoriais e públicos.

**GRÁFICO 2: Ranchos, Blocos e Escolas de Samba no Estado Novo (1938-1942)**



<sup>191</sup> CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996, p. 135-6

<sup>192</sup> Os dados referentes ao número de escolas que desfilaram nos anos 1939 e 1941 foram retirados de Id. *ibid.*; p. 380-2

No plano político, se o ano de 1938 se inicia com uma política centralizada em torno da propaganda nacional (DIP) onde o samba, Carmem Miranda e o carnaval em si tornaram-se pilares de sustentação do regime autoritário de propaganda varguista; o ambiente de guerra torpedeou simbolicamente, ano após ano, o tríduo momesco e provocou um arrefecimento deste nos anos de 1941-2.

Os carnavais de 1943-45, realizados em meio à entrada do Brasil na Segunda Guerra, aliado às diversas proibições em torno da festa, bem como as dificuldades em organizá-la dentro de um estado de guerra que possuía outras prioridades, instaurarão um estado de quase inércia festiva.

## - CAPÍTULO 3 -

### O riso sob suspeita em tempo de guerra (1943 a 1945)

O último capítulo desta pesquisa abarca os carnavais da cidade do Rio de Janeiro nos anos 1943-45<sup>1</sup> entre os quais a aproximação do governo brasileiro com os Estados Unidos levou ao alinhamento do Brasil aos norte-americanos na Segunda Guerra Mundial. Entre 15 e 17 de agosto de 1942, três meses após o acordo militar assinado entre Brasil e Estados Unidos, cinco navios mercantes brasileiros foram torpedeados e afundados perto da costa brasileira, o que foi fundamental para que Getúlio Vargas decretasse estado de guerra no país.<sup>2</sup>

No entanto, durante a década de 30, a política externa brasileira manteve-se alinhada tanto com Washington quanto com Berlim. Como afirma Fenerick “a política de Vargas se mantinha numa “equidistância pragmática” entre esses dois pólos”.<sup>3</sup> Com a Segunda Guerra Mundial em ação desde 1939 e o bloqueio naval britânico contra o Eixo (Alemanha, Itália e Japão), a entrada de produtos norte-americanos no Brasil ganhou vigor, afetando, em consequência, a queda do comércio compensado que o país realizava com os alemães.

Assim, no contexto da Segunda Guerra Mundial, vieram para o Brasil uma série de intelectuais e artistas dos Estados Unidos, com o intuito de *estreitar* ainda mais os laços de amizade entre os dois países. No terreno musical desse intercâmbio cultural promovido pela *política da boa vizinhança* de Roosevelt, em 1940, chegaria ao Brasil o “famoso maestro inglês Leopold Stokowski, que trabalhava à época nos Estados Unidos e era o responsável pela organização da *All American Youth Orchestra*.<sup>4</sup>

A *política da boa vizinhança* dar-se-á em via de mão dupla. Enquanto o maestro capitaneava no Rio de Janeiro os maiores expoentes para a gravação de um disco com a ajuda

---

<sup>1</sup> Portanto, menos anos analisados em comparação com os capítulos anteriores (quatro carnavais no capítulo 1 e cinco carnavais no capítulo 2), o que interferirá certamente na sua extensão.

<sup>2</sup> CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996, p. 137

<sup>3</sup> FENERICK, José Adriano. *Nem do morro nem da cidade: as transformações do samba e a indústria cultural (1920 – 1945)*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2005, p. 80

<sup>4</sup> Id. *ibid.*; p. 80-1

de Villa- Lobos, Carmem Miranda, como se viu, fazia sucesso com sua fantasia de baiana nos Estados Unidos, representando as peculiaridades do Brasil moderno.

Esse cenário de trocas culturais é certamente rico e outros pesquisadores<sup>5</sup> já contribuíram para seu adensamento, portanto, convém compreender a entrada brasileira na Segunda Guerra no que tange ao ritmo e aos ânimos carnavalescos, bem como a viabilidade (ou não) do carnaval envolto no tenso clima bélico instaurado.

### 3.1 As proibições nos carnavais de guerra

As determinações policiais sempre antecederam a realização dos (pré) festejos carnavalescos nos anos anteriores. Em 1943 não seria diferente, apesar da inércia carnavalesca que se alastrava durante os pré-festejos. O coronel Alcides Etchegoyen determinou em portaria que qualquer atividade carnavalesca – banhos de mar à fantasia, desfile de blocos, cordões, ranchos, entre outros – deveria ser autorizada pela Polícia; nada de diferente em relação às outras portarias, a não ser pela exigência de que no mínimo cinco dirigentes, de boa idoneidade certamente, deveriam se responsabilizar por suas respectivas sociedades e que seus ensaios não passassem da meia-noite.

Ranchos, blocos e cordões deveriam levar seus estandartes ou insígnias para receber o aval da censura do Departamento de Imprensa e Propaganda, pois desfilariam no campo de São Cristovão e seu trânsito pelas calçadas das ruas do centro da cidade estava proibido, “bem como penetrar em bares e casas comerciais”.<sup>6</sup>

No tocante às fantasias, nada mudou em relação aos anos anteriores: os indivíduos maltrapilhos ou que portassem objetos que colocam em risco a ordem pública estavam proibidos de trafegar pelas ruas nos dias de Momo. Fantasias que se referissem às forças armadas, músicas atentatórias as mesmas e à moral também não seriam toleradas.

A novidade nas proibições esteve em dois pontos: o primeiro deles é a proibição de participar dos festejos os imigrantes vindos de países que naquele momento guerreavam contra o Brasil – alemães, italianos, e japoneses –; dentro do contexto bélico, o segundo ponto se referia à prescrição de qualquer música que questionasse ou se referisse ao posicionamento brasileiro na Segunda Guerra Mundial, sob pena de prisão para os infratores; e, por fim,

---

<sup>5</sup> Mais sobre o assunto ver, além do trabalho de José Adriano Fenerick, TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

<sup>6</sup> NÃO SERÁ PERMITIDO O USO DE MASCARAS. *Correio da Manhã*, 02/03/1943, p. 08

mesmo não sendo uma novidade, a proibição do uso da máscara foi destaque – ganhando inclusive o título da coluna – uma vez que seu uso ainda era corrente entre os foliões mesmo com as proibições que se arrastavam desde 1938.

As proibições de participação dos folguedos, dos imigrantes vindos de países que integravam o Eixo, na visão do coronel, partiam do pressuposto de que seria inadmissível ver aqueles que trouxeram a guerra ao país, divertindo-se justamente enquanto brasileiros eram enviados ao *front*. Em 1944, a mesma portaria do carnaval anterior é reproduzida agora com o nome Carnaval de Tempo de Guerra,<sup>7</sup> em que os mesmos argumentos para 1943 permaneciam em vigor, como também em 1945.

Apesar de continuar a proibição aos foliões “eixistas” de participação nos carnavais do período, parece que ela não foi seguida a risco. O registro de notícia (único) que o *Bloco Carnavalesco Índios do Amazonas*, aceitaria “ilimitado número de sócios sem distinção de cor, nacionalidade ou credo”<sup>8</sup>, é indicativo do descumprimento das orientações xenófobas das portarias dos três anos em foco.

A subversão da ordem será vista ainda em outros episódios já durante o tríduo momesco, que contava com um número reduzido de foliões que subverteram não somente a tristeza decorrente da guerra como também outras proibições.

### 3.2 Os foliões e os organizadores da folia guerreiam por Momo

A eclosão da Segunda Guerra Mundial e, em 1942, a adesão do Brasil impuseram mudanças no tríduo momesco e, como apontou Zélia L. da Silva,<sup>9</sup> independente da intensidade do envolvimento bélico, a conjuntura apontava para uma mudança no ritmo da festa e dos foliões. No caso do carnaval de São Paulo, o curso deixou de acontecer na cidade, “[...] como uma decorrência do racionamento de combustível e da proibição de circulação dos automóveis particulares, em decorrência dos esforços de guerra.”<sup>10</sup>

A entrada do Brasil na guerra, ao lado dos Aliados, arrefeceu substancialmente o carnaval também no Rio de Janeiro, onde durante todo o mês de janeiro a coluna carnavalesca

---

<sup>7</sup> CARNAVAL DE TEMPO DE GUERRA. *Correio da Manhã*, 28/01/1944, p. 03

<sup>8</sup> Ofício de Registro de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, 3°. Arquivo Nacional: Código do Fundo: 68, Livro K-1, Seção de Guarda: SDJ, de 15 de maio de 1944 (registrado previamente em 12 de fevereiro do mesmo ano), registro nº 940

<sup>9</sup> SILVA, Zélia Lopes da. Os carnavais na cidade de São Paulo nos anos de 1935 a 1945. In: ALMEIDA, Paulo Roberto de et. al.. (Orgs). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho da Água, 2004. p. 70.

<sup>10</sup> Id. *ibid.*; p. 92

do *Correio da Manhã* – que sempre deu a tônica festiva dos carnavais anteriores – foi inexistente, mencionando apenas em uma pequena nota o programa de festas do *Clube dos Democráticos*.<sup>11</sup> Outros anúncios de bailes também são feitos de maneira resumida: em relação às seus co-irmãos *Congresso dos Fenianos*, *Fenianos* e outras agremiações, como o *Clube do Sossego*, *Grupo dos Independentes*, *Clube dos Cariocas* e o *Cordão da Bola Preta*, que também realizam pugnias em suas sedes; no entanto, nenhuma menção é feita quanto ao movimento e à adesão do povo.

Segundo Sérgio Cabral, em janeiro, a primeira-dama Darcy Vargas convocou as escolas para um desfile no campo do C. R. Vasco da Gama

[...] em benefício da cantina do soldado combatente, [compareceram] as escolas de samba Azul e Branco, Cada Ano Sai Melhor, Portela, Estação Primeira, Paz e Amor, Deixa Malhar, Lira do Amor, Depois Eu Digo, Unidos do Salgueiro, União do Sampaio, Unidos da Tijuca, Império da Tijuca e Mocidade Louca de São Cristóvão.<sup>12</sup>

A *Portela* desfilou no campo de São Januário com um samba favorável à entrada brasileira na guerra e a favor da democracia, ou seja, exatamente aquilo que não existia durante o Estado Novo, conforme segue:

Democracia  
Palavra que nos traz felicidade  
Pois lutaremos  
Para honrar a nossa liberdade  
Brasil! Oh!meu Brasil!  
Unidas nações aliadas  
Para o front eu vou de coração  
Abaixo o Eixo  
Eles amolecem o queixo  
A vitória está em nossa mão.<sup>13</sup>

O samba acima beira a ironia, porque, em um regime de exceção, em que os direitos políticos estavam cerceados e o presidente era o núcleo da propaganda e do poder, a Portela canta no desfile organizado pela primeira dama uma ode à democracia e contra a ditadura do Eixo. Não se deve pensar o fato como um simples aparelhamento da escola de samba em questão pelo Estado varguista. Estes e outros sambistas dos morros e dos subúrbios que compõem escolas de samba, blocos, cordões, não podendo pagar pelos bailes “chics” dos

---

<sup>11</sup> DEMOCRÁTICOS. *Correio da Manhã*, 30/01/1943, p. 06

<sup>12</sup> CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996. p. 137

<sup>13</sup> Id. *ibid.*; p. 137-8

clubes fechados, lutam por representação social e almejam um lugar no espetáculo carnavalesco ano após ano. Assim, a atitude dos portelenses foi muito perspicaz, além de audaciosa, em trazer à tona tal temática num evento de grande destaque.

Alguns dias após o desfile em São Januário surgiram as primeiras oposições à realização do carnaval em editorial assinado por Carlos Maul que, “apesar da guerra de que o Brasil participa com todos os seus recursos e sujeito a todos os riscos e à qual já pagou um pesado tributo de sangue, ainda se pergunta aqui e ali se deve ou não haver carnaval este ano.”<sup>14</sup> O articulista se coloca contra a realização dos festejos e endossa sua posição com a atitude do prefeito de São Paulo, “que negou auxílio ou subvenção, com finalidade carnavalesca, aos grêmios recreativos que estenderam a mão à porta da municipalidade”, esperando que todos os governantes sigam o exemplo do prefeito paulista.

A realização do carnaval, em vista de uma situação limite como a guerra, também aparece na argumentação do articulista, que não vê sentido na realização do tríduo momesco. Como indica o trecho a seguir:

O Brasil está chamado a atitudes heróicas, a cometimentos gigantescos que lhe não permitem distrair a sua atenção dos campos em que as suas energias tem de produzir o máximo objetivando a vitória das armas que combatem o Eixo. Como paralisar esse esforço durante três dias se antes os horários são ampliados no sentido de maior rendimento nos centros de produção? Como tolerar que se malbaratem economias, se o país reclama de todos, de ricos e de pobres, o corte nas despesas ordinárias, uma quota para as obrigações de guerra, e se isso tem de sair dos dispêndios de cada um?<sup>15</sup>

Guardadas as questões morais e financeiras, a falta de combustível fez com que o governo racionasse a gasolina, ou seja, transportar grandes massas de pontos afastados para o centro das festividades demandaria um gasto, segundo o jornalista, desnecessário para quem vive sob a ordem do racionamento. Depois desses motivos apresentados o autor finaliza dizendo que:

Um Carnaval nesta altura, além de ser uma indignidade do ponto de vista do sentimento, seria uma falta de inteligência e um estímulo ao quintacolonismo que carece de águas turvas para manobrar com precisão contra a nossa soberania. E há qualquer coisa de sagrado nesta hora que o patriotismo nos impõe, mais alta e mais nobre do que os lucros dos sambistas, dos mercadores de panos coloridos e de bebidas alcoólicas.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> A REALIDADE CARNAVALESCA. *Correio da Manhã*, 11/02/1943, p. 02

<sup>15</sup> Id. *ibid.*;

<sup>16</sup> Id. *ibid.*;



A referência ao “quintacolonismo” é explicada com o exemplo de um dos navios<sup>17</sup> abatidos pelos alemães, com turistas brasileiros, ainda em águas brasileiras. Segundo Maul, os responsáveis pela indicação das coordenadas enviadas aos integrantes do Eixo para que o navio fosse abatido eram “traidores da pátria” e, portanto, seria necessário que a polícia e o exército não desviassem de seus propósitos em defender o território nacional contra os “espiões estrangeiros” nesse momento delicado.

Raquel de Queiroz também discute a questão da (não) realização da festa em *O Cruzeiro*:

Deve ou não deve haver carnaval? É feio ou é bonito esquecer a guerra, por de lado a lembrança de bombardeios e submarinos, vestir uma camisa listada e cair na farra à solta? É este o problema máximo do momento. Há gente pró e gente contra. Felizmente muitos mais do pró do que do contra. [...] Mas é claro que deve haver carnaval! Por que não haver carnaval? Por que interromper essa tradição de alegria mais que centenária entre nós?<sup>18</sup>

A autora alega que não haveria presente maior para aqueles que perderam entes queridos do que “enfiar uma fantasia de “pierrot” ou de havaiana e esquecer durante três dias toda a miséria e toda dor”, com a alegria necessária para levar com mais leveza esse período conturbado, como aconselharam os americanos. Para a autora, a abolição da festa só poderia ser compreendida se,

Nós também fossemos uns sombrios fascistas carecidos de uma carga de pressão mística, no ponto máximo, para chegarem ao grau de exaltação assassina necessária ao sacrifício que eles exigem os seus senhores. [...] Por que abrir mão da nossa alegria? Se declaramos guerra justamente para a defender! Por que imitar os sinistros fanáticos do outro lado que se embriagam com cantos fúnebres, com cerimônias demoníacas tiradas ao seu folclore sanguinário, afim de poderem realizar sua façanha de ódio e extermínio.<sup>19</sup>

Segundo Queiroz, mesmo Londres, que se encontrava devastada, “é mais do que nunca uma cidade alegre. Nunca se dansou tanto, nunca se amou tanto, nunca o celebrado “humor” britânico brilhou com verve mais esfusiante”, o mesmo exemplo deveria seguir o Brasil, adaptando a “mentalidade carnavalesca” ao estado de guerra

---

<sup>17</sup> Estes navegavam em águas brasileiras com centenas de pessoas, entre mulheres e crianças, rumo aos Estados Unidos quando foram bombardeados.

<sup>18</sup> O SAMBA EM BERLIM. *O Cruzeiro/Jornal Estado De Minas*, 06/03/1943, p. 03

<sup>19</sup> Id. *ibid.*;

Vedê as canções deste ano. Algumas não valem nada, é verdade. Mas quanta sátira deliciosa, quanta molegada de gênio, quanta bola de primeiríssima ordem! É uma propaganda anti-Eixo, anti-quinta-coluna e pró-aliada da maior intensidade e da maior eficiência. O homem da rua dificilmente se detêm ante o rádio de café para escutar comentários e boletins de guerra, feitos numa linguagem que ele entende mal, exigindo conhecimentos geográficos e políticos que ele não possui. Mas se o rádio berra numa toada agradável que “vai pendurar o violão e pegar no fuzil” ele acha graça e aprova. Como aprova o “Alô, tio Sam”, em que se oferece solidariedade ao velhote de barbicha e casaca listada. [...] Dizem que os jovens nazistas vão para o combate entoando o Hort Wessel, que é um canto fúnebre à memória de um rapaz morto. Pois a rapaziada daqui, quando pegar no fuzil, cantará coisa mais alegre. Com cuíca, pandeiro, violão, há de ganhar esta guerra e “cantar o samba em Berlim...”<sup>20</sup>

A autora constrói sua narrativa em defesa da continuidade do carnaval enfocando a alegria necessária para enfrentar esse período belicoso e elogiando os autores que, atentos ao contexto, escreveram canções em razão dos Aliados e contra o Eixo. Sambas desse gênero informariam muito mais o “homem da rua” do que os informes dos combates, os quais eram repletos de dados geográficos e políticos que “o cidadão comum” mal compreende. Por fim, o samba aparece mais uma vez como nota maior de sua argumentação, enquanto no folclore bélico os alemães entoariam uma canção fúnebre em direção ao combate, a “rapaziada daqui”, quando terminada a guerra, comemoraria a vitória sambando em Berlim, em clara oposição ao gótico alemão. Em narrativa leve e direta, Raquel de Queiroz defende o caráter “centenário” do carnaval para aliviar a pressão que a guerra trouxe ao país por via do samba brasileiro. A nacionalidade e a defesa dos interesses brasileiros são postos lado a lado com o folclore nacional simbolizado pela “rapaziada” da cuíca, do pandeiro e do violão.

Em 1943, o estado de guerra contribuiu para que as Grandes Sociedades decidissem não desfilar, entretanto, o prefeito Henrique Dodsworth sugeriu que as mesmas fizessem um desfile conjunto, o que de pronto foi desconsiderado pelos *Democráticos* que expuseram ao prefeito suas razões e foram seguidos pelos *Pierrots da Caverna*, *Tenentes do Diabo* e *Fenianos* que também declinaram da proposta.<sup>21</sup>

Em nota o clube dos *Democráticos* informa que, como o prefeito do Distrito Federal resolveu:

Não tomar parte do carnaval externo, este ano, não apresentando préstito, como sempre o fez em todas as épocas, atendendo a hora grave que atravessa o mundo, a quem os bárbaros germânicos atearam o fogo da guerra,

<sup>20</sup> O SAMBA EM BERLIM. *O Cruzeiro/Jornal Estado De Minas*, 06/03/1943, p. 06

<sup>21</sup> O CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 17/02/1939, p. 03

atingindo, traiçoeira e covardemente, o continente americano e o nosso país, torpedeando e metralhando nossos irmãos em águas territoriais brasileiras. Assim, coerente com seus princípios com o governo, que não oficializou o carnaval este ano, conforme a imprensa divulgou, não se apresentará em público.<sup>22</sup>

É válido ressaltar que o estado de tensão atinge inclusive a coluna carnavalesca que simplesmente desapareceu das páginas do *Correio da Manhã*, muito provavelmente pela falta de eventos festivos que antecediam recorrentemente o tríduo momesco, mas, sobretudo, pela redefinição do foco jornalístico que se volta aos conflitos internacionais.

Nesse cenário de arrefecimento contínuo do interesse do poder público e da imprensa pelo tríduo momesco, persistem os bailes fechados em clubes que não dependiam do investimento financeiro e político de ambos. Entre eles estão o Ginástico Português, com baile temático “Sonho da Amazônia”, (o clube não permitiu “saiotes, macacões, fantasias de índios, e outras que não condizem com o clima de elegância e distinção”, para o qual todos os responsáveis pela crônica carnavalesca foram convidados, entre eles Edgard Pilar Drumond, cujo nome foi pela primeira vez relacionado na crônica, o Fluminense F. C. com “Noite Tropical” ( traje: fantasias de luxo, smoking e “summer” ou “dinner jacket”), Tijuca T. C.; Atlantic Refining Club, Sindicato dos Médicos, High-Life.<sup>23</sup> A estes juntaram-se o Clube Municipal, o C. R. do Flamengo, o Botafogo F. C., Automóvel Clube, C. R. Guanabara, Internacional de Regatas, Clube de Minas Gerais, Clube Central, Sport Clube Joelheiro, Casa do Sargento, *Democráticos*, *Fenianos*, *Congressistas* e *Tenentes* (Grandes Sociedades), o *Grupo dos Independentes*, o *Cordão da Bola Preta* e o Clube do Socego.<sup>24</sup>

Na parca cobertura fotográfica feita desses bailes, *O Cruzeiro* não menciona qualquer vestígio de desânimo dos foliões por conta da guerra. Aliás, nas poucas fotos publicadas – em grande maioria de pouca nitidez – um casal, clicado no Copacabana Palace, chama a atenção, pois a mulher vestida de baiana e seu acompanhante, aparentemente de malandro, são representados como já “esgotados” pela batalha festiva.

---

<sup>22</sup> Id. *ibid.*; 18/02/1939, p. 08

<sup>23</sup> O CARNAVAL NOS CLUBES. *Correio da Manhã*, 04/03/1943, p. 08

<sup>24</sup> O CARNAVAL DE 1943. *Correio da Manhã*, 06/03/1943, p. 03



**Imagem 23.** CARNAVAL NO COPACABANA PALACE. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 13/03/1943, p. 24

Nas fotos publicadas pela revista dos “redutos mais elegantes”, como esta do Copacabana Palace, casais e grupos são retratados sempre sentados à mesa, de forma polida, quase contida, nunca a multidão ou grupos maiores são flagrados, como acontece nos outros salões. Assim, a “baiana” e o “malandro” foram uma novidade das fotografias pesquisadas, tendo em vista as exigências desses redutos que imprimiam o garbo e a elegância nas suas pugnias, mas que, ao que parece, vai cedendo lugar à “nova onda carnavalesca”.

Com exceção dos bailes mencionados, o carnaval de 1943 seguiu três eixos: o desfile das escolas de samba no domingo, o desfile das Pequenas Sociedades na segunda-feira (no entanto há apenas uma menção sem descrições do mesmo) e o “Préstimo da Vitória” encerrando o tríduo no lugar das Grandes Sociedades. As escolas de samba desfilaram “com sátiras aos ditadores e cantando em coro canções populares anti-nazistas”.<sup>25</sup> Segundo a nota, compareceram a *Azul e Branco, Cada Ano Sae Melhor, Deixa Malhar, Depois Eu Digo, Fiquei Firme, Império da Tijuca, Não é o Que Dizem, Lira do Amor, Paz e Amor, Portela, União de Sampaio, Unidos do Salgueiro, Unidos de Tuiuty, Unidos da Mangueira, Unidos da Tijuca, Vai se Quiser, Corações Unidos de Jacarepaguá, Prazer da Serrinha, Mocidade*

<sup>25</sup> O CARNAVAL DE 1943. *Correio da Manhã*, 06/03/1943, p. 03

*Louca de São Cristóvão*. O júri foi composto pelo capitão Luís Gonzaga; pelos jornalistas Lourival Pereira, Benedito Calheiros Bonfim e Guimarães Machado; e pelo estudante Maurício Vinhais (representante da UNE), que deram a vitória à *Portela* com o enredo “Carnaval de Guerra”, seguida, nesta ordem, pela *Estação Primeira* e *Azul e Branco*.<sup>26</sup> As pequenas sociedades desfilaram na segunda-feira, no mesmo local, mas não há descrições referentes às mesmas.

Apesar do não envolvimento público na organização dos festejos, a Liga da Defesa Nacional e a União Nacional dos Estudantes organizaram o “Cortejo da Vitória” que encerrou o carnaval na terça-feira gorda, substituindo os préstitos das Grandes Sociedades por um desfile cujo intuito era combater o “nipo-nazi-fascismo”, em alusão clara aos integrantes do Eixo – Japão, Alemanha, Itália –, respectivamente, com “o propósito de contribuir para a mobilização psicológica e material do povo de modo a que todos os brasileiros, unidos em torno do governo, possam enfrentar o inimigo comum.”<sup>27</sup>

As alegorias planejadas foram dispostas da seguinte forma:

1ª Apoio ao governo, 2ª União Nacional, 3ª Esforço de Guerra, 4ª Apoio às forças armadas, 5ª Campanha das obrigações de guerra, 6ª Apoio a L. B. A. e a C. V. B., 7ª Cooperação Militar Brasil-Estados Unidos, 8ª Eficiência militar do Brasil nas tarefas que lhe possam caber, 9ª União continental, 10ª Carta do Atlântico- Pacto das Nações Unidas, 11ª Repulsa aos torpedeamentos, 12ª Crítica aos chefes totalitários e às suas exóticas doutrinas, 13ª Apoteose à vitória.<sup>28</sup>

*O Cruzeiro* comenta a inventiva:

Muito embora os festejos carnavalescos, que sempre tiveram nos cariocas os seus mais devotados cultores, não atingissem, este anno, o clímax costumeiro, em que toda a cidade dava expansão aos seus sentimentos, [tomada] atualmente pela situação de guerra que recobre de um manto de dor centenas de famílias enlutadas com os bárbaros e traiçoeiros assaltos por parte das hordas eixistas aos nossos navios, pudemos assistir, nas três noites dedicadas ao rei Momo, na principal avenida da capital os desfiles patrióticos das escolas de samba e blocos organizados pela Liga de Defesa Nacional, que apresentou carros alegóricos saudados pela população que se apinhava na grande artéria, com aplausos que se manifestava espontâneo, o verdadeiro sentido de revolta contra os violadores das liberdades democráticas.<sup>29</sup>

<sup>26</sup> CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996, p. 137-8

<sup>27</sup> O CARNAVAL DOS UNIVERSITÁRIOS. *Correio da Manhã*, 03/03/1939, p. 03

<sup>28</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 07/03/1939, p. 14

<sup>29</sup> O PRÉSTITO DA VITÓRIA. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 13/03/1943, p. 31

Algumas fotos dos carros alegóricos foram dispostas pela revista, no entanto, não é possível identificar precisamente os seus motes para a publicação e análise, mas de acordo com as legendas, os carros homenagearam as “nações unidas” (contra o Eixo); o presidente Getúlio Vargas em detrimento do líder japonês “Hiroito, de riso amarelo, [sendo] enterrado num carro de lixo” e “Hitler, o detestado chefe da tríade eixista, esmagado pela ofensiva de inverno.” O préstito final do carnaval de 1943 acabou ocorrendo na Rua do Ouvidor, onde um palanque foi montado e um microfone clamava pelo apoio popular à guerra. Segundo a reportagem, uma:

[...] imensa massa popular se aglomerou nas calçadas aplaudindo delirantemente os carros que passavam; exceto os de crítica aos ditadores nazi-fascistas e ao integralismo que foram violentamente vaiados. [...] No intervalo de um para outro [carro] eram lidos trechos de discursos de altas autoridades a respeito da ameaça que paira sobre a soberania nacional e sobre as atividades da *quinta-coluna*. Terminando o desfile, o povo, numa perfeita compreensão do momento que vivemos, juntou-se ao palanque dando vivas às Nações Unidas e ao Brasil e morras às potências totalitárias.<sup>30</sup>

À frente do primeiro carro alegórico, vieram os bustos do presidente Getúlio Vargas, Roosevelt, Churchill, Chaing-Kai-Shek e Stalin, em seguida, um carro representando as riquezas nacionais do Brasil; após esta alegoria, um carro com a palavra “África”, ilustrando os soldados brasileiros em posição de ataque sobre corpos nazistas nos areais norte-africanos. Os outros carros que compuseram o cortejo referiam-se a generais brasileiros e ao general Justo – ex-presidente argentino – “pela amizade existente entre os dois países”. Fechando o cortejo um carro de crítica aos ditadores nazi-fascistas e ao integralismo, “simbolizado por uma galinha morta pintada de verde”. Paralela ao desfile foi realizada uma coleta para “bônus de guerra” entre os foliões presentes.

Em nota, o *Correio da Manhã* negou os boatos de que os presos “súditos do Eixo” foram mandados para o estádio do Vasco da Gama, transformado em campo de concentração durante o carnaval. Segundo o Chefe de Polícia, “nem houve concentração de presos no campo do Vasco, nem os súditos dos países do Eixo detidos por contrariarem uma disposição do coronel Alcides Etchegoyen, que lhes cassava o direito de deixar o domicílio durante os dias de folia, foi a mais de 30”<sup>31</sup> o total de detidos pela Polícia Central, os quais foram liberados na manhã da quarta-feira.

<sup>30</sup> O CARNAVAL DE 1943. *Correio da Manhã*, 11/03/1943, p. 08

<sup>31</sup> Id. *ibid.*;

Como foi visto, a emergência da guerra, mesmo atrapalhando o curso<sup>32</sup> de automóveis e o desfile das Grandes Sociedades, não foi suficiente para fazer com que o carnaval deixasse de acontecer. No lugar da prefeitura e da imprensa que coordenavam diretamente as pugnas de anos anteriores, entraram a Liga de Defesa Nacional e a UNE que dotaram com puro patriotismo as formas e as cores do carnaval de 1943, ao menos nas páginas do *Correio da Manhã* e de *O Cruzeiro*.

Em 1944, com a guerra ainda em curso as mesmas questões quanto ao futuro carnavalesco vem à baila, desta vez na crônica assinada por Austregésilo de Athayde,<sup>33</sup> da qual segue um trecho:

Vamos entrar no carnaval. Durante quatro dias, o povo brasileiro estará cego e surdo a tudo que não forem os barulhos dos instrumentos bárbaros e as cores das fantasias bizarras.

As avenidas regorgitantes de multidões infatigáveis, em dansas sem ritmo, cantando canções sem nexos.

Quatro dias de licença e esquecimento, em que as dores do mundo ficarão longínquas e estranhas e os mais altos deveres se diluem, como se se [sic] abrisse na dureza da vida cotidiana uma trégua à contingências da nossa pobre humanidade.

Não suponham que condeno ou desprezo os carnavalescos. Em todos os tempos houve interrupções nas atitudes formais, para que cada qual, livre de peias, manifeste em gritos e trejeitos o fundo da sua consciência recalçada.<sup>34</sup>

A argumentação de Athayde conota o carnaval como uma válvula de escape necessária para a libertação do cotidiano, com “dansas sem ritmo” e “canções sem nexos”, e termina por aceitar democraticamente, provavelmente para não se indispor com a maioria. No entanto, não dispensou a ironia quanto aos cordões, ranchos e blocos, já enfileirados para o desfile, lembrando-os apenas dos males da guerra, além de guardar, “silêncio sobre as lágrimas das

<sup>32</sup> O movimento de passageiros na estação Pedro II totalizou 133.201 bilhetes vendidos, enquanto as outras estações só informaram a renda total arrecadada e não o número de bilhetes, o que impossibilitou a apuração do número de passageiros. Por fim, todos indicam uma arrecadação menor comparada ao carnaval de 1942.

<sup>33</sup> Belarmino Augusto Maria Austregésilo de Ataíde nasceu em Caramuru (PE) em 25/09/1898, mudou para o Rio de Janeiro em 1918. Cursou a Faculdade de Direito (profissão que nunca exerceu) e em seguida ingressou no jornalismo, trabalhando em jornais como *A Tribuna*, *Correio da Manhã* e *O Jornal*. Divergiu de seu patrão, Assis Chateaubriand, quanto à Revolução de 1930 por acreditar que “as revoluções não trazem benefícios, apenas conduzem à contra-revoluções”. Tal posicionamento não impediu que Ataíde recebesse a direção do *Diário da Noite*. Ligou-se em 1932 aos líderes da Revolução Constitucionalista, razão pela qual, após a derrota da inventiva, foi exilado do país. Ao voltar do exílio em 1934, reassumiu a direção do *Diário da Noite* e de *O Jornal*, posicionando-se contra o Governo Provisório e, em 1937, contra o regime de exceção implantado por Getúlio Vargas. Sua militância política em diversos periódicos o levou a ser convidado para a formulação da Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, dois anos depois, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), instituição na qual foi presidente sucessivas vezes a partir de 1958. DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO pós 1930. Vol 1. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001, p. 414.

<sup>34</sup> DIAS DE CARNAVAL. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 19/02/1944, p. 03

mães que perderam seus filhos, das noivas sem amor, das crianças órfãs, dos cegos e dos mutilados. As lágrimas que regam a planta da liberdade, sob cujas frondes os foliões de hoje reclamarão o descanso sem perigo.”<sup>35</sup>

Contrariamente às afirmações de Athayde, o período pré-carnavalesco só teve uma única festividade anunciada, a do *Clube dos Democráticos*, em razão do seu aniversário de fundação.<sup>36</sup> Em fevereiro, os primeiros bailes dos clubes durante o tríduo são anunciados: no Clube Ginástico Português, Botafogo F. R., C. R. Flamengo, C. R. Guanabara, America F. C., C. R. Vasco da Gama, São Cristovão, Standard F. C., Riachuelo T. C., Andarai A. C., Sindicato Medico, Centro Transmontano, Jacarepaguá T. C., S. C. Joalheiros, casa dos Povoeiros, Clube dos Cariocas, Velo Esportivo, Helenico, E. C. Mackenzie, Orfeão Portugal, Grêmio Filhos de Iguassu, Telefonica A. C., Eden, Club Centro Civico Leopoldinense, Penha Club, DelCastilho F. C., Banda Portugal, High-Life, Automóvel Clube. Nas Sociedades carnavalescas, *Democráticos, Fenianos, Tenentes do Diabo, Pierrots da Caverna, Congresso dos Fenianos, Cordão da Bola Preta, Grupo dos Independentes*; e nos teatros, Carlos Gomes, Recreio, Cine T. Caxias, Cine Irajá, Cinema Floresta.<sup>37</sup>

No entanto, os bailes são arrolados em missivas simples, contendo apenas o local e o horário, diferentemente do início do período pesquisado onde o detalhamento era característica recorrente nos bailes de maior realce.

Editoriais, matérias e notas desaparecem do jornal, por isso maiores informações relativas às escolas de samba couberam ao memorialista Sérgio Cabral, de acordo com quem a União Geral das Escolas de Samba determinou:

- a) Que as escolas de samba filiadas fiquem à vontade com relação à saída ou não no carnaval
- b) Que a União geral das Escolas de Samba não tomará qualquer iniciativa quanto ao desfile das escolas até o carnaval.
- c) Que a UGES somente se fará representar nos festivais internos de suas filiadas ou não.
- d) Que fica suspenso o expediente da secretária da UGES nos dias consagrados aos folguedos carnavalescos.
- e) Que as suas filiadas, no caso de resolverem sair nos dias consagrados aos folguedos, devem cumprir rigorosamente as determinações do Sr. Tenente-coronel chefe de polícia e de seus auxiliares na manutenção da ordem e do respeito que deve prevalecer nesses dias, a fim de cooperar com os mesmos devido à situação de guerra em que nos encontramos.<sup>38</sup>

<sup>35</sup> Id. *ibid.*;

<sup>36</sup> PELOS CLUBES. *Correio da Manhã*, 16/01/1944, p. 09

<sup>37</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 19/02/1944, p. 09

<sup>38</sup> CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996. p. 138



Segundo Cabral, que menciona apenas o fato de a *Portela* ter sido campeã mais uma vez sem, contudo, pormenorizar o enredo e o júri, os jornais estavam tão desacreditados no carnaval que não mandaram seus repórteres cobrirem os desfiles e, por isso, há uma carência de detalhes.

Na contramão deste “desinteresse de muitos jornais pelo carnaval”, *O Cruzeiro* publicou a “Invasão do Samba”, texto sobre o dia-a-dia da escola de samba *Unidos da Tijuca*. Diz a matéria que a partir de sua “origem”, “rendemos eternamente nossas homenagens aos negros bantús, homens das tribos muçulmanas, apanhadores na África e desembarcados nas costas da Bahia, portadores dos ritmos do samba”. Segundo a revista, ao chegarem aqui os negros foram se adaptando “com o convívio das novas gentes, a força da nova pátria, iniciaram a lenta e inexorável viagem do samba para o seu atual destino”. Na matéria, o processo histórico deste povo ainda conta com outras práticas, como o “cordão dos velhos” das festas do Senhor do Bonfim, que empolgavam a cidade com “músicas tristes, sentimentais e brancas.”<sup>39</sup>

Considerado um fenômeno curioso, o samba com seu “ritmo alegre, melodia triste. Devagar [...] entrou nas festas do povo”, mas não nos teatros - onde as portas foram-lhe fechadas – nem nos salões da sociedade – que o declararam “música proibida, imoral e perniciososa.” Em torno de legitimar a presença e a aceitação do ritmo que caiu no gosto das “festas do povo”, mas não nos “redutos mais sofisticados”, a revista esmera-se na justificativa de tal processo, afirmando que o samba:

Era a flor amorosa de três raças tristes que desabrochava. As selvas que davam ao samba, nas noites, os seus ritmos bárbaros. Os negros que lhe traziam de longe as reservas de pranto. Os brancos falando de amores em suas canções, davam a nota de suavidade aos ritmos ferventes. De toda essa mistura, nasceu a música popular brasileira de maior expressão. Nesses dias de hoje, quando o Municipal não apenas aceita, como convida o samba para os seus bailes, agradecemos a Sinhô, Donga, Pixinguinha e a outros “ases” da fase dura, o excepcional destaque em que se acha a música negra, com um pouco do amoroso milho branco.<sup>40</sup>

Apesar de longa, a transcrição acima reflete todo o processo de construção de uma sociedade mestiça caracterizada na “música de maior expressão nacional”: o samba que, fruto do sincretismo entre os ritmos da selva indígena e do som de negros escravos bantús – à décadas vindos à Bahia –, agora ganha a “suavidade” dos brancos. É elucidativo que, na

<sup>39</sup> INVASÃO DO SAMBA. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 19/02/1944, p. 29

<sup>40</sup> Id. *ibid*; 19/02/1944, p. 30

argumentação, a aceitação do ritmo negro e indígena só aconteça como símbolo da cultura de elite, o Municipal, após a interferência branca. Por fim, nomes consagrados da história do samba são parabenizados por fazerem guarda, defendendo-o, até que a música negra alcançasse o “amoroso milho branco”. Toda a “fase dura” enfrentada por estes sambistas que tiveram seus instrumentos tomados por perseguições policiais e políticas durante as décadas anteriores<sup>41</sup> é escamoteada pelo fato de agora, após toda a tensão, estarem legitimados. Essa consagração, no entanto, tem como ponto de partida o encontro (“necessário”) das três raças, tendo em vista todo o processo de unificação nacional da propaganda estadonovista. As qualidades e especificidades que tornaram o samba “o ritmo nacional” são salientadas como um “encontro bem vindo de raças”, sem considerar a busca incessante desses segmentos marginalizados durante anos.

Após historicizar os sambistas, a revista publica algumas fotos dos integrantes da “Tijuca”, em que eles são representados preparando o coró do gato para o tamborim na mesma fogueira usada para cozinhar batata doce e milho verde.



**Imagem 24.** JEAN MANZON. *O Cruzeiro/ Jornal Estado de Minas*, 19/02/1944, p. 29. Na legenda que acompanha a foto na publicação original lê-se: “Nesta cena, os tamborins de pele de gato sendo retesados. Os gatos do morro do Rio de Janeiro viviam alarmados com a incessante busca, dia e noite.

<sup>41</sup> Os primeiros capítulos de *A Subversão pelo riso* de Rachel Soihet e *Ecoss da Folia* de M. C. Pereira citados anteriormente tratam sobre o assunto.

Acabaram desertando, correndo para baixo, onde podem viver tranquilamente, bem longe dos sambas fromentes e das fogueiras.”

Na imagem abaixo, que fecha a reportagem, é possível identificar um grupo de sambistas da *Unidos da Tijuca* (leteiro no fundo esquerdo), retratados de forma informal, sentados no chão. O “líder” (provavelmente Marçal) aparece à frente de todos, de pé, em pose de contemplação, preparando-se para possivelmente ir embora com seu paletó no braço e destoando do grupo atrás onde todos estão sentados com roupas e chapéus simples, ladeados por uma módica casa de madeira. A imagem, mesmo que pré-montada,<sup>42</sup> não deve ser tomada fortuitamente. Além de retratar o local simples onde o samba é produzido e a maneira pacata como seus integrantes vestem-se e portam-se no cotidiano. Também faz uma espécie de “capítulo final” da história desses negros cujos “ritmos bárbaros” foram anteriormente perseguidos, mas agora são adornados com “harmonia e melodia” do “mestre Marçal” e do canto de suas pastorinhas.



O mestre do canto, o compositor da escola de samba, a figura impressionante. Ele dá harmonia, melodia e letra aos cantos das pastorinhas. Marçal coloca o samba no seu habitat e dinamiza-o "Sertão". Foto de Wilson Arantes, tempo antigo e de sua obra sambas em novo cenário.

<sup>42</sup> A revista “abriu suas páginas à divulgação dos feitos de Vargas e do regime ditatorial, transformando-se em mais um veículo a serviço da propaganda do Estado Novo.” A década de 1940 assistiu a mudança editorial de *O Cruzeiro*, encabeçada por Freddy Chateaubriand, que trouxe o francês Jean Manzon que mudaria “sensivelmente seu aspecto editorial”. DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO Pós 1930, p. 1729

**Imagem 25.** JEAN MANZON. *O Cruzeiro/ Jornal Estado de Minas*, 19/02/1944, p. 31. Na legenda lê-se: “O mestre dá canto, o compositor da escola de samba, figura impressionante. Ele dá harmonia melodia e letra aos cantos das pastorinhas. Marçal soluça num samba as suas tristezas e denomina-o “Sorrir”. Fala de velhos amores, temas antigos e dá aos seus sambas um novo aspecto.

David Nasser (compositor, escritor e jornalista e vencedor dos concursos de marchas de 1942 e 1943) faz a cobertura do fim do carnaval em uma espécie de crônica, acompanhada por alguns fotos dos festejos de rua:

Esse velho tema de “o Carnaval está morrendo”, não interessa. Que os nossos avós brincaram de outra maneira, espremendo limões na cara de nossas futuras avós, despejando baldes de água nos passeantes, já sabemos bem. Que os nossos filhos ou nossos netos brincarão delicadamente, em amplos e ventilados salões, isso é com eles. Vivamos a nossa vida sem futuro e sem presente, pelo menos nesses três dias de vibração e alegria. A marcha-à-ré do Carnaval, a agonia, não nos sirvam de preocupação, barulhento povo carioca!<sup>43</sup>

O estado da questão carnavalesca apresentado por Nasser é direcionado apenas para o presente – deixando de lado os hábitos anteriores como o entrudo e o futuro nos bailes de salão –, pois o que parece interessar ao autor é o “barulho do povo” contra a agonia e as previsões de arrefecimento da folia. Em forma de diálogo, o carnaval de 1944 é discutido pelos personagens fictícios Edmar Morel e Pingô, por quem a discussão é iniciada:

- Nós estamos em guerra. O carnaval, nem por isso, é condenável em tais condições. Por quê? Em verdade eu vos digo: Não, não é com choradeira que se ganha as batalhas. Os nossos anseios de vitória não se realizarão mais depressa. Nem as nossas distrações perturbará a marcha para Roma, Tóquio e Berlim.

Pingô tomou fôlego e acrescentou:

“ – Pelas ruas, as escolas de samba já desfilam, sem Laurindo na bateria. Cadê Laurindo? Foi para o “front”. Mesmo assim a escola desceu. Porque o povo precisa sambar. Nos salões os granfinos se divertem em “soirées”, bailes elegantes, achampanhados, Beach Club e não sei mais o que. Gostam dessa distração? Não lhes fica bem sambarem na rua, pois não? O povo gosta. O Zeca do morro gosta de vir à praça desabafar dos trezentos e sessenta dias de trabalho. Não importa que depois vá para a frente da luta. Irá, satisfeito por dar uma ajuda. Se não fizer seu carnaval externo, ele, que não tem club, que carnaval fará?

Cidadão [Edmar Morel] respirou, desafogando o colarinho duro. Cidadão Pingô, cidadão Pingô, escuta bem: a razão está contigo, velho boêmio dos cartórios e das letras. Tanto está, que o carnaval está na rua.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> CARNAVAL ESTA NA RUA. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 19/02/1944, p. 54

<sup>44</sup> Id. *ibid.*;

Segundo “Pingô”, mesmo em face da guerra, o carnaval ocorreu nas ruas e nos bailes “granfinos”. A escola de samba desceu mesmo sem “Laurindo” na bateria (pois, este foi para o front) e o “Zeca do morro” foi à praça desafogar-se da luta dos outros tantos dias do ano, porque “ele não tem club”. Depois desses argumentos, Edmar Morel concorda com o “velho boêmio dos cartórios e das letras”, pois o carnaval estava na rua e era isso que importava.

Cabe ressaltar por fim que a “discussão” criada por David Nasser para detalhar os tríduos, bem como para mostrar a importância da festa diante da guerra, também detalha os hábitos e as necessidades de seus foliões. Assim, se de um lado o representante da elite tem nome e sobrenome (Edmar Morel), de outro, o velho boêmio (“Pingô”) só possui o apelido – dado provavelmente pelos seus parceiros da noite – mas, ainda assim é tão “cidadão” como o primeiro, que desse modo o chama por diversas vezes. “Pingô” vai convencendo Edmar Morel aos poucos da necessidade da folia mesmo no estado de guerra, pois o Zeca do morro iria satisfeito para o *front* após o seu carnaval externo. Por fim, não somente a festa e a guerra são postas no mesmo patamar das “necessidades do dia”, apontando para a vitória, mesmo que efêmera, da folia defendida pelo “cidadão sem sobrenome” que acaba por convencer Edmar Morel.

Em uma das fotos ilustrativas da crônica publicada n’*O Cruzeiro*, na qual há um grupo de “meninas”, pode ser lida a seguinte legenda: “Os blocos se despejam pela cidade, na zona central. Os estabelecimentos comerciais fecharam as portas, dando folga aos empregados. Sombrinhas de meninas se erguem pelos ares. Essas meninas, na realidade, são autênticos marmanjões. Os cossacos se misturam com as havaianas, os anjos com as baianas, na orgia infernal.” A descrição é rica ao denotar a multidão que ocupa as ruas centrais do Rio de Janeiro. A afirmação pode ser analisada com base na ideia de Mikhail Bakhtin de que o espaço público é um local onde todas as hierarquias e regras cotidianas são deixadas de lado pela “multidão em júbilo”<sup>45</sup> ao inverter a ordem de gênero e a formalidade cotidiana. Uma observação mais atenta, deixa vislumbrar que entre as “meninas” em bloco encontra-se um folião com a máscara erguida até a testa olhando para a lente de Jean Manzon, portanto, em clara contravenção às proibições policiais do triênio analisado.

---

<sup>45</sup> BAKHTIN, Mikhail. Op. cit. p. 262



Os blocos se despejam pela cidade, na zona central. Os estabelecimentos comerciais fecharam as portas, dando folga aos empregados. Sombrietas de meninas se erguem pelos ares. Estas meninas, na realidade, são autênticos marmanhões. Os cossacos se misturam com as hawaianas, os anjos com as balanas, na orgia infernal

**Imagem 26.** JEAN MANZON. *O Cruzeiro/ Jornal Estado de Minas*. 19/02/1944, p. 55

A cobertura fotográfica de 1944, tendo em vista a não realização do desfile das Grandes Sociedades e nem do “Baile do Municipal”, privilegiou os seguimentos populares e suas práticas. Na imagem abaixo, é fotografado um grupo “de sujos” – manifestação perseguida pela imprensa e pela polícia, por arregimentar indivíduos “briguentos” e mal trajados – apontando que a prática continua apesar dos constantes cerceamentos. Completando o transbordamento dessa manifestação, a legenda descreve ainda que óculos eram usados por esses foliões para evitar que o lança-perfume espirrasse nos olhos, o que indica outra forma de fuga da proibição do mesmo, determinada em 1938, mas combatida e questionada desde 1934.



Os “sujos” inundam os bairros. Camiseta listrada, o vestido da mana ou a saia da prima, qualquer coisa serve. Óculos para evitarem os jatos de lança-perfume.

**Imagem 27.** JEAN MANZON. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 19/02/1944, p. 55. Na legenda: “Os “sujos” inundam os bairros. Camiseta listrada, o vestido da mana ou a saia da prima, qualquer coisa serve. Óculos para evitarem os jatos de lança-perfume.

As poucas imagens não podem ser tomadas como representativas da (parca) festa como um todo, no entanto, elas apontam “o burlar” de algumas proibições quanto às máscaras, aos “sujos” e ao lança-perfume, o que tornava as ruas locais privilegiados para a quebra de regras.

A cobertura fotográfica também privilegia algumas mulheres que, algumas vezes, retratadas nas ruas somente de *short* curto e uma espécie de biquíni na parte de cima (imagem seguinte), demonstram um comportamento vanguardista, bem “à frente” até mesmo de suas companheiras ou de outras mulheres também clicadas por *O Cruzeiro*.



Sim, o samba. Passos cadenciados, bamboleantes, sensuais, ele têm, nos três dias, a sua apoteose. É a música do povo. Ele se sente dentro dela, como em sua própria casa. Ele samba o samba como quem come o prato favorito.

**Imagem 28.** JEAN MANZON. O *Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 19/02/1944, p. 57. Na legenda lê-se: “Sim, o samba. Passos cadenciados, bamboleantes, sensuais, ele têm, nos três dias, a sua apoteose. É a música do povo. Ele se sente dentro dela, como em sua própria casa. Ele samba o samba como quem come o prato favorito.”

Com “passos cadenciados, bamboleantes e sensuais”, a “foliã-pioneira” é descrita na legenda como adepta ao gênero favorito do povo, o samba.

Em contraposição à imagem acima, um dos “flashes” do baile do “Fluminense” apresenta um grupo feminino – mais contido, graças ao corpo bem coberto – que destoa daquele “das sambistas de rua”, muito mais “à vontade”, publicado alguns dias antes.

A revista apresenta uma espécie de padrão quanto aos diversos bailes fotografados, assumindo uma postura “mais séria”, quase conservadora, quando se trata desses redutos da elite. Evidentemente não é possível determinar se essas moças do “Fluminense” assumem uma conduta moral rígida, mesmo durante o carnaval, no entanto, a maneira como a revista as representa é quase o inverso de outras moças fotografadas na rua, direcionando os leitores a um padrão específico de consumo destas diversas festas e práticas sociais.





**Imagem 29.** ULTIMOS INSTANTES DO CARNAVAL DE 1944. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 04/03/1944, p. 05

Mesmo tendo em vista as fotos acima, a revista pontuou o carnaval de 1944 como “fraco nas ruas, mas animado nos salões”.<sup>46</sup> A partir destas informações, pode-se concluir que a guerra vai gradativamente interferindo no curso, no desfile das Grandes Sociedades e no ritmo dos foliões que, acompanhando um movimento anterior, saem das ruas em direção aos bailes fechados.

O último carnaval analisado, de 1945, mantém o ritmo lento do ano anterior, bailes nos *Democráticos*, no Elite Clube, nos *Fenianos*, no *Bola Preta*, no *Socego* e na Associação dos Artistas Brasileiros.<sup>47</sup> Com exceção dos bailes, a União Nacional dos Estudantes preparou um concurso (“Carnaval do norte e do sul”) com artistas de rádio e apresentação de danças, cuja renda seria revertida em benefício da FEB.<sup>48</sup> No entanto, nenhuma menção às batalhas de confete foi feita, fato que vem se repetindo nesse triênio carnavalesco em meio à guerra.

<sup>46</sup> ÚLTIMOS INSTANTES DO CARNAVAL DE 1944. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 26/02/1944, p. 40

<sup>47</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 19/01/1945, p. 05

<sup>48</sup> Id. *ibid.*; 21/01/1945, p. 06

Em relação às práticas festivas de rua, o chefe do Departamento de Trânsito determina que blocos e ranchos andem somente na “sua mão de direção” para facilitar o trânsito de carros e bondes e, caso fossem pegos na contramão, seriam dissolvidos. Se por um lado a portaria visa organizar o evento, por outro indica que estas manifestações ainda persistiam, diferentemente do curso que, pelo terceiro ano seguido, não teve lugar nas avenidas Rio Branco e Beira Mar, devido ao racionamento de combustível.<sup>49</sup>

Já com o início do tríduo momesco, somente os bailes receberam as atenções do *Correio da Manhã* como o High-Life, o Sindicato dos Médicos, o Botafogo F. R., C. R. do Flamengo, o Fluminense F. C., o Standard F. C., o Atlantic Refining Club, o Clube de Minas Gerais, o Clube de São Cristovão, o Clube dos Contadores, a Banda Portugal, a Embaixada do Sossego, o Orfeão Porgual, o Orfeão Português, o Andaraí A. C., o Clube dos Aliados e o Teatro João Caetano.<sup>50</sup>

Segundo Sérgio Cabral, o carnaval de 1945 voltou aos jornais, no entanto, não mais nas colunas carnavalescas, mas sim nas páginas policiais que retrataram uma briga, em que vinte pessoas saíram feridas e uma morreu, entre integrantes das escolas de samba Depois eu Digo, Morro do Salgueiro e Cada Ano Sai Melhor, do morro de São Carlos. Os jornais ignoraram o resultado do desfile das escolas de samba, sabe-se apenas que a *Portela* foi campeã, mais uma vez.<sup>51</sup> Supõe-se que a certeza do autor quanto ao fato da *Portela* ter ganhado mais um título num momento em que os jornais simplesmente não cobrem os festejos carnavalescos por estarem empenhados na guerra advenha das entrevistas com sambistas por ele coletados.

A crônica carnavalesca do *Correio da Manhã*, que vinha se esfacelando já em 1941, simplesmente foi aniquilada com a entrada do Brasil na guerra. Pilar Drumond (o *Fofinho*), secretário-geral e posteriormente tesoureiro do Centro dos Cronistas Carnavalescos, que assinou a maior parte das crônicas e matérias publicadas, simplesmente desapareceu da seção, sem esclarecer os motivos. Seu substituto, *Rigoletto*, cuja identidade não foi possível saber, esmerou-se em enumerar os festejos, mas abandonou a postura crítica de seu antecessor, sempre articulado com as questões referentes aos rumos da festa, tais como: a participação das escolas de samba, a morte do carnaval de rua, a nacionalização do tríduo, a importância que o Departamento de Turismo possuía em relação à festa, enfim, medidas que de fato

---

<sup>49</sup> O SERVIÇO DE TRANSITO DURANTE O CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 08/02/1945, p. 07

<sup>50</sup> CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 10/02/1945, p. 11

<sup>51</sup> CABRAL, Sérgio Cabral. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996. p. 140

oficializariam o carnaval em torno do Brasil. Essa mudança nos parâmetros de análise dos festejos, fez com que os poucos e repetidos editoriais assinados pelo editor Costa Rego se tornassem a única opinião do jornal. *No Limiar da Folia*, como o carnaval em si, foi bombardeada pela Segunda Guerra Mundial.

Do outro lado, mas ainda assim sem o “vigor” fotográfico e jornalístico de outros anos, *O Cruzeiro* faz um breve comentário sobre o carnaval de 1945, “descendo dos morros, favelas, subúrbios, barracões, o Carnaval procura a Praça Onze, não encontra a Praça Onze e se esparrama pelas ruas da cidade numa doida inversão de sexos, masculinos, femininos, neutros, misturados [...]”.<sup>52</sup> Franklin de Oliveira, responsável pela descrição do carnaval de 1945, tomou a extinta (e saudosa) Praça Onze como referência à “doida inversão de sexos” possível enquanto a festa durar. Festa essa que sente o peso do:

Sexto ano de guerra, com os nossos soldados na linha de frente, o povo não quis brincar de verdade. A gente sofisticada subiu para certo hotel e ali “foi se acabar”. Pelas ruas da cidade ficaram, apenas, pequenos grupos de foliões. Talvez os últimos foliões da cidade, aqueles que brincam mesmo apenas “chopp” – mais diurético do que álcool – fossem os únicos insistindo em vir para a rua oferecer-nos o espetáculo de sua tristeza íntima na ponta desta pergunta: **Mas, afinal que rei sou eu?** Sem castelos e sem coroa, sem reinados e sem rainhas, somos todos nós, 362 dias no ano, entre esperanças, sonhos e desalentos, sem saber exatamente quem irá levar a nossa roupa, durante 362 dias escondem os humanos seus sentimentos atiram para o porão da alma os impulsos mais naturais e livres. E quando chegam os três dias mais libertadores, explodem os complexos, estouram as taras; é a desinundação dos recalques, transbordamento de todos os complexos.<sup>53</sup>

Arrefecido pela guerra, a festa perde a sua “essência” libertadora do cotidiano, segundo o nosso interlocutor, e o indivíduo questiona-se “Mas, afinal que rei sou eu?” durante o restante do ano, onde as mazelas do dia-a-dia esboroam os sonhos e os “impulsos mais naturais e livres”, libertados apenas pelo tríduo momesco que jaz diante da guerra. Apoiado no carnaval e no samba como promovedores da democracia e da libertação, Franklin Oliveira coloca que “[...] o Carnaval não arrasta apenas à confusão de sentimentos”, mas funciona como um agente de socialização, pois:

Um samba cantado por uma só pessoa no carnaval é triste, passional, traz sempre uma queixa, um sofrimento, ou mágoa. Esse mesmo samba, já na voz da multidão, por mais triste que seja, ganha um acento humorístico, irônico, de uma certa crueldade alegre, espécie de forra do homem contra aquilo que feriu seu coração. [...] Essa música, obrigando a socialização dos

<sup>52</sup> AMANHA NÃO TEM MAIS. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 03/03/1945, p. 09

<sup>53</sup> Id. *ibid.*; 03/03/1945, p. 10-12. Grifos originais.

sentimentos, determina, também uma violenta individualização carnavalesca. esta que assistimos na confusão dos sexos: homens-mulheres, mulheres-homens, sortidos, misturados.<sup>54</sup>

Quanto ao movimento da cidade o autor pontua que o:

Pouco rumor pagão na cidade, quase que o movimento é inteiramente livre nesta tarde de terça-feira, última tarde de carnaval carioca. Vi outros carnavais, a multidão se esparramando três dias e três noites, o samba entrando no sangue, nos nervos, na carne do povo, homens e mulheres endiabrados, demoníacos, saltando e gritando, ranchos e cordões, e outros tranqüilos, impassíveis, meio indús, passando por entre a multidão, uns socializados no grupo, outros individualizados na explosão do seu complexo, mas todos alegres, entregues de corpo e alma, da cabeça aos pés, à enorme confissão do carnaval.<sup>55</sup>

A cobertura carnavalesca de *O Cruzeiro* é resumida nesta crônica que analisa o comportamento dos poucos foliões que fecharam a terça-feira “magra” de 1945, mas que mesmo assim se entregaram “de corpo e alma” às possibilidades de inversão tanto do cotidiano quanto de seus sexos possibilitada pelo tríduo. Por fim, ele conclui que o carnaval de 1945 “foi muito triste”.<sup>56</sup> Mesmo atendo-se às possibilidades de transgressão “pagã”, ele enfatiza a tristeza com que a festa foi brincada em 1945, já em tom desanimador e cambaleante, provenientes certamente do estado de guerra.

Os carnavais desse último período (1943-45) sofreram, mesmo à distância, os bombardeamentos perpetrados pela Segunda Guerra Mundial, de modo que dois de seus antigos protagonistas – o curso e as Grandes Sociedades – saíram de cena, das ruas e das páginas dos periódicos analisados, restringindo sua participação somente aos bailes fechados, que cobravam entrada, fechando o ciclo migratório das ruas em direção aos redutos cobertos. Processo este algumas vezes de difícil compreensão e perpassado por certo saudosismo presente nas matérias analisadas ao longo de todo o período.

Em contrapartida, se a guerra deu “o golpe de misericórdia” no curso e nas Grandes Sociedades, ela também alçou as escolas de samba e o samba ao “primeiro pelotão” carnavalesco. Estas agremiações, nascidas no final da década de 20, se unificaram em torno de uma associação civil que as representou e intermediou a comunicação com o poder público e com a imprensa num período em que a propaganda nacional getulista aprofundava os discursos anteriores em torno do carnaval. Nesse discurso, as escolas de samba e o samba

---

<sup>54</sup> Id. *ibid.*;

<sup>55</sup> Id. *ibid.*;

<sup>56</sup> AMANHA NÃO TEM MAIS. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, 03/03/1945, p. 14

eram tomados como símbolo unificador do Brasil numa proposta globalizante dos diversos segmentos que compunham o certame festivo. As escolas de samba negociaram permissões e espaços e alcançaram a apoteose carnavalesca, mesmo que para isso devessem levar a bandeira do Brasil nas mãos e nos enredos dos seus desfiles.

Entre as poucas fotos que *O Cruzeiro* dispõe de foliões esparsos nas ruas – sozinhos ou em duplas, nunca em grupos – destaca-se a imagem abaixo em que um homem posa vestido de baiana seguido pela legenda “Hoje vou me acabar”. A imagem contradiz, via travestimento, a postura (por mais verdadeira que fosse) desanimadora frente às tensões bélicas. O distinto folião, adornado com enormes brincos e alguns colares, olha para o horizonte com uma postura convicta em que o olhar e o sorriso capturados, desconfiam da tristeza carnavalesca que pairava no ar. Esse olhar contrariava, inclusive, o título da reportagem que fechou o carnaval de 1945, na certeza de que, se não no dia seguinte, logo mais haveria carnaval novamente.



**Imagem 30.** CARLOS. *O Cruzeiro/ Jornal Estado de Minas*, 03/03/1945, p. 13.

*O Cruzeiro*, em cobertura do cotidiano dos sambistas da Unidos da Tijuca,<sup>57</sup> é pedagógico, ao explicar a função dos instrumentos (rústicos) do samba – que, juntos, lembravam uma “ópera wagneriana” – além de valorizar as escolas de samba que produziam

<sup>57</sup> O sambistas da Unidos da Tijuca foram elevados ao *status* de estrelas do *showbusiness*, tal qual Carmem Miranda - que também teve o seu “dia-a-dia” publicado pela revista.

o “samba do povo”, dotadas de alegria em seus desfiles, matizados como ícones da cultura brasileira.

A *nacionalização* do carnaval, pensada no início da pesquisa, foi confirmada nos outros capítulos, por isso pode-se dizer, tomando as palavras de Marilena Chauí que, “tanto o adjetivo ‘nacional’ quanto o adjetivo ‘popular’ reenviam as maneiras de representar a sociedade sob o signo da unidade social, isto é Nação e Povo são suportes de imagens unificadoras quer no plano do discurso político e ideológico quer no das experiências e práticas sociais.”<sup>58</sup>

A política de unificação nacional exercida habilmente por Getúlio Vargas e apoiada pela imprensa garantiu:

[...] de um lado, os esforços para impedir os movimentos populares de tipo democrático e socialista, e, de outro lado, a construção geopolítica do Estado nacional, [assim] é possível perceber o que acontecerá com o popular no interior desse nacional: transfigura-se em espiritualidade. O “espírito do povo”, que é o “caráter nacional”, é o popular da tradição imemorial, como identidade cultural e como civilização particular com impulso universal (entenda-se: imperial). Nessa perspectiva, já não há oposição, e muito menos contradição, entre nacional e popular [...].<sup>59</sup>

Para Chauí o fato da propaganda estadonovista, ou de qualquer outro estado que cerceie as diferenças em busca da homogeneidade se dá porque a:

Sociedade capitalista [foi] fundada numa divisão interna que efetu[ou] sua identidade pela contradição das classes, a representação da identidade [nacional] como unidade e não-contradição pede pólos nos quais a imagem unificadora possa assentar-se. Esses pólos são o povo, a nação e o Estado enquanto representações ou abstrações que produzem um imaginário social de identificação e o ocultamento da divisão social como luta de classes.<sup>60</sup>

Na ótica de mercado, o Estado, ao escamotear as diferenças entre nação e povo, revelando este e ocultando as diferenças da nação, fez do samba uma plataforma política, pois trouxe esses segmentos, então marginalizados, para o palco principal carnavalesco – a Av. Rio Branco. Com a subvenção financeira promoveu uma espécie de “justiça cultural” num contexto propício para o controle das diferenças e dos direitos.

---

<sup>58</sup> CHAUI, Marilena. *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983, p. 20-1

<sup>59</sup> Id. *ibid.*; p. 34

<sup>60</sup> Id. *ibid.*; p. 36

Para José Adriano Fenerick, a situação se faz mais complexa, visto que as transformações que o samba sofreu nas décadas de 30 e 40 é resultado de vários interesses, como o do:

Sambista negro e pobre que queria valorizar socialmente a sua arte; o sambista ligado aos meios de comunicação e massa da época que queria se profissionalizar e viver de seu ofício; os meios de comunicação que encontraram no samba um produto original e de boa aceitação no mercado; o Estado varguista que pôde levar a termo seu projeto nacional por meio da eleição do samba como o gênero musical nacional por excelência do Brasil. Nesse sentido, ficam sem propósito afirmações que vêm no processo de modernização, nitidamente possuidor de uma face nacionalizante, somente uma certa cooptação do samba por parte do Estado varguista, ou uma certa “apropriação” do samba pelas camadas médias e brancas da sociedade em detrimento de suas *origens negras*.<sup>61</sup>

As reflexões de Fenerick permitem dizer que ele considera esse movimento como resultado de um encontro “proveitoso”, em que tanto os segmentos suburbanos e médios quanto o Estado varguista e a imprensa transformaram, por interesses comuns, o samba em “gênero nacional por excelência”, confabulando uma espécie de pacto.

Conclui-se, portanto, que a representação cultural e social desses segmentos só foi possível no momento em que houve interesse por parte do poder público em relação as manifestações dos segmentos populares que por muito tempo, ou eram escamoteadas ou perseguidas pela polícia e, pela imprensa, por não representarem o modelo civilizado de festa e de comportamento pretendidos.

Ao passo que esses segmentos, em busca legítima por espaço – não só cultural mas também social – se adaptam aos estatutos, se institucionalizam em uma associação (UES) e incorporam, astuciosamente, os enredos nacionais; o processo de nacionalização da festa é fechado e o samba e as escolas de samba tornam-se o modelo do carnaval carioca divulgado cotidianamente pela imprensa analisada.

---

<sup>61</sup> FENERICK, José Adriano. Op. cit. p. 265

## - CONCLUSÃO -

Ao término desse texto, penso ter cumprido os objetivos estabelecidos no início do trabalho. Para isso, os carnavais brincados no Rio de Janeiro foram desenhados a partir dos interesses de grupos diversos: organizados em agremiações distintas, como os ranchos, cordões, sociedades carnavalescas e escolas de samba, do governo Vargas que procurou incutir nesses folguedos uma perspectiva cultural e ideológica, a *brasilidade*, do Centro dos Cronistas Carnavalescos no primeiro período analisado (1934-37) e dos foliões em suas performances individuais pelas ruas da cidade.

Várias mudanças ocorrem no período. Verifica-se que os segmentos populares foram aos poucos se adaptando astuciosamente a esse ordenamento abandonando a *malandragem* nos sambas e trazendo motivos *democráticos*, como no caso da Portela, em seus enredos.

Nesse processo, merece destaque as análises feitas pelo *Correio da Manhã* e a revista *O Cruzeiro*. A postura de o *Correio da Manhã* é digna de nota. Esse jornal esmerou-se em criar em torno da festa uma dimensão de coletividade e democracia ao defender os motivos nacionais nos enredos (iniciados ainda em meados da década de 20) das Grandes Sociedades, dos ranchos, blocos e escolas de samba. Já a revista *O Cruzeiro* trabalhou mais enfaticamente o samba – tocado por instrumentos *rústicos* como a cuíca e o pandeiro. Em sua análise, esses instrumentos davam uma dimensão de *orquestra wagneriana* quase invisível aos olhos – em torno de criar uma coesão social em que morro e cidade, brancos e negros, fossem os responsáveis pelo gênero que era o *prato preferido* do povo da “terra do carnaval”. A revista, em comparação ao *Correio da Manhã*, privilegiou efetivamente o samba em suas páginas, mesmo nos momentos em que o gênero ainda ensaiava os seus primeiros passos no matutino.

Na análise do material investigado, outro aspecto deve ser realçado. Percebe-se o intuito de fazer da capital federal uma cidade turística. Para isso, o carnaval e o samba foram vendidos como mercadorias na voz, no rebolado, nos trejeitos e nas vestimentas de Carmem Miranda na América do Sul e nos EUA, o que fez, ano após ano, aumentar de forma significativa o número de turistas estrangeiros que desembarcavam no Rio de Janeiro.

Durante todo o período observou-se um movimento contínuo dos foliões rumo aos redutos fechados dos diversos clubes sociais, trabalhistas e esportivos do certame festivo carioca. Em contrapartida, paulatinamente houve o esvaziando as batalhas de confete dos logradouros públicos. No último período analisado (1943-45) nenhuma batalha é relatada pelos periódicos, denotando mudanças na festa e mesmo a falta de incentivo do poder público



na organização dos habituais coretos presentes em diversos bairros suburbanos onde estas batalhas se realizavam.

As brincadeiras livres foram cerceadas pelas diversas portarias policiais analisadas ao longo dos “carnavais getulistas”. Entre elas destacam-se as que proibiam a aspiração de lança-perfume, o uso de máscaras, o travestimento em alguns bailes, o manuseio da cuíca e do pandeiro pelos blocos que desfilavam nas ruas e, por fim, a participação nos festejos de imigrantes vindos do Eixo Berlim-Roma-Tóquio. No entanto, isso não indica que tais portarias impedissem as burlas dos interditos. É o que foi observado nas fotos, nas suas legendas, nos comentários e nas crônicas de jornalistas onde – e talvez por isso mesmo – em face do regime ditatorial esses cidadãos resolveram esquecer as proibições cotidianas lançando-se ao transbordamento do Momo, ao menos por três dias.

A entrada do Brasil ao lado dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, resultado da *política da boa vizinhança* e do reordenamento político contra a Alemanha (mesmo considerando o regime de exceção brasileiro), afetou fortemente o carnaval. O curso deixou de existir, as Grandes Sociedades não desfilaram, a subvenção da Prefeitura para com os desfiles das agremiações carnavalescas foi cortada, as batalhas de confete desapareceram, restando apenas alguns poucos bailes nos clubes e desfiles unificados, como o “Préstimo da Vitória” – de 1943 –, organizado pela UNE e pela Liga de Defesa Nacional, em que as escolas de samba se colocavam basicamente contra as arbitrariedades do Eixo e a favor dos Aliados.

Se a guerra bombardeou o carnaval como um todo nesses últimos anos analisados, interrompendo o processo cultural e político em voga nos anos anteriores, ela também alçou as escolas de samba e, sobretudo, o próprio samba a outro patamar. Como “um ponto fora da curva da história”, a mesma guerra que abateu os signos do carnaval privilegiados pela elite, imprensa e poder público capitaneou as escolas de samba nos préstimos da vitória negociada por elas durante todo o processo de nacionalização da festa que rende frutos e dividendos até hoje.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes

*Correio da Manhã (1934-1945)*

*O Cruzeiro (1934-1945)*

### Arquivos

*Arquivo Nacional – Rio de Janeiro (RJ)*

*Biblioteca Nacional - (RJ)*

*Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) – Assis (SP)*

*Centro de Memória da LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba) - (RJ)*

### Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. Patrimônio e Memória: UNESP-FCLAs-CEDAP*, v.7, n.1, p. 134-150, jun. 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da UnB, 1993.

CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

\_\_\_\_\_. *As Escolas de Samba - o quê, quem, como, quando e por quê*. Rio de Janeiro: Fontana, 1974.

CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia da era Vargas*. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves(orgs.) *O Brasil republicano - O tempo do nacional estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do estado Novo*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CERTEAU, Michel de. JULIA, Dominique. A beleza do morto: o conceito de “cultura popular”, p. 49-75. In: REVEL Jacques (org.). *A invenção da sociedade*. Lisboa: DIFEL, 1989.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro: v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. São Paulo: *Estudos Avançados*, vol. 5 n. 11, 1991

CHAUÍ, Marilena. *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CRUZ, Tamara Paola dos Santos. *As Escolas de Samba sob vigilância e censura na ditadura militar: memórias e esquecimentos*. Dissertação (Mestrado) - UFF, Niterói: 2010.

CUNHA, Fabiana Lopes da. *Caricaturas carnavalescas: Carnaval e humor no Rio de Janeiro sob a ótica das revistas ilustradas FON-FON! e Careta (1908-1921)*. Tese (Doutorado em História Social). USP, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. *Da marginalidade ao estrelato: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945)*. São Paulo: Annablume, 2004.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Ecoss da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Vários Zé, um sobrenome: As muitas faces do senhor Pereira no Carnaval carioca da Virada do Século*. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e outras f(r)estas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS 1930. Alzira Alves de Abreu, et. al. (Coord) v. 2, Rio de Janeiro: Editora FGV, CPDOC, 2001.

EFEGÊ. Jota. *Figuras e Coisas do Carnaval Carioca*. Rio de Janeiro: Funarte, 2007.

ENEIDA. *História do Carnaval Carioca*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1958.

FENERICK, José Adriano. *Nem do morro nem da cidade: as transformações do samba e a indústria cultural (1920 – 1945)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Festa, cultura popular e identidade nacional. As escolas de Samba do Rio de Janeiro (1928-1949)*. Tese (Doutorado em Geografia)- UFRJ, Rio de Janeiro: 2001.

FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GARCIA, Sheila do Nascimento. *Revista Careta: um estudo sobre o humor visual no Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista- Julio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2005.

GARRINI, Selma Peleias Felerico. *Memória e Representação da figura do Rei Momo na mídia impressa (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em Semiótica) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio... Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

\_\_\_\_\_. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

\_\_\_\_\_. O redescobrimto do Brasil. in: OLIVEIRA, L. L. *Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

GUIMARÃES, Helenise Monteiro. *A Batalha das Ornamentações: A Escola de Belas Artes e o Carnaval Carioca*. Tese (Doutorado) UFRJ- PPGAV/EBA. Rio de Janeiro: 2006.

GUIMARÃES, Valéria Lima. *O PCB cai no Samba - Os comunistas e a cultura popular: 1945-1950*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. *O carnaval de Romans*. Da candelária á Quarta- feira de Cinzas. 1579- 1580. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

MATOS, Claudia. *Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MORAIS, Fernando. *Olga- A vida de Olga Benario Prestes, judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas*. São Paulo: Editora Alfa Omega, 1985.

NAPOLITANO, Marcos & WASSERMAN, Maria Clara. Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira. *Revista Brasileira de História*, vol. 20, n. 39, p. 167-189. São Paulo: 2000.

NAPOLITANO, Marcos. Sambistas ou arianos? A crítica racista e a higienização poética do samba nos anos 1930 e 1940. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci & CROCI, Federico. *Tempos de fascismos: Ideologia – Intolerância – Imaginário*. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, José Luiz de. *Uma estratégia de controle: a relação do poder do estado com as escolas de samba do Rio de Janeiro de 1930 a 1985*. Dissertação (Mestrado)- UFRJ, Rio de Janeiro, 1989.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras*. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1994.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Carnaval brasileiro: da origem européia a símbolo nacional. *Ciência e Cultura - SBPC*, v. 39, n.8, 1987. p. 721

\_\_\_\_\_. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SILVA, Zélia Lopes da. Os carnavais na cidade de São Paulo nos anos de 1935 a 1945. In: ALMEIDA, Paulo Roberto de et. al.. (Orgs). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho da Água, 2004. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho da Água, 2004.

\_\_\_\_\_. *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938)*. São Paulo: Editora Unesp; Londrina: Eduel, 2008.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso*. Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre o carnaval na historiografia. *Revista Tempo*, n. 07: Terra e Trabalho. Disponível em: <<<http://www.historia.uff.br/tempo/site/?cat=35.>>> Acesso em: 06 de jul. de 2011.

TANNO, Janete Leiko. Repressão e controle social no governo Vargas (1930-1945). *Pós-História*, 04: p. 139-154, Assis-SP, 1996.

TINHORÃO, José Ramos. *A imprensa carnavalesca no Brasil: um panorama da linguagem cômica*. São Paulo: Hedra, 2000.

TUPY, Dulce. *Carnavais de Guerra- O Nacionalismo no Samba*. Rio de Janeiro: Ed. ASB Arte Gráfica e Editora Ltda. 1985.

VELLOSO, Monica Pimenta. As Tias Baianas tomam conta do pedaço. Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. vol. 3, n 6, 1990, p. 207-228

\_\_\_\_\_. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, UFRJ, 2004.